

Sessenta Noites

em Trindade



KARINA HEID



DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [Le Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [Le Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [LeLivros.org](#) ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados [neste link](#).

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."



60 noites

1

Filé Mignon



Stella

Cláudia incha as bochechas. O borribo de tequila espirra ao redor, salpicando a bancada. A gargalhada ecoa alta, dramática. Definitivamente bêbada.

Não sei se rio dela ou da situação. A situação, sob qualquer prisma, não tem graça. Correção: tem graça sob o prisma de uma bêbada, cujos neurônios se dissolvem aos poucos em álcool.

Ao redor, a cozinha é uma mistura de garrafas vazias, copos plásticos esquecidos e pacotes de salgados que espalham farelo pelo chão. A penumbra só é cortada quando alguém tira uma bebida da geladeira. Eu e Cláudia havíamos tentado ficar na sala, na varanda e no quintal, mas sem dúvida aqui é o local menos barulhento da festa.

"Não acredito que sua tia disse isso", ela diz enxugando uma lágrima com a lateral do dedo. Faço que sim. Ao saber que desmanchei o noivado de três anos, minha tia bateu no meu ombro e falou desgostosa: 'Fazer o que, né, foca na carreira'.

Cláudia suspira, voltando a abraçar o copo. "É, Stella... você está de volta ao mundo dos solteiros."

"Eu estou", concordo finalizando o terceiro copo de marguerita.

"Com todos os seus deleites e insanidades."

"Mais insanidades que deleites."

"Vai voltar a frequentar discotecas, a bater ponto em festas...", ela continua como se isso supostamente tivesse o poder de me animar. "Vai poder dançar até o amanhecer..."

Olho resignada para o desânimo coletivo regado a destilados, salgadinhos baratos e pagode de terceira. Nem chego a comentar que desde a década de 80 não existem mais *discotecas*. Cláudia parece tão feliz por estar ali, não preparando a janta da família, que seria cruel estragar suas ilusões.

Há muito tempo não vou solteira a eventos sociais — ok, essa festa cabe parcamente na descrição de evento social — e a culpa é inteiramente minha. Ninguém, nem mesmo a lesma tonta do meu ex-noivo, pode ser culpado por isso.

Difícil é me convencer de que perdi alguma coisa. Aquilo que chamam de festa não parece nada *festivo*. Não vejo gente animada, a trilha sonora é um pesadelo e a comida parece ter saído de um laboratório clandestino de fabricante de armas químicas.

"E gatinhos, viu algum que te agrada?", Cláudia pergunta esticando os olhos para mim.

Ah, sim. Teoricamente nós, solteiros, não pensamos em nada além de deixar de sê-lo. "Estão todos em alguma dimensão paralela", comento, olhando para os lados.

Ainda não vi quem não estivesse a) futucando o celular e mal percebendo os arredores, b) nos cantos brigando ou se agarrando com suas amantes/noivas/namoradas ou c) as duas anteriores.

"Você reparou como está cheio de cara sarado?", pergunto, vendo dois caras conversando. "Esqueci de perguntar para o Rafael se isso é uma festa gay."

"Ele garantiu que não é", Cláudia responde. Como se acabasse de pensar em algo bombástico, ela arregala os olhos: "já pensou que inusitado se você achasse um gatinho aqui na festa para transar?"

"Inusitado seria transar."

Cláudia ri — ela sempre ri quando pensa sobre isso, sobre eu ainda ser virgem.

Ajeito a alça da camiseta, olhando sem muita esperança para um casal que parece feliz. Vendo meu gesto como desânimo, Cláudia tenta me animar: "Stella, é sério. Você precisa de sexo."

Dessa vez sou eu quem ri. Ultimamente esse tem sido seu diagnóstico e indicação de tratamento para todos os meus momentos de silêncio.

"Não estou desanimada."

"O conselho não muda. Você precisa saber o que é" — ela faz um gesto infantil com as mãos — "hoje."

Ela tem razão quanto a isso: eu preciso de sexo. Ver o que é isso, fazer isso. O motivo? Tenho 25 anos e ainda não fiz.

Passei a última década estudando cópulas. Sei tudo sobre fertilidade e ovulação. Sei do coito entre machos e fêmeas ao nascimento de filhotes. Uma faculdade, um mestrado e um doutorado depois — feitos às custas de minha adolescência e parte da juventude — posso dizer, ironicamente, que entendo tudo de sexo.

A pegadinha? Sexo das tartarugas.

"E quanto à sua pergunta" — Cláudia responde —, "nem todos os gatinhos aqui são sarados. Alguns são menos do que outros."

Ela olha desavergonhadamente para um homem que passa por nós. Acompanho o cara com olhos curiosos, descendo as vistas até a curva de sua bunda.

"O que você quer dizer?"

"Que você está virgem demais para julgar as pessoas."

"*Estou virgem demais?*", eu rio. "Você está insinuando que vejo caras sarados em toda parte, porque meus hormônios estão amotinados e meu cérebro lança mensagens, tipo, aquele cara não sarado parece sarado?"

"Você não é você ultimamente."

"Eu vou te falar por que eu não sou mais eu", aponto o canudinho ameaçadoramente em sua direção. "Passei os últimos anos com a cara enterrada em livros, obedecendo aos comandos aqui de cima", o canudinho encosta na testa. "Mas agora seguirei o que essa outra dona aqui mandar", aponto o canudo para baixo, onde minhas coxas se juntam.

Ela parece cética. Aprova, mas não acredita. Adoraria acreditar, mas não consegue. Segundo ela, eu não finalizo a partida. Não rola gol, mal rola aquecimento. Se sexo fosse futebol, eu ainda estaria fora do estádio, tentando comprar o ingresso.

"Prove", minha colega docente me desafia. "Ache um cara gostoso e comece a aproveitar a vida

antes que seu peito caia, sua bunda encha de celulite e você precise assistir a horas de filme pornô para pegar fogo."

Sua cara indica que sabe do que está falando. Eu olho em volta como um radar à procura de submarinos inimigos. "É hoje ou só daqui a dois meses", ela me apressa.

Enrugo o nariz ao ver que o musculoso que acabou de passar está de mãos dadas com uma garota. Gatinho... Ops, não. Gatinho acompanhado, não. Gatinho gay, hum... Não. Segundos de procura infrutífera depois, volto ao copo. "Desisto."

"Você deveria ter feito isso há tempos, Stella, coagido aquele seu ex babaca a fazer a coisa toda." *Blargh*, não consigo nem pensar nisso.

"E da próxima vez que se envolver com alguém, nada de trocar telefones e juras de amor. Você precisa saber o que é sexo casual, aquele que você deveria ter feito no tempo certo, mas gastou entrando cedo demais para a faculdade."

"Não se preocupe, só de pensar em relacionamentos meu estômago embrulha."

"Ótimo", ela diz apoiando o rosto na mão e o cotovelo na bancada. "Chega de castidade, pelo amor de Deus. Tudo porque o Maurício queria se casar com uma *virgem*", ela desdenha, como se virgens fossem algo deplorável. "O que esse cara tinha na cabeça de avestruz dele?"

"Sexo" — eu dou de ombros, por que sexo é o que, por fim, todos temos na cabeça, inclusive as avestruzes —, "só não comigo."

Lembro-me da imagem ao chegar em nosso futuro apartamento, supostamente vazio. Que cena: meu noivo trepado sobre uma amiga nossa, me olhando com aquela cara de criança pega roubando biscoito do jarro. Em seu caso, *molhando o biscoito no jarro* — eu me chacoalho, espantando o arrepio.

Noivado desmanchado, bola para frente. O plano no momento é seguir as regras de ouro que movem, sem exceção, todos os organismos vivos: faça sexo e não morra. Qualquer coisa fora disso é complicação desnecessária.

Cláudia dá mais um gole na bebida, em seguida aponta o queixo para o outro lado da casa: "sozinho."

Enquanto ela avalia o cara, eu troco nossos copos, deixando o meu vazio no lugar do seu. Só então giro o rosto. Pela porta da cozinha, vemos parte da sala, um lavabo, a porta que dá na varanda. Ela mira um homem parado com a bebida na mão, braços apoiados no parapeito do terraço. À primeira vista, sua altura e elegância impressionam.

Uma sensação nova e estranha borbulha sob minha pele.

"Sarado ou não sarado?", pergunto, apoiando languidamente o queixo sobre os ombros.

"Definitivamente sarado."

"Não são meus hormônios, então?", provoco-a, voltando a procurar o canudinho com a boca. A imagem do homem, magnética, força meu rosto para trás.

"Meu amor, meu marido não sai do cio, meu nível de tesão está controlado. Aquilo ali" — ela

aponta para o cara — "é carne de primeira. Filé Mignon. Hum, chegou até a dar fome."

Ouvimos um bzz-bzz vindo de sua bolsa. Cláudia torce o corpo para procurar o celular e resmunga um owww desanimado quando lê na tela 'Casa'. Enquanto atende um de seus três filhos, cedo à tentação de virar para trás outra vez. *Onde você estava até agora, pedaço de mau caminho?*

Na festa não há homens lindos como ele — eu chequei. Talvez no resto da galáxia não haja homens lindos como ele. Sua visão (ou a tequila) aquece meu corpo inteiro. A pele tilinta, amolece.

Seu corpo é o de uma estátua, longo e bem delineado. As pernas são compridas e os ombros, largos. O cabelo é curto como a maioria dos homens ao redor (será moda?), e seu perfil, daqui, é de parar o trânsito.

Nariz romano perfeitamente desenhado, como os esboços finais de um retrato. Queixo concebido para as feições quadradas, coberto por uma sombra de barba que escurece as laterais. O efeito é um certo ar de desleixo à perfeição do resto; um ar rebelde no todo alinhado.

Definitivamente sarado, com ou sem o filtro amenizador da bebida. Não um picolé de chuchu como meu ex.

Ao meu lado, a conversa civilizada entre Cláudia e seus filhos — supostamente eles não estão conseguindo fazer pipoca de micro-ondas — dá lugar a gritos inflamados: "eu falei para por um prato embaixo! Quantas vezes vocês tentaram sem prato?", pausa para os olhos arregalarem. "Três pacotes de pipoca queimados? Chamem seu pai!"

Sinto uma leve dormência nas pernas ao me levantar. "Onde você vai?", Cláudia afasta o telefone da orelha.

"Liberar alguns feromônios pela urina", pisco para ela sentindo a bexiga pesada.

"Tem um banheiro perto do gostosão."

Ajeito a minissaia e a alça da blusa preta. Minha nuca está úmida, a base do sutiã está molhada. Faz um calor infernal no Rio em abril.

"Banheiro do lado de fora!", ela repete autoritária. Seu rosto se transfigura e a gritaria recomeça, dessa vez com o marido.

Caminhando a passos pequeninhos para não deixar vazar o xixi, ouço atrás de mim: "Ô, Jonas, dá para sair do iPad?"

Supostamente, há um banheiro entre a cozinha e o homem da varanda. Vejo-o levar a garrafa à boca e dar um gole, limpando os lábios com a língua. Ele parece distraído pelo mar, que bate em pedras não muito distantes.

A pressão na bexiga vira um comichão nas partes de baixo.

Ele é muita areia para o meu caminhãozinho. Não que eu seja horrorosa — eu geralmente recebo elogios pelo cabelo pesado que cai em cascatas acobreadas até o meio das costas, ou pelos olhos castanhos que, às vezes, sob a generosidade da luz, ganham cor de caramelo. Ainda assim — e isso não é uma hipótese, é uma afirmação — ele é muita areia para o meu caminhão.

Seu rosto volta para a frente, e seus olhos encontram os meus. Olhos emoldurados por sobrelanceiras escuras e fortes, cobertos por cílios fartos. Tão claros que parecem ter roubado toda a luz do mundo.

Eu paraliso, sem reação. Seus olhos correm por mim como se estivessem com fome. *Fome de quê?*

Eu desapareço na primeira porta que vejo. Olhos se desconectam, o coração esquece de bater. Apoio-me na porta fechada sentindo a parte que une as coxas pulsar desacostumada com a eletricidade que risca o corpo.

Ando boquiaberta até a privada. Abaixo a calcinha tentando não encostar em nada e, durante o tempo em que me equilíbrio ali, o homem escultural lateja na minha mente. Visto a calcinha rendada, olho para a maquiagem que delineia o contorno dos olhos e da boca, aprovo o novo corte de cabelo. *O que a traição de um noivo não faz com uma mulher.*

Ainda bem.

Meu primeiro pensamento me anima: será que o homem de olhos famintos me notou? Não os passos rápidos de quem vai fazer xixi nas calças, e sim *me notou*? O segundo pensamento faz meus ombros tombarem: *aquilo lá fora é sexy*. Eu sou a antítese de sexy, o pesadelo do sexy.

Lavo as mãos, seco na saia e deixo o banheiro. Não olho para trás, porque não acho que encontraria seus olhos divinos nos meus, e isso me chatearia. Cláudia ainda está no telefone, explicando como estourar pipoca. *Céus, esses pacotes não vem com as instruções?*

Hesito em sentar, eu mereço algo melhor daquela festa.

"Filé Mignon ainda está sozinho, vai lá falar com ele", Cláudia me dispensa novamente.

"Filé o quê?"

"Filé Mignon."

Ah, o monte de areia grande demais para o meu caminhão. Olho sobre os ombros sem muita esperança. Lá está ele. Cotovelos no parapeito, mão segurando de maneira absolutamente sexy a garrafa. Minha boca enche de água.

Em um dado momento, ele se vira. Seus olhos firmam nos meus, flagrando minha cara de cachorro magro que olha o frango da rotisseria. Viro imediatamente, as orelhas queimam como se alguém as torturasse com um maçarico.

"Como assim, você nunca programou o micro-ondas?", Cláudia rosna.

Possibilidades passam por mim como carros em uma pista de alta velocidade. Aquele homem está olhando para mim? Por quê?

Borboletas voam pelo estômago, formigas marcham sob a pele. Embora não devesse, seu olhar me causa desespero. Aquele homem é, sem a cortesia da tequila, extraordinário. Grande, o dobro em massa do que eu. Não é o tipo de cara que encontramos na fila do supermercado, ou reclamando no banco. Na verdade, não sei onde encontrar gente assim.

Deve haver uma pegadinha.

Oww, penso desanimada: *ele é gay*. Olho de novo, confortada em pensar que se ele não estiver olhando, não é por culpa minha. Gay ou não, ele continua me encarando. Como se cenas lascivas cruzassem sua mente, e eu estivesse nelas.

Não olhe assim para mim, penso chupando um resto de água alcoólica com gosto de limão. Se alguém aqui entende de fome, esse alguém sou eu. Eu sou, em um raio de muitos quilômetros — incluindo igrejas puritanas e escolas —, a virgem com mais tesão que ele poderia encontrar. *Eu* devo estar parecendo faminta. Talvez ele tenha sentido esse cheiro no ar.

Pingo a última gota de álcool na língua. Preciso de coragem. Preciso saber hoje o que é sexo, como todo bom organismo vivo. Amanhã embarcarei em uma expedição que me levará por dois meses para os confins do Atlântico. Seria simplesmente maravilhoso saber antes o que é sexo, ainda mais com *aquilo*. E se não for sexo baunilha, chuchu ou canja de galinha, melhor. Eu quero Filé Mignon.

"Jonas, aperta três vezes o botão de um minuto!", Cláudia rosna tombando a cabeça na bancada.

Eu tenho uma mania estranha, a de jogar dados com o universo. Como se nós — o universo e eu — fôssemos íntimos e ele não tivesse nada melhor para fazer do que jogar comigo. Meu acordo com ele funciona assim: eu faço perguntas e ele me provê a resposta.

Lanço meus dados nesta noite: *se ele estiver olhando, significa que devo ir até ele*.

Assim que deslizo os olhos até seu rosto, encontro dois faróis verdes me chamuscando à distância. Ou estou borrada, ou ele se interessou por mim. Por via das dúvidas, checo o bumbum para ver se não estou borrada.

Levanto, copo na mão, canudo na boca. Quando o universo responde que sim, é sim.

Inflamável

-
Stella

Lembra aquelas colagens que fazíamos na adolescência quando queríamos montar o rosto perfeito? Olhos de um ator, boca de algum modelo... Pois bem —, o rosto perfeito existe e está na minha frente.

Não espero que suas feições se aliviem em um sorriso e estou certa em não esperar — ele não sorri. Apenas aguarda minha aproximação em silêncio, misteriosamente receptivo.

Paro à sua frente. Mordo os lábios, balançando um pouco os ombros: "oi."

Ele leva a garrafa à boca e me olha por cima do gargalo. Dá um gole, responde: "oi."

O fundo da garrafa, noto, é da exata cor dos seus olhos. Verdes e afiados, como se houvesse algo de devasso neles. É impressão minha ou eles me olham de um jeito estranho, como o lobo que quer pegar a chapeuzinho?

Recosto ao seu lado. "Acho que somos os únicos da festa que não estamos com os olhos numa tela."

Ele é puro autocontrole e domínio. Eu sou uma algazarra interna, um ninho cheio de passarinhos.

Ele olha ao redor, constatando que poderíamos correr nus por entre as pessoas e ninguém notaria. Uma ideia, a propósito, extremamente atraente.

"O que faz estar em uma festa perder todo o sentido", ele comenta. Eu me viro para ele, satisfeita com sua resposta. *Comentário aprovado! Agora vamos achar um quarto.*

"Tenho uma teoria sobre festas", ele diz rodando a garrafa como se quisesse levantar alguma coisa de seu fundo. Ele não sabe, mas está fazendo o mesmo comigo.

"Qual?"

"Na verdade é uma teoria sobre pessoas."

Minhas mãos deslizam sobre o parapeito e agarram o granito como se pudessem arrancar dele um pedaço: "ainda mais interessada."

Ele sorri, finalmente. Não um sorriso aberto, um meio sorriso. *É oficial, ele é o homem mais lindo que já encontrei.*

"Você vem a uma festa, se entope de comida ruim...", ele aponta para um pacote de salgadinhos sobre a bancada da cozinha. "Acabei de ver um cara espirrar sobre o pacote."

Eu franzo o nariz, ele continua: "bebe muito mais do que deveria, passa o dia seguinte afundado em profundo mau humor e repete tudo outra vez, porque acredita que *isso* é diversão."

Ele leva a garrafa à boca: "o que isso diz sobre nós?"

"Que não somos muito inteligentes?", respondo derretida demais para avaliar o sentido da frase. Ele sorri. Não consigo prestar atenção no formato de sua boca *e* pensar. Eu não me sinto lá muito inteligente nesse segundo.

Meu telefone vibra, fazendo um movimento esquisito no bolso traseiro da saia.

"Agora serei o único a não estar olhando para uma tela."

"Não vou atender."

"Talvez devesse."

Seu peito largo mal se contém dentro da camisa azul de botão, uma visão que faz meu coração saltar. "Por quê?"

Ele aponta o gargalo para Cláudia. Da cozinha, ela me olha com cara de brava. Ela levanta seu próprio telefone e aponta para mim. "Leia minha mensagem!" ela move os lábios.

Tiro o celular do bolso e vejo a mensagem deslizar na tela do Whatsapp:

Dá. Agora.

"Alguma urgência?", ele pergunta. Outra mensagem:

Dá para ele de uma vez. Agora!!

"Bem, há alguma urgência", digo coçando a sobrancelha. Clico frenética sobre o teclado:

Calma.

Filé Mignon volta a olhar para o mar. Suas costas fazem uma curva indecente perto da minha mão. Antes que ele ache que o troquei por um celular, sussurro: "ela quer saber o que eu acho de você."

Não sei de onde tiro a coragem, mas aí está ela. O que falei é uma mentira — minha chefe e amiga, vinte anos mais velha e mãe de três adolescentes, mandou eu *dar* para você. *Você consegue adivinhar o quê, não consegue?*

Não sei se ele espera tanto atrevimento — ele não faz ideia do meu nível de tesão. *Eu* não faço ideia do meu nível de tesão. Se tesão fosse radiação, eu seria Fukushima.

"Acho que deveria respondê-la", ele diz parando seus olhos de gato nos meus.

Deveria?

Nossos olhares permanecem por um tempo assim, ligados. Como uma corda forte e esticada,

carregada de eletricidade.

Tensão sexual faz barulho? Porque posso jurar que sinto tudo em mim zunir e vibrar. Com a cabeça formigando de pensamentos indecentes, levo o telefone à frente do rosto. Meus olhos ainda estão nele — nos olhos esverdeados da cor de mar, no tom de pele de quem gosta de praia, no cabelo escuro e aparado. *Você deveria ser proibido.*

Começo a digitar. Ele se inclina, interessado na minha resposta. Na tela, a frase de Cláudia:

Dá para ele de uma vez. Agora!!

Acho que ele engasga. Estou tonta demais para me importar — com seu engasgo, não por ter visto a frase. Ele se recupera, acaricia o queixo áspero enquanto me avalia.

Seu cheiro é uma mistura de sabonete e tons amadeirados. Couro, alcatrão, colônia masculina pós-barba. Tenho vontade de enfiar o nariz na curva entre seu rosto e seu ombro. *Credo, eu estou com vontade de mordê-lo.* Tentando suprimir o sorriso, teclo de volta:

Acho que ele vale a pena.

A resposta foi para seus olhos, porque Cláudia não entende nada. Posso imaginá-la pensando: 'como assim? Precisa valer a pena? Você não está em condições de escolher'. Ela responde apenas:

?

Os olhos verdes ao meu lado brilham divertidos. Sou uma doida, uma bêbada ou uma desesperada? Marque todas as anteriores. *Com os dedos, por favor.* Só de pensar em bobagens meu corpo se enche de calor. Tenho certeza de que estou suando em bicas.

"Mais alguma coisa" — eu pergunto pegando coragem, olhando-o do rosto ao tórax — "pela qual você valha a pena?"

Seu meio-sorriso é um vagalhão que arrasta tudo na praia. *Sim, eu estou dando em cima de você.* Ele parece confuso, e isso não me espanta. Deixe-me explicar.

Eu tenho uma marca registrada: a aparência de inocência casta, de pureza virginal. Um rosto de quem acabou de sair da noite do pijama na casa da amiga, um corpo de menina que ainda luta contra os hormônios da puberdade. Meus olhos? Eles fariam mal a diabéticos.

Sua confusão se chama dissonância cognitiva, estou acostumada. Seu cérebro luta para entender como a imagem se casa com a situação. Eu sou o que aparento ser ou o que ele ouve? Os dois. Uma contradição da natureza, como os ornitorrincos.

Enquanto ele dialetiza a situação — não é assim tão difícil, ele vai chegar lá — eu o observo.

Aliança? Não tem. Marca de sol onde estaria uma aliança? Também não. Roupas sujas, marcas de agulhas nos braços, herpes? Não. *Está bom, então.*

"Quanto você bebeu? ", ele pergunta avaliativo.

Sua voz é linda. Um estrondo grave e rouco, a coisa mais masculina que já ouvi.

"Quase nada."

"*Quase nada* é o quê, uma marca de vodca?"

"Estou quase certa que é tequila."

"E quantos copos de quase nada você tomou?"

Safadinho. Ele tem consciência de seu charme, faz ideia do quão bonito é. Já encontrei caras assim antes, tão cheios de si que explodiriam se furados. Geralmente me recuso a ser plateia, mas por esse? Por esse eu entraria na arena para lutar.

"Dois, três copos?", ele insiste.

"Qual é a relação entre mililitros de álcool ingeridos e um até nunca mais?"

Curvinhas aparecem ao lado de seus olhos: "relação alguma."

"Isso quer dizer o quê? ", pergunto tentando me manter em pé e não derreter. "Que, mesmo se eu disser que tomei muitas margueritas, você não vai embora em busca de meninas menos... fogosas?"

Suas sobrancelhas perfeitas se unem. "Defina fogosa" — ele diz pausadamente —, "porque com a alta inflamabilidade da tequila, posso ter entendido mal a pergunta."

Tento rir, mas solto uma fungada. Só então entendo o duplo sentido da frase: fogosa. De fogo, ou cheia de fogo. Eu amo isso no álcool, ele me deixa burrinha.

"Eu quero dizer fogosa nos dois sentidos."

Seus olhos de lobo mau se afiam, e uma parte de mim uiva. Acho que ele não acredita que eu entregaria tudo que prometo. Eu pareço boazinha.

Ele se ajeita, encostado no parapeito — se não houvesse parapeito, ele já estaria lá embaixo. Parece não saber o que fazer.

Somos dois — eu também não sei como continuar daqui. A única coisa que sei é que não posso deixá-lo partir. É hoje, tem que ser hoje. E você, homem gato, me parece muito melhor do que a encomenda.

Eu estou fogosa em todos os sentidos. Está um calor de matar e de morrer nessa cidade. Tiro um gelo do meu copo e levo até o pescoço. Sem tirar meus olhos dos dele, passo-o na nuca. Eu me surpreendo com o quanto me delicio com o gesto. Com o arrepio que toma a pele, com a visão de sua boca entreaberta. *Gente, estou bêbada.*

Ele engole em seco. Acompanha meu movimento de tirar o cabelo que cola suado ao pescoço, vendo o fio d'água escorrer dali e sumir entre a curva dos seios.

"Voltando à sua pergunta, não há a menor relação entre sua inflamabilidade e minha partida. Na verdade" — ele ajeita a camisa, que parece apertada — "agora que você confirmou o duplo sentido, acho

que não vou a lugar algum."

Ele se põe reto, uma torre musculosa ao meu lado. Ele é enorme. Minha pele inteira pulsa, no aguardo. Só tem uma coisa errada. Ele continua hesitante.

"Algum problema?", eu olho ao redor.

Ele estala o pescoço. "Tem gente demais aqui."

Trago o gelo de volta e o enfio na boca: "podemos ir para outro lugar."

Ele fixa seus olhos em mim. Corro os meus por sua pele, desço pelo peito largo, chego ao volume de sua braguilha. E, simples assim, acaba o ar da Terra.

Posso jurar que vejo fumaça subindo. Deve ser a minha calcinha pegando fogo.

A aflição aumenta. Estou fervendo de suspense no aguardo do sim, mas ele não se move. *O que está te segurando?*

Filé passa as mãos pelo cabelo. Inspira o ar, o peito enorme incha e desinfla. Ele é lindo. Sexy. Basta olhar para aquele volume na sua braguilha para saber que ele me quer. Tenho consciência de que meu desejo também está visível através do tecido fino do meu top. Sei que ele nota, porque se ajeita para acomodar o que estufa sua calça.

Mais uma vez ele olha ao redor. Como se pesasse pós e contras, e algo grande pendesse para o contra.

Por pura curiosidade toco seu braço. Eu preciso saber se tomarei o choque que espero tomar. Talvez precise ter certeza de que ele é real. Meus dedos deslizam pela penugem escura e ela se arrepia sob meu toque.

"Eu não posso", ele sussurra, mas acho que a frase vem tarde demais; suas mãos amparam a minha antes que ela caia solta ao meu lado. "Não aqui."

O local onde ele me toca arde.

"Por quê?"

Ele não responde porquê.

"Posso pegar seu telefone?", pergunta. "Prometo que te ligo... um dia."

A nuvem da embriaguez se dissipa. Ele acabou de dizer que me liga *um dia*?

"Você não precisa do meu número. O que eu quero é simples, nada complicado."

"Você não acreditou que eu te ligaria", ele me olha de lado.

"Eu apenas disse que não precisa me ligar."

Tento puxar minha mão. A mão faz birra, se recusa a vir.

"Qual o seu nome?"

Quem se importa com nomes? Pelo jeito, *ele* se importa.

Ele aperta minha mão, não deixa eu me afastar: "e de onde você conhece o Sérgio?"

Solto a mão, temendo por minha integridade — mentira, isso sequer cruza minha mente. Só de imaginar o que ele quer, minha vagina se autoincinera. *Quem é Sérgio?*

Não tenho a chance de perguntar quem é. Uma porta ao nosso lado se abre, e do banheiro sai um homem. O cara perde o chão quando vê Filé Mignon. Vira o rosto para o outro lado, acelera o passo como se quisesse esconder que viu ou foi visto. Filé o acompanha sem entender sua reação.

Desanimada, joga o gelo do meu copo em uma planta ao lado. Amanhã estarei longe e serei a última virgem do mundo. No exílio, voltarão as memórias que tenho — Maurício transando com outra, uma vida passada sobre livros, a rejeição desta noite. Não estou pedindo muito, eu só queria bons momentos e, mais tarde, memórias.

Um ruído vindo do mesmo banheiro escuro chama a nossa atenção. Uma morena deslumbrante sai dali ajeitando as calças e arrumando o top curto. Abro a boca, surpresa. O gargalo da long neck congela na frente da boca de Filé Mignon.

A mulher empalidece ao vê-lo. Cumprimenta-o sem graça e acelera curvada festa afora. Olho para o cômodo que antes parecia vazio. "Vai sair mais alguém dali? ", pergunto sem saber o que esperar.

Filé ainda tem as sobrancelhas unidas, como se ligasse pontos de uma charada. E não é difícil ligar os pontos — o homem e a mulher estavam se amassando no banheiro. Olho-o pela última vez. É hora de deixar o Olimpo e voltar para Cláudia. Saber se finalmente conseguiram estourar a pipoca.

Antes que eu o deixe, suas mãos se fecham em torno do meu braço. E antes que eu pisque, estamos trancados dentro do banheiro escuro.

Garotinha ruiva



Eric

A festa a princípio só parece uma má ideia, eventualmente constato que ela é. Ossos do ofício.

Checo o telefone e vejo uma ligação perdida. Ao reparar o nome na tela, volto com o aparelho para o bolso. Termino a cerveja e lanço a garrafa em uma lixeira abarrotada com outras.

Ignorar a ligação implica algumas coisas. Coisas demais, na verdade. Vou até a cozinha com a cabeça fervendo, os músculos endurecidos. A mandíbula está tensa pelos dentes travados há dias.

Eu não sabia. Eu não poderia imaginar as implicações quando me envolvi com ela. Não sabia quem ela era, suas conexões, a dor de cabeça que me traria. No início, acreditei que estivéssemos apenas passando um bom tempo ao lado do outro. Amigos com privilégios, mas sem a parte da amizade. Basicamente sexo.

Eu deixei claro, como há dois anos faço sempre que saio com alguém, que não me relaciono. Não encomprido encontros, não gosto que insistam em mim. Nada pessoal, eu só me conheço o suficiente para saber que sou um problema. Talvez não no início, quando tudo é válido e os problemas se resolvem na cama. Mas eventualmente eu deixo de ser um cara legal e me torno um sujeito distante.

Não sou um caso perdido, sou apenas racional. Passei da idade de achar que há alguém lá fora para mim. Não há. O mundo dos assuntos íntimos é um lugar inóspito, um deserto árido. As pessoas, no entanto, adoram viver sob a ilusão das miragens.

Incomodado com a insistência de minha agora *namorada* — que claramente encara minha solidão como um desafio, um projeto pessoal — desapareço de seu radar por algumas horas. Sérgio insiste na festa, diz que eu preciso relaxar.

Aqui estou, nem um pouco relaxado, bebendo para esquecer quão miseráveis serão os próximos meses. Abro a geladeira e tiro outra cerveja do freezer. Ao lado, um velho conhecido espirra sobre um pacote de salgadinhos sobre a bancada.

"Foi mal ", ele se desculpa apenas por que o vi. O cara de pau sai da cozinha pela porta que dá para a varanda, eu saio pela porta contrária.

Assim que entro na sala, eu a vejo. Uma garota, uma coisinha delicada tentando acertar os passos de uma música qualquer. Acompanhada de uma mulher mais velha, que ri de sua desenvoltura.

Ela veste uma saia curta e uma blusa que contorna as curvas suaves. Uma garota normal, em uma

festa qualquer, e ainda assim o mundo para. A garrafa paralisa na frente da minha boca, eu sou incapaz de piscar.

O cabelo castanho claro cai pesado sobre os ombros descendo até as costas. A pele é de alabastro, salpicada por pintas charmosas. Os olhos são da cor de caramelo. Linda. Completamente inconsciente de seu charme.

Ela gira, e a luz incide sobre seu cabelo. Ela é ruiva. Não *Jessica-Rabbit* ruiva; o tipo de ruivo que só é ruivo sob a luz.

A cerveja desce molhando a garganta seca. Eu pareço drogado.

Olho para a garrafa, contando mentalmente quantas cervejas já foram. Em seguida me pergunto o que aquela garota de no máximo 22 ou 23 anos fez para me entorpecer.

Eu sempre tive um gosto específico para mulheres. Mulheres voluptuosas sempre cruzaram meu caminho, verdadeiras deusas cheias de curvas, seios fartos, pernas longas e malhadas. Por algum motivo eu as atraio, e nunca reclamei da sorte. No entanto, quando vejo rostos como o daquela menina, eu fico por um tempo imobilizado.

Olhos doces, ar delicado. Feições que não estampariam capas de revista, mas que eu imagino ao lado da cama, em porta retratos. Enquanto a mente tenta reinicializar depois do crash completo, ela some pela casa. Sai ao lado da amiga, procura algo que não sei o que é. Quero saber o que ela procura.

Eu a persigo como um maníaco. Finjo querer ver algo na sala, vejo-a desaparecer pela porta da cozinha. Não admito que a estou seguindo, mas estou. Calculo os riscos de passar lentamente na sua frente até entender o que me atrai nela.

Eu estou fixado no cabelo de aspecto macio. No nariz arrebitado, na curva delicada dos seios, nas pernas branquinhas e bem torneadas. Um frio cresce pela barriga, corre em direção ao sul. Os braços arrepiam-se sem autorização.

Eu devo estar com algum problema. Olho ao redor, para onde estou. Lembro-me de onde estarei amanhã. Com *quem* estarei amanhã. Saio para o terraço. *Dá um tempo, Eric.*

Olho para o mar, respiro para relaxar. Tento voltar para os problemas que me aguardam, mas inconscientemente volto a olhá-la. A cabeça recusa a atração, o resto do corpo não.

O celular vibra na calça, mas eu o ignoro.

Sua boca é cor de rosa, delicada, e ri de algo engraçado. Vejo-a olhar para um amigo meu que passa por ela. Seus olhos descem para sua bunda, ela faz uma piada. Ela parece ingênua, mas não é.

Minha fascinação aumenta.

Eu não entendo por que os pensamentos estão bagunçados. Meninas como ela estão por aí — não são modelos de revista, não são estrelas de cinema. Elas estão nas faculdades, nos escritórios de dentistas, na fila do teatro. Elas estão por toda parte. Claro que nem todas tão perfeitas quanto aquela, mas sua perfeição não faz sentido justamente por que ela é absurdamente real.

Então eu me lembro, descubro o que me perturba nela.

Quando era garoto eu tinha obsessão pela turma do Snoopy. Eu lia todas as tirinhas, eu as colecionava. Por causa dessa minha ideia fixa, minha irmã pintou um quadro e o pendurou no meu quarto. O quadro, que hoje mofa em algum lugar na antiga casa de minha mãe, mostra uma garotinha de longos cabelos vermelhos virada de costas. Ela era o alvo do amor platônico e não correspondido do pequeno e romântico Charlie Brown — a famosa, a ilustre desconhecida *garotinha ruiva*.

Seu rosto era uma incógnita, suas feições um mistério. Ela era um objeto de desejo secreto e inalcançável, o enigma da minha infância. Quem era aquela menina e por que o Charlie Brown perdia o chão quando a via? Eu tentei dar à menina um rosto, desvendar o código que só os amores de garoto tem. Infelizmente, a garotinha cresceu sem traços.

Alice, minha irmã, sabia o que me encantava. Ela captou a essência daquela fascinação ao pintá-la sem rosto. Depois de pendurar o quadro sobre minha cama, comovida por aquele menino apaixonado, ela me beijou na testa e disse a frase que nunca mais esqueci: "Eric, um dia você achará a sua."

Eu pego sua amiga olhando para mim. Ela comenta algo, a menina vira e eu recuo, incapaz de sustentar o olhar. Como há muito tempo não acontece, meu coração dispara. Eu, um homem de 32 anos, bebendo cerveja, mas tendo que firmar os dedos no vidro da garrafa.

Balanço a cabeça, culpando o quadro de Alice pelo meu estado. Lembrar-me dela mexe comigo, não gosto das lembranças. E porque me convenço disso — a culpa é do quadro de Alice —, arrisco uma olhada.

A garotinha ruiva se levanta. Lá está ela, inteira, como eu nunca vi na pintura. Um presente da noite, vinda diretamente do passado. A solução do enigma.

Meu coração galopa. Eu me sinto idiota, mas minha idiotice é, no momento, uma preocupação secundária. Eu estou completamente desorientado.

Seus olhos encontram brevemente os meus. Sons desaparecem, ponteiros de relógio se arrastam. Enquanto anda, me olha. Seus olhos tem a cor da areia e o calor de um dia de praia.

Por todo o tempo que some no banheiro, tento entender que merda está acontecendo. Tesão? Pode ser tesão. *Tem* que ser tesão, porque eu opero apenas em dois estados, *com tesão* ou *sem tesão*.

Quando ela deixa o banheiro, não olha para trás. Definitivamente estou no modo *com tesão*, porque me agrada até como ela anda.

Sua amiga aponta para cá. Levo a garrafa à boca sentindo a garganta cheia de areia. Ela se vira por *minha causa*, e isso me deixa... *puto*.

Puto porque meu telefone vibra novamente, como se soubesse que não é hora de tocar. Puto porque sei que quem liga é minha *namorada*, a mulher que resolveu tomar decisões sérias sem me comunicar.

Os olhos expressivos da menina correm meu rosto como calda quente. Segurando de maneira absolutamente sexy o canudo entre a boca, ela anda até mim. Eu sou novamente o garoto de 12 anos que chama a menina mais bonita da rua para dançar.

Hora da dança.

"Oi."

"Oi."

Estou atordoado com sua boca, fazendo força para não olhar para seu decote. Ela mexe com partes de mim que estavam quietas em seu canto.

Ela fala algo sobre celulares, e eu respondo uma bobagem qualquer. Ela ri da bobagem. Escondido atrás do bico da garrafa, eu rio também. Quem me visse, se assustaria. Eu não rio.

Quando seu telefone vibra, eu sou pura frustração. Vejo sobre seus ombros que sua amiga está apontando para cá. A garotinha ruiva checa a mensagem. "Alguma urgência?", pergunto.

"Ela quer saber o que eu acho de você", ela fala com voz macia, perto demais de meu ouvido para que algo entre as pernas não reaja. Por essa eu não esperava — a garotinha ruiva é safada.

Hesito em levar aquilo adiante. Pondero os riscos de entrar na brincadeira. Há definitivamente uma química entre nós, ela é inegável. Visível, violenta, eletrizante.

Infelizmente, não é uma boa hora.

Ela começa a digitar e, na ânsia de ler sua resposta, vejo o que sua amiga escreveu. Eu espero tudo. Espero adjetivos, advérbios, afirmativas ou negativas, mas não um verbo. Certamente não *aquele* verbo. Passo as mãos com agonia pela barba crescida, olhos fixos no anjo disfarçado, o pau duro como uma barra de ferro.

Cenas incendeiam minha mente. Ela sem roupa, eu dentro dela. Pergunto o óbvio — o quanto ela bebeu. Ela me garante que não bebeu demais, mas eu não acredito. Ela pergunta em seguida se há relação entre sua bebedeira e minha partida.

Garotinha ruiva, não vejo Charlie Brown largando você em uma festa. Não o vejo largando você hora nenhuma. Acredite, nem que precise sentar em uma bacia de gelo e acalmar meu fogo, eu a escoltarei para casa para que chegue em segurança. Isso é o mínimo que, como adulto, posso fazer por meu eu apaixonado de 12 anos.

Ela tira um gelo do copo e o desliza pela nuca. A calça infla na altura da virilha.

Eu prometo a mim mesmo que, se vier a tocá-la, vou puni-la exatamente ali, no pescoço, por me deixar tão louco. Eu me ponho de pé, disposto a carregá-la dali comigo.

Peço seu telefone, pergunto seu nome, mas ela é a garota do quadro — ela não dá respostas. Quando a porta se abre ao nosso lado e um de meus subordinados sai seguido de minha secretária, o juízo desaparece.

A confusão dos próximos meses desaparece. A enrascada na qual estou metido desaparece. Por tudo que passei nos últimos dias, mereço terminar a noite com ela.

Não há o que fazer. As sensações, há anos relegadas, amotinam-se e tomam o leme da nau.

Capitão



Stella

A Ilha de Trindade fica a 1.200 Km do Rio, onde acordo com uma puta ressaca. Sabe quão longe estarei do continente nos próximos dois meses? Aproximadamente a 7.000 garrafas de tequila enfileiradas de distância. Onde Judas jamais teria perdido as botas, pois não teria chegado lá.

Rodeada apenas de água, tartarugas marinhas e colegas de universidade — além dos trinta marinheiros que ocupam constantemente a ilha e asseguram a posse daquele pedaço de terra ao Brasil — estarei completamente isolada do resto do planeta.

O navio cinza da Marinha pouco contrasta com o céu mormacento. Dizem que o Rio de Janeiro é uma cidade, mas é mentira. Ela é uma estufa. Essa cidade sofre de um sério caso de calor.

Chacoalho o macacão azul marinho tentando secar a bola molhada debaixo dos braços. A situação é desconfortável, demorada. Aquele não é exatamente um cruzeiro de férias, nem aguardar o discurso de comandantes é a minha ideia de prazer.

À medida que passam os minutos, eu expulso pelos poros todo o álcool ingerido na noite. Tento manter a testa seca com a manga, mas o tecido é grosso e arranha a pele. Eu juro, o convés está em ponto de fusão.

"Aquilo não era tequila, era algo vindo diretamente dos infernos", Cláudia reclama parecendo uma zumbi pós apocalipse nuclear. Só ela está mais estropiada do que eu. Seus olhos são duas pizzas roxas, seu cabelo está despenteado.

"Não fale comigo", eu seco a pele sobre o nariz, onde os óculos apertam.

"Você está um horror", ela comenta.

Não respondo, porque responder dói.

"Bem feito", ela grunhe. "Que sua ressaca seja três vezes pior do que a minha por ter roubado minha última marguerita."

"Por favor, não converse comigo". Minha cabeça é no momento um tambor do Olodum. Mais alguns minutos de mormaço e eu colapso em cima de minha mala. *Que raios estamos fazendo aqui?*

Garotos vestidos de cinza passam velozes por nós. Embolam cordas, ajeitam o deque, executam trabalhos que não tenho ideia para que possam servir. Cláudia prensa a boca: "estou com vontade de

vomitam."

Eu dou um passo para o lado. Ela constata: "devo estar mareada, só pode."

"Com o navio parado?"

Ela não responde. Gira no calcanhar, acompanhando o trabalho dos marinheiros. "Stella, você notou uma coisa estranha?"

"Fora luzes esquisitas e movimentos suspeitos dentro do meu estômago, não."

"Alguns desses meninos estavam na festa ontem."

Olho para um marinheiro carregando equipamentos que passa por nós. Ele nos cumprimenta com um aceno de cabeça e um sorriso malicioso.

"Até parece."

Cláudia se aproxima de meu ouvido, e posso sentir seu bafo de ressaca: "esqueci que ontem você só teve olhos para Filé Mignon."

"Deixa de ser indecente", eu respondo sem esconder um sorriso minúsculo. "Estamos aqui a trabalho, o que achariam de nós se te ouvissem?"

"Que somos duas cientistas porretas, que bebem todas em festas e divertem-se enquanto mudam o mundo com a ciência?"

Eu abaixo os óculos para enxergá-la. Vale a dor, preciso saber se ela realmente nos vê assim. "Cala a boca", eu recoloco os óculos.

Ouvimos um apito estridente. Eu me contraio com o barulho entrando pelo ouvido como uma descarga elétrica dolorida.

"Por que não aproveita e me conta sobre a noite? Doeu? Eu disse que doeria, primeiras vezes não costumam ser boas."

Outro apito, luzes explodem dentro da cabeça.

"Ele usou dedos? Foi coito completo? Ele usou boca? Onde?"

Embora suas perguntas sejam íntimas, ela é a epítome do profissionalismo. Fala como se estivesse sobre um púlpito para entregar diplomas aos marujos que preparam o navio para a partida.

Rafael finalmente dá as caras, como sempre atrasado. Seu cabelo revoltado destoa dos cabelos cortados rente; sua figura andrógina e moderna é o completo oposto da virilidade que enche o ar de testosterona.

Ele vem ofegante, carregado de tralhas e equipamentos. Sua bolsa está bem maior do que o memorando da Marinha sugere. Aliás, uma bolsa que, esperamos, contenha quase tudo que disseram ser proibido na ilha: cigarros e álcool.

"Bom dia, meninas!"

Cláudia responde ao cumprimento como se fosse uma espiã trocando informações: "trouxe o Bourbon?"

"Bom dia para você também, claro que sim."

"Escondido no sapato, como te falei?", ela se certifica.

"Uma garrafa em cada pé", ele sorri, e eu agradeço internamente por seus pezões.

"Cigarro?", Cláudia estica o pescoço novamente.

"Um mon-tão."

Cláudia faz shh, mandando ele abaixar a voz.

"O pessoal está se alinhando", digo vendo uma movimentação de corpos se organizando. Rafael aponta para o convés superior, onde um senhor bem-apessoado se prepara para discursar. "Acho que o sargento vai falar."

"Sargento, Rafael? Aquele não é um praça", Cláudia o corrige.

"Quem é aquele ali, então?", ele me acotovela.

Estou irritada com minha cabeça, um estroboscópio de dores pulsantes. "Por que eu saberia?"

"Porque você é a sabe-tudo, oras."

"Aquele ali é um Capitão de Mar e Guerra."

"Como você sabe dessas coisas?", Cláudia observa o senhor acima de nós.

"Chique, Capitão de Mar e Guerra", Rafael cantarola. Aproximando-se, cochicha em meu ouvido: "mas me conta, Stella. Rolou tudinho com o bofe?"

"Querem parar? Vocês não têm nada melhor para fazer do que me perguntar se eu deixei de ser virgem?"

Somos três alienígenas pousados no deque? Os dois marinheiros ao lado nos olham como se fôssemos.

"Você deixou de ser?", Rafael arregala os olhos e entreabre a boca.

"Espero que engula uma mosca nessa sua boca enorme. Eu ainda sou virgem, ok? Você acha que eu não celebraria se tivesse deixado de ser?"

Eles se assustam com minha pequena explosão. Volto a me calar, concentrada na minha virgindade. Cláudia suspira: "ela jamais estaria mau humorada se tivesse rolado. Você viu o bofe."

Rafael põe-se a se abanar com a mão, e não é de calor. Sim, todos viram o bofe.

Eu vi o bofe. E fiz coisas com o bofe, coisas que, só de pensar, dão cor à pele de quem está prestes a vomitar. Mas infelizmente, por mais que o banheiro tenha se incendiado, a maldição que ronda minha vida íntima triunfou. O bofe não quis continuar quando soube que eu sou virgem. Começo a acreditar que Maurício jogou uma praga sobre mim. Eu nunca vou conseguir saber o que é sexo.

"Atenção, marujos!"

Um grito estridente nos põe em alerta. O Capitão se ajeita no convés superior, e a movimentação para o alinhamento se acentua. Eu, Cláudia e Rafael, ignorantes sobre os procedimentos, permanecemos onde estamos, interrompendo a linha visualmente perfeita.

Com alguns passos e uns 'chega-para-lá, chega-você', nos colocamos mais ou menos em forma. Alinhados como se pudéssemos fingir que somos organizados como o resto.

Sua voz potente corta o ar: "Para todos que estão embarcando em mais uma missão da Marinha do Brasil com destino ao arquipélago de Trindade e Martim Vaz, quero desejar as boas vindas. Em nome do Comandante do 1º Distrito Naval, e sob a responsabilidade do Estado Maior da Marinha, saúdo a tripulação e os convidados dessa pernada, a equipe da Universidade Federal do Rio de Janeiro chefiada pela pós-doutora em Recursos Hídricos Cláudia Martins. Seja bem vinda, Dra. Cláudia."

Cláudia sorri, fazendo um movimento discreto de cabeça.

"Damos também as boas vindas à doutora especialista em tartarugas-verdes, Stella Maris Bittencourt, e seu doutorando, o pesquisador Rafael Durval."

O Capitão, um coroa bonitão em seu uniforme branco e quepe combinando, lembra um avô bravo. Sorrimos, agradecemos o cumprimento e continuamos a ouvir seu discurso.

"É da responsabilidade da Marinha, eu repito para que a equipe convidada saiba, manter a ocupação e boa ordem dessa pequena fração do Território Nacional. Também é nossa função cooperar com iniciativas científicas e parceiros da Diretoria de Hidrografia e Navegação, além do Pró-Trindade, responsável pela seleção dos pesquisadores da missão de abril e maio. Como vocês sabem, preservar a ilha e o oceano ao redor é de extrema importância para nós, e nos orgulhamos dessas parcerias."

Ele continua sem tomar ar. "É também nossa prioridade garantir uma viagem segura para toda a tripulação, por isso pedimos aos senhores" — ele aponta para nós — "que atentem aos códigos de segurança e ajam de acordo com as normas da corporação."

"Ouviu, né, Stella?", Cláudia diz com os lábios semisselados.

"O quê? Tudo que é ilegal está na bolsa do Rafael."

"Eu culpo vocês duas sem piscar os olhos", ele avisa.

O Capitão continua a falar ao fundo.

"Já pensou, Rafael?", pergunto com voz sexy: "um bonitão interrogando você em um porão: *onde estão os cigarros?*"

Rafael faz um gesto de 'pare com isso' super gay.

"Você não pode ser gay aqui", eu implico.

"Fiquem quietos", Cláudia reclama. "Quantos anos vocês têm, 12? Nenhum de vocês vai manchar o nome da minha pesquisa procurando Wally na ilha, entendeu? A ilha é nosso local de trabalho, não quero ter essa conversa de novo."

Eu e Rafael seguramos a risada. O Capitão passa a palavra para o comandante da expedição, vulgo *zero um*. A pessoa que, pelo que entendo, será a autoridade na ilha.

"Esse é o seu *score* na vida, Stella. Stella zero, hímen um", Rafael diz divertido.

"Já falei para parar, Rafael", Cláudia ralha segurando a risada. "Sem humilhações."

A voz máscula do Capitão ecoa ao redor, dando boas vindas a todos.

"Ninguém mandou você torturar Santo Antônio daquele jeito", Rafael continua. "Você desenterrou o coitado do vaso lá no laboratório? Porque se não fez isso, aquele santo está putado com você."

"A raiz cresceu ao redor", eu cochicho, desanimada. "Se eu tirar o santo, eu mato a planta."

"É a planta ou sua virgindade, amiga. Mata a planta, socorre o santo."

A voz do Capitão cessa, os marinheiros mudam de posição. À frente, alguns homens batem continência.

O Capitão-comandante está vindo até nós. Por quê, não sei. Talvez tenha notado que não estávamos prestando atenção. *Ai, meu Deus*. Ajeito os óculos, eles me dão um aspecto mais profissional. Tento me arrumar dentro do macacão entregue pela Marinha, um número maior.

O marujo à frente enrijece, põe a mão na frente da cabeça. "Alinhem-se igual a eles", Cláudia me dá um tapa na barriga. Faço o mesmo com Rafael, que estufa o peito.

A voz chega como um trovão, vibrando até os ossos: "senhoras, senhores."

Arregalo os olhos.

Algo pesado e oleoso se remexe dentro de mim, como se minhocas revolvessem em meu estômago. *Senhoras, senhores* nunca foi dito de maneira tão máscula. Nunca lembrou tanto noites eróticas em banheiros apertados. Uma noite com promessas magníficas e resultados inesperados.

"Bem-vindos ao Almirante Saboia", a voz masculina continua pausadamente.

Cláudia fica branca como uma vela, olhos esbugalhados no Capitão-comandante, cuja cabeça está parcialmente tapada pelo marujo da frente. Inclino o corpo, vendo um homem incrivelmente alto e largo eclipsar a luz. Aperto os olhos, focalizando seus traços.

Acho que vou desmaiar.

"Gostaria de desejar pessoalmente as boas vindas ao grupo", ele diz.

Com um passo estudado, o Capitão se coloca à minha frente. Olhos verdes frios e duros nos meus, rosto liso e sem resquício da barba que me esfolou ontem em diferentes partes do corpo. Tão lindo, *mas tão lindo*, que minha vagina mal-amada quase sufoca.

A saliva desce pela garganta como se tivesse ferrões.

Danou-se.

Tribulação



Eric

Tudo transcorre bem nos momentos que antecedem a partida. Homens a postos, *checklist* completo, cerimônia de despedida se aproximando. Em breve seremos nós e o mar, rumo ao arquipélago remoto.

Estou debruçado sobre a carta náutica na cabine, sem conseguir pensar por causa da dor de cabeça. Capitão Alencar se aproxima. Bato continência, mas ele desmerece meu gesto.

"Eric, posso falar com você?"

"Claro."

Largo o que estou fazendo e sigo meu chefe e padrinho até o escritório do navio. Entramos na sala íntima, longe dos ouvidos da tripulação. O Capitão se senta na cadeira de madeira escura com o semblante fechado. Suas mãos estão unidas na frente da boca.

Algo me diz que não traz boas notícias. Fecho a porta atrás de mim. "Pois não, Capitão."

O tom de sua voz é de um pai: "filho, como você está?"

Amigo de longa data de meu falecido pai, também capitão, Arthur Alencar é minha única família. Não me lembro de quando ele começou a frequentar nossa casa, festas de aniversário ou Natal. Mas foi há muitos anos, quando ainda vestia bermudas e montava navios de brinquedo.

"Estou bem, Capitão."

"Deixe de bobagens, você me chama de tio ou de Arthur, capitão você guarda para outra ocasião."

"Sim, senhor."

Arthur suspira: "não respondeu minha pergunta."

"Estou bem."

"Não acha que tem algo para me contar?"

Franzo a testa, olhando-o sem entender. Não acho que tenha nada para contar, nunca tive. Mas Arthur aguarda, impassível. Ele aprendeu a tirar de mim o que quer saber. Seus dedos tamborilam lentamente sobre a mesa de madeira escura, o relógio marca a passagem dos segundos.

Eu continuo fitando-o. Não aconteceu nada em minha vida. A única coisa digna de nota aconteceu ontem, mas eu não vou contá-la. É um assunto íntimo e hoje faz parte das memórias que preciso esquecer.

Arthur exala o ar e continua, a voz cansada pela idade: "recebi uma ligação do Almirante

Itaboraguy."

"O Almirante Itaboraguy?"

"O próprio."

Por um segundo eu congelo, o arrependimento por atos passados escalam a níveis estratosféricos. Arrasto uma cadeira e me sento também, tombando as mãos sobre as pernas.

Tudo que fiz para evitar problemas nos últimos anos foi em vão. Aí estão eles.

Arthur se inclina sobre a mesa, olhos interrogativos sob os pequenos óculos de grau. "Por que não me contou que estava saindo com a filha dele?"

Sinto um tremor na pálpebra esquerda.

"Eu não estava *saindo* com a filha dele."

"Não é o que ela disse em casa para o papai."

"Não achei que estivesse *saindo* com ela", eu digo, parando sem saber continuar. "Se é que me entende."

Arthur é meu padrinho, foi meu tutor legal até os 21, mas nunca foi meu confidente. Casado, mas sem filhos, ele me apadrinhou desde cedo. Eu a princípio o chamava de tio, e ele me apresentava aos outros como seu sobrinho. Quando a tragédia aconteceu, graduei de sobrinho para filho. Nunca o chamei de pai, mas ele é o que mais se aproxima disso. Nunca conversamos como foi que, de amigo íntimo, ele passou a ser meu responsável legal — na verdade nunca realmente conversamos —, mas sei que não foi planejado. Na falta de outra pessoa que tomasse conta de mim, ele me adotou. Fim da história.

Arthur balança a cabeça como se eu estivesse fora de mim. "Que besteira é essa de *se é que me entende?* Vocês não estavam se vendo?"

"Não achei que o que estava acontecendo tinha rótulo."

Arthur coça o queixo, olhos prensados em mim.

"Não somos *namorados*, é isso que quero dizer", eu finalmente digo. *Mas que droga! Por que ele sempre faz isso?* A simples menção da palavra *namorado* faz com que eu me sinta ridículo. Palavras me fazem sentir assim, idiota.

Artur bate as palmas na madeira: "não era namorado, mas estava saindo com a filha do homem! Semântica, Eric!"

Na minha concepção de relacionamentos, o que eu e Marina Itaboraguy tínhamos era uma amizade com benefícios. Encontros que acabavam em sexo, não um relacionamento. Eu não estava *saindo* com ela.

"Ela deu o rotulo à coisa por você!", Arthur bate as mãos novamente na mesa. "Seu silêncio o colocou novamente em apuros. Deu liberdade para a garota tomar essa decisão."

Passo as mãos pelo cabelo, procurando palavras que me defendam. Elas não estão à vista — talvez não existam.

Eu estou com Marina. Talvez seja a hora de repensar conceitos semânticos.

"Eu não fazia ideia", digo. "Não no início. Ela é tenente, colega na corporação. Não sabia quem ela era."

Arthur faz que entende, mas não tem interesse algum de entender: "pois vou dizer outra coisa que talvez não saiba, Eric."

Ele passa o dedo sob o nariz, um velho cacoete. "O *homem* está sendo cogitado para ocupar o cargo de Ministro da Marinha no novo governo."

Algo ruim fica pior.

"Você sabe o que isso oficialmente quer dizer?", ele pergunta, mas não espera minha resposta. "Nada. Isso não muda nada para mim, para você, para seu relacionamento sem nome." Ele se inclina sobre a mesa, os olhos firmes nos meus: "no entanto, sabe o que isso extraoficialmente quer dizer?"

Ele puxa o *extra* para que eu o ouça bem. Eu ouço.

"Isso que dizer que ele pode ferrar com você, comigo, com qualquer um com quem ele não simpatize. E você sabe o que sentimos pelas pessoas que saem com nossos filhos em relacionamentos sem nome?"

Passo a língua pelos lábios.

"Antipatia. É isso que sexo casual e sem amarras provoca."

Às vezes com amarras, penso sem humor.

"Eu não preciso dizer que você mexeu com a filha do homem errado, preciso?"

Esfrego o polegar e o indicador sobre as pálpebras fechadas. Faço que não. Ela não me contou quem era. Fiquei sabendo quando outros vieram me alertar. Eu não preciso dizer que fiquei puto; eu fiquei irado, mais ainda preocupado. Não se mexe com filha de almirante.

Lembro-me de Marina quando nos conhecemos no trabalho. Ela estava passando por um corredor, me viu, perguntou onde ficava a assessoria jurídica. Eu a achei deslumbrante, como ainda hoje acho. Alta, cheia de curvas, cabelo loiro e natural comprido, olhos que são duas piscinas. *Por que não?*

É estranho admitir, mas vê-la uniformizada pareceu familiar. Seguro. Eu sempre aposto no seguro.

Ela contou que era de família tradicional, puramente militar. Sua infância lembrava a minha, assim como sua adolescência. Fez sentido me sentir atraído por ela. Ela me convenceu a continuar. Ela fazia sentido, estava inteiramente dentro de minha zona de conforto.

Afastada, mas ainda assim dentro da zona.

Não pensei que sair com ela ocasionalmente me transformaria em seu namorado. Não pensei em interromper as noites ao seu lado quando ela levou roupas para meu apartamento, e colocou uma escova de dentes para mim no seu banheiro. Ela, afinal, fazia sentido.

Sim, ela queria mais. Mais do que noites de sexo, mais do que telefonemas curtos. O que ela queria eu não tinha interesse em dar, mas jamais — e quanto a isso não posso culpá-la — tivemos uma conversa franca a respeito. O motivo? Conversar dá trabalho.

"O que o Almirante queria?", pergunto antecipando a paulada.

"Saber quem é você."

Algo dolorido repuxa em meu pescoço. Eu estou em seu radar.

"Eric, você sabia que ela estava nessa guarnição quando aceitou a missão?", a voz de Arthur sai verdadeiramente preocupada.

"Claro que não", eu abaixo a voz. "Nós brigamos recentemente por causa disso. Há duas semanas ela me contou que foi aceita e eu fiquei de mãos atadas."

"Ela nunca teria sido colocada no último minuto se não fosse filha de quem é. Quem diria não?"

Eu não respondo, responder é desnecessário.

"Você acha que ela pediu para fazer parte da missão por sua causa?", ele sente que precisa perguntar. Pelo meu olhar, ele tem sua resposta.

"Filho, filho...", ele me encara, recriminador. "O pai dela não gostou nada da situação. A filha dele na ilha com o capitão com quem está saindo? A menos que volte com um anel em seu dedo, ele não vai olhar para sua carreira com bons olhos. O homem tem conexões. As pessoas fariam qualquer coisa para agradá-lo. Barrar sua subida, por exemplo."

"Eu fui contra a ideia."

"Não acho que isso importe para um pai."

Exalo o ar, sem saber o que dizer. A vontade é pegar Marina pelo braço e expulsá-la à força do navio, proibi-la de ir. Mas Marina não dá ponto sem nó. Ela está legalmente alocada aqui, goste eu ou não.

Passo a mão pelo pescoço, sentindo os nós sob a pele. "Como foi que o Almirante soube sobre nós dois?"

"Ela contou."

"Por que ela contaria algo assim para o pai?", eu o questiono, como se Arthur pudesse saber. "Encontros regados a sexo e pouca conversa? Absolutamente nenhuma promessa, nenhum investimento da minha parte?"

O constrangimento de falar pela primeira vez de minha vida pessoal para Arthur é grande, mas não consigo segurar o desabafo. As palavras simplesmente saem. "Não prometemos nada ao outro. Ela sabe sobre o meu passado, sabe que eu me casei uma vez e transformei a vida da minha ex em um inferno. Por que iria querer algo comigo?"

O Capitão tapa o rosto com suas mãos manchadas pela idade. "Eric, puta que pariu! Você não aprendeu nada sobre mulheres? Essa menina quer mudar você, quer fincar uma bandeira sobre sua cabeça! Você virou seu projeto particular!"

"Mas eu nunca disse..."

"Acorda, filho. Foi exatamente seu silêncio que meteu você nessa confusão. Você deveria ter dissuadido ela de vir. Na verdade, você não deveria ter chegado perto dela. Não se mexe com filha de almirante."

"Eu já tinha chegado sozinho a essa conclusão."

Meu tio se levanta. "Eu precisava contar sobre o telefonema. Não apenas você está sob a mira do Almirante, eu agora também estou. Ele sabe que sou praticamente seu pai."

"Tentarei manter distância dela."

Ele bate em minhas costas: "Em Trindade? Boa sorte com isso."

Ambos saímos, olhando o relógio. "Vamos, temos um navio para lançar ao mar."

É hora de zarpar. Saio da cabine e me dirijo ao convés. Atrás de mim segue um séquito de oficiais. Subo as escadas que levam ao púlpito ao lado de Arthur. São suas as honras de dar as boas vindas aos cientistas e ao resto da tripulação.

Como Capitão-comandante da missão vulgo 'pernada', posiciono-me ao seu lado. O céu está nublado, o calor é infernal. Por alguma razão me lembro da festa, da garota do quadro.

Ergo o queixo, ouvindo o Capitão iniciar seu discurso.

Eu sequer sei seu nome. Não sei onde mora, nem por onde começaria a procurá-la. Não que eu vá procurá-la, é só um pensamento.

Penso nos quatro meses que ficarei longe do Rio, da vida, do continente. Em quatro meses ela conhecerá alguém, terminará o que eu não quis fazer. O que eu me *recusei* a fazer.

Algo que, por minha irmã Alice, eu jamais faria.

Volto à garota da festa. Lembro-me de seus olhos doces, sua pele macia. Seu gosto. Eu não posso pensar nela, por que sinto o sangue ebulir dentro das calças e não seria conveniente ter uma ereção na frente de 250 homens.

O Capitão aponta para o deque, e eu olho para aqueles que nos acompanharão à Trindade pelos próximos meses.

Lembro-me do momento em que ela começou a tremer.

Quando me contou que era virgem foi como se tivesse sido derrubado de um edifício alto. Quis sair dali. Não é certo, não estava certo, nunca vai estar. Ela deveria estar descobrindo o sexo de outra maneira, não comigo. Não com um homem feito, não no banheiro, não desorientada pela bebida.

Olho para o convés, para o mar de cabeças castanhas, voltando a me concentrar nas palavras do Capitão. Vejo entre elas a de Marina — dourada e reluzente — virada para mim. Ela tem um sorriso de vitória no rosto, e só de vê-la meu sangue ferve, mas de outra forma.

Mudo de foco, continuando a vasculha. É nesse momento que enxergo a cor que povoou os meus sonhos de menino. Um cabelo que parece um fio desencapado de cobre ao sol, a pele branca sendo castigada pelo mormaço, óculos escuros que cobrem os olhos cor de caramelo.

O coração perde uma batida. Acho que estou alucinando, vendo coisas onde elas não existem. Inclino a cabeça, incrédulo; não pode ser ela ali, parada em meu convés. Solto um som de pura surpresa. Ela não se parece com a menina do banheiro, ela é a menina do banheiro.

Olho ao redor, puto, achando que estão aprontando comigo. Uma brincadeira sem graça e de mau-

gosto que, se eu pegar o responsável, sou capaz de lançá-lo ao mar. Mas os marujos estão concentrados na voz do Capitão, alheios à minha reação.

Olho-a novamente como um bicho que mira a presa. É ela, conversando com a amiga da festa, alheia ao discurso de Arthur. *Mas que palhaçada é essa?*

Chamo zero dois, meu amigo Sérgio. "Pois não, Capitão?"

"Quem são aquelas duas ali embaixo?", pergunto olhando discretamente para as duas. Ele procura as cabeças entre a multidão, mas não é difícil achá-las com o macacão azul escuro de civis entre os macacões cinza.

"São as biólogas da UFRJ, Capitão."

Eu não tenho voz. Não tenho reação, eu não acredito que isso esteja acontecendo. O corpo crepita como lenha no fogo; estala, nervoso.

Mais à frente está Marina — minha suposta namorada, filha do futuro ministro. Ela me acena — cordial, perigosa. Cheia de planos para os próximos meses.

A poucos passos está a menina ruiva.

Olho para o Almirante Saboia, um dos maiores navios da Marinha. O navio subitamente encolhe.

Penso em Trindade, uma ilha de nove quilômetros quadrados e praticamente deserta.

Fodeu.

Segurança



Stella

"Que droga, como eu poderia saber quem ele era?", pergunto inconformada.

"Ninguém poderia saber", Cláudia me consola.

Ela segue atrás de mim, Rafael vai na frente. Vamos arrastando nossas malas pelo corredor apertado, espremidas entre paredes de aço que seguem infinitamente. O jovem marinheiro que nos guia finge não prestar atenção à conversa, mas toda vez que solto um palavrão sua orelha avermelha.

Rafael suspira: "eu deveria ter imaginado."

Eu e Cláudia paramos no lugar.

"Imaginado o quê?", estreito os olhos para meu doutorando pateta.

"A festa era do tal de Sérgio, primo da namorada do meu amigo. Ele está por aí, acabei de vê-lo. Parece que é o zero dois, sabe-se lá o que é isso."

Eu poderia cobrir Rafael de tapas. "Você sabia que veríamos aquelas pessoas no dia seguinte?", pergunto sem fazer esforço em baixar a voz. Cláudia segura meu braço tentando me controlar.

"Não era nenhum segredo!", Rafael se defende. "A festa se chamava *pré-cabritada*, achei que soubesse."

"Que diabo é uma pré-cabritada?", Cláudia pergunta.

Eu tampo o rosto com as mãos. Sim, Rafael disse algo sobre isso, que antes chamavam missão de cabritada e hoje chamam de pernada. Eu não prestei atenção em nada daquilo. Achei que o nome era porque estavam assando pernas de cabritos na churrasqueira, sei lá. Como poderia saber que os marujos costumavam chamar as missões à Trindade de cabritada? *Mas que droga!*

"Vocês não pesquisam nada, não?", Rafael reclama voltando a andar. "Quando mataram todos os cabritos da ilha, virou pernada."

Eu avanço sobre ele. Dou um tapa estalado em seu braço, Rafael grita: "ai!", o marinheiro se vira. Eu e Rafael voltamos a aparentar normalidade, o marinheiro vira para a frente.

"O quarto de vocês é o último", o rapaz aponta para o corredor entrecortado de cabines uma ao lado da outra. "As senhoras ficam no da esquerda, o senhor no da direita."

Agradecemos polidamente e ele nos deixa para trás. Estamos supostamente sozinhos, entalados

entre as paredes de aço.

"Pirou, Rafael?", eu digo quando o barulho de passos se distanciam. "Como você pode não ter falado nada sobre aquelas pessoas!? Eu me rasguei inteira para aquele cretino sem saber que teria que encará-lo no outro dia!"

Olho ao redor, inconformada com a nossa falta de comunicação. Eu não fazia ideia de que estava em uma festa de marinheiros prestes a embarcar no mesmo navio que eu. Eu não tinha ideia de que veria aquele homem novamente. *Céus, o que ele deve estar pensando de nós? De mim?*

"Estou mortificada até a próxima reencarnação", Cláudia recosta na parede.

"Eu não tenho culpa de nada", Rafael diz erguendo as mãos. "Meu bofe, eu me certifiquei, não está aqui."

"Mas o meu está!", eu berro sentindo a cabeça dolorida em dois mil lugares. "E é o raio do comandante dessa droga de missão! Me diz agora, com que cara vamos encará-lo?"

"Eu vou fingir que não vi nada, não sei de nada, não ouvi falar sobre nada", Cláudia diz como se estivesse sedada.

"E você acha que vai colar?", eu ponho as mãos na cintura. "Você escreveu uma mensagem dizendo para eu *dar* para ele. E ele leu!"

Cláudia morde os lábios. Abro a porta da cabine, querendo que ela me conduza diretamente ao mar.

Entramos calados nos respectivos quartos, sem forças para continuar a discussão. Cada um tenta pensar em uma maneira de melhorar o que não pode ser melhorado.

Para todos os efeitos, eu sou uma ninfomaníaca virgem e Cláudia uma devassa que estimula virgens a trepar com desconhecidos. E nós duas estamos representando o nome da universidade onde trabalhamos. Que ótimo.

A cabine tem praticamente um metro quadrado. A cama é tão estreita que parece uma maca. "Não é tão ruim assim", Rafael diz esticando o pescoço para dentro. Não sei se está falando da situação ou da cabine. "Pense no lado bom, Stellinha. O comandante não te comeu."

Ele bate a porta antes que eu jogue meu tênis nele. Passo a resmungar baixo, tentando abrir a escotilha. Por sorte não consigo, ou pularia no mar para morrer afogada.

Aos poucos o navio deixa a terra em direção ao nosso destino. Cláudia coloca a mala com o equipamento de pesquisa sob a cama e eu remexo minha bolsa atrás de uma aspirina. Engulo duas, desejando que fossem cianeto.

"Não vai pegar mal, né?", Cláudia delira. "O meu torpedo?"

Chuto minha mala para debaixo da cama.

"Acredite, eu fiz coisas com aquele homem que fazem seu texto parecer uma prece de boa noite."

"Por falar nisso, você ainda não me contou o que rolou", ela larga a unha que está tentando devorar e me lança um sorriso. "Conta tudo. O que vocês fizeram?"

Sento na cama, tampo o rosto com as mãos. As memórias voltam, maravilhosas e *quase* perfeitas. Os dedos longos, a mão experiente, os beijos eróticos, o chupão no pescoço.

O que nós fizemos? Putz, um monte de coisas.

Penso nos momentos enlouquecedores, e a excitação se mistura ao calafrio nervoso. Quando destapo o rosto estou rindo nervosamente, embora a situação peça um pouco mais de consideração e seriedade da minha parte.

"Rolou quase tudo, Cláudia. Até...", coço o pescoço, pensando com uma careta nos momentos menos gloriosos que se seguiram. "Bem, não rolou o suficiente."

"Ele é tão bom quanto parece?"

Eu olho para o teto do quarto, como se só nas alturas pudesse encontrar adjetivos que o descrevessem. "Cláudia, o homem é tudo de bom. É Mentos com Coca-Cola. Você não tem ideia do tamanho de suas pernas, do seu peito enorme, do..."

Eu me controlo, limpando a garganta.

"Eu teria feito qualquer coisa com ele. Eu estava em fogo, ele estava em fogo. Mas assim que ele soube que eu era virgem, ele parou tudo."

"O que você fez de errado?"

"Sei lá! Ele disse que eu deveria ter mais *juízo*."

"Juízo?", é a vez de Cláudia tapar a boca, constrangida por mim.

O calor retorna, eu asso dentro do macacão. Sim, o capitão da expedição me disse, com todas as letras, que eu deveria ter mais juízo. Se existe um começo pior para aquela viagem, desconheço. Hoje é um péssimo dia para existir.

"E nós passaremos os próximos quatro dias dentro dessa lata de sardinha" falo alisando a testa dolorida. "Você consegue entender o tamanho do meu constrangimento?"

"Dois meses", ela me corrige voltando a levar a unha à boca. O senso de realidade cai sobre mim como uma pedra, bem no meio da testa dolorida. Dois meses. Esse é o tempo que passarei ao lado daquele homem na ilha.

Minha pele ganha outra cor, a roupa larga parece apertada. Volto a tapar o rosto com as mãos. Seguro um grunhido de vergonha, em seguida dou a gargalhada mais explosiva que consigo dar. A gargalhada explode tão alto que ouço do outro lado Rafael tropeçar no sobressalto da porta, bater a cabeça na parede e, segundos depois, abrir a porta de nossa cabine, alisando a testa.

"Jesus, Stella", ele diz entrando. "Achei que estivesse morrendo."

"De rir?", Cláudia me olha como se não visse a graça da situação.

Estou gargalhando de pânico. As lágrimas escorrem do canto dos olhos, eu tenho o péssimo hábito de rir quando estou nervosa. "A droga do homem que se recusou a transar comigo é a porra do capitão desse navio!", falo entre os dedos, olhos arregalados. "Vocês tem ideia do que significa isso?"

"Pesquisa comprometida?", Cláudia arrisca.

"Reputação arruinada?", Rafael franze a cara.

Tombo de costas na cama estreita e bato a cabeça na parede, ouvindo um ‘bonc’. Pressiono as têmporas com as mãos, querendo remover os miolos e quem sabe, de quebra, as memórias. O comandante é o cara com quem me atraquei no banheiro. Com quem eu performei todas as posições sexys e menos sexys dentro de um cubículo apertado. Ele é a autoridade, aquele a quem não posso dirigir a palavra a menos que o que tenha a dizer seja relevante.

Meu Deus, por que isso soa tão sexy?

"Eu não sei se sinto vergonha ou arrependimento. Que sentimento devo sentir?", pergunto ao redor angustiada.

"Você é incapaz de sentir vergonha, Stella", diz Rafael. "Falta um neurônio, alguma sinapse imprescindível. Você é praticamente um caso de estudo."

Levanto o corpo, sustentando-o pelos cotovelos. "Posso fingir que estava bêbada e não me lembro de nada. Ele também estava bebendo."

"Genial", Rafael rola os olhos, mas algo em Cláudia se ilumina. Ela bate as mãos, feliz por eu ter achado uma solução — delirante — para a situação. "Ótima ideia! Fingimos que não nos lembramos de nada, e se ele algum dia nos questionar dizemos que não fizemos nada."

Fingir que nada aconteceu é um plano — um que meu corpo claramente ignora.

Ouvimos três batidas na porta. Rafael abre a porta, e o rosto de um jovem na casa dos 20 anos aparece. "O Capitão está chamando para o treinamento de segurança."

A palavra *capitão* faz voar borboletas no estômago. "Diga ao Capitão que estaremos lá", Cláudia responde. Suspiro, murmurando a palavra ‘capitão’ e recebendo dos dois um olhar mortal.

"Stella, você não está entendendo a seriedade da coisa", Cláudia diz com os olhos fechados como se não quisesse ver os riscos que eu trago. "Preste atenção, tudo que eu quiser fazer na ilha, preciso da autorização desse homem. Ele pode dificultar minha pesquisa, pode fazer de nossa vida um inferno. Por favor, finja que não o conhece e torça para que ele não se lembre de você também. Vamos fazer as coisas direitinho, está bom?"

Salto da cama, olhando para o macacão suado. Preciso me arrumar.

"Você tem que fingir que nada aconteceu, entendido?", Cláudia insiste atrás de mim. Eu balanço que sim com a cabeça, mas já estou procurando um espelho.

Seguimos por túneis cortados por infundáveis portas corta-fogo (ou corta-água) e escadas íngremes. Cláudia vai atrás de mim, descrevendo todas as mil maneiras em que seus filhos bateriam a cabeça, torceriam o pé ou explodiriam o navio.

Eu vou em silêncio, excitada. A cabeça retorna à noite de ontem.

Só de pensar nela um calafrio percorre toda a coluna, arrepiando os cabelos da nuca, formigando o couro cabeludo. Toco com os dedos o pedaço de pele logo abaixo da orelha, onde ele deixou sua marca. Se eu me concentrar, ainda consigo sentir a sucção de sua boca ali.

No deque venta forte e me arrependo de não ter prendido o cabelo. Aperto os braços em volta do corpo, procurando entre os homens de uniformes cinza aquele específico que beije.

O navio desliza pelo mar, e o vento que bate no rosto é salgado. Civis e oficiais se aglomeram ao redor de um instrutor que discursa sobre procedimentos de segurança. Olho ao redor, procurando meu capitão.

Não é difícil encontrá-lo adiante, isolado da multidão, conversando com o zero dois. Ele aponta para alguma coisa, o Imediato anota em uma planilha. Em seguida, um séquito corre para resolver o que foi pedido.

Eu o olho escancaradamente, profundamente sedada pela sua visão. *Jesus, eu preciso ignorá-lo!* Sua posição hierárquica, no entanto, só o deixa mais afrodisíaco.

Seu porte é impressionante. Embora todos vistam o mesmo macacão cinza, sua altura e seu peitoral largo saltam aos olhos. Sobre suas sobrancelhas correm linhas que riscam a testa e lhe dão um ar de austeridade. Ele não parecia tão sério ontem, penso mexendo em meu colar, brincando com o pingente em forma de tartaruga. Se essa tartaruga pudesse ver o que fizemos ontem, coraria.

"Você precisa fazer esse risinho desaparecer da sua cara", Cláudia reclama.

"Diga-me como. A menos de quinze horas atrás eu estava com aquilo tudo na boca."

O primeiro pensamento de Cláudia é ralhar, mas ela desiste e concorda. "Está perdoada por encher de imagens minha mente entediada."

Virando-se novamente para o instrutor, cochicha ao meu lado: "é muita incompetência sua ainda ser virgem."

Eu abafo uma risada, lembrando-me do momento em que a noite degingolou. De como os amassos pararam, de quando ele se afastou.

"Ele não achou certo deflorar uma donzela bêbada", me defendo.

"Que donzela? Havia alguma outra menina no banheiro?"

"Alguns sonham com virgens, outros fogem delas", dou de ombros, resignada.

O capitão nos olha por sobre as cabeças. Seus olhos encontram os meus, e tão rápido como chegam, vão embora. Ao que parece, a estratégia de fingir que nada aconteceu lhe ocorreu também.

Enquanto nos alinhamos no convés para as explicações sobre segurança, minha mente retorna para o banheiro apertado da festa.

Estou pegando fogo, mas disposta a partir. Quantas indiretas são necessárias para ele entender que eu estou a fim? Antes que eu vá, ele fecha as mãos em torno do meu braço e me empurra para dentro do banheiro com o próprio corpo.

Não me olha mais como um gato, ele me ataca como um leão.

Entendo agora, fingindo ouvir sobre segurança, porque hesitou tanto, porque franziu a testa quando viu o casal sair do banheiro, porque não queria fazer nada ali e pediu meu telefone para me ligar *um dia*. A festa estava cheia de gente que eventualmente encontraria hoje, e ele estava de partida.

Mas isso não interessa mais. Porque, quando a porta do banheiro pequeno se fecha, o espaço fica menor. As paredes se apertam, e não há lugar para pôr as mãos que não sobre o outro. Aguardo que sua investida seja tão feroz quanto seu olhar, mas ele me devora primeiramente com os olhos, não com os dedos.

Ele disfarça bem melhor do que eu. Sei que está tenso, que gostaria de não me querer ali, mas me quer mesmo assim. O que pensa enquanto me olha eu não sei, mas a cada segundo que ele não faz nada eu aqueço mais — a expectativa é uma chama eficiente.

Olho para cima, para o queixo quadrado e de aspecto áspero que quase toca minha têmpora. Miro a boca que solta o ar tão apreensivamente quanto a minha. Sua boca é perfeita, nem fina nem carnuda, desenhada em cores que, sob a luz, mesclariam tons de rosa. Continuo seguindo pelo nariz resoluto, e ao chegar nos olhos que me observam sob os cílios, mordo os lábios. Seus olhos são hipnotizantes, raios que disparam verdes do centro em todas as direções. Não é a toa que tenho a impressão de que deles saem faíscas.

Tudo em mim acorda. Sob o tecido da blusa erguem-se dois pontos visíveis. Minha calcinha está melada.

Enquanto a exposição sobre segurança corre solta como vento sobre o deque — assuntos nada irrelevantes, como por exemplo, sobrevivência —, eu mergulho em memórias irresistíveis demais para serem controladas. *Sobreviver não interessa, lembrar sim.*

"Você está bem?"

Essa é a pergunta que ele me faz na escuridão do banheiro antes mesmo que sua boca me toque. Ele quer saber se eu estou bem. Eu estou muitas coisas — inchada, dolorida, trêmula. Bem também. Balanço a cabeça que sim, certa de que não sairia voz pela garganta.

"Não está tonta ou vendo tudo rodar?"

Eu faço que não. Se alguma coisa balanceia meu mundo no momento, não é o álcool.

"Ainda bem", ele sorri.

Em todos os meus anos de preliminares infinitas e enfadonhas com Maurício, eu jamais senti tanta vontade de tirar a roupa na frente de um homem. Quero começar já, mas acho que ele tem algo em mente, e o que ele tem em mente eu quero também.

Aproximo o nariz de sua camisa macia. Inspiro seu perfume amadeirado, percebendo a nota diferente; a bióloga em mim a categoriza como feromônios. *Isso explicaria minha falta de controle.*

É quando sinto o fogo queimar a pele na altura dos pulsos.

O fogo corre em linhas constantes, eriçando os pelos que dormem há tempo demais. Seus dedos sobem meu braço em direção aos cotovelos, certos e lentos, enquanto ele observa minha reação. Estoco o ar dentro do peito com medo que ele em breve falte ao redor.

Eu não sei que atração é essa que me acalora, mas não estou nessa sozinha. Esse homem me degusta aos poucos, como se eu fosse um ingrediente caro.

Os dedos chegam aos meus ombros, fechando-se ao redor do rosto. Ele paira sobre mim sereno e poderoso, como uma torre ou uma muralha. Em nenhum segundo deixa de me olhar. Sem ar ou palavras, certa de que meu nível de satisfação acaba de saltar um patamar, eu entreabro os lábios e ele se inclina.

Seus lábios roçam os meus leves e cautelosos, como se pisassem em um novo terreno. *O que é isso que os primeiros beijos têm?*

O ar que sai da minha boca o infunde de coragem. Ele mergulha a língua na minha boca; a penetra quente e ansiosa, dança com minha língua, desliza e volta. Como se precisasse se acalmar, para. Em seguida, me dá uma mordida.

Eu estremeço, e sua mordida vira uma chupada. Seus lábios chupam os meus, mordiscam, mantendo meu rosto preso. Eu fecho os olhos sem notar. Sua boca volta a tomar a minha completamente, sua mão desarranja meu cabelo.

Eu respondo ao beijo, incerta e atordoada, agarrando sua camisa entre os dedos. Seu peito me empurra contra a parede, os músculos duros friccionam minha pele, me dominam. Minhas costas arrepiam em contato com o azulejo frio. Ondas de excitação explodem dentro de mim, e eu devolvo o beijo com tudo que tenho e não tenho — por exemplo, ar.

Seu abraço me eleva do chão, e fico presa entre a parede e seu quadril. As pernas não se abrem por causa da saia jeans. Ele percebe e, com uma das mãos, sem descolar os lábios dos meus, ergue minha saia. O tecido sobe arranhando a coxa, ajeitando-se na cintura. Livres, minhas pernas o envolvem. Gemidos deliciosos de prazer cortam o silêncio — sim, eu estou vendo estrelas.

Ele comprime a virilha contra a minha. O volume de sua calça me assusta, toca partes que estão, no momento, sensíveis demais. Esfregando-se lentamente ele se encaixa contra minha calcinha, e eu diluo em seus braços. Sou nada, apenas sensações. Palpitações, encharcamentos. Os pensamentos derreteram, acho que foram parar lá embaixo.

Enquanto exploro sua boca tento achar equivalentes no mundo para o que estou sentindo. *Comer pipoca no cinema? Emagrecer sem saber porquê? Achar dinheiro no bolso?*

Não, nada se compara a isso, à excitação de sentir seu cheiro, ao hálito mentolado que sai de sua boca e entra na minha. Se eu achava que conhecia alguma coisa sobre beijo, esse homem me prova que não sei nada. Beijar se torna minha *coisa* favorita, embora isso não possa ser chamado só de beijo.

Eu estou sendo devorada.

Com as pernas enganchadas nele, eu o empurro. Nossas bocas descolam porque eu preciso vê-lo. Seu peito sobe, seus olhos firmes nos meus estão pesados de desejo. Ele se concentra no modo como ofego, em como passo as mãos no meu cabelo. Ele é bonito demais. Forte demais, tem um gosto bom demais. Ele é só superlativos.

Quando desço os dedos pelas minhas mechas, cravo-os no tecido de sua camisa, torcendo-o. Puxo-o de volta, mas ao invés de beijá-lo eu cheiro seu pescoço, mordendo-o de leve. *O que é isso em seu cheiro que me enlouquece, que me leva às alturas?*

Ele se contrai quando encosto a língua quente em sua pele. Sua boca se aproxima de meu ouvido, roça na pele fina e sensível, perguntando: "ainda está se sentindo bem?"

Eu sorrio de lado. Talvez ele esteja perguntando isso por causa dos meus gemidos. Ele poderia bem ter perguntado 'você é normal?'.

"Você quer saber se eu estou bem?"

Eu finjo pensar.

Deixe-me pausar as sensações para responder a essa pergunta. Eu nunca estive tão bem em toda a minha vida, tão confortável, pregada entre a parede e seu quadril. Tão rendida e tão certa de que eu quero continuar. *Mr. Mignon, bem é muito pouco. O que estou sentindo tem outro nome.*

"Estou ótima", respondo rouca de desejo. "Realmente estou."

Ele sorri aquele meio-sorriso que me lança de volta à adolescência — meio de lado, quase saindo, indo embora, *a là* Olhar 43. Sim, esse é o sorriso que ele me dá.

"Não vai me dizer mesmo o seu nome?"

Balanço a cabeça que não, e não pergunto o seu também. Eu quero dar outra coisa para ele, não nomes.

A minha vida inteira eu coletei nomes — um impressionante rol de designações latinas, catalogadas com medida e cuidado por classes e ordens. Ainda assim, mesmo com toda a objetividade e minúcia da ciência, eu jamais encontrei um nome que fizesse jus ao bicho que nomeava. *Tenho certeza que seu nome não diz o suficiente sobre você.*

Amanhã estarei no meio do oceano e terei comigo apenas memórias. É incrivelmente sexy estar ali e não saber de onde esse homem magnífico vem. Incrivelmente real e erótico.

Os sons da festa estão abafados, distantes. A penumbra me permite bem ver seus olhos correndo meu rosto, esfomeados, curiosos, observando em detalhe meus olhos e minha boca, parando para ouvir minhas arfadas baixas, descendo pela pele até meu peito pulsante.

Suas mãos me ajeitam em seu quadril, me centralizando de um jeito que eu sorrio. Ele sobe as mãos até a curva das costas, onde a saia toca a cintura. Pousa as mãos ali, nem mais alto nem mais baixo. Sua boca volta a procurar a minha.

Coloco a mão em seu peito, beijando-o de volta. Sob a palma, seu coração bate forte. *Eu faço isso com você, meu gigante?*

Desabotoo parcialmente sua camisa, e meus dedos se insinuam pelo peito liso. Ele fecha os olhos por um segundo, sentindo minha mão inteira desaparecer da vista e tocar sua pele. Faço círculos sobre sua maciez, sinto seu mamilo arrepiar e sua barriga contrair. Estremeço ao antecipar tudo que em breve suas mãos farão em mim, vendo-o estremecer comigo. Ele tem o peitoral definido nos lugares certos, em toda parte elevações e fissuras. Eu só posso estar sonhando.

Abro o resto dos botões, e a elevação em sua braguilha endurece. Suas mãos se cravam em mim, dez dedos apertam minha pele. O coração dá saltos quando abro sua camisa e vejo o tórax mais perfeito

que eu já vi. Definido e largo, com mamilos pequenos, a pele quente sobre a carne dura. Seus braços são tão fortes que me engoliriam tranquilamente em um abraço. Passo as mãos reverentes por toda sua extensão, escorregando de modo gentil sua camisa pelos braços. Mordo os lábios, segurando a fome.

Ele se livra de uma manga e depois da outra — músculos sobem e descem, esticam-se e contraem-se. A camisa voa para trás. Meu coração é um tambor que pulsa em toda a parte — na jugular, no peito, entre as pernas. Minha respiração morre quando suas mãos procuram minha pele sob o tecido da blusa.

Eu estou desnorteada. Olho para o V masculino no final de seu abdômen, aquela letra proibida, uma covardia da natureza com as mulheres, e fico com medo. Medo de que ele descubra que não sou uma deusa do sexo, capaz de proporcionar a ele o mesmo prazer que oferece a mim. O V some sob o cóis da calça, de onde insinuam-se fios macios e escuros.

Eu acho que vou colapsar.

Sua boca invade a minha novamente, feroz e agressiva. Eu fecho meus braços em torno de seu pescoço me sentindo sufocar. Minha calcinha encosta encharcada em sua barriga e ele nota.

Não sei como isso é possível, mas ele me empurra ainda mais contra a parede. Sua respiração fica afoita, e ele geme contra minha boca. Minha insegurança desaparece, como se pensar que não consigo lhe proporcionar prazer fosse absurdo. Esse homem quer me devorar.

Solto um gemido ao sentir seus dedos perto das axilas circularem os seios. Os dedos fazem uma curva, seguindo a elevação. Suspiro em sua boca quando suas mãos descem abruptamente e voltam a subir pela minha barriga, penetrando sob o arame do sutiã.

Ele solta um gemido que poderia ser bem um rosnado. Eu gemo também, por que gemer é o que consigo fazer no momento. Eu não sabia que era do tipo barulhenta.

Aliás, tanto eu quanto ele fazemos bastante barulho. É constrangedor. Aqueles eram sons até pouco tempo intraduzíveis para mim, não interpretáveis. Murmúrios ansiosos de satisfação, acompanhados de arquejos agoniados e movimentos de vai-e-vem? Nunca vi nem ouvi falar.

Até agora.

"Quer parar por aqui?", ele sussurra passando o queixo áspero pelo meu pescoço. É tocante o modo como pede minha permissão. Subo os olhos e encontro os seus. Seu membro pulsa em contato com minha pele, sua barriga está quente, sua pele suada está colada à minha.

"Se você parar agora terei que apelar para a violência física", falo séria. Ele ri.

Agarro seus braços — eu mal consigo segurar a massa dura de músculos delineados — e mordo seu queixo de leve enquanto balbucio com meu resto de sobriedade: "eu nunca tive tanta certeza de uma coisa em toda a minha vida."

Uma sombra de incompreensão passa na frente de seus olhos.

Sim, sou estranha. Afoita, apressada, e nem eu mesma sei categorizar meu senso de humor. Mas sua incompreensão passa logo, se dissolvendo entre a tormenta que revolve sob a pele. Os beijos

recomeçam, frenéticos.

Uma epifania invade o êxtase; um descuido, porque as emoções estão no controle e o corpo não quer pensar.

Eu sei porque não o vejo como um estranho. Embora o tenha visto pela primeira vez minutos atrás, esse homem já habitava meus sonhos. Talvez sempre tenha habitado o imaginário feminino, um arquétipo que dá forma a sensações tão primitivas quanto o mundo. Esse homem é o compêndio de imagens bonitas coletadas pelo inconsciente durante a vigília, a junção de qualidades que os sonhos resumem à noite. Eu não tenho qualquer pudor em deixá-lo continuar; eu nunca fui tão sincera comigo mesma.

E no mais, pará-lo seria ir contra o desejo de metade da humanidade. Talvez mais da metade.

Sua língua escorrega quente pela pele suada e me lambe onde o ombro encontra o pescoço. Eu arqueio de encontro à dureza de seu corpo, sentindo a pele viva. Esfrego meu corpo no seu suplicando para que não pare. Ele me beija no queixo, desliza para o pescoço. Eu mordo de leve seu ombro. Passo as mãos pelo seu abdômen, pelas costelas, pelos braços. Envolvero-o em um abraço íntimo, silenciosamente agradecida por ele responder tão ardorosamente a mim.

Suas mãos liberam o sutiã pelo fecho da frente. A lingerie afrouxa, a pele fica livre. Mãos grandes envolvem meus seios sentindo seu formato. Seu sorriso indica que gosta do que sente. Ele ergue meu top e o arrasta pelo pescoço, pelo rosto, deslizando-o pelos braços.

O top vai parar no chão.

O sutiã, aberto, deixa os seios livres. Ele traça o contorno de onde o tecido ainda cobre a pele, abandonando meu rosto para descer os olhos. O sutiã sai da frente.

Ele descola a barriga da minha para me ver completa, molha os lábios como se estivesse na frente de algo apetitoso. Passa os dedos sobre a pele clara e sensível, vendo como ela responde ao toque. Eu estremeço de prazer. *Faça tudo que quiser comigo.*

"Stella?"

A sensação é indescritível, poderosa.

"Stella?"

Abro os olhos, acordando no deque do navio. Ao redor, ainda se fala de segurança em tom monótono.

"Acorda, Stella", Rafael sussurra. "Você está pálida. Não está querendo desmaiar, está?"

Eu sinto um fio de suor correr pelas costas.

Pego ar, voltei rápido demais à realidade. Os marinheiros estão executando o treinamento de maneira automática, como se fosse a milionésima vez que fizessem aquilo. Um deles me mostra uma pochete que precisamos usar no convés, um tipo de salva-vidas que infla automaticamente. Ele mostra como acioná-lo, e fico feliz quando a boia infla amarela ao meu redor e disfarça o calor que incendeia minhas bochechas.

Enquanto o sargento nos explica como fechá-lo, eu retorno lentamente à realidade. Estou no navio, rumo à Trindade. Olho para o apito que o marinheiro indica, onde fica a luz que pode ser acionada caso sejamos lançados à noite ao mar, um pensamento nada agradável. E enquanto ouço com parca atenção, encontro meu capitão.

Ele observa a tudo do convés superior, mãos no alambrado, feições severas.

E seus olhos malvados estão em mim.

Esqueça



Stella

O navio Almirante Saboia é um senhor de 50 anos de idade e 140 metros de comprimento. Carinhosamente apelidado de *hipopótamo* devido à robustez, ele em nada se parece com o doce mamífero ou com navios como nós, civis, os imaginamos. Sua superestrutura é composta de guindastes, calabouços de onde se abrem rampas para saída de carros, pista de pouso para helicópteros. Sua superfície abrutalhada condiz com sua função: ele é um navio de guerra, do tipo feito para causar estragos.

Meu interesse gira em torno disso, estragos. O que o comandante falará comigo quando finalmente — e essa hora vai chegar — precisar conversar sobre o que aconteceu? Ele *falará* sobre o que aconteceu?

A ideia de passar com ele quatro dias entre as mesmas paredes e dois meses na mesma ilha alimenta um fogo em mim que eu não desconfiava ter. Eu deveria estar tensa — eu estou —, mas estou outras coisas também. Excitada, curiosa. Durante todo o tempo que observamos os helicópteros serem trazidos à bordo perto da Bacia de Campos, meus olhos varrem o deque atrás dele.

Ele não está à vista.

Retornamos à cabine suados e exaustos depois do procedimento. Tomo banho, olhando desanimada para as roupas que coloquei na mala para a viagem. Propositadamente, eu trouxe tudo de antissexy que eu achei no armário. O motivo? Eu encarei a permanência na ilha como ‘campo’, onde os tênis rasgam entre as pedras, as camisas mancham e os shorts esgarçam. Por que raios pensaria em trazer algo decente?

Ergo da mala uma calçola rasgada na lateral que horrorizaria minha avó. Maiôs pretos e sem atrativos, shorts surrados, infinitas blusas de malha desbotadas ou ganhas em simpósios por aí. E o que dizer do meu tênis? Eu poderia ter escolhido um que não estivesse na iminência de se esfarelar.

Visto uma camiseta do meu projeto na faculdade e completo o *outfit* com um short jeans largo que falta um botão. O tênis eu cogito jogar no mar quando passar pelo deque, mas sabendo que sentirei sua falta, guardo-o novamente. Opto por uma sandália. Eu sou a imagem que o mundo ocidental faz da mulher

brega e sem atrativos.

Enquanto eu, Cláudia e Rafael estamos revendo anotações no quarto, ouvimos uma batida na porta. Um marinheiro está nos chamando para jantar. Seguimos o garoto por corredores e escadas que sobem e descem, viram e voltam. Durante todo o trajeto até o refeitório, penso nos livros de autoajuda que Rafael adora e vive lendo.

Se você desejar muito uma coisa, ela acontece. Basta desejar com fé. Ainda que não faça o menor sentindo cientificamente, vou desejando no caminho que o comandante ache sexy camisetas de malha surradas e shorts sem botão.

Para minha surpresa, o refeitório é pequeno e nele cabe apenas um sexto das pessoas que vimos no deque lotado. Não sei porque pensei em um grande refeitório, maior até do que a largura do navio.

"Onde os outros vão comer?", Cláudia pergunta olhando ao redor.

"Praças comem em outro refeitório, senhora", o menino responde.

"Hum", ela faz que entende. "E o Capitão?"

Eu viro um tomate.

"O Capitão come primeiro, em outro lugar."

Exalo frustrada. As chances de ver o comandante em um navio que separa as pessoas por castas é mínima e improvável. Aquele homem nem precisa me evitar a viagem inteira; a hierarquia da marinha dá conta do recado.

"Há vários refeitórios espalhados pelo navio", um rapaz vestido de macacão cinza explica ao se sentar ao nosso lado. "Tenente Marcelo Machado" — ele se apresenta —, "Médico-interino da expedição."

"Stella", eu sorrio de volta. "E estes são Rafael e Cláudia."

Cláudia o saúda com educação, Rafael estende a mão.

"Vocês são os bravos cientistas da vez", ele brinca. "Espero que estejam bem instalados. Temos muito mar pela frente."

"Até agora, sem reclamações", respondo observando involuntariamente seus traços bonitos. Seu cabelo é castanho claro, levemente alourado rente à pele. Os olhos são expressivos e da cor de mel. Ele é bem menos alto e poderoso do que o Capitão, além de mais jovem. Não deve ter mais do que 25, 26 anos.

"Já estiveram em Trindade antes?", ele pergunta.

Nós três negamos. Somos todos virgens de Trindade, alguns mais virgens do que outros.

"Trindade é muito bonita. Inóspita, perigosa. Cheia de surpresas", o Tenente diz.

"Quanto mais surpresas, melhor", sorrio olhando ao redor. Cláudia se irrita com meu comentário.

"E você, Tenente? Já passou tempo lá?", ela tenta tirar sua atenção de mim.

"Essa é minha segunda temporada. É difícil conseguir vaga, a ilha é concorrida."

Nos surpreendemos em saber que há fila para servir em Trindade. Marcelo nos conta que poucos

conseguem voltar com frequência, mas que aqueles muito obstinados estão na quinta ou sexta missão.

"Também é difícil conseguir vaga para pesquisas científicas", Cláudia diz. "Há um ano negocio com a Marinha e com o Pró-Trindade minha vinda."

Rafael pede licença e anda até uma pequena mesa onde alguns pães estão dispostos ao lado da manteiga.

"E você?", Marcelo quer saber de mim. "Também está tentando embarcar há muito tempo?"

Embora Cláudia não queira que eu fale pelos próximos meses, eu respondo: "nunca imaginei que acabaria viajando para cá, embora seja o maior berçário de tartarugas que eu estudo."

"Tartarugas-verdes?"

"Elas mesmas", eu espelho seu sorriso.

"Vejo muitos biólogos do Tamar na ilha, mas é a primeira vez que encontro pesquisadores da universidade. Qual sua especialidade exatamente?"

"Cópula."

Eu geralmente aprecio a surpresa no rosto do outro quando digo minha especialidade, mas detesto a ironia daquilo. "Mais recentemente comecei a estudar a incidência de um fungo nas tartarugas que achamos perto da costa. Essa pesquisa acabou me trazendo aqui."

Rafael chega com pães em uma cesta, e eu avanço sobre um.

"Parece interessante. Fale mais sobre sua pesquisa", Marcelo pede. *Quer conquistar um pesquisador? 'Fale mais sobre sua pesquisa' é um bom começo.*

Largo o pão, animada: "as *Chelonia mydas* — nome científico das tartarugas-verdes — começaram a morrer de um fungo desconhecido há alguns anos. Foi Cláudia quem levantou primeiro a suspeita de que a causa poderia ser o excesso de um elemento químico presente na água poluída da costa. Ela já negociava com a Marinha a vinda à Trindade, justamente para estudar águas limpas, e acabou me convidando."

"Parece super interessante."

Noto que ele ganha furinhos ao lado da bochecha quando ri.

Não menciono, mas penso em como Cláudia insistiu na minha vinda. Um pouco de sua insistência tinha a ver com o meu noivado moribundo. Ela soube, muito antes de mim, que partir me faria bem. Sorrio para minha antiga orientadora e hoje colega. Acho que ela não tem ideia de como sou grata a ela.

Cláudia tenta explicar ao médico o que pretende coletar na ilha. Como as antigas nascentes de Trindade podem contar a história do que existe dentro daquela montanha, como saber detalhes sobre a água do mar pode nos ajudar na cura de algumas doenças no mundo.

Marcelo presta enorme atenção em nossa explicação. Enquanto eu, Cláudia e Rafael contamos os detalhes de nossas pesquisas, ele vibra quando entende, pergunta quando tem dúvidas.

Nós três tomamos um susto quando Marcelo olha sobre minha cabeça e seu sorriso morre. O que o faz ficar sério também o faz se levantar. Ele bate continência e diz a palavra que me transforma em um

picolé: "Capitão."

"À vontade", a voz grave o dispensa atrás de mim. Marcelo volta a se sentar, e eu escondo as mãos que começam a tremer debaixo da mesa.

O Capitão passa direto. Ele anda até o balcão onde está sendo servida a comida como se inspecionasse o lugar. Meus olhos o seguem, arregalados. O refeitório fica subitamente menor ainda.

"A gente tem que bater continência também?", Rafael pergunta baixo, e Cláudia rola discretamente os olhos.

"Vocês são civis", Marcelo responde. "Claro que não."

"Mas também não podemos nos aproximar do Capitão, né?", Cláudia força a pergunta, esperando que eu ouça atentamente a resposta.

"Se precisarem de alguma coisa, perguntem ao zero dois, o Imediato. Ele poderá resolver para vocês."

Eu ouço bem o que ele fala, Rafael claramente não. Animado com a visão do homem longilíneo e másculo que observa a cozinha, ele se levanta para pegar nossa comida. Eu continuo tentando espantar o pensamento de como seria interessante bater continência para o comandante.

Em cima dele. Sem roupa. Como devo abordar isso com o Imediato?

Reprimindo um sorriso, viro o rosto para observá-lo. Sei que, com o canto do olho, ele também percebe minha presença. Assim que termina a vistoria, anda em nossa direção. Seus olhos penetrantes estão nos meus. Nenhum sorriso, nenhum sinal de que me reconhece. Parando à nossa frente, coloca os dedos sobre a mesa como se indicasse que está falando conosco.

Eu entro em combustão interna.

"Vocês estão ok? Bem acomodados e ambientados ao Almirante Saboia?"

Sua voz me arrepia inteira, mesmo que seu rosto tenha uma seriedade sepulcral.

"Tudo perfeito", Cláudia diz tentando esconder o constrangimento. Seu pescoço está vermelho como se ela tivesse sido estrangulada.

Observo o macacão cinza que ele veste, notando o nome pregado em seu peito: Eric Saldanha, O+. A saliva desce grossa, enquanto repito mentalmente seu nome. *Eric*.

Meus olhos encontram os seus, verdes como folhas jovens. "Satisfeitos com a divisão dos quartos?", ele continua, alheio ao meu esquadrinhamento.

Tenho mil piadinhas sujas como resposta à sua pergunta, mas apenas balanço a cabeça que sim. Rafael retorna com nossos pratos empilhados sobre uma bandeja, olhando Eric com rabo de olho. Põe um prato na frente de Cláudia, outro na minha frente.

Rafael sempre faz isso. Ele nos serve, e eu costumo brincar que se ele continuar assim serei generosa em minhas avaliações quanto ao seu rendimento. Embora ele saiba que isso não vai acontecer, ele ainda assim pega minha comida.

O prato de Cláudia está cheio como se ela tivesse acabado de voltar de um campo de refugiados.

Há de tudo: arroz, salada, bife de frango, batata frita e rodela de tomate. O de Rafael basicamente contém arroz e feijão, porque ele não come nada que é verde, tenha semente, seja frito ou se mova. No meu há apenas arroz, feijão e rodela de tomate.

O comandante olha para o meu prato. "Acredito que tenha mais comida na armada, Dra. Stella. Ou não gosta do menu do dia?"

Eu me assusto ao ouvi-lo dizer meu nome. Coço o nariz, olhando para meu prato: "não como carne."

Suas sobrancelhas se unem. "Tenho certeza que vi frango em uma panela."

"Frango é carne", murmuro olhando-o. Não quero parecer engraçadinha, apenas não como carne alguma.

Ele não vê graça na frase. Seus olhos são objetos de tortura, eles tanto me furam quanto me queimam. "Você informou sua condição ao cozinheiro?", ele pergunta. "Tenho certeza de que ele pode providenciar alguma outra coisa."

"Estou bem, Capitão." Subo os olhos para encontrar os seus: "realmente bem."

Dessa vez é o comandante Eric quem fala. *Eu respondi algo parecido noite passada, você se lembra?*

"Vou passar ao cozinheiro a informação de que temos uma vegetariana a bordo", diz seco. Do jeito que fala, poderia bem ter dito 'vou passar a informação de que há alguém com ebola a bordo'.

Fazendo um sinal para o Imediato parado a poucos metros, indica a cozinha. O zero dois sai para cumprir a ordem — avisar ao cozinheiro que a partir da refeição que vem ele terá mais uma aporrinhção.

Instala-se a desconfortável sensação vegetariano-em-presença-de-carnívoros. Eu geralmente deslizo por situações como essa com desembaraço, mas me sinto no momento como se tivesse falhado em não informar ao mundo que não como bichos.

"Senhores, senhoras, bom apetite", Eric se despede sem me olhar novamente. Ouço seus passos se afastarem, segurando a respiração. Estou estranhamente frustrada. *O que esperava dele? Sorrisos safados, 'passo no seu quarto depois que bater o ponto'?*

Eu sou ridícula.

"Será que eu deveria ter informado que sou gay?", Rafael pergunta quebrando o silêncio.

Marcelo ri. "Não, não deveria. O Capitão só está interessado no bom andamento da missão. Saber de informações como essa evita problemas e deixa a viagem melhor."

"Não sei como isso poderia ser um problema", remexo meu tomate aborrecida.

"Aqui você sempre será um problema, Stella", Rafael diz, recebendo de Cláudia um chute sob a mesa. Marcelo não entende o comentário.

Durante o jantar dois outros oficiais se unem à conversa. É a segunda missão de Tenente Josué e a primeira do Tenente Valêncio, ambos responsáveis pelas áreas de tecnologia e informação. São eles que

nos contam sobre o nome 'cabritada' — sinônimo de missão, devido às cabras que circularam por séculos na ilha — e os fascínios do arquipélago remoto.

Falam sobre os milhares de caranguejos amarelos que rastejam no final da tarde, sobre a floresta de samambaias gigantes no topo de uma montanha e as temíveis ondas camelo, que aparecem do nada e já cobraram a vida de várias pessoas.

Contam também que Trindade, embora seja um posto da Marinha, tem regras mais frouxas quanto à rotina do que normalmente se espera de um ambiente militar. Tenho certeza que não se referem a flertes entre pesquisadores e comandantes.

"Temos até rodas de pagode e peladas na praia", Tenente Valêncio diz.

"Pagode e peladas na praia?", Rafael provoca, malicioso. "Uau."

Cláudia me chuta debaixo da mesa, como se *eu* fosse culpada pelo senso de humor estranho de Rafael. Não sei se o chute é devido ao pagode — somos inimigas número um do gênero — ou ao termo 'peladas na praia'. De qualquer jeito, a palavra pelada na praia me lança para longe da conversa em direção ao mundo colorido da minha imaginação.

Comandante Eric Saldanha não dá mais as caras. Voltamos a nossos cubículos, despedindo-nos de Marcelo, Josué e Valêncio. Damos boa noite a Rafael na porta, que emburra porque queria estar no mesmo quarto que nós.

Assim que entramos no quarto, lanço as sandálias para longe, prendo o cabelo em um coque sobre a cabeça e coloco pasta na escova de dente. A boca está cheia de espuma quando ouvimos a batida discreta na porta de ferro.

"Jesus, para que nos chamarão agora? Para um pagode no deque?", Cláudia reclama. Ouço virada para a pia a porta se abrir.

"Quem é?", pergunto cuspiendo a pasta e esfregando a língua com a escova. "Se for Rafael manda ele vazar porque não cabe mais ninguém nesse caixote."

Lavo a boca, enxugo-a na manga da camisa e saio do banheiro. Em choque, vejo Eric me aguardando ao lado de Cláudia.

Sua presença é massiva, estonteante. Ele preenche cada centímetro da porta, e eu sinto uma confusão de frio e calor disputando espaço no corpo. "Poderia trocar uma palavra com vocês?", ele pergunta. Sua voz rouca faz vibrar até o tutano dos ossos.

Cláudia está lívida. Tenho certeza de que se pergunta o que o traz ali. Sem dúvidas, sua vinda está relacionada à noite de ontem. Posso ver todos os seus temores desfilando na frente de seus olhos escuros — ela representa nossa instituição, tem um nome a zelar, família para sustentar. Aguarda-se dela seriedade e decoro, coisa que, sei, ela não tem.

Desconfio, no entanto, que Eric não está ali para julgá-la, e pensar nisso dispara meu coração. Passo a mão pela boca, com medo de que ainda esteja suja de pasta. Não consigo parar de olhar para ele, para as pernas ligeiramente abertas, as mãos atrás das costas. De perto seu rosto está diferente, não tem

mais a barba por fazer. Seus olhos estão infinitamente mais duros.

"Você quer falar conosco" — Cláudia aponta primeiro para si, depois para mim — "ou apenas com ela?"

Ele hesita. "Talvez com as duas", responde de maneira segura.

"Como Capitão-comandante ou frequentador de pré-cabritadas?"

Ele alarga os olhos. Parece surpreso, assim como eu, com a pergunta de Cláudia.

"Cláudia?!", eu ralho. Mas Cláudia não está disposta a se enrolar em algo do qual pode desviar. Se ela puder me lançar sozinha ao fogo, por que se queimar?

"Talvez mais como alguém... em uma pré-cabritada", ele admite baixo.

Cláudia pega seu casaco. Ao passar por Eric, comenta: "nesse caso eu me retiro, porque não me lembro de ter estado em nenhuma festa nos últimos anos."

E parte, nos deixando para trás. Eu troco o peso do corpo sobre as pernas enquanto Eric acompanha a saída de Cláudia. Ele fica um tempo assim, prestando atenção a barulhos, silencioso e atento, como se eu fosse inexistente.

Mas eu estou ali, e minha respiração me diz que estou nervosa.

Quando tudo é silêncio e só se ouve os estalos da armadura do navio, ele desperta. Pedindo licença, fecha a porta do quarto.

Eu tremeria de excitação e expectativa se não estivesse confusa. Não acho que ele está fechando a porta pelos motivos que gostaria. Mordo os lábios, estalo alguns dedos. O que ele veio fazer aqui, então? Não consigo deixar de sentir seu perfume discreto, uma mistura tentadora de cheiros masculinos — colônia pós-barba, madeira, poltronas de couro ao lado de lareiras crepitantes.

Ele solta a maçaneta e se volta para mim, mãos unidas na frente do corpo. Parece ainda mais alto do que ontem, agora que estou descalça. Quando crava o olhar em mim, minha calcinha fica molhada.

"Posso te chamar de Stella?"

Balanço a cabeça que sim, contraindo discretamente as pernas. "Esse é meu nome. E eu, posso te chamar de Eric?"

Sua cabeça balança de um lado para o outro que não.

"Não?"

"Dentro do navio eu sou comandante."

Embora as palavras tenham saído imponentes, tudo nele indica que está se desculpando. "Sinto muito", ele murmura, e acaba com a dúvida.

"Não, claro."

Claro que *não* está tudo bem, mas o que eu posso fazer? De súbito não sei mais o que fazer com as mãos. Lembro que estou com um coque ridículo sobre a cabeça e o solto.

"Precisamos conversar sobre ontem."

"Precisamos?"

Claro que precisamos, mas eu tento ganhar tempo. O calor aumenta tanto que eu balanço a blusa para fazer ar. Ele alisa o pescoço.

"Rever você foi uma surpresa", confessa.

"Foi para mim também."

Pausa.

"Por isso eu... precisava vir aqui para dizer... algumas coisas."

Eu sou toda ouvidos.

"Nosso encontro foi... casual e não premeditado", ele começa como se dissesse isso para as paredes. "Enfim, eu jamais teria entrado naquele banheiro se soubesse que..."

Só de mencionar a noite, eu colapso. Sento na beirada da cama, aperto uma perna contra a outra. Eu preciso fazer pressão ali embaixo para não explodir.

"O que eu quero dizer é que o que fizemos foi..."

Ele luta para achar as palavras. Nas entrelinhas ele está chamando o encontro de *erro*, embora de maneira branda e educada. Saber disso tira toda a minha euforia. Estranhamente, não extingue o calor no quarto, nem elimina a eletricidade do ar. Está quente e tenso.

"Foi incrível", eu digo baixo.

Ele prensa os lábios, acho que não esperava ouvir a minha opinião.

"Stella, eu jamais teria feito o que fiz se soubesse que você..."

Pausa mais uma vez. Sua falta de articulação é deprimente.

"Se soubesse que teria que me cumprimentar de manhã?", eu facilito as coisas para ele. "Ou se soubesse que eu estaria em seu navio nos próximos dias e na mesma ilha que você nos próximos meses?"

Ele franze a testa, mas não nega. Fecha brevemente os olhos, tenta de novo: "eu estou no comando, e você está sob minha supervisão. Eu não poderia ter feito com você o que... fizemos. Eu jamais teria me aproximado de você se eu soubesse que você estaria aqui. Não é permitido."

Pronto, aí estão as palavras. Seus olhos não são mais famintos e selvagens, são apologeticos. Aflitos. Eu tento me colocar em seu lugar, mas minha incapacidade natural de entender hierarquias me impede.

"Você entende a delicadeza da situação?", ele pergunta.

"Sim."

"Entende que são proibidos relacionamentos entre civis e oficiais em uma missão?"

Afirmo que sim.

"O que fizemos foi uma loucura, uma...", ele aperta a testa, e entendo de onde vem sua ruga entre as sobrancelhas.

"O que fizemos está feito, *comandante*", arrasto a palavra só para vê-lo reagir. Ele continua a aprofundar o vinco entre os olhos.

"Por sorte não *todas* as coisas", eu continuo.

Seus olhos relampejam. Memórias da noite, talvez? Eu nunca vou saber. Ele engole em seco, eu vejo pelo movimento de seu pomo de adão.

"Eu só gostaria de pedir — sem qualquer direito, eu sei — que você mantivesse aquela noite entre nós."

Claro. Você é o comandante da missão, e eu uma humilde pesquisadora...

Argh, por que isso soa tão sexy?

"Bem, Cláudia sabe", digo com um pouco de maldade na voz. Quero vê-lo suar, quero vê-lo pensar a respeito. *Deus, quero vê-lo suar.*

"Sim, eu sei. Eu me lembro da mensagem."

"Rafael também sabe."

Eric suspira e fecha os olhos, enquanto as mãos agora se movem de maneira contrária, alisando a ruga entre as sobrancelhas. "Alguém mais?"

Adoraria poder falar que sim, mas não contei para mais ninguém. "Só eles."

"Aquele noite precisa ser esquecida", ele murmura para si mesmo.

Ui.

Olho para a escotilha que já não deixa mais a luz entrar, para a cama de Cláudia, para o chão. Pedir que mantenha a noite entre nós jamais teria me aborrecido, mas pedir para esquecê-la é demais. Aqueles foram os melhores momentos da minha vida.

Ele luta para consertar o que disse: "eu não sabia que você era... é virgem. Quando você me contou que era a sua primeira vez, eu me dei conta do que estava fazendo."

Uma veia pulsa em seu pescoço. Ele parece outro homem, não o sonho que me levou às alturas há menos de 24 horas atrás. Está atrapalhado em falar sobre o fato, como se nunca tivesse falado de sexo.

Eu ergo o queixo: "quer que eu esqueça o que aconteceu? Últimas vinte e quatro horas esquecidas."

Por um segundo vejo algo de terno nele, embora a impressão não dure. Sua carranca retorna: "eu tenho muitos motivos para pedir descrição. Há coisas sobre mim que você não sabe, e uma delas é que não acho certo me relacionar com alguém na ilha, que não deixa de ser um ambiente de trabalho."

Fito a parede, no momento um lugar melhor para olhar.

"Não tenho relacionamentos em lugar algum, na verdade", ele continua como se dissesse aquilo para si. "Mas, principalmente, não aqui."

Eu não tenho ideia do porquê me diz aquilo. Será que acha que eu ficaria no seu pé, atrás de um relacionamento? Chega a ser ofensivo que ele ache isso de mim.

"Ok", eu dou de ombros. Eric exala. Não há mais nada a falar. Ele veio até aqui, pediu o que queria, eu disse que concordo. Ele coça a sobrancelha, ajeita a postura. Parece não haver mesmo mais nada a dizer, mas ainda assim, não parte.

Vai embora.

"Não se preocupe comigo, Eric. Não trarei problemas. Não falarei sobre a noite com ninguém, e é claro que não *esperarei por um relacionamento*.", digo a última frase como se ela fosse ridícula — ela é. Lanço um sorriso falso, sentindo vontade de esbofeteá-lo.

"Como eu te disse, noite esquecida."

Ele me olha sob os cílios por tanto tempo que meus pensamentos se embaralham. Quando fala, seu tom é inclassificável: "sequer cruzou minha mente que você me causaria problemas."

"Como assim? Você está aqui para me alertar para isso."

"Você entendeu errado", ele solta ríspido. Seus olhos esfriam, endurecem: "apenas mantenha distância de mim."

E dizendo isso, sai batendo a porta.

Eu demoro para me recuperar de suas últimas palavras, olhos arregalados, louca para mandá-lo para aquele lugar. O que ele quis dizer com *você entendeu errado*? E como assim, mantenha distância de mim?

Que bicho mordeu esse homem?

Quero voltar no tempo e repassar os últimos minutos, quero entender as entrelinhas daquela conversa. Que motivos, outros que não os óbvios, o fariam pedir para que eu o esquecesse? Por que ele mencionou *relacionamentos*? O que achou que eu fosse, uma virgem procurando um marido dentro do banheiro de uma festa? E que raios quis dizer com 'sequer cruzou mente que você me causaria problemas?'.
Quem mais causaria problemas?

Eu não entendi errado, Eric — eu simplesmente não entendi. E porque não entendo, suas frases latejam na minha mente muito depois de ele ter sumido. *Não tenha dúvidas que mantereí distância de você.*

Não esqueço



Stella

Não quero conversar com Cláudia quando ela retorna. Não quero falar nada, apenas ficar quieta. Fechada dentro de uma concha, em silêncio.

Quando ela ronca alto e tudo que ouço são ruídos distantes de ondas contra o casco, volto à noite passada. Eu me sinto desobediente por não esquecer. Tiro enorme prazer em rememorar toda a cena em cores, em adicionar ainda mais sons e detalhes às lembranças. Ele quer que eu a esqueça, mas eu o desafio lembrando.

Penso na sensação efervescente quando ele me toca. A trilha de beijos que desce de minha boca até o decote, meus olhos fechados enquanto respiro com dificuldade. Ele me quer presa à parede. Encaixada em seu abdômen, com os seios na frente de sua boca.

Eu não acredito na reverência em como me olha, na expressão decidida e experiente, de quem sabe o que fazer, como fazer. E sabe. Sua boca está em mim, meus gemidos e os dele se misturam.

Eu enlouqueço segundo após segundo. Estou entregue, assustada com a velocidade em que chegamos ali, com minhas forças sendo sugadas enquanto vejo sua cabeça entre meu peito e sua boca presa na minha pele.

"Você é tão deliciosa", escapa dele ao mesmo tempo que move a língua.

Minhas mãos estão em seu cabelo, em sua nuca, em seus ombros. Eu abro e fecho os olhos mergulhando e emergindo do êxtase. Tento beijar seu pescoço, mas ele não deixa.

Encosto a cabeça na parede, e tudo que sinto por um longo tempo é prazer.

Excitado, ele me larga. Eu gemo agoniada, querendo mais. Em um ímpeto, ele me abaixa e depois me coloca novamente onde eu estava — montada em seu quadril. Ele leva as mãos até a minha coxa, seus olhos cheios de ideias, os dedos fortes apertando a pele acordada.

Com olhar lascivo, ele rasga a minha calcinha.

Eu tomo o maior susto da minha vida, mas antes que possa emitir qualquer som ele tapa minha boca com a sua. Olho-o durante o beijo, sobressaltada. Sua boca pressiona a minha para que eu não fale, apenas continue a me mover. Sua ereção e minha pele friccionam contra a outra, separadas por poucas camadas de roupa.

"O que você está querendo, minha ruivinha?"

Oh, eu tenho uma lista.

Gosto do modo como me chama de 'minha'. Não tenho condição de dizer nada, e se tivesse diria siga em frente. Mas acho que subentende-se isso pelo meus movimentos.

Seu dedo procura minha parte mais íntima e entra em mim sem perguntar se pode. Pressiono a boca contra sua pele para não gemer alto. Mais alto. A penetração é breve. Ele volta com o dedo enquanto fala besteiras no meu ouvido.

Eu me arqueio, me contraio. Meus braços ao redor de seu pescoço afrouxam.

"Gostou?", pergunta mordendo o lóbulo da orelha. Eu faço que sim. Ele me ajeita, troca de dedo. Meu êxtase é tanto que ele se afasta para me observar.

Ele gosta de observar. Como se tirasse imenso prazer em olhar, olhos pesados, boca entreaberta. Devo ser um show e tanto, porque tudo em mim responde aos seus toques, tudo indica que quero continuar. É tudo delicioso, sensual, embriagante.

"Você é linda", ele sussurra enquanto move o dedo dentro de mim, o suor cobrindo sua pele como uma película, seus olhos reluzentes nos meus quando eu respondo entre arfadas: "sou?"

"Demais", ele olha ao redor de meu rosto, os movimentos do dedo constantes, explorando todas as fendas e picos.

Durante o tempo em que fala comigo, eu fraquejo e estremeço. Chega uma hora que não consigo mais respirar. Eu ondulo, pulso. Não respondo o que ele pergunta, concentrada no ritmo que dita minhas contorções. Suprimindo um gemido, fecho os olhos.

Algo cresce em mim, contrai minhas terminações, parece se acumular. Estrelas tilintam sob a pele, a cabeça cai para trás contra a parede. Ele aumenta a frequência do movimento. Beija meu pescoço, morde minha pele, sorri encostado nela quando eu me contorço a ponto de me desequilibrar. Eu sou arrebatada por uma ânsia incontável de tê-lo inteiro nas mãos, de dar a ele o mesmo prazer que ele me dá. Eu quero senti-lo em mim.

Reajo, voltando a olhá-lo. Disputando espaço entre minhas coxas, solto seu cinto vendo sua barriga subir e descer, as costelas aumentarem de tamanho, os músculos retesarem, quentes, prontos. O cinto abre, a calça se desajeita na cintura. O V perfeito onde acaba sua barriga me alucina de vez.

"Tira", ele manda com voz profunda. O zíper desce, eu abaixo sua calça enquanto ele interrompe a tortura doce que faz em mim para deixá-la cair.

Ele me põe no chão.

Eu visto apenas a saia enrolada na cintura e salto alto. Encosto languida na parede, arrebatada e descabelada, mal conseguindo me segurar em pé enquanto ele tira um pé da calça, em seguida o outro. Logo tudo que veste é uma cueca branca que pouco esconde o que me aguarda. *Meu Deus, ele é divino. Todo, divino por inteiro.*

Pouso as mãos ali, nele. Ele abaixa o rosto e roça a barba crescida na minha pele. Com um beijo

em meu pescoço, eu o aperto. Sobre o tecido ele é puro aço.

Perfeito.

De supetão e sem avisar, ele me segura pelos braços e me vira. Me pressiona contra a parede, meu rosto agora em contato com o azulejo.

"Quero ver você inteira", ele cochicha em meu ouvido, e sua intensidade me choca.

Seus dedos me imobilizam quando minhas pernas mal me amparam. Beijos continuam na minha nuca. Ele pressiona o corpo contra o meu, encaixando-se a mim. Morde meu pescoço, grunhe em meu ouvido, segurando o lóbulo macio de minha orelha na boca. Eu quase enlouqueço quando ele me suspende — ele é bem maior do que eu —, e me encaixa nele, perguntando baixinho se eu quero mais.

Minha resposta vem a galope: "quero."

Ele tira meu cabelo das costas e o acomoda sobre um ombro, onde passa a morder a pele na linha do cabelo. Estou com a face colada à parede, os seios amassados contra a superfície fria. Suas mãos me acariciam inteira, costas, braços, nádegas, mas sua boca quer me castigar.

Ele segura em minha cintura, e sem que eu veja seu rosto, ordena: "abre as pernas."

As pernas quase cedem. *O que ele vai fazer?* Não consigo ver, estou de costas.

Ele espalma minha cintura, minhas pernas. Ele está com muito tesão, mas por algum motivo quer que tudo seja lento. Ele quer me satisfazer. Ajoelhando-se, coloca o rosto na altura da minha bunda.

"Eu quero lamber você."

Arregalo os olhos. *Ele disse que quer me lamber?* Ele abre minhas pernas. Uma chicotada úmida percorre lenta em linha reta, deixando em mim um rastro de fogo.

Ele me deu uma lambida lá!

E o gesto se repete, de novo e de novo, suas mãos segurando meu quadril, me forçando a ficar parada no lugar. "Seu gosto é uma delícia", ele diz, e o azulejo é o único que me vê sorrindo.

Aquilo é uma tortura, um suplício agonizante. Ele sabe o que eu tenho ali dentro, sabe o que tocar. Eu esqueço quem sou, onde estou, qual o meu nome.

Nunca senti isso antes. Eu entreabro a boca e gemo alto explodindo em um orgasmo tão forte, tão intenso e prolongado que desapareço por uns instantes dali, do mundo, para flutuar entre as estrelas.

Quando volto, desfaleço. Ele já está de pé e me segura de frente. Volta a me prender, seus olhos querem saber tudo sobre meu prazer.

Sua boca tem o meu cheiro, e seus olhos — *ah, seus olhos*, eu penso dopada — me olham como se o prazer tivesse sido todo dele.

Afundando o rosto em meu pescoço, ele acha um pedaço de pele escondido entre a orelha e a clavícula e ali ele me chupa com força, intencionalmente me deixando sua marca. Eu sorrio, mole e feliz por ter uma lembrança daquele momento. Uma tatuagem efêmera, finita, de um momento mágico. Um roxo erótico marcado na pele — como eu diria não?

Quando seus lábios me soltam, ele se afasta. Suas mãos me envolvem em um abraço quente e

suado. "Foi bom para você?", brinco, sôfrega e saciada, sorrindo um sorriso pós-gozo.

Sua íris está dilatada, um grande círculo negro tapando o verde da paisagem: "está sendo bom para mim desde que você me disse oi."

Eu tenho certeza de que fico corada.

O volume dentro de sua cueca me pressiona uma, duas vezes. Seus olhos brilham, à espera. Claro, ele me levou ao céu, é hora de fazer o mesmo.

Eu quero isso. *Céus, eu quero*. Levo as mãos até sua cueca. Passo os dedos pela borda da malha, tudo ao redor e dentro de mim em suspenso. Acaricio, espalmo-o com delicadeza, mas não sei o que fazer a partir daqui.

Não sei como continuar. Não sei como dar o prazer a ele que ele me deu. Não quero decepcioná-lo. Não posso.

Eu entro em desespero.

Seus olhos se apertam: "você está com frio?"

A temperatura é de mil graus dentro do banheiro. Entre minhas pernas a temperatura é a do centro da terra. No entanto, eu estou tremendo.

Balanço a cabeça que sim, que estou com frio, sem coragem de dizer que estou tremendo por outro motivo. "Continue, continue", forço adiante. Aperto-o sobre a cueca, mas não passo dali. Eu não sei como, eu não posso decepcioná-lo.

Eu sou uma fraude.

"Vem aqui", ele fala. Suas mãos estão nas minhas costas, apoiadas na parede para que ela não encoste na minha pele. Minhas pernas voltam a se enrolar em seu quadril, como se ali estivessem seguras.

"Eu tenho proteção na carteira."

Começo a tremer mais forte. A respiração fica ofegante, as mãos tremem, as pernas tremem. Toda a minha estrutura parece gelatina, e ele me força a olhá-lo.

"Eu fiz alguma coisa errada?"

"Não", eu digo tão rápido que o assusto. "Você foi perfeito, é só que eu... eu quero muito continuar, mas não sei como."

"Como assim?"

"Eu não... você sabe."

Mordo os lábios vendo-o escanear minhas feições.

"Não sabe colocar a camisinha?"

Putz, mais isso agora. Fecho os olhos, exalando um não desanimador. Demora alguns segundos para ele entender. Então a ficha cai, e ele me pergunta parte interessado, parte surpreso: "Você nunca..."

"Nunca."

"Você nunca fez sexo?"

E é nesse instante que o perco.

Por quê, não sei. Não estou dizendo que não quero fazer, apenas que *não sei* fazer. Deve haver uma técnica, ou uma dúzia delas. *Me mostre o caminho, por favor.*

Ele demora a reagir. Olha fixamente para meu rosto, tira uma mecha de cabelo da frente dos meus olhos. Me põe no chão e fica próximo, mas não mais colado a mim. Eu não sei para onde olhar. Os azulejos voltam a incomodar, subitamente tenho vontade de me cobrir.

"Isso não está certo."

Enquanto fala, se abaixa para pegar meu sutiã.

Eu não estou doente, eu apenas não sei como continuar. Eu posso tentar. Ainda assim, não digo nada disso, apenas pergunto: "o que não está certo?"

"Isso."

Ele olha para o meu corpo, em seguida para as paredes.

"Assim."

"O que quer dizer? Que existem maneiras melhores de se fazer isso?"

Não preciso dizer o que é isso, ele sabe que isso é *perder a virgindade*.

"Céus, quantos anos você tem?", ele parece subitamente preocupado com a minha idade.

"25", digo colocando mortificada o sutiã.

"25?!"

O modo como diz 25 é ofensivo. Como se eu tivesse dito 50, ou 15.

"Isso não está certo", ele repete como se tivesse acabado de ser promovido a gerente da virgindade alheia. "Não depois de beber, não em um banheiro. Principalmente não com um estranho."

Eu fico indignada: "achei que coubesse a mim decidir com quem, onde e quando."

"Bem, estou com você aqui. Cabe a mim decidir também."

Eu coloco o top que ele me estende, frustrada. Abaixo a saia irritada por não ter mais calcinha.

"Eu não reclamei. Só não sabia como continuar."

"Você deveria ter mais juízo", ele me repreende.

Balanço a cabeça já com a mão na maçaneta. *Foi porque tive juízo que agora agarro idiotas em banheiros apertados.*

"Tem que ser especial", ele ainda tenta.

"Eu achei que estivesse sendo", digo deixando-o para trás.

Iceberg



Eric

Fecho a porta de sua cabine e espero por alguns segundos aquela sensação estranha passar, a de que chego confiante em um lugar, mas levo uma rasteira sem esperar. Tento organizar os pensamentos — as emoções, caóticas demais, escondo em algum lugar para lidar com elas depois.

Eu fiz bem em vir aqui. Nossa colisão é inevitável, eu preciso amenizar os estragos. Por isso me apresentei logo que a vi sobre o deque — ela precisa saber que está sob meu comando tanto no navio como na ilha. E por isso venho ao seu quarto — ela precisa ser discreta sobre a noite passada e manter distância.

Aí está o problema. Eu mesmo assim colido contra ela.

Sensações se chocam com palavras, vontades contradizem decisões. Saio de seu quarto mais confuso do que quando entrei, com as mandíbulas tão travadas que estalam. Pego o corredor e viro à direita, onde Sérgio me aguarda.

"Vamos", eu digo, e ele me segue sem fazer perguntas.

"Está tudo bem, Eric?", ele questiona mais à frente.

Sérgio só me chama de Eric quando parece estar preocupado comigo.

"Não", eu rosno de volta. Viro à esquerda e, ao passar por um corredor, Marina me avista.

"Eric!"

Ela corre para nos alcançar, já que não paro. Saltita ao meu redor, mas ao ver meu olhar, se corrige: "*comandante* Eric."

"Tenente."

Eu a cumprimento sem espelhar o sorriso cúmplice. A essas alturas, ela deveria saber que não sou exatamente afável no trabalho, mas ela parece surpresa. "Está tudo bem?", ela pousa as mãos em meu braço. Eu a olho de maneira tão dura que ela tira as mãos. Sérgio finge não ver.

"Tenho trabalho a fazer, Marina. Dá licença."

Deixo-a para trás. A irritação cresce, expande pelo tronco, membros, pernas. Eu sei que bufo como um touro bravo. Não pretendia ter Marina ao redor por quatro meses. *Quatro meses!* O que ela achou, que estávamos saindo de férias?

Com ou sem Stella — inegavelmente um elemento surpresa —, eu já sabia que Marina seria a

pessoa mais evitada durante toda a perna. Mas não quero pensar *nesse* problema no momento. Esfrego a testa, pensando no fim da noite passada.

Em como Stella ficou frustrada porque a rejeitei. Eu não reajo bem a garotas desvirginadas em situações de risco. Eu poderia ter contado a ela os porquês, mas não contei. Revisitar o passado doeria e exigiria palavras. Dá menos trabalho magoá-la e pedir que mantenha distância. Simples, certo?

Minha dor de cabeça lateja o contrário. Ao me retirar de seu quarto, deixei a impressão de que era *ela* o problema, quando na verdade *eu sou o problema*. Eu sou a minha ameaça. Nunca me deixei levar por impulsos assim, mas Deus é testemunha que eu quis, desde o momento em que a vi, devorá-la.

Até agora não acredito que me afastei no último minuto.

A explosão de instintos, aparentemente incontrolável, geralmente me transformaria em uma locomotiva ladeira abaixo. Pouca coisa alteraria o rumo da noite, talvez apenas as três palavrinhas mágicas: "eu não quero." Essas três palavras me fariam parar. Talvez desacelerar, ajustar ao ritmo desejado.

Quantas vezes me deparei durante a vida com situações assim? Em que achava que estava bom para mim, mas não estava para a outra pessoa? Todo homem ouve, eventualmente, as três palavras. O modo como responde a elas diz muito sobre ele.

Eu só não esperava adicionar ao pequeno rol de palavras mais uma: *virgem*. Não tinha ideia de que, ao ouvir que ela era inexperiente, eu congelaria. Virgem, bêbada, em uma festa? Não, obrigado.

E no mais, ela parecia tão frágil. No modo como me olhou, no toque leve e receoso. Como quando pousou os dedos no meu peito e o inalou, fechando os olhos. Ela não sabe, mas seu gesto me fez sorrir.

Desde que a toquei sabia que seria diferente. Tentei o tempo todo agradá-la. *Por quê?* Eu me pergunto subindo e descendo escadas.

O que explicaria a sensação, ao roçar os lábios nos seus, de sentir uma vida esquecida retornar? Pequenos prazeres perdidos, desejos desaprendidos, diversões negligenciadas por tempo demais? Seu beijo tinha gosto de quadros pendurados na parede, de amores quiméricos entre personagens inesquecíveis da infância.

Às vezes a cabeça retornava ao lugar e eu voltava a ser quem sou. Bruto, mandão, acostumado a anos de sexo descompromissado. Eu a mordi, exagerei no chupão, estava afoito e insatisfeito com a distância entre nós, que não parecia nunca zerada. Seu cheiro, meu Deus, era uma loucura à parte. Ela cheirava a morango e calcinha molhada. Eu queria metaforicamente comê-la.

Coço a sobrelanceira, entrando na cabine, me questionando quão longe estou do menino que ainda mela as cuecas. "Capitão, posso responder à essa mensagem?", alguém pergunta. Preciso ler três vezes a mensagem antes de entendê-la. Respondo que sim, o oficial se afasta, e os pensamentos retornam a ela.

Stella é uma variável inesperada, um iceberg no curso de um navio.

Endureço durante o resto do dia, desempenhando a rotina de mau humor, canalizando minha

raiva para o trabalho.

Chega a noite, encerro as atividades e passo o leme para o segundo oficial. Eu me recolho na cabine sem jantar. Não tenho fome, não quero encontrar Marina. Irritantemente, Marina ocupa boa parte de meus pensamentos. Quando me disse, nua entre meus lençóis depois de uma noite tórrida, que tinha uma surpresa, eu congelei de tal maneira que ainda hoje consigo sentir as extremidades geladas.

Pensei que ela fosse me dizer que estava grávida. Um pensamento incoerente, já que jamais transamos sem camisinha. Jamais, principalmente depois que soube quem ela era. Naquele dia vi o que seria a história de minha vida passar na frente dos olhos.

Militar casa-se com filha de militares, e ambos destroem-se mutuamente durante anos de casamento ruim e sem amor. Essa é a história resumida da vida de meus pais, a que escrevi para mim uma vez e que estou para escrever novamente. Uma espiral que parece nunca ter fim.

Amor, eu balanço a cabeça no escuro. Não sei se sou capaz de sentir isso. Meu peito se mostrou um lugar vazio outras vezes.

Dos 28 aos 30 anos fui casado com uma moça que também trabalhava na corporação. O casamento me roubou anos de minha vida e destruiu anos da vida dela. Embora não tenha sido um amor fenomenal, ela era um porto seguro. Familiar, estável, de quem eu sabia o que esperar.

Durante o casamento, eu matei cada um de seus sonhos, frustrei cada um de seus desejos, correspondi a todas as suas baixas expectativas. Mês após mês, eventos após eventos, até que só sobrou a sombra da garota que ela foi um dia.

Ela passou a não sorrir mais. Sua tristeza virou revolta, transformou-se em desespero, culminou em desprezo. Eu nunca a traí nem nunca a amei. Quis a ideia do que ela poderia ser um dia — alguém que eu poderia vir a amar, que parecia precisar de mim. Por sorte, ela conheceu alguém melhor, nos separamos, e eu não deixei saudades.

Daquela experiência só sobrou um ensinamento: há algo de covarde em matar um sentimento tão nobre. É como ser o caçador que abate um ser majestoso na selva. É o desprezo pelo que é belo em seu estado mais puro, covardia camuflada de bravura. No fim do relacionamento, só havia estilhaços e um sentimento morto.

Eu? Eu ainda tinha a arma na mão. Não houve quem se compadecesse de mim, ninguém se compadece de covardes. Quem mata algo nobre só pode ser um monstro disfarçado.

Decidi depois do divórcio que nunca mais me envolveria. Certas pessoas são estruturas deterioradas demais, não dá para recuperar as ruínas. O melhor é deixá-las tombar com o tempo, ver a grama cobri-las, e um dia quem sabe virar um terreno sobre o qual outros possam passar sem tropeçar.

E então, após dezenas de casos curtos e sem relevância, me envolvi com Marina. Nos entendemos na cama, ela parece gostar de meu modo de fazer as coisas. Eu sei ser um bom amante, só não sei ser um bom par. Pelo jeito Marina discorda de mim.

Talvez eu não tenha dito suficientemente que ela não deveria ver minha esquiva como pessoal.

Que não deveria vê-la também como desafio. Não sou um desafio, minha esquivas não é um convite para a luta, eu não tenho interesse em mudar.

Ela não parecia querer algo sério comigo, me garantiu que não tinha planos. Concordou com meus termos e por isso passamos bons meses juntos. Não deveria ser complicado.

Aí veio a notícia.

Congelado a seu lado, minha cabeça revisitava cada uma de nossas transas, tentando achar uma brecha na segurança. "Também vou para Trindade na missão de abril", ela disse vibrando de alegria. Eu demorei a entender.

Marina jamais quebrou nosso código de manter distância durante a semana, de nos procurarmos apenas ocasionalmente. Não era possível que ela estivesse me dizendo que iria comigo — na *minha* missão — para o Posto Oceanográfico da Ilha de Trindade.

"Não pode ser, não há mais lugar."

"Eu mexi meus pauzinhos."

Tentei me afastar, precisei controlar a raiva. Andava cauteloso com minhas reações na frente dela, dado quem seu pai é e de quantas e inúmeras maneiras ele pode me ferrar.

Busquei dissuadi-la. Gentilmente, disse que o ambiente não é propício para romances. Ela disse que quem estava pensando em romances era eu. Que ela é uma profissional que já foi várias vezes para Trindade, que estar sob meu comando a agradava e que eu deveria aceitar sua alocação. Pensei em desistir, mas não tive coragem de informar minha desistência. Só me restou aceitar.

As condições, contudo, eram minhas.

Não haveria encontros românticos na ilha. Por respeito aos outros homens, solitários e saudosos, respeitaríamos todo código profissional e ela não me cobraria tratamento especial. Eu era sua autoridade, e ela obedeceria. Marina aceitou, mas eu não consegui mais relaxar.

Agora, como punição para todos os meus erros somados, aparece Stella. Nesta mesma embarcação, está uma garota que me faz sentir uma ameaça a mim mesmo. Quem precisa de inimigos quando seu corpo decide se amotinar contra você?

Deito na cama apenas de cueca, olhando para as paredes que, devido às sombras da noite e ao reflexo da lua, se transformam em telas azuis. Eu pedi que ela esquecesse, mas sou eu quem não consegue esquecer a visão de seu corpo quando lanço sua roupa ao chão. A admiração por cada curva, cada centímetro de pele.

Eu nunca sonhei, enquanto me masturbava de noite, com seios de artista pornô ou bundas de mulheres-fruta. Eu sonhava com traços delicados, peles macias. Curvas frágeis, para que pudesse pegá-las com medo de quebrar.

Procuro me convencer, sentindo a ereção, que Stella vai passar. Que em pouco tempo eu a ignorarei na ilha, ela será uma das muitas pesquisadoras que passam pelo lugar. Fecho os olhos tentando me masturbar para relaxar. Penso no banheiro, em quando solto sua lingerie e envolvo seu corpo com as

mãos.

Lembro-me de como se entrega, como se arqueia. Ela é toda perfeita. Lembro-me das carícias na pele escondida sob a camiseta. Da textura dos seios arrepiados sob as palmas.

Tiro sua roupa e por um único segundo volto a ser menino, um adolescente deslumbrado com a visão da primeira nudez.

Ela tem os seios mais lindos que já vi na vida. Nem grandes, nem pequenos; arredondados. Os mamilos, inchados e de uma cor que pouco contrasta com a pele alva sem marcas de biquíni, lembram morangos.

Eu mergulho nas memórias enquanto movo as mãos, olhos fechados, cabeça na festa. Solto um grunhido na cabine escura.

Sua entrega me deixa louco. Uma parte de mim desaba, cai por terra, como uma geleira que se parte do todo e despenca no mar. Digo que ela é deliciosa, e ela é. Ela me afaga, sem saber que eu fico por um tempo assim, olhando para ela, perdido, imaginando como seria se nunca mais a encontrasse.

Eu a mordo, quero puni-la, quero vencê-la. Ela se debate em meus braços, mas nos lábios, entre gemidos roucos, há resquícios de um sorriso. E rápido assim, como se ela fosse um tipo novo de droga, vicio nela.

Acho que digo a ela que é linda.

Escapa sem querer da boca, quase um gemido. Eu não sei exatamente o que me deixa louco, mas porra, eu estou louco. Eu sou o idiota que quer excitá-la de todas as maneiras e observá-la enquanto geme, esquecido que tenho uma parte da anatomia negligenciada e latejante dentro das calças. Embora eu a olhe em êxtase, ela não presta atenção em mim. Ela responde apenas às sensações que a dominam e amolecem, que a deixam bamba rente a um precipício.

Aumento a velocidade da mão. Penso nela, no gosto que ela tem. Provo seu gosto, e ela goza, enlouquecida.

Eu a ganhei ali, ela é minha. Não tenho seu nome ainda; com mais um orgasmo, eu terei seu telefone.

Mas aí ela começa a tremer.

Acho que está com frio, só que seus olhos estão enormes no rosto, sem jeito, sem querer parar nos meus. Demora um pouco até que eu entenda que ela é virgem. Em um segundo, a mão da garotinha ruiva está na maçaneta; no próximo, ela inteira não está mais lá.

Abro os olhos na cabine vazia.

As sensações boas que me envolviam se dissipam com as últimas lembranças. A mão interrompe o que estava fazendo, sem vontade de continuar.

Se tivessem me dito que toda aquela química teria desembocado no evento final, eu não teria acreditado. Ela não teria me perdido da mesma maneira se tivesse me contado que tinha lepra. Mas virgem? Eu lidaria com uma leprosa com mais maestria.

O passado retorna como um redemoinho, remexendo sedimentos assentados há muito tempo. Eu tenho um problema com garotas virgens e caras sem vergonha, simplesmente tenho.

Desisto de me aliviar, frustrado demais.

Mas, maior do que minha frustração, é descobrir, ali, deitado no meio do mar, que eu não faria absolutamente nada de diferente para mudar aquela noite. Se eu não tivesse interrompido a loucura no banheiro com Stella, eu teria consumado um ato significativo demais e que poderia — é sempre possível — causar danos irreparáveis.

Quanto tempo tenho até ela descobrir quem Marina é?

Quanto ela demoraria para descobrir quão insensível eu sei ser?

Corrida um

Stella

"Bom dia, Hipo!"

O som alegre me faz contrair na cama. Lá fora os primeiros raios do dia invadem a cabine pela escotilha. O barulho continua surdo e ecoante, um *chuá-chuá* de casco cortando o mar.

"Que merda é essa?", Cláudia tira o tapa-visão da frente dos olhos. "Você ouviu um grito?"

Ouvimos em seguida a voz animada do Imediato: "o céu hoje está completamente cinza, sem vestígios de azul no horizonte. As condições do tempo estão inteiramente desfavoráveis para nossa viagem! Apenas imprevistos no horizonte! Não saiam no deque sem salva-vidas ou sozinhos; de preferência não saiam!"

Eu olho para Cláudia com os olhos semicerrados. A voz disposta, o completo oposto de nosso humor, continua: "o cardápio do dia para quem come carne é lasanha e salada. Não se preocupem, vegetarianos, temos ovos!"

Tombo de volta na cama, Cláudia grunhe algo como 'quanta consideração'. Em seguida, a voz de Michel Teló ribomba ao redor, acompanhada por passos que ecoam por todas as paredes, como se todo mundo sapateasse sobre latas.

"É o toque de alvorada mais estranho que já ouvi", comento limpando a baba que cai no travesseiro. Um toque inusitado, definitivamente mais durante uma alvorada. Os olhos estão pregados de cansaço, ardidos. A sensação é a de que acabei de fechar os olhos e precisei abri-los novamente.

"Que alvorada? Alvorada, alvorada?", Cláudia entoa para se certificar que está ouvindo certo.

E enquanto reclama que nem longe das crianças consegue acordar tarde, vai arrastando os pés até o banheiro e tranca a porta. Continuo ouvindo apitos e passos, me perguntando se estou realmente ali, dentro de um navio, zarpando rumo a uma ilha remota sob o comando de um homem que me mandou ter mais *juízo*.

Escovamos os dentes tropeçando uma na outra e colocamos roupas quentes — o vento açoita as ondas do lado de fora, a impressão é que vem por aí uma tempestade.

Batemos na porta de Rafael, espantando-nos com seu estado. Seu cabelo parece irremediavelmente em pé, congelado em um só lugar. Ele não se incomoda e nos segue assim, amarrotado

e sonolento.

Olho para Cláudia e Rafael estranhando algo. Ou sofro de labirintite, ou tem alguma coisa errada com o chão. Quando encontro uma porta que dá para o deque, arrisco colocar a cabeça para fora. Um oficial me vê espiando e chama a minha atenção, dizendo que não posso sair porque o navio está inclinado demais.

"Inclinado como?"

"Inclinado tipo prestes a naufragar", ele diz sem floreios.

Fazemos uma careta conjunta. Antes de fechar a porta, observo pela escotilha que não há nada no horizonte, apenas o céu e ondas que erguem-se e dissolvem-se chacoalhando a embarcação.

Muitas ondas; o barco é uma balança. Andamos pelos corredores segurando nos corrimões, como se estivéssemos em uma enorme gangorra. Ouvimos alguém dizer que a inclinação do barco é de 30 graus e subindo. "Um pouco mais e podemos virar", nos informam sorridentes como se tivéssemos condição de achar aquilo engraçado.

O café da manhã é servido rapidamente, todos precisam correr para seus postos e estar preparados para a situação. Que situação? Eu e o resto dos civis não sabemos. É minha primeira vez em um barco, mas a tensão presente não precisa ser explicada. Ninguém conversa ou olha para os lados. Como um pão integral com queijo e bebo café. Assim que a comida entra, quer sair. Volto para o quarto mareada e abatida, desejando apenas que o enjoo passe. Que o barco não vire é uma preocupação secundária.

O gemido dolorido ao lado indica que Cláudia não está melhor do que eu. "Foi muito bom conhecer você", ela diz com o antebraço sobre a cabeça, o outro braço largado quase tocando o chão.

A batida na porta é respondida com grunhidos de 'vai embora'. "Devem estar chamado para algum tipo de rotina idiota. Por que não soam logo esse apito, jogam os botes no mar e nos deixam em paz?"

"Não fala besteira", digo me levantando com dificuldade. Cambaleio até a porta, sentindo um nó na boca do estômago. O Imediato — o homem que vejo sempre ao lado de Eric — está parado na frente da porta, pernas entreabertas como todos parecem preferir, planilha na mão.

"Senhoras, o comandante quer saber se estão bem."

"Assim que ele endireitar esse navio eu respondo", Cláudia grunhe da cama.

"Estamos *bem mal*" — eu respondo civilizadamente —, "enjoadas."

"Entendo. Estamos passando por uma tempestade."

"Jura?", Cláudia solta.

Eu rolo os olhos, tentando ser amigável com o amigo de Eric. "Agradeça ao comandante, é muito gentil de sua parte se preocupar conosco."

Lembro-me do menu do dia, agradeço pelos ovos: "e por se lembrar dos vegetarianos, claro. Ovos são sempre bem-vindos. Quanto à turbulência, precisamos botar cintos de segurança?"

O Imediato me olha como se eu fosse uma idiota. Eu subitamente me sinto meio idiota por perguntar aquilo. "Você sabe, tipo... zona de turbulência, cinto, salva-vidas, essas coisas?"

Ele franze a cara. "Não, senhora. Apenas fiquem em seu quarto. Ordens do Capitão."

Ordens do Capitão. Quero ironizar, mas ironia não casa com enjoo.

"Tenham um bom dia", diz se virando. "Ah, antes que eu me esqueça. Passaremos para uma revista no fim do dia. O comandante também pediu para avisar."

Cláudia dá sinal de vida. "Como assim, revista?"

O homem responde, mas não consegue vê-la atrás da porta. "Alguns itens não são permitidos na ilha, senhora. Sementes, plantas, animais", ele abaixa o tom antes de continuar. "Entorpecentes, bebidas, cigarro."

"Não nos revistaram quando entramos?", eu estranho. Lembro-me de uma penca de cachorros cheirando tudo antes do embarque. Zero dois não responde. Cláudia se joga novamente na cama, desgostosa.

O Imediato se despede e eu fecho a porta. Assim que Cláudia ouve o trinco se fechar, levanta-se como se o enjoo sequer tivesse existido. "E agora, Stella? Nosso Bourbon? Nosso cigarrinho da madrugada?"

Eu esfrego o rosto, irritada. "Vai ser tomado, oras!"

"Você não pode fazer nada? Usar da sua...", ela procura a palavra.

"Vagina?", eu pergunto irônica.

"Não, sua *situação* com o comandante. Para salvar nosso uísque."

"Tipo fazer chantagem, 'libera o uísque senão conto para todo mundo que você não quis me comer'?"

Eu me jogo na cama também. "Vamos ter que passar a temporada sóbrios."

Nós duas tapamos o rosto com as mãos, o enjoo dando vez à irritação completa. "Eu prefiro morrer", ela diz dramática e se vira para a parede. "Me acorde em junho, por favor."

O dia inteiro navegamos como se fôssemos um João-bobo ao vento. Ninguém sai do quarto. Rafael se junta a nós, se espreme do meu lado na cama e diz que se for para morrer, quer estar comigo. Nós três ficamos ali, prostrados nas pequenas macas, de luto pela iminência da perda do fumo e do álcool.

À noite, como prometido, batem à porta. Cogitamos estender as bebidas e o cigarro pela fresta e acabar com o flagelo, mas decidimos dar uma chance à sorte. Quem sabe uma hecatombe nos isentaria da revista?

Como quem aguarda a visita da ceifadeira, Rafael abre a porta. Sua pele ligeiramente verde empalidece. Pelo modo como olha para mim, sei quem está ali. Cláudia se levanta, procura os chinelos debaixo da cama e puxa Rafael para o outro quarto.

Somos novamente eu e Eric dentro de um lugar apertado.

Eric entra na cabine, o mesmo macacão cinza, a mesma cara de zangado, como se estivesse puto da vida. Sua postura é mais relaxada do que a última vez que esteve ali, mas ainda assim ele se parece com um pedaço de pau.

Vê-lo me faz sentir bem por aproximadamente dez segundos, em seguida o enjoo volta, acompanhado de tremor interno e frio na barriga. Suas mãos estão atrás das costas, e seus olhos correm a cabine como se ele tivesse visão de raio-x.

O que ele está fazendo ali? Onde está o todo poderoso capitão com quem não temos contato? Que me pediu para manter distância?

Sem saber como continuar em pé, eu me sento. "Você não parece bem. Mareada?"

"Estou impressionada com sua perspicácia", digo com cara de poucos amigos.

Ele não gosta da ironia. "Pode revistar" eu indico o quarto. Deito e cruzo as pernas, tapando os olhos com o braço. Estou enjoada e nervosa demais para conversar. À primeira tentativa, eu vomitei sarcasmo. É melhor calar a boca antes que vomite de verdade.

"Você sabe o que estou fazendo aqui?"

Balanço a cabeça que sim.

"Trouxe algo que consta na lista de itens proibidos que entregamos antes do embarque?", pergunta como se lesse a frase em um questionário.

"Sim."

Silêncio. Quero abrir os olhos e ver o que ele está fazendo, mas não abro.

"Você trouxe sementes na mala?"

"Não."

"Animais vivos?"

"Só Rafael."

Como Eric não ri, corrijo séria: "não."

"Entorpecentes?"

Abro os olhos debaixo do braço. "O que você diz por entorpecentes?"

"Drogas ilícitas."

Repasso mentalmente se remédios para dormir são ilícitos. Se cigarros de canela são ilícitos, ou o remédio de enjoo que tomamos às vezes com álcool para dar onda é ilícito. Concluo que não, balançando a cabeça.

"Álcool ou cigarros?"

Exalo profundamente. "Sim."

"Qual dos dois?"

"Os dois."

Pausa.

Posso ouvi-lo respirar, diminuindo a cabine com sua presença, enchendo-a com seu cheiro de

homem. Que droga, ele engarrafou a droga do cheiro para passar nos pulsos e atrás das orelhas quando viesse me ver?

Vai embora daqui, penso tapando o nariz com a pele.

"Não sabia que fumava", ele diz isso tão baixo que preciso conferir se é ele mesmo ao meu lado.

Ele continua em pé, parado à porta. Seus olhos correm por mim como se fossem dedos.

Eu me levanto cautelosa. "Estou enjoada demais para perguntar por que não podemos beber à noite, ou fumar. A bebida está dentro do sapato de Rafael, se ele não abriu a escotilha em desespero e lançou tudo no mar. Provavelmente não, porque também é biólogo marinho e preferimos ficar encarcerados no porão do que sujar o oceano. Enfim, as coisas estão com ele, mas eu me responsabilizo por elas. E sim, eu fumo de madrugada."

Prengo os lábios. Recado dado. Minha agitação mais uma vez destoa de seu controle. Seus olhos brilham, e por um instante acho que ele se diverte. Daquele modo estranho de quem se diverte parecendo enfezado.

"Não prendemos civis no porão. Mas o porão está aberto à visitação."

"Obrigada pela informação. Se em breve esse barco virar, prefiro estar perto dos botes salva-vidas."

Ele ignora minha verborragia nervosa.

"A tripulação costuma correr lá embaixo", diz cruzando os braços. "Existe uma pista de corrida quando não há muita carga para levar."

Ele ganha minha atenção. *Seus braços cruzados* ganham minha atenção.

"Uma pista de corrida?"

Ele afirma.

"V c  corre?", eu arrisco.

" s vezes. V c ?"

"Quando d ."

Ele balança a cabeça, sua boca se transforma em uma linha fina. Céus, sua presença   desconcertante. Se ele não tivesse deixado claro que aguarda de mim amnésia, eu investiria contra ele. Não metaforicamente, fisicamente.

Suas mãos v o para o bolso, os olhos continuam atentos a mim. Sem saber mais o que fazer com as minhas mãos, prendo o cabelo em um rabo de cavalo com um elástico que tenho no pulso. Seus olhos param no meu pescoço.

O silêncio cai estranho, mas não desagradável. Aumenta a excitação, me enche de um sentimento que poderia bem se chamar esperança. *Ou t s o*.

"Não deveria andar com o cabelo levantado."

Eu franzo o rosto. Ele vai me deixar sem álcool, sem cigarro e quer me dizer como manter o cabelo? Ele passa o dedo em seu próprio pescoço, olhos firmes na pele sob a linha do meu cabelo. "V c 

ainda está marcada."

Dou um salto de susto. O chupão que ele deu em mim está visível. Solto o cabelo, sentindo-o roçar nas costas. "Bem, vou dar um pulo no quarto ao lado", diz, e posso jurar que gostou de ver o que deixou em meu pescoço.

Ele se vira para a porta aberta, olhando o quarto de Rafael. "Os bens serão devolvidos no fim da missão."

"Está bem", eu minto. Não está nada bem. Não tenho coragem de olhá-lo por muito tempo, se ele não sair da minha frente eu vou atacá-lo.

Ele se vira pela última vez. "Não vai precisar de bebida na ilha."

Ao dizer isso, sorri. Um meio sorriso, um resquício de riso. Ele deve saber quão charmoso fica sorrindo assim. Deve treinar na frente do espelho, o cafajeste.

"Pena. A bebida me trouxe sorte."

Seu meio-sorriso volta para a gaveta, um músculo pinça no rosto. Seus braços já não parecem mais tão confortáveis, assim, cruzados sobre o peito. "Mas poderia ter trazido azar. Achei que não falaríamos mais sobre isso."

"Isso o quê?", eu o olho inocente, as mãos sobre o chupão que *ele* mencionou.

Ele ergue um centímetro o rosto, indicando que está de partida. Mas sabe-se-lá porquê, não parte. *O que espera que eu faça, Capitão? Não estou sob seu total comando. Embora gostaria de estar sob seu comando. Se é que me entende.*

Firmo o olhar no seu, sem me preocupar que estou verde como a bruxa do Oeste, descabelada e caótica. "Se me quer longe de você, mantenha distância também", eu murmuro tão baixo que duvido que ouça. Mas Eric sabe ler lábios. Despedindo-se de mim como se falasse com um de seus marujos, sai do quarto.

A noite é passada entre idas ao banheiro para vomitar e ceder lugar para Cláudia vomitar. Quando o apito soa no terceiro dia, estamos cinzas como as paredes, a garganta arranhada de tanto colocar o que temos dentro para fora.

Finalmente o tempo ameniza, as ondas abaixam. O terceiro dia de viagem é enfadonho, mas, por sorte, na horizontal. Eu e Cláudia, trancadas no quarto, revemos anotações sobre nossos equipamentos, fazemos check-lists, tentamos estabelecer um horário fixo para as atividades.

Dois meses é mais do que o suficiente para minha pesquisa, já que as tartarugas-verdes a essas alturas já acasalaram e estão em Trindade para desovar. A excitação formiga sob a pele em pensar que as verei às centenas, que observarei seu comportamento inteiramente isoladas da civilização, que poderei investigar os índices de fibropapilomatose entre elas, a doença que as ataca na costa.

Antes de partir, em uma reunião com os cientistas da Marinha, ficou decidido que faríamos em conjunto a criação de um protocolo oficial de ação para encalhe e resgate de tartarugas-verdes. Que eu começaria a esboçar o rascunho desse documento na ilha, com base nas observações das praias índice e

seu comportamento ao longo dos meses.

Isso é um sonho virando realidade, e estar animada me faz esquecer onde estou e com quem estou presa.

À tarde observamos o trabalho dos marujos que estão sempre fazendo alguma coisa, e decido depois do jantar que vou explorar o porão. Correr vai me fazer bem. Liberará toda essa tensão sexual mal canalizada — estocada — que guardo em mim. Lá pelas oito da noite coloco um top de ginástica, uma leggings escura e calço o tênis. Visto uma camiseta de malha por cima, prendo o cabelo comprido em um rabo de cavalo e deixo Cláudia afogada entre papéis no quarto.

Após duas ou três solicitações de direção e quatro tentativas frustradas de encontrar o porão, finalmente o acho. O porão é o que o nome indica: a parte mais funda do navio, onde materiais são empilhados. Como o navio vai vazio de suprimentos volumosos, há uma pista de corrida grande o suficiente para correr em círculos sem ficar tonta. Penduro a toalha sobre o garfo de uma empilhadeira e olho ao redor. Estou sozinha.

Tiro a camiseta e fico apenas com o top. A corrida começa lenta, e eu vou alongando os braços acima da cabeça. Rodo o pescoço, estico os ombros e os músculos, aperto e solto as mãos. A corrida é, por enquanto, apenas um jogging, mas à medida que vou esquentando, ela fica mais constante.

A cabeça está nos procedimentos de medição das tartarugas, nas ideias que tenho para criar padrões para essa ação. Porque muitos gostam de tocá-las, é sabido que as *Chelonia mydas* passam a evitar os locais onde foram abordadas, com medo dos humanos. Estabelecer procedimentos para medição e marcação diminuiria o stress no animal.

A solas vão batendo no chão, e o som é baixo e oco. O cabelo balança nas costas, o suor escorre pela lateral do rosto. Os músculos estão mais obedientes e a respiração, antes ofegante, fica constante.

Estou completando a vigésima ou vigésima primeira volta quando ouço uma porta bater atrás de mim. Como estou de costas, não vejo quem chega. Continuo correndo, e vou chegando para o canto.

A pessoa se põe a correr atrás de mim. Passos mais espaçados do que os meus, sons igualmente abafados porém mais altos. É um homem, pelo tamanho das passadas. Sinto a presença se aproximar e recuo para deixá-lo passar. Não quero bater papo, mas preparo o sorriso discreto, um cumprimento entre atletas.

"Stella", a voz saúda atrás de mim.

Paro como se o freio de mão tivesse sido puxado, e o maior homem do mundo me ultrapassa. Seus ombros largos estão à vista, as pernas à mostra. O cachorro veio correr sem camisa.

Eu continuo parada, a boca aberta esperando a voz desentalar. O que vou dizer não sei, mas a vontade é perguntar por que raios ele está ali se viu que eu estava correndo.

Volto aos meus passos, indignada. Se ele espera que eu recolha minhas coisas e vá embora está muito enganado. Se quer me torturar com sua visão esplendorosa, com suas pernas que não parecem ter fim, com seu peitoral de remador que em breve ganhará o brilho do suor, está errado. Eu vou ficar aqui e

me autotorturar sem ajuda de ninguém.

"Eric", eu respondo atrás dele, irritada. "Não esperava ver você aqui."

Meu estado de espírito está claro no tom de voz.

Ele não responde, apenas me lança um olhar perfurante quando faz a curva e pode me olhar de lado. Parece concentrado em sua respiração, não em mim.

Eu também deveria estar preocupada com respiração, porque a minha não está nada preocupada comigo. Ela sai errática, caótica. Tento jogar um bote salva-vidas para o meu autocontrole, já que Eric tem a capacidade de sempre lançá-lo ao mar. Assim que ele passa por mim, eu o sigo correndo atrás dele não tão perto que o iniba, mas não tão longe que ele me esqueça.

Corro olhando os músculos delineados das costas. Sua bunda perfeita, suas pernas musculosas. Sua mão está travada em punho, braços dobrados. Sua respiração sai concentrada e furiosa.

Acho que quer distância de mim, porque dispara na frente. Não demora para que esteja longe, o exato oposto de minha posição. Eu me esforço para correr como corria antes, mas estou nervosa. Vim aqui para relaxar e acontece o contrário. Uma dor instala-se na base do pescoço, tenso demais para absorver o impacto. Meus dedos estão curvados em punhos, as unhas machucam a palma.

Mais um pouco e ele está atrás de mim. Sinto sua presença sem precisar vê-la. Quente e massiva, as costas ardendo pelo seu olhar. Não tanto as costas, mas todo a parte traseira. Ao me ultrapassar, ele passa tão rente que nossas peles se tocam, e onde ele me toca eu viro brasa.

Meu rosto incendeia.

Sua corrida continua displicente, indiferente, como se uma detonação não tivesse acontecido. Mas eu enlouqueço em uma combustão alucinada, e tudo que senti por ele quando ele me tocou dias atrás retorna.

Eu latejo lá embaixo. Os seios endurecem, excitados.

Ele não me olha ao fazer a curva, e eu desacelero tentando entender o que está acontecendo com meu corpo. Seu perfil é uma afronta aos sentidos, cada passada sua vibra minhas terminações nervosas como se estivessem a céu aberto.

Sinto-o se aproximar novamente. Meu ritmo continua inconstante, as passadas pesadas. Estou correndo, mas quero me virar. Trombar nele, interromper seu caminho como um muro. Mas eu fecho os olhos e me concentro em correr. Talvez sejam as endorfinas, talvez seja meu tesão acumulado, o fato é que quando ele passar eu sei que ele vai me tocar, e só de pensar nisso algo se concentra em mim prestes a explodir.

Eu não estou errada. Quando ele passa, esbarra o braço de propósito no meu, e eu o espinafro mentalmente com todas as palavras ruins que conheço enquanto sinto a calcinha melar.

O ciclo se repete infinitas vezes, cada vez mais enlouquecedora que a anterior. Aguardo o momento da ultrapassagem como quem espera um orgasmo. *Está chegando.*

Ombros, braço. Novamente ombro. *Quase lá.* Minhas partes íntimas doem. As suas, pelo volume

de seu short, devem estar doendo também.

A saliva desce vagarosa quando eu o vejo de lado. Às vezes ele olha para mim com o canto do olho, às vezes me ignora. Como um jogo de cassino, em que você espera a sorte cuspir moedas de uma máquina. *É agora, é agora*. Não é dessa vez, mas você aguarda novamente, aposta mais alto, e a torcida continua. *É agora*.

Toda vez que nossos olhos se encontram, faíscas. Toda vez que as peles se tocam, brasa.

Essa é de longe a experiência mais sensual que já vivi. A sensação de fetiche mais absurda, o êxtase de ser tocado por uma fração de pele.

Ele é *off-limits*, mas achou uma maneira de burlar a regra. Que ele burle a regra me excita. Ainda que seja no fim apenas um toque.

Ele é fogo e eu um pavio. O chão desse navio, gasolina.

Seu rosto vira, seus olhos descem para meu corpo enquanto passa por mim mais uma vez. Sim, ele me olha dessa maneira.

Ele vê que eu estou excitada. Minhas pernas bambeiam, eu não tenho mais forças. *Quantas vezes encenamos o jogo? Quarenta? Cinquenta vezes?* Eu perdi a conta. Embora eu não queira, as pernas amolecem e os braços enfraquecem. Eu poderia cair no chão e nunca mais me levantar. Eu poderia cair em seus braços. Eu nunca mais levantaria.

Ele me toca, e dessa vez eu paro.

Ele ouve as batidas dos meus pés sumirem e espera um ou dois segundos antes de olhar para trás. Eu me seguro na empilhadeira onde pendurei a blusa, a respiração ardendo no pulmão, o corpo ofegante, os membros moles. Todos os meus músculos tremem, em frangalhos. Eu corri muito mais do que minhas capacidades físicas permitem, e correria o dobro se as pernas aguentassem.

"Já vai?", ele pergunta parando também, erguendo desafiadoramente o queixo como se questionasse: 'não aguentou?'. Ele está ofegante como eu — distante, sexy. Sem equivalentes. *Como posso manter distância de você, Eric?*

"Não aguento mais."

Ele não responde. Seus braços estão caídos ao lado do corpo, o peito infla e desinfla como um balão. Pego a camiseta e limpo o rosto, o pescoço, a nuca. Ele observa com atenção cada um de meus gestos, e eu dou um passo para trás.

"A gente se vê", eu digo e dou-lhe as costas. Não o ouço voltar a correr até que desapareço pelo corredor estreito. Enquanto coloco a blusa e sinto a pulsação desacelerar, penso no que aconteceu.

Ele me quer, mas não pode me pegar.

Corrida dois



Eric

Os próximos dias no navio mostram-se tanto uma benção como uma maldição. Maldição porque o mar está bravio e exige atenção irrestrita. Até mesmo marinheiros experientes estão assustados com as ondas que erguem-se do tamanho de prédios. Ninguém conversa ou desvia a atenção da proa, varrida de tempos em tempos pelas águas. A tensão na cabine é tão palpável que parece sólida. Meu pescoço endureceu, eu mal consigo virá-lo sem sentir fisgadas.

O bálsamo da história? Minha permanência na cabine de comando pelas últimas 48 horas me fez esquecer outros problemas. Finalmente encontro na natureza um evento forte o suficiente para tirar minha atenção deles.

Eventualmente, o mar amansa, e no céu insinuam-se raios de sol. Tombo na cadeira, trocando olhares com os outros. "Eu assumo daqui", Sérgio fala. Eu me levanto, passo o comando do Almirante e vou pela primeira vez em dois dias para meu aposento. Quero tirar o suor do corpo, sentir a ducha quente amolecer os nós dos músculos.

Minha cabine está na penumbra. Largo o macacão no chão, entro sob a ducha quente. A água escorre pelo corpo trazendo alívio. Um a um os nós se desfazem, o pescoço se move sem dor. Assim que o corpo relaxa, surgem as memórias.

Penso na revista que inventei no quarto de Stella, um sinal de que estou ruim de cabeça. Lembro-me de como silenciosamente me divirto com seu desespero quando confisco a bebida e, por simples prazer, decido não contar que ela pode fumar. Eu sei, é baixo, até mesmo me recrimino por isso, mas ainda assim mantenho a mentira. Se ela gosta de natureza como eu, não precisará de bebida ou cigarro. Trindade é mais do que heroína na veia.

Desligo o chuveiro. Continuo de olhos fechados, mãos no azulejo.

Minha obsessão por ela é ridícula. Ela é uma garota com um mundo inteiro para explorar. Eu sou o cara que roubaria seus anos mais preciosos, que apagaria sua chama. Que a usaria sem devolver nada por anos de sua atenção.

Não que ela esteja planejando me dar sua atenção, eu me corrijo, mas eu me adianto a esses problemas. Na única vez em que não previ os acontecimentos, o relacionamento acabou em desastre. Se alguém tem qualquer dúvida de como posso ser egoísta, pergunte à minha ex.

Eu preciso manter distância dela, mas por algum motivo sua imagem se sente em casa na minha cabeça. Um hóspede folgado, uma canção enjoada da qual não consigo parar de entoar o refrão.

Eu estou puto. Puto porque vi o chupão em seu pescoço e só de me lembrar disso meu pau endurece. Eu quero me masturbar, mas assim que começo é seu rosto que surge. Eu dou um soco na parede do banheiro, irritado. *Porra, Stella!*

Escuto, mesmo trancado no banheiro, a batida na porta. Ouço-a se abrir e fechar. Sinto os passos no chão, como se alguém circulasse pela cabine.

"Quem está aí?"

A pessoa não responde. Pego a toalha pendurada. Enrolo-a na cintura, os músculos alertas, a pele arrepiada. Abro a porta e me deparo com Marina, vestindo absolutamente nada.

Nada.

"Marina?"

Marina está em pé, no meio da cabine. Sua roupa está largada no chão e ela caminha até mim, o quadril exuberante movendo-se para lá e para cá, os seios fartos absurdamente arrepiados, os pelos loiros do minúsculo triângulo aparados.

Eu estou no meio de uma ereção, furioso, sem paciência ou diplomacia para lidar com ela. "O que você está fazendo aqui?"

"Adivinha?", ela ronrona mergulhando seu rosto em meu pescoço. Suas mãos alisam meu ombro, e sua boca espalha beijos pelo meu peito.

"Você está frio", ela reclama colando o corpo inteiro ao meu.

Eu fecho os olhos. "Vai embora, por favor."

"Não vou", ela suspende a coxa e roça o joelho em mim.

"Não podemos fazer isso, você sabe", eu digo segurando seus ombros.

"Eu sei", ela cochicha no meu ouvido. "Quão excitante isso é?"

Eu preciso pensar em uma maneira educada de dizer que isso não é excitante, mas ela não me deixa: "quero uma despedida, Eric."

Sua mão me apalpa sobre a toalha. Ela olha para mimafiada e morde os lábios. Seus olhos brilham, incandescentes. Eu preciso de autocontrole para afastá-la, mas me surpreendo com o pensamento que cruza a mente. *Afastá-la para quê, para pensar na outra ali ao lado?*

Essa seria uma maneira eficiente de expulsar a outra da cabeça. Marina é a maneira de fazer isso acontecer. Stella não está aqui, não é a mulher com quem estou saindo. Ela não faz parte do meu mundo, não cabe no navio, na ilha, na minha cabeça.

Marina, sim, faz parte do meu mundo.

Seu pai e o problema que ele representa fazem parte de meu mundo. O navio, a ilha, a missão fazem parte do meu mundo. Stella não.

Marina desliza os dedos sob o tecido da toalha e solta o arranjo que a segura em meu quadril. A

toalha cai sobre os pés.

"Sentiu minha falta?", ela sorri. Não respondo, eu nunca respondo perguntas assim. Olho-a sério de volta. Minha cara de bravo a excita, sempre excitou.

A verdade é que estou bravo. Mas também estou excitado demais para dispensá-la, confuso demais para aceitá-la. Eu seguro em seu cabelo comprido como se fosse a crina de um cavalo.

"Diz o que você quer."

"Foder" ela responde como se isso fosse óbvio. Resposta certa. Eu a jogo sobre a cama. Ela cai dengosa, revolvendo-se como um gato.

Eu ainda tenho os olhos cor de caramelo na mente, mas eles precisam partir. Sexo sempre foi uma maneira de alívio, de tapar um buraco; hoje não vai ser diferente. Marina gosta de sexo bruto, e é exatamente isso que estou louco para dar: o pior de mim.

Sento sobre suas coxas, uma perna de cada lado, imobilizando-a da cintura para baixo. Seu rosto está tomado de prazer, seu peito sobe e desce, ela geme pelos lábios entreabertos. Sua boca é bonita, carnuda por inteiro, rosa, que de certa maneira combina com os olhos azuis e tão claros que parecem moedas de prata.

Passo a mão sob sua nuca e puxo seu cabelo, arqueando-a. Suas costas desencostam da cama. Ela tenta me tocar, mas eu mando que ela fique parada. Ela fica.

"Notou o que eu estou vestindo?", ela pergunta curvada, incapaz de se mover. Eu puxo mais seu cabelo. "Você não está vestindo nada, sua safada", eu digo entre os dentes.

"Olha melhor."

Reparo sua barriga lisa, seu peito arrebitado.

Balanço a cabeça incrédulo, vendo o que ela veste no mamilo. Uma borracha que comprou em um sex shop algumas semanas atrás. Um prendedor de mamilos que os deixam permanentemente pontudos. Vejo duas pequenas borrachinhas cor-de-rosa, quase da cor da auréola, espremendo seu biquinho. Meu pau reage.

Eu levo a boca ao seio, mordiscando a borracha do prendedor, puxando-a e largando-a. O estalo faz ela saltar debaixo de mim.

"Gostou?", ela pergunta, mas eu estou longe. Memórias de noites atrás atrapalham o prazer. Eu mudo de estratégia, deixo seus seios em paz. Ela implora: "Eric, continua. Eu adoro quando faz isso."

Balanço a cabeça, trazendo-a de volta à cabine. Eu preciso esquecer Stella. Ignoro as imagens que povoam a mente, os gemidos que me enlouqueceram. Quem está aqui é outra.

Removo as borrachas de seu seio com a boca, cusbindo-as de lado. Abocanho o mamilo grande e pontudo com raiva e desejo, e os mordo com frustração e lascívia. Toda vez que penso em Stella, me entrego no corpo estranho fingindo que estou com ela e, sempre que me lembro que é o corpo de Marina debaixo do meu, tenho nojo do que estou fazendo e quero me punir, mas acabo punindo-a.

"Isso, Eric, mais." Ela pede, e eu sugo com força o bico sensível até que ela se contorce e eu a

largo, deixando uma marca. Logo ela está coberta de chupões que marcam a pele alva. Seus seios estão lindos, avermelhados e com cara de que foram sugados.

Minhas mãos escorrem para dentro dela-primeiro um dedo, depois o segundo, até que três dedos se remexam na cavidade cremosa. Ela arfa, agarra o lençol entre os dedos, tenta erguer a perna. "Mais," implora. Eu a largo.

Desço o rosto por suas pernas sem beijos, apertando os dedos pela pele até ver sua intimidade inchada. Passo a língua sentindo seu cheiro e a chupo ali também, primeiro com cuidado depois com força, as mãos segurando seus pulsos, suas pernas abertas ao lado da minha cabeça.

Ela ergue a bunda, pedindo o que gosta. Eu dou exatamente o que ela quer. Seguro sua parte mais delicada entre a língua e os lábios, mordendo-a. Ela geme dizendo que não vai aguentar, mas eu sei que ela aguenta. Estico sua carne, puxo-a em minha direção ouvindo seus gritos, então paro.

Ela se remexe, inquieta. "Por que parou, Eric?"

Marina tenta se levantar, eu não deixo. Ela deita a cabeça novamente no travesseiro, passando os dedos pelo cabelo suado. Eu levo o dedo até sua vagina e espalho ao redor a lubrificação misturada à minha saliva. O polegar entra de um lado, o dedo do meio massageia o outro buraquinho.

Geralmente eu digo tudo que vou fazer em detalhes, sem floreios; isso me excita e a excita também. Mas hoje não. Hoje eu apenas a olho, sem sentir que estou realmente ali.

Ela se remexe, eu enfio ambos os dedos nos canais apertados, pressionando um dedo contra o outro.

Marina pula na cama como se levasse choques. Meto, tiro, meto novamente. Ela geme, suada, à beira do clímax. Tenta me abraçar. Eu me afasto, ela muda de tática. Tenta descer a boca até meu membro, mas eu a jogo de volta na cama. Busco a camisinha que tenho na carteira, desenrolo-a sobre o pau e deito sobre ela. Sem sequer olhá-la, meto tudo entre suas pernas até que não há mais nada para entrar.

Ela grita, os sons ficam abafados pela boca em meu ombro. Removo tudo e enterro novamente sem escutar seus gemidos, nem a voz dentro de mim que me pergunta o que estou fazendo.

Eu preciso fazer o que estou fazendo, é uma urgência maior do que eu, eu preciso aliviar a tensão que não me deixa mais me concentrar, que não me deixa mais dormir em paz. Sexo sempre funcionou como rota de fuga. É minha fuga.

Arremeto contra ela tantas vezes que perco a noção de tempo. Nada aumenta dentro de mim, nada se acumula, nenhuma eletricidade corre a pele. Acelero o movimento, estocadas secas e sem concentração. Quero pedir que ela pare de me acariciar nas costas, que ela não beije meu peito, não quero que goste de mim, eu não sou um cara legal.

As investidas continuam, seus gemidos estão altos, meu suor pinga sobre seu corpo também coberto de suor, e nada, nada vem, nada aumenta, nada se avoluma preparando-se para explodir.

"O que foi, Eric?" Ela eventualmente pergunta. Seu tom é carinhoso, cuidador.

Não há nada que me faça chegar lá. Saio de dentro dela, sentindo a diferença de temperatura entre sua fenda quente e o lado de fora. Tombo ao seu lado abraçando-a para que não caia da cama, e ela

apoia o rosto em meu peito.

"Foram dias horríveis, eu sei," ela murmura. "Acontece."

Está um calor insuportável no quarto, e a proximidade deixa o contato desconfortável.

"Sim, foram dias horríveis," eu repito desatento. Eu sei o que está acontecendo comigo, mas estou revoltado demais com a situação para conversar.

Marina está insatisfeita. Ela se vira em minha direção, corpo inteiro colado ao meu, e pega minha mão. Com delicadeza leva até sua bunda, sabe que adoro bundas, e começa a se remexer.

Eu a olho, deitada ligeiramente abaixo do meu peito. Seus olhos estão afiados, no aguardo. Meus olhos faíscam também. Mas não seria justo, e apenas faço que não. Ela sorri, acho que entende minha recusa como medo de falhar novamente.

Eu não me preocupo com isso, com uma falha. Eu me preocupo com falha a longo prazo, com uma obsessão que não sei o tamanho que pode ganhar. Isso sim me preocupa.

Ela coloca a roupa e eu a observo se vestir, vejo como coloca a calcinha, parecendo dolorida. Enquanto procura o sutiã, noto que ela leva marcas do encontro.

"Desculpa," eu murmuro, ela apenas sorri.

Pega as borrachinhas soltas sobre a cama mas não as recoloca. Põe o sutiã, a blusa, me dá um beijo de leve nos lábios. Assim como chegou, parte. Sem conversas nem drama, do jeito que eu pedi que sempre tratasse a coisa.

Fico deitado na cama sem reação por um longo tempo sem vontade de levantar ou me vestir. Evito pensar que há alguém no navio que mexe comigo como se eu fosse uma marionete, que manipula meus nervos como cordas que habilmente domina com as mãos.

Às oito tomo coragem e levanto. Se sexo não resolveu, uma corrida talvez me alivie. Visto short, tênis, camiseta e desço as escadas até o porão. Assim que chego perto da porta fechada, ouço alguém correndo.

Olho pela pequena janela e vejo um rabo de cavalo vermelho balançando nas costas, a bunda arrebitada, os seios pequenos e empinados movendo-se para cima e para baixo.

Afasto-me da porta. A primeira reação é querer sair dali.

Mas um praça vem em minha direção, com roupa de corrida, toalha pendurada ao redor do pescoço. Ao me reconhecer ele para. "Capitão."

Eu embarreiro sua passagem.

"Sargento, eu vou correr ali embaixo. Quero que você proíba qualquer um de se aproximar daquela porta," — aponto para a entrada —, "entendeu?"

O praça afirma nervosamente com a cabeça que entendeu. Abro a porta e me junto à corrida solitária.

Por um tempo eu a observo. Antes que ela faça a curva, arranco a blusa, jogo sobre uma murada e me ponho a correr atrás dela.

Sinto o cheiro de Marina em mim, a cabeça fervilha de pensamentos contraditórios. No entanto, tudo que quero é estar ali, correndo atrás dela, olhando-a já que não posso tocá-la. A beirada de sua calça está úmida de suor, seu cabelo gruda nas costas. Seu suor me inflama. Eu me sinto um predador observando sua presa.

Quero saltar sobre ela. Lancá-la ao chão, prendê-la entre as pernas, imobilizá-la, beijá-la. O simples pensamento me assusta, e eu apenas digo seu nome quando a ultrapasso. Em poucas passadas deixo-a para trás.

Ela para. Após algum tempo retorna à corrida, dizendo meu nome em tom de raiva. Arrisco olhá-la, os olhos cheios de vontade de ... *Esquece*.

Logo a corrida vira um jogo de gato e rato. Eu acelero para correr atrás dela, ela acelera para se aproximar de mim.

Seu desejo é claro e descompromissado. Eu sou o cara de uma noite só que ela talvez tente seduzir novamente. Não parece preocupada com reputação, com carreira, com comentários. Parece livre e solta de amarras, um barco de papel no meio do mar.

É um modo perigoso de viver a vida. E por que tenho raiva de espíritos livres, provoco-a. Meu braço a toca, eu quero vê-la se desestabilizar como eu, perturbá-la, mas a impressão é que o tiro sai pela culatra.

Quem é alvejado sou eu.

Vejo ao fazer a curva que ela avermelha, que sua boca está aberta, seus olhos querem revanche. O toque incendeia a ambos, e esse navio poderia bem ser feito de palha.

A corrida continua. Ela desacelera, seu corpo inteiro na expectativa pedindo minhas mãos. Eu me esfrego novamente ao passar por ela. Um toque ínfimo, um braço roçando o outro. Minha pele responde ao choque, à excitação do proibido, à antecipação do que não vai vir.

Está claro para mim como está claro para ela que não é mais uma corrida, é provocação. Eu toco sua pele por que quero ver como reage, e ela reage de muitos jeitos. Fechando os olhos, contraindo a pelve, endurecendo a barriga. Minhas partes estão constrangedoramente duras, marcando toda a frente do short.

A pressão aumenta antes mesmo de tocá-la. Fecho os olhos tentando manter as pernas se movendo, a respiração controlada e os pés firmes no solo mesmo com o que força passagem para chegar. A impressão é que vou explodir em mil raios, disparar como uma arma.

Eu penso, em um estado de tremor da carne, em todos os motivos pelos quais não posso, não devo-não deveria-querê-la tanto. Mas o pensamento que suplanta todos os outros é eu achei um modo de tocar em você.

Lembro de seu gosto, e a respiração trava. De quão molhada estava. Penso em tantas posições para estar com ela que poderia lançar o volume dois do Kama Sutra. Em um segundo a mente atinge as nuvens, no próximo minha cueca mela. Solto um gemido seguido de um palavrão.

Ela arfa, cansada. Quero pegá-la nos braços e oferecer minha cama, mas no momento eu mesmo estou me segurando para não cair sentado no chão. As pernas formigam do êxtase, relaxadas e moles, consequência do que só alcancei agora, com ela, enquanto brincava de encostar o braço no seu.

Não acho, quando me viro, que ela entenda o que acabou de acontecer comigo.

Eu gozei.

12

Trindade



Stella

Na manhã seguinte rejeitamos o café, assustadas com os relatos sobre o desembarque. Subimos para o convés com nossas tralhas, nos deparando com a visão de outro mundo. Um ponto minúsculo cresce gradativamente no horizonte até ocupar todo o campo de visão. Chegamos.

Encontro Tenente Marcelo no alinhamento. Ele está vestido com o mesmo macacão cinza e tem a mochila pendurada nas costas. "Fascinante, não é mesmo?", pergunta com o sorriso de garoto, olhando para o que cresce no horizonte.

Não tenho como discordar. Trindade desponta do mar como um iceberg escuro, onde picos exuberantes e estéreis recortam o horizonte azulado. Ela se avoluma, toma toda a paisagem.

A ilha remota parece à primeira vista um segredo. Secreta, improvável. Uma pegadinha do oceano, um quebra-molas no meio do mar. Rafael cochicha no meu ouvido: "bem-vinda ao parque dos dinossauros."

Eu rio, olhos fixos na ilha. Penso na pergunta mais recorrente do mundo, aquela que toda criança faz aos outros: *se você fosse para uma ilha deserta, o que gostaria de levar com você?*

Olho ao redor, procurando Eric.

O pensamento parte, dando lugar à reverência frente às cores que, dependendo da incidência de luz, transmutam-se do negro desbotado aos tons vermelhos de terra. A tripulação inteira, mesmo aqueles que já voltam pela enésima vez, está sorrindo para aquele pedaço de terra aparentemente solto no oceano.

Assim que o deslumbre se aquieta, notamos as ondas. Não há atracadouro na ilha. Só se entra ou sai dela por helicóptero ou por mar, e se a escolha é o mar, o bote precisa chegar a uma estreita faixa de areia e vencer ondas que se arrebetam na costa incrustada de pedras afiadas. Homens amarrados com fios de aço aguardam aqueles que se aventuram pelo mar. Não parece fácil, e pelo jeito não é.

Para lá se dirige o primeiro grupo de tripulantes que se arrisca nos botes. Vejo Marina e André, os dois tenentes pesquisadores da própria Marinha que conhecemos durante as refeições. Eles nos acenam simpáticos. Estão com outra equipe e vão na frente, pelo ar. O helicóptero ganha altura, aumentando o vento sobre nossas cabeças.

André é magro e franzino, tem cabelo escuro e rosto coberto por espinhas inflamadas. Marina, sua colega de trabalho no centro meteorológico, é o seu oposto. Loira e tão alta quanto o resto dos homens, ela parece uma deusa viking saída diretamente de Asgard. Segundo Rafael, ela lembra Legolas, o elfo do Senhor dos Anéis. Agora toda vez que olho para ela, penso em Orlando Bloom.

O desembarque via bote, notamos, não pode ser chamado de glamoroso. Toda a pompa de mestre dos mares em dias calmos cai por terra quando batem as ondas. Homens sacolejam no bote xingando e gritando como se montassem um cavalo xucro, e tudo que o mar parece querer é derrubá-los. Agora entendo por que chamam o bote de cabrita.

Após três ou quatro viagens de helicóptero, chega a nossa vez. Marcelo acha um jeito de nos acompanhar, sentando-se ao meu lado. Eu não descolo os olhos da ilha vulcânica, o pico de uma montanha cravada no fundo do mar cuja base está a 5.000 metros de profundidade.

"A ilha foi criada em uma explosão há três milhões de anos", Marcelo grita ao meu lado por causa do barulho das hélices. "É uma cadeia submarina de vulcões que começa em Vitória, no Espírito Santo, e termina aqui."

"É lindo", eu o olho sem comentar que sei disso. A cadeia montanhosa que se arrasta perpendicularmente à costa do Brasil é literalmente um divisor de águas. Ao sul de suas paredes, correntes frias; ao norte, correntes quentes. O encontro dessas temperaturas transforma toda a costa do Espírito Santo em uma fonte inesgotável de vida, trazendo o melhor dos dois mundos às suas águas.

"Dizem em Vitória que esse é o 'bairro mais distante da capital'", ele ri.

Sorrio de volta, achando-o simpático por querer nos colocar a par das curiosidades. É ele quem conta que Marina e André trabalham com pesquisas e precisam soltar todos os dias um balão de medição meteorológica que coleta dados da atmosfera. Que é a segunda vez que ele, Marcelo, está ali sob o comando de Eric, que Eric é conhecido por ser um aficionado pela ilha. Rafael e eu trocamos olhares.

Em terra, Marcelo pega minha mochila e se cola à nossa pequena equipe como se fosse um guia particular. Cruzamos a areia por uma faixa cimentada que nivela o terreno íngreme e pedregoso. Marcelo aponta para um conjunto de casas à distância.

"Bem-vindos à nossa casa pelos próximos meses."

Estamos oficialmente no Posto Oceanográfico da Ilha de Trindade, o ponto mais distante da costa brasileira. Enquanto carregamos nossas malas, observamos diversas casinhas salpicarem a paisagem. São todas simples e funcionais, com um só andar, compactas e feitas com o intuito de não deixar resíduos. A Marinha tenta manter a ilha o mais próximo do selvagem possível.

O solo do chão é vulcânico e cobre toda a montanha como um manto rugoso. Só percebo que

parei para observar os picos cor de chumbo contra o céu de azul indescritível quando o grupo sente minha falta.

"Stella, vamos?", Cláudia chama. Volto a andar, observando que adiante está escrito Centro de comando em uma placa fincada no chão.

Atravessamos a passarela nivelada até um conjunto de casas. Estamos no alojamento de civis, e um sargento nos espera na porta. "Doutores" — ele nos saúda —, "meu nome é Sargento Moacir. Vamos entrando, vou mostrar o alojamento."

A casa é limpa e tem cheiro de mar.

Durante uma hora, Sargento Moacir nos mostra onde ficam os dois quartos — com vários beliches cada —, a sala de TV, a pequena cozinha. Mostra como ligar e desligar disjuntores, onde estão os suprimentos no caso de tempestades e falta de luz. Ele aponta da janela para um cubículo isolado: "aquela é nossa cabine telefônica. Não a subestimem, é o lugar mais concorrido da ilha, principalmente quando a internet cai. Se quiserem ligar para alguém, é para lá que precisam ir."

Rafael está com os braços para cima, apontando seu celular para o céu. "Não pega celular?"

"Não," o homem responde. A cara de desespero de Rafael me faz rir.

O Sargento nos mostra ainda onde conectar os computadores, a senha da internet — ele avisa logo que não está funcionando — e como agir em caso de uma emergência. Aponta da janela a lan house e o refeitório. Enquanto Cláudia pergunta sobre filtros d'água, olho pela janela. O centro não deve estar a mais que 100, 120 metros de nosso alojamento. Isso dá aproximadamente 200 passos até Eric.

Só de pensar nele sinto a pele formigar.

Enquanto tento abaixar os pelos dos braços, noto uma pequena barreira feita de tábua que circunda toda a região das casas. Parece meticulosamente pensada para nos fazer bater a canela e tropeçar.

"Que é aquilo?", pergunto apontando para a barreira.

"É para evitar que os caranguejos cheguem aos alojamentos."

"Caranguejos?", eu e Cláudia perguntamos ao mesmo tempo.

"Sim. Eles aparecem à noite aos milhões. Não se enganem, embora sejam contidos durante o dia, sempre tem um ou outro dentro das gavetas ou cruzando sobre nossos cobertores durante a noite."

Divertindo-se com nossa careta conjunta, o sargento parte. Rafael estremece, olhando desconfiado para a cama baixa. Em seguida, joga a mochila sobre a cama de cima do beliche e avisa que não dorme embaixo.

"Eles conseguem escalar facilmente uma beliche", Cláudia diz avaliando a cama que até um segundo atrás traria paz ao sono do menino. Decidimos que dormiremos todos na parte de cima do beliche, e expulsamos Rafael para o outro quarto.

Assim que deposito as tralhas na casa, saio à varanda. Exalo, olhando ao redor. À direita, vejo a estação meteorológica, o centro médico, o refeitório, o alojamento dos praças. À frente, a lan house e a

praia. À esquerda, o alojamento dos oficiais, o centro de comando e o alojamento do Capitão. E com isso, acabou a vila.

Marcelo se despede e vai para o seu posto junto com os outros militares. Ficamos sozinhos para explorar a vila. Nas horas que se passam, vejo Eric muito mais do que gostaria.

Embora meu coração pulse desordenado sempre que ele entra no meu campo de visão, Eric não me dirige um só olhar. Como se a noite correndo e roçando em mim precisasse ser esquecida. De novo.

Ele distribui ordens como um louco. Zero dois ao seu lado parece atolado em tarefas. Eric aponta para locais, olha papéis, responde a perguntas, orienta oficiais, anda para lá e para cá com o comandante da missão que embarca de volta após quatro meses ali. Cruzar com ele assim tão sério me inibe, por isso fujo de seu caminho.

Eu canso só de olhar o tanto que a equipe se move. Já fizeram de tudo enquanto observo os homens de longe: um grupo hasteou a bandeira, outro limpou o mato que cresce ao redor das casas, outro se prepara para pintar as pedras que circundam os caminhos. Uma equipe, perto de nós, averigua a barreira que nos protege da invasão noturna de caranguejos. Acompanho de longe a pequena cerimônia onde se passa o comando de mãos. Estão todos agora vestidos de uniformes: tenentes e Capitão de cinza, praças de verde.

Segundo Marcelo, o segredo para não enlouquecer na ilha é trabalhar. Muito, não importa fazendo o quê. A saudade aperta, e a ilha é limitada em atrações. Então trabalhar é tudo que fazem.

Durante todo o resto do dia, os veteranos de Trindade e suas tralhas — até mesmo todo o lixo produzido na ilha — retornam ao navio. O sol já se põe quando sento na beirada da varanda e observo o Almirante Saboia deixar o local onde estava ancorado e sumir.

Aos poucos o azul do dia se transforma em tons de laranja, e a lua que parece faltar um pedaço sobe no horizonte. Noto a figura masculina que se aproxima, crescendo em tamanho, andando em linha reta até nosso alojamento. É Marcelo, que aparece depois de um dia cheio.

Ele veste uma camisa branca de malha e short. Assim, sem o macacão, posso ver que suas pernas — na verdade, todo o resto — são bem apresentáveis. Marcelo é um gatinho; o carinha que encontraria nas melhores baladas, caso as frequentasse.

"Oi."

"Oi", respondo, e ele se senta ofegante ao meu lado.

Ele limpa a testa na manga da camiseta, olhando para o mar. Noto as ruguinhas ao lado da pele, a sobrancelha clara e farta. "Enfim, sós." Ele brinca apoiando displicentemente as mãos para atrás do corpo. "Estamos ilhados."

Também estico as pernas, trabalhando com as mãos os músculos espasmados. "Por enquanto a ideia soa promissora. Imagino que o desespero aumente à medida que os dias passem."

"Você não tem ideia. Não podemos sequer ter barcos infláveis na ilha."

Eu me viro para ele: "por quê?"

"No final estamos todos um pouco loucos. Alguns mais do que outros, e um bote é uma tentação perigosa."

"Tentação para fazer o quê? Voltarem remando para o continente?"

Marcelo dá de ombros, me lançando um olhar tipo 'se conseguíssemos argumentar com a loucura, ela deixaria de ser loucura'.

"Minha colega de quarto não vai gostar de saber disso", digo olhando para Cláudia.

"Acha que ela se arriscaria a voltar remando?"

"Por bebida, talvez."

Ele solta uma risada.

"Ouvi seu amigo dizer que você tem 25 anos, é verdade? Não acreditei."

Olho-o fingindo ofensa. "Como assim? Pareço ter mais?"

"Você é muito nova para ter um doutorado. Com quantos anos entrou na faculdade?"

"Catorze."

"Com catorze eu ainda andava de skate com o pessoal da oitava série" diz rindo.

"O pessoal da oitava série não me deixava brincar com eles. Eu tinha 11."

Ele sorri, acho que faz as contas.

"Imagino que tenha emendado o curso no mestrado, depois no doutorado..."

"Essa é a história resumida da minha vida. Emendar uma coisa na outra."

"Você é o quê, um gênio?", ele me olha com uma careta.

Eu retribuo sua careta. "Não, apenas esqueci toda e qualquer outra parte da vida para me concentrar em tartarugas."

Ele olha discretamente para o pingente de tartaruga pendurado no meu pescoço, que cai bem no meio da curva dos seios. "Você vai ficar louca quando vir a praia", ele diz, e seu pomo de adão se move para cima e para baixo. "As tartarugas chegam às centenas à noite. Até mesmo quem não gosta de tartarugas fica sem palavras..."

Ele avermelha. Algo bom se espalha por mim, mas não é por causa de seu olhar.

"Mal vejo a hora de estar na praia" — eu vibro —, "mas preciso corrigir você; não existe quem não goste de tartarugas."

Ele sorri, olhando para a praia. Em algum momento, ele se volta para observar minha massagem nas pernas. Parece incomodado, como se eu estivesse piorando minhas dores com ela, e não aliviando-as.

"Cansada?"

"Não, apenas dolorida."

"Andou muito pela ilha?"

"Como? A primeira coisa que me falaram aqui é que não posso andar sozinha. Fiquei o dia inteiro esperando companhia para explorá-la. Quanto à dor, ganhei depois de correr ontem à noite. Acho

que distendi um músculo."

"Posso dar uma olhada, se quiser."

Sua sugestão é inocente e apropriada — ele é médico —, mas o modo como olha para as minhas pernas não parece 100% profissional. Para constar, não ligo para o olhar; eu mesma dei uma nota para suas pernas: um merecido 9.

"Você que sabe", ele diz. "O posto médico é logo ali."

Afirmo que sei. Volto à praia das Tartarugas, um assunto no momento mais interessante: "Quero dar uma carebada essa noite. Tenho certeza que algumas tartarugas ainda estão chegando atrasadas para a desova, e não posso perder os ninhos que estão eclodindo."

"Carebada é como chamam passear na praia à noite para ver os ovos?"

"Hum hum."

Marcelo faz um muxoxo. "Não sei se haverá equipe essa noite. Talvez você consiga arrumar uma amanhã."

"Não preciso de equipe, posso ir sozinha. A praia não fica a poucos metros daqui?"

"O comandante não deixa ninguém perambular sozinho à noite, especialmente civis que acabaram de chegar. É perigoso."

"Mas o ponto de estar na ilha é ir na praia à noite."

"Instruções novas de segurança", ele dá de ombros. "Por causa do acidente que tivemos em setembro passado, você sabe. Ele passará os detalhes hoje à noite, depois do jantar. Talvez se você conversar com ele, ele arrume alguém para te acompanhar."

Olho para a base, onde de longe vejo homens orbitarem à volta de Eric. Pelo tom autoritário de sua voz e seu semblante de eterna raiva, duvido que arrume uma equipe para satisfazer minha vontade. Além do mais, o simples pensamento de conversar com ele me deixa nervosa.

"Você não pode me acompanhar?", eu sugiro, me virando para ele. "É a sua segunda vez aqui, não? Podemos ir nós quatro", aponto para Cláudia e Rafael que investigam a idoneidade de uma barreira contra caranguejos.

"Eu adoraria", ele diz com os olhos brilhando. "Vamos fazer isso então, posso falar com o comandante."

"Eu nem sei como agradecer."

"Teremos muito tempo para negociar um agradecimento", ele sorri, partindo diretamente para o centro de comando. Acompanho-o com os olhos, curiosa para saber o que Eric irá falar. Não estou preocupada com seu sim ou com seu não — que eu vou à praia é um fato. Eu só quero ver sua cara.

Talvez ele arrisque uma carebada também.

Fico no aguardo que Marcelo retorne ou me acene que sim, mas ele não aparece. Acho que esqueceu o assunto, e planejo procurá-lo no jantar.

Às seis e meia o jantar é servido no refeitório comunitário. Há de tudo um pouco ali: mesas,

cadeiras, sofás. Uma televisão fala sozinha mais adiante, a voz conhecida do apresentador do telejornal causa uma estranha sensação de que estamos perto do continente.

Nos sentamos ao lado de André, Marina não está à vista. As janelas estão fechadas, e acima de nós um ventilador gira lento. Embora esteja calor ali dentro, o vento do lado de fora é implacável.

A comida é simples: arroz, feijão e salada, quem quer pega um churrasquinho no espeto do lado de fora. O cozinheiro me estende um prato com ovos fritos, e eu agradeço sabendo que eu sou um pequeno transtorno. Talvez por isso ele só me sirva ovos. Levo o meu prato e me sento ao lado de Cláudia.

"Posso me sentar com vocês?", Marina surge ao nosso lado.

Cláudia aponta para uma cadeira vazia: "Por favor."

Com o rabo de olho investigo o rosto bonito, o cabelo loiro escorrido e seus imensos olhos azuis. Seu sobrenome complicado eu ouço, mas não gravo. Vogais demais.

Experiente em temporadas na ilha, Marina reina absoluta por aqui. Ela anda entre os homens como se possuísse o lugar, arrancando suspiros dos praças e olhares discretos dos oficiais. Embora tente ser simpática, me pego detestando-a. Se alguém me perguntar o que nela exatamente não gostei, não sei dizer. Acho que impliquei com seu senso de regalismo, de quem espera dos outros regalias.

"E aí, o que estão achando da ilha?", ela pergunta melodiosa.

"Um deslumbre", Cláudia responde.

Não olho nem emito opinião, preocupada em partir uma folha de alface com um garfo.

"Primeira vez?", ela continua.

"É nossa primeira vez", Cláudia responde. "Você?"

"Quinta."

"Quinta?", Rafael assovia. "Uau."

"Segunda com o comandante Eric", ela adiciona, e minhas orelhas avermelham. *Ela mudou o tom ao falar do comandante?*

"A rotina é assim sempre tão rígida?", Cláudia puxa conversa. "Coitado desses homens, eles só trabalham!"

"Sim, é sempre assim", ela diz como se tentasse não decepcioná-la. "Se você não desempenhar suas tarefas dentro da rotina, a ilha logo se torna enfadonha. Os dias ficam longos demais, as noites silenciosas e insuportáveis. Siga a rotina e o relógio anda. Não a siga, os ponteiros se arrastarão."

"Por isso as tarefas esdrúxulas."

"Não são *esdrúxulas*, elas talvez só não façam sentido para vocês."

Rafael belisca minha perna sob a mesa

"Algumas não tem sentido", Cláudia insiste, concentrada em tirar um pedaço de carne do espetinho que tem no prato. "Agora mesmo eu os vi carregando pedras para lá e para cá. A ilha é feita de pedras, por que teriam que carregá-las ao redor?"

Marina exala, correndo os olhos pelo ambiente como se procurasse outro lugar para se sentar. "O trabalho mantém o pelotão ocupado e em forma", ela diz sem muita paciência. "Veja o quanto eles comem. Se não fizessem trilha, engordariam um bocado."

Aproveito o comentário para olhar ao redor também. Sei que Eric não está aqui, eu saberia se ele estivesse, sentiria sua presença. Apuro os ouvidos, esperando ouvir sua voz como outras vezes durante o dia.

Curiosamente prestativa, Marina fala: "depois da janta vamos jogar buraco na praia. Vocês jogam cartas?"

Cláudia olha para mim. Balanço a cabeça que não, sem vontade de jogar.

"Eu jogo", Cláudia dá de ombro.

"Ótimo. Podemos fazer pares. Eu e o comandante geralmente damos uma surra nos praças em terra. Você pode fazer par com seus alunos", ela diz com um sorriso que move a boca mas não chega aos olhos.

Largo meu alface para olhá-la. Cláudia me chuta sob a mesa, um chute que significa 'não comece, não faz a menor diferença se ela acha que você é minha aluna'. Mas eu estou irritada com o outro comentário também, com o lance de fazer par com Eric em terra.

A loira viking se levanta alegando precisar de mais proteína e vai atrás do churrasco. Assim que ela se levanta, eu olho de modo assassino para suas costas.

"Aquilo foi desnecessário", Rafael alimenta o fogo. "Ela sabe muito bem que Stella não é aluna."

"Stella está sendo antipática com ela desde o navio", Cláudia revida.

"*Ela quer fazer pares*", eu repito com uma careta. Não digo mais nada, volto a me concentrar na comida.

"Vou pegar mais carne também", Cláudia diz. "Vamos nos sentar lá fora?"

"Estou indo", Rafael concorda.

Ela sai do salão com Rafael, e eu olho ao redor. Onde está Marcelo? Desde que saiu do nosso alojamento espero sua resposta. Eric concordou? Iremos à praia depois da janta? Preciso me preparar.

Alguns praças jantam assistindo à TV. Engulo a comida sem vontade, o estômago tilintando de nervoso e expectativa — e não é por causa da resposta de Marcelo. Olho para a porta aberta, para os homens que entram e saem trocando conversa fiada. Pego o prato e saio também, disposta a ver Eric de uma vez e acabar com a antecipação.

O negrume é completo fora dos limites do quintal. Cadeiras e mesas de plástico estão espalhadas sob lâmpadas penduradas em cordas. Mais à frente, ficam o fogão de barro e a churrasqueira ao redor do qual diversos homens disputam espaço.

Rafael achou lugar entre dois praças que contam histórias e gesticulam em direção à praia, Cláudia ainda conversa com o cozinheiro que doura alguns churrasquinhos na chapa.

Encontro Eric ao redor de outros homens. Seu olhar passa brevemente por mim, mas me ignora.

Sem reação, sento na cadeira vazia ao lado de Marina.

Ela está contando um caso dramático em que três homens foram levados no último setembro por uma onda gigante e achados mortos dias depois. Comenta que Eric nunca perdeu um homem em uma missão, e que reforçou a segurança dessa vez porque quer continuar assim.

"Isso significa que não podemos sair por aí sozinhos nessa pernada?", André pergunta.

"Eric não quer ninguém sozinho. Ordens superiores", a loira comenta.

Com o canto do olho noto que Eric se levanta. Dá um gole no refrigerante, limpa a boca na manga do casaco como um Neandertal. Ele está divino, vestido com um conjunto de moletom azul escuro que o deixa ainda mais esportivo do que já é. Posso ver a curva discreta dos músculos da perna sobre o tecido. *Nota? Dez.*

"Guarnição", diz o comandante.

Ao invés de se levantarem e prestarem continência, os homens entendem que aquela é uma chamada diferente. As regras do posto realmente afrouxam aqui — principalmente à noite, quando os homens já cumpriram as tarefas e relaxam distantes dos seus.

Eu pouso os talheres no prato, cruço os braços sobre a mesa. Ao meu lado Marina ajeita o decote da blusa. Eric, de pé, é imponente. Sua voz confiante é um estrondo sob a pele. "Mais uma pernada, mais um pequeno discurso de segurança", ele começa sério, olhando ao redor. Seus dedos estão pousados sobre a mesa, ligeiramente espaçados, um gesto que o vi fazendo algumas vezes.

"Sei que muitos de vocês estão na terceira, alguns na quarta missão à ilha, mas é sempre importante lembrar-se dos perigos que ela esconde."

"Alguns na quinta", alguém fala fingindo tossir.

Eric sorri para si mesmo, concordando. "Alguns como eu, na quinta viagem."

Marina interrompe o discurso para acrescentar: "eu também estou na quinta."

Eric ergue o copo, fazendo um brinde a ela. Eu quase enfio o dedo na garganta para vomitar. Não ignoro que em seguida ela suspira.

"Mas mesmo com a experiência de todos, é de extrema importância reforçar as regras, principalmente para aqueles que nunca estiveram aqui, e apresentar as regras novas, colocadas em prática depois do acidente que levou três de nossos homens há poucos meses atrás."

Os homens grunhem algo em conjunto, olham-se, comentam sobre o ocorrido. Marina balança a cabeça para André, como se dissesse, 'viu, eu te falei que temos regras novas'.

Os olhos de Eric pousam em qualquer coisa — em uma árvore, na mesa, nos rostos de companheiros, em garrafas — só não encontram os meus.

"A ilha, como todos sabem, é vulcânica. O que isso quer dizer? Que se vocês pisarem sobre o solo, ele esfarela. Pedras rolam, tombos acontecem. O maior problema que enfrentamos aqui em terra são torções de tornozelo. Por isso, é imprescindível que toda e qualquer caminhada — e essa é nossa regra número um — seja feita em grupo e sempre nas trilhas demarcadas. Não arrisquem-se pelo terreno

acidentado; ele parece transponível, mas acreditem, não é."

Seu olhar está concentrado, profissional. Suas mãos estão unidas na frente do peito, dedo com dedo, enquanto o rosto corre pela tropa ao redor.

"Regra número dois: O mar. Não é permitido nadar nas praias da ilha, ponto final."

"Em nenhuma delas?", Rafael cochicha tão alto para alguém ao seu lado que Eric o responde: "nenhuma."

Espero ouvir um 'aahh' de desgosto, ou um 'buuu', mas o silêncio é reverente. Como se todos ali concordassem que nadar em paraísos tropicais à beira mar fosse impensável. A irritação avermelha minhas orelhas.

"O maior problema em nadar aqui vem da formação geológica da ilha. Trindade é o topo de uma montanha cuja base está a milhares de metros abaixo", ele mostra com as mãos o esquema que descreve. "Isso provoca grandes ondas, chamadas de *camelo* por terem o aspecto de uma corcova. Elas arrebatam na praia inesperadamente, carregando qualquer coisa e qualquer um para mar aberto. Muitos homens morreram por desobedecer essa ordem simples: não é permitido se banhar na praia. Há locais específicos para isso, e quando for a hora caminharemos até lá. Você sentirão um calor infernal nos próximos dias, mas resistam à tentação de entrar na água. Não arrisquem suas vidas, a precaução é necessária."

Seus olhos correm o grupo, mas saltam ao chegar na minha vez. Ele está se esforçando para não me olhar?

"Também não é permitido excursões solitárias até às praias de desovas."

Aquele é um recado direto para mim. Eu espero que ele me olhe dessa vez. Covardes, seus olhos se fixam em Marcelo. O menino abaixa a cabeça e volta a mexer em alguma coisa no tampo da mesa.

Durante o resto do discurso Eric lista três ou quatro coisas que eu planejava fazer e agora oficialmente não posso mais. Meu bico de descontentamento é visível. Assim que ele termina de passar a mensagem, deseja uma ótima permanência erguendo seu guaraná e todos brindam fazendo o mesmo com seus copos.

Marina aproveita que alguém ao lado de Eric se levanta e troca de lugar. Cruza suas pernas e apoia-se no braço ao seu lado, como se tudo nela pendesse para ele. Quem se sentaria tão confortavelmente ao lado do cara mais emburrado de todo o Atlântico?

Eles conversam a noite toda. Trocam argumentos que, de onde estou, não consigo ouvir. Ambos estão sérios, concordam com acenos de cabeça sobre o que o outro pondera, espelham-se em gestos e posturas como um par afinado.

A palavra para me descrever é *frustração*. Além de invisibilidade, ciúmes e irritação. Após um tempo, desisto de observar a cena e ando até a praia, assustada com o número de caranguejos que perambulam entre nossos pés. Tenho medo que um deles me belisque com suas puãs sempre em guarda.

Rafael vem atrás de mim, agarrando meu braço enquanto saltita tentando espantar os bichos. "Que

coisa horrível esses bichos por toda a parte!"

Ali, as luzes das lâmpadas suspensas não demonstram minha tromba. "Você viu essa? Não podemos nadar", ele diz. "Quem esse comandante antipático pensa que é, o dono do play?"

"Ele é o dono do play", eu reclamo mexendo a areia com o pé.

"Como vamos conseguir viver sem cair na água?"

"Não sei", respondo aborrecida. O aborrecimento não se deve à notícia de que não podemos nadar. A cabeça está na conversa séria entre Eric e Marina, na curiosidade insatisfeita de não saber sobre o que falam.

Eu sinto mal estar por estar ali. Deslocada, sem lugar.

A ilha é estranha. Dura, inóspita, perigosa. É desconcertante olhar para a paisagem e não ver uma única fonte de luz, apenas as que estão a milhares de quilômetros no céu. O silêncio é opressivo. *Como alguém pode voltar tantas vezes para cá? Este é o lugar mais ermo do planeta.* Às sete e meia, vemos que o refeitório se esvazia e as pessoas somem. Marcelo nos encontra na areia e se aproxima; mãos nos bolsos, sorriso discreto.

"Oi", ele diz. Eu e Rafael o cumprimentamos. Indico com o queixo a dispersão de pessoas em direção a um pequeno casebre. "Para onde estão indo todos?"

"Hora de matar a saudade", Marcelo diz mostrando um cartão telefônico que tira do bolso. Vemos da praia uma longa fila se formar para telefonar para casa.

"Olha, Cláudia também está lá", Rafael comenta. Alegando que precisa ligar para sua mãe, ele parte nos deixando a sós.

O vento está desagradável. A ventania ergue os fios dos cabelos, espalha-o para todos os lados. Aperto o casaco em volta do corpo e fecho o zíper até o queixo. "E você? Não tem para quem ligar?", Marcelo pergunta.

Penso em minha família, mas sequer sei onde estão. Da última vez que nos falamos, eles estavam em algum lugar à beira do Solimões, participando de um documentário sobre as hidrelétricas malditas que pipocam no Amazonas.

"Impossível achar meus pais" eu digo. "E você?"

"Ligo mais tarde, quando a fila diminuir."

Ele não diz para quem vai ligar, eu não pergunto porque não tenho curiosidade de saber. Marcelo franze os lábios. "Sinto muito sobre a história da praia. Sei o quanto é importante estar lá à noite por causa da desova. Se consola, amanhã cedo haverá vários grupos indo para lá."

"Sem problemas. Fazer o quê?", eu finjo resignação. A notícia está atravessada na garganta como uma espinha de peixe.

"O comandante disse que já está pensando em uma equipe para acompanhar vocês à noite."

"Ele disse isso?", meu coração dá sinais de vida.

"Sim. Espero que não se importe, mas eu me ofereci para acompanhar você" — ele se corrige —,

"você."

"E o que ele disse?"

"Que vai pensar. Que isso está na lista de pendências e que você precisa saber esperar."

Eu me empertigo. *Saber esperar? Eu sou uma virgem de 25 anos, eu sei o que é esperar.*

Eu e Marcelo conversamos por mais algum tempo, afastando os caranguejos que se aproximam demais. Tento me concentrar na conversa, mas a vontade de olhar para Eric é indomável. Quando olho para o refeitório, noto que Eric ainda conversa com Marina, mas não parece ouvi-la. Ele olha fixamente para mim e para o tenente.

Eu o encaro de volta. Ele volta a dar atenção à Marina assim que o pego no flagra. Sua mandíbula está contraída, o músculo do rosto repuxado.

Poderia apostar minha virgindade — se já não estivesse disposta a perdê-la — que o comandante não gostou da minha nova amizade.

AmistosoStella

O toque de alvorada nos acorda às seis e meia aqui também. O dia começa e acaba cedo na ilha; temos até três e meia para aproveitarmos a praia.

Saímos em procissão às sete após um rápido desjejum. Vamos eu, Rafael e dois sargentos. A praia onde fica o posto oceanográfico, aparentemente calma, mostra na maré baixa seus segredos. Carcaças de navio enferrujam sobre as pedras, um aviso de que, aqui, as ondas não distinguem coisas grandes de pequenas.

Seguindo por uma trilha que corta a vegetação rasteira, alcançamos a próxima praia, onde uma curta faixa de areia disputa lugar com pedras e cascalhos. Ouriços e peixes colorem pequenas poças, presos ali pela vazante do mar. Ao lado, uma vegetação esturricada amarela a lateral dos morros.

Caminhamos com mochila nas costas. Lembrei-o de trazer um boné e óculos escuros, mas Rafael vem sem qualquer proteção contra o sol forte. Segundo os sargentos, não fará sol o dia inteiro: a Pirajá, chuva torrencial e passageira, sempre estraga a alegria dos dias bonitos.

Na próxima praia, rodeada de corais, batem ondas altas. Ali já podemos ver alguns ninhos de tartaruga. Faço menção de sair da fila para andar até a areia, mas os homens me asseguram que eu ainda tenho muito o que ver. E sem dúvidas, a praia que deixamos para trás não traz um terço da beleza que nos espera.

A praia das Tartarugas é um grande triângulo de areias claras cercado de morros e barrancos por todos os lados. À frente, o mar azul parece não ter fim. À direita, um gramado verde sobe uma elevação. Nas outras direções, um paredão de pedra e um pico desgastado fecham a praia.

Mas o que impressiona é a faixa triangular de areia que parece ter sido bombardeada do ar. Sua superfície é completamente remexida por ninhos redondos que eclodem por toda a extensão. Aquele é o maior ponto de desova das tartarugas-verdes do Atlântico Sul.

Eu largo a mochila no chão e ultrapasso os homens correndo, dessa vez ninguém me detém. Rafael me segue, caindo de joelhos como eu ao lado de um ninho de onde saíram recentemente, pelos ovos quebrados, centenas de tartaruguinhas.

A emoção é indescritível. É um sentimento tocante e único encontrar ao vivo o que lutamos em

palestras e salas de aula para preservar. Eu sinto como se fosse a primeira vez que estivesse vendo um ninho — é sempre assim, sempre parece a primeira vez. Limpo os olhos molhados, vendo que Rafael também disfarça a emoção.

Passamos o dia ali. Os homens se revezam em voltar ao Posto para o almoço, mas àquelas alturas eu e Rafael não nos importamos com comida. Ajudamos algumas pequenas tartaruguinhas perdidas a retomar o trajeto até o mar, sentimos quando vemos fragatas mergulharem sobre elas e matá-las, encurtando suas vidas já estatisticamente inviáveis.

A tentação de afugentar as aves é grande, mas não podemos fazer nada. Existe em Trindade um equilíbrio raro, difícil de encontrar em outro lugar, e nos afastamos com o coração apertado por ver as tartaruguinhas-verde morrerem. Morrer faz parte do ciclo da vida, mesmo que seja para o benefício do ciclo da vida da fragata.

Eu e Rafael contamos ovos e anotamos tudo que podemos sobre cada ninho. Tentamos agrupar os ovos de ninhos vazios para estimar seu número, registramos comportamentos de predadores, tempo que as pequeninas levam para percorrer até o mar, enchemos as frascas de ovos não chocados para análise.

Não vejo ninguém mais durante todo o dia e penso pouco em Eric. A vontade de mergulhar no mar agitado é grande, mas não arriscamos sequer chegar até os joelhos dentro d'água, com medo de que a onda mitológica se eleve sobre nós, nos engula e nos carregue para o fundo do mar.

Aproveitamos que os praças conversam entre si à distância para fofocar.

"E aí, qual é a *vibe*?", Rafael pergunta enquanto escava um ninho abandonado ao meu lado. Olhar para Rafael me faz encolher de nervoso. Seu nariz parece um tomate lustroso colado ao rosto. "Não sei se entendi sua pergunta. Que *vibe*?"

"O clima entre você e o bofe, oras."

Sento sobre os calcanhares. "Tenso, eu acho."

"Você ainda não me contou os detalhes sórdidos da noite."

"Nem vou contar."

Ele me ignora. "Ele é tão bom quanto parece? Porque, Stellinha, sério, eu desmaio toda vez que ele passa."

Sorrio para mim mesma, pegando uma concha e lançando-a em um caranguejo que escava um ninho. O caranguejo se afasta.

"Ele é melhor do que parece."

"Humanamente impossível. Vamos lá, escala de satisfação de Likert?"

Dou uma risada. "De um a cinco? Cinco."

"Hum, cinco", ele faz uma careta engraçada. "Extremamente satisfeita e disposta a recomendar o serviço."

"Extremamente satisfeita, mas não disposta a recomendar o serviço", eu aponto.

"Até porque tem um urubu loiro rondando a carniça."

É impressionante como Rafael e eu temos a antena voltada para o mesmo lado.

"Eu vi", confirmo.

"Mas conta mais. Vamos fazer um exercício para checar as variáveis: percepção de qualidade?"

"Minha ou dele?"

A essas alturas já tombei na areia, e ele também.

"Sua, para começar."

"Você está brincando, não está? Já viu ele?"

"Vejo todos os minutos. Até agora não acredito que você deixou ele escapar aquela noite. Eu teria pegado nome, endereço, RG e CPF", ele conta com os dedos.

Eu rio alto. "Você certamente teria descoberto quem ele é na festa mesmo e poupado a surpresa."

"Você tem dúvidas?"

"Não, não tenho. Mas eu não queria conversar, se é que me entende. Eu queria uma coisa" — faço o número 1 com o dedo, sem acreditar quão simples era minha demanda —, "que, para registro, não aconteceu. Não queria nome nem endereço, queria o tipo de coisa que não vê a luz do dia."

"Continuando", Rafael estala os dedos. "Expectativa? "

"Expectativa alcançada."

"Performance? Desconfirmação positiva ou negativa?"

"Você está me confundindo, Rafael! Isso é uma conversa de gente normal ou você quer checar meu conhecimento de equação estrutural?"

"Como pode vocês terem ficado só na concentração?", ele pergunta inconformado, como se questionasse isso os céus. Eu olho para trás, para a dupla de sargentos.

"Eu sei!", falo abaixando o tom. "Tinha que ter rolado o jogo inteiro, primeiro e segundo tempo além de prorrogação. Mas acho que o meu *eu bêbado* assustou ele. E o fato de eu ainda vestir um hímen."

"Eu não entendo, Stella", ele gira a bunda na areia, virando para mim. "Foi brochante? Os agarros foram mornos?", Rafael arregala os olhos, segura meu pulso enquanto tampa a boca com a outra mão. "Você chorou?"

"Claro que não chorei, Rafael! E para seu conhecimento, o banheiro estava em chamas. Rolou química, sabe? Coisa de pele."

Ele não parece muito convencido.

"Eu comecei a tremer, só isso. Fiquei nervosa, sei lá. A gente só consegue fingir que tem experiência até certo ponto."

"Tem gente que acha que dá mau agouro desvirginar meninas. Tem muita gente supersticiosa por aí."

"Deixa de ser ridículo."

"Sério, hímenfobia. Tipo uma coisa muito louca, 'vai que eu acabo casando com ela por que a

desvirginei'."

Ambos caímos na gargalhada, e o grupo para de conversar para nos olhar.

"Não, tem mais coisa ali", eu digo pensando a respeito. "Eu achei que ele tivesse alguém. Uma esposa, uma namorada, não sei, e achou que me desvirginar seria demais. Quanto mais eu penso no fim da noite, mais estranha ela fica. E você sabe como a mente da gente funciona, nós temos um sexto sentido para as coisas. Você sabe, você é quase mulher."

Rafael faz um sinal estranho com as mãos. "Pé-de-pato-mangalô-três-vezes! Eu gosto da mesmíssima coisa que você, mas cruz credo ter um cérebro feminino. Não faço ideia de que tipos de hormônios explodem aí dentro quando vocês são contrariadas. Isso não é coisa de Deus, é sinapse produzindo napalm."

Voltamos a ficar em silêncio, observando a praia.

"Só podem ter enterrado uma cabeça de burro embaixo da sua xoxota, amiga."

Eu solto uma risada. Olhando para meu amigo com uma cara sexy, aviso: "se não for com o capitão vai ser com você mesmo, Rafael. Virgem eu não fico."

Eu adoro ver sua reação quando falo isso.

"Cruuuuz credo!", ele faz cara de nojo.

Rimos até cair de costas na areia.

Nos dias seguintes, a rotina se instala. Enquanto Eric realiza tarefas super importantes como monitorar o espaço marítimo e aéreo, eu monitoro o espaço terrestre, especialmente aquele onde ele costuma estar. Como prometido, Eric organiza um pequeno grupo que se reveza para nos acompanhar à praia de noite. Ele nunca vai, parece sempre muito ocupado em me evitar.

Quando passa por mim, me cumprimenta de maneira breve. Uma sobrelanceira levantada, um aceno minúsculo de cabeça. Não há sinal daquele homem que me provocou na pista de corrida, tampouco do que me atacou no banheiro. Eu faço de tudo para chamar a sua atenção, mas ele nunca me nota.

Toque de alvorada, café da manhã com Cláudia e Rafael, Marina — por quem desenvolvo uma profunda antipatia e lentamente começo a entender o porquê —, conversas com Marcelo ao pôr do sol. Assim passam os meus dias quando não estou estudando.

É sábado, e Marcelo se junta a mim para mais um entardecer. Já vi mais pores do sol ao seu lado do que em minha vida inteira com qualquer outro homem. Marcelo é simpático, risonho, culto. Já morou em outros países e fala um monte de línguas. Mora com a família, é solteiro e não tira os olhos do meu decote quando estou de maiô.

Cláudia monta a cadeira de praia junto à minha, e Rafael aproveita para tirar um cochilo antes do jantar. Sargentos, de folga, circulam pelo local.

Nesse seis dias que passamos na ilha, Marcelo me contou sua vida inteira. Que, para falar a verdade, é uma vida cheia de gente, amigos e parentes animados. Churrascos aos domingos, torcida para

o flamengo nos estádios. Mães que enchem os filhos de beijos e pais que organizam em família campeonatos de pingue-pongue. É impossível não gostar dele.

"E a programação para hoje, o que vai ser?", Cláudia pergunta. Precisamos sempre perguntar, somos sempre as últimas a saber. "Noite passada perdemos a pizza", ela reclama enfiando os dedos no cóis da calça e esticando-o, mostrando a barriga flácida. "Eu já emagreci pelo menos dois quilos aqui. Parte deles por chegar tarde demais e não conseguir pegar a janta."

"Vocês tem que se programar", Marcelo diz sem o tom de quem tenta dar uma lição. "O jantar é de seis e meia às sete. Depois disso, esqueça."

"Sim, porque afinal só podemos ter fome em um intervalo de meia hora", ela resmunga.

"Marcelo não tem culpa", eu digo defendendo-o.

Cláudia, assim como eu, não vê muito sentido em cortar o acesso à comida por causa de alguns minutos de atraso. Eu e Rafael trabalhamos à noite, dormir entre cinco e seis e meia da tarde é quase uma rotina quando estamos em campo.

"Eu sou treinado para estar lá às seis e meia, mas entendo que meia hora para jantar é um exagero. O comandante está mais rigoroso nessa missão do que nas outras."

Minhas orelhas se levantam. "Como assim?"

"Ele anda sem paciência. Agora mesmo colocou o praça Tadeu para fazer trinta flexões. Ele nunca fez isso aqui na ilha."

Eu levo a unha à boca, ponderando se pergunto algo sobre o comandante ou não. Cláudia se adianta: "ele deve estar sentindo falta da esposa", termina a frase dando um pisão pouco discreto no meu pé.

"O Capitão? Não, ele não é casado", Marcelo devolve.

"Bem, nenhuma mulher aguentaria suas vindas constantes para cá", eu digo dando uma espiada no centro de comando ao longe. *Ele não é casado, mas ainda pode haver alguém.*

"E por que você acha que ele está mal humorado?", Cláudia pergunta, já que eu não tenho coragem de perguntar.

"Não sei. Desde que ele chegou está estranho. Rígido, ainda mais solitário, se é que isso é possível."

"Ele não era bravo assim das outras vezes?", Cláudia continua.

"Não como agora. Não, senhora."

"Coitados de vocês."

"Pois é. Mas hoje vai ter pelada. Isso vai descontrair o pessoal."

Aquilo chama a minha atenção de volta. "A gente pode participar?"

"Tenho certeza que não", ele balança a cabeça. "Esqueça tudo o que você conhece sobre futebol. Em Trindade transformaram o jogo em algo completamente diferente. As regras são outras, e definitivamente não são para garotas. É bruto, mas divertido."

Eu e Cláudia nos entreolhamos. O erro de Marcelo foi dizer a frase ‘não são para garotas’.

Cláudia me acotovela: "Joga, Stella."

"Claro que vou jogar."

Marcelo me olha como se eu tivesse acabado de pousar em uma nave espacial. "Como assim? Você gosta de futebol?"

"Eu não *gosto* de futebol", eu digo prestando atenção em sua fisionomia — quero vê-la tombar. "Eu *jogo* futebol."

"Não ouviu o que eu disse? É bruto e..."

Um apito faz Marcelo levantar como um cão adestrado.

"Estão me chamando. Preciso ir."

Ele se levanta e nos deixa para trás. Vejo Eric andando de um lado para o outro, olhos em nós. Em seu pescoço há um apito pendurado. Sinto um súbito frio na barriga. Eric parece estar andando sobre brasa. Eu me viro para Cláudia: "Cláudia, banho."

Cláudia se encolhe na cadeira, fingindo dormir. "Deixa eu dormir só um pouquinho, minhas pernas estão parecendo bambus. Ando 3 km morro acima todos os dias, você sabe o que é isso?"

"Graças a Deus, não. Mas sei que hoje vamos jantar com todo mundo."

Corro para o alojamento. Visto minha legging e uma camiseta justa com o casaco esportivo por cima. Calço meus tênis sobre meias brancas, prendo os cabelos.

Um fogo se ascende em mim. Eu sei porque Eric está com raiva — ele tromba em mim a cada dez minutos. Eu sou um lembrete constante de que ele cometeu um erro e de que posso dar a qualquer minuto com a língua nos dentes. *Eric está preocupado com nosso segredo.*

O fato de ele achar que posso dedurá-lo deveria me constranger, mas funciona ao contrário: aquilo me anima. Sinto uma vontade insana de perturbá-lo. De estragar sua rigidez, de entrar em seu radar, deixá-lo ainda mais sério e mais duro. *Eu disse duro?*

Chacoalho a cabeça, trazendo-a ao lugar.

Eric poderia ter sido direto, falado que não me quer. Mas seu jogo duplo de 'não te quero, mas te quero' me inflama. Agora é guerra, no mais puro pensamento cartesiano de *irrito, logo existo*. Eu não vou a lugar algum, eu estou aqui para ficar.

Eric vai ter que me engolir. *Inteira.*

O refeitório está cheio. Há um sabor diferente na comida quando a cabeça está ocupada bolando planos malignos. O que pretendo alcançar com aquilo tudo eu não sei — talvez, como uma criança pirracenta, eu só queira chamar a atenção.

Durante o jantar, Eric parece estar em um relacionamento com o seu prato. Ele o mira entre garfadas, contando caroços de arroz ou tentando se ver no óleo que boia no caldo do feijão. Não olha para os lados sequer para conversar com Marina, que se senta próximo a ele, mas não exatamente ao seu lado — Marina é sutil em suas abordagens, e se eu não me roesse de ciúme dela teria muito a aprender

com sua técnica.

Termino a comida rápido demais, sentindo, ao andar até o balcão de devolução, que olhos me queimam as costas. Talvez seja impressão, minhas costas estão vermelhas como a casca de um pimentão, apenas um pouco melhores do que o nariz de Rafael. O nariz de Rafael, de qualquer forma, rendeu piadas durante todo o jantar.

O papo sobre futebol começa a aparecer aqui e ali, vozes grossas estabelecendo posições, os dois goleiros e o juiz — algo que, percebo logo, é mau e deve ser evitado. *Amistoso*, assim eles chamam o jogo na ilha.

Grupos se aglutinam discutindo onde vão jogar, enquanto outro move as luzes para os postes mais distantes. Um areal serve de campo. Os civis que já estão na ilha há dois meses se sentam ao redor da linha retangular imaginária. Cláudia e eu andamos até algumas cadeiras vazias ao lado de André e Marina.

Os oficiais começam a lançar seus chinelos no canto, e alguém vem com uma cesta de camisetas cor néon. Os mais novos são convocados para afugentar o tapete de caranguejos que ziguezagueiam pela areia.

Uma bola é lançada no meio do campo. "Vocês vão adorar", Marina diz balançando a cabeça como se estivesse falando de crianças. "É muito engraçado como mudaram as regras do jogo aqui."

"Por quê?", pergunto. Ela parece animada por eu ter finalmente lhe destinando a palavra. "Os caras são doidos. Todas as regras do futebol foram por água abaixo no amistoso. Ali vale tudo."

Um homem moreno de barriga arredondada e camisa justa, cuja borda renteia o umbigo, se vira para Eric, atrás de nós: "comandante, está faltando um. Vamos lá."

Olho com o rabo de olho para Eric. Ele tem as mãos cruzadas na frente do peito másculo e pernas abertas, como se estivesse enfrentando um adversário.

"Passo."

"Fala sério, comandante, só uma partida."

Apesar da insistência, Eric balança a cabeça que não.

"Pô, e aí?", um outro oficial se aproxima do moreno de blusa *crop*.

"Alguém?", o oficial passa as vistas pelo grupo de civis. Deliberadamente, ele ignora as mulheres.

"Vamos, Rafa? Você fica no gol", eu falo ao pé de seu ouvido.

"Pirou, Stella? Sei lá que jogo é esse. Esse povo vai comer a gente vivo."

"Futebol é futebol. Eu vou."

Ergo a mão. Marcelo, parado no centro do campo, balança condescendentemente a cabeça. O homem que recruta os jogadores passa os olhos por mim, mas finge que não acontece nada acima da minha cabeça, onde minha mão continua erguida.

"Tira um do nosso time então", ele diz. "Jogamos com dez de cada lado."

"Eu!", chacoalho o braço. "Eu jogo futebol."

"Stella, sério, você não deveria", Marina tenta me persuadir.

"Eu quero jogar", repito me levantando. Bato a areia da bunda, ajeito o ombro. Eu posso não ser gigante ou forte, mas jogo futebol desde os 4 anos. "Defendi meu clube na categoria sub-20 alguns anos atrás", digo dando um passo na direção do grupo que me olha sem reação. Começo a me alongar, segurando a canela e esticando o músculo da perna.

Ninguém se move. Eu abaixo a perna. "Me dá a camisa", estico a mão para o cara que segura o cesto de roupas. Sacudo a mão, encorajando-o a se mover. "Stella, é melhor não", Eric fala atrás de mim.

Ele resolve me dirigir a palavra pela primeira vez em dias. *Eu não sou invisível, então?* Tenho vontade de dizer-lhe umas verdades. Sequer respondo. Assim que me estendem a contragosto a camisa amarela, tiro meu casaco e a visto. Aperto meu rabo de cavalo e jogo o tênis e as meias ao lado de Cláudia.

A turma da pesada me olha como se estivesse pronta para me massacrar. Imediatamente me arrependo de ter insistido naquilo. Uma vozinha dentro de mim — meu eu razoável? — se pergunta se eu não pagarei o maior mico da história do futebol de Trindade.

"Talvez não seja apropriado", o Sargento fala arriscando uma olhadela para o comandante.

"Por que não?", eu dou de ombros forçando-o a olhar para mim. Eu começo a alongar os braços.

"Não somos exatamente jogadores..."

"E o que é que tem?"

"O que a gente joga não é exatamente futebol."

Suspiro, colocando as mãos na cintura. "Deixa de frescura e manda a bola. Se vocês acharem que não jogo, vocês me tiram no final do primeiro tempo."

O sargento redondo me olha por um tempo, mas finalmente cede. Rafael é empurrado com uma careta de desespero para o gol, e o jogo começa. Bem, o que chamam de jogo começa.

Sem dúvidas, o que acontece ali não é futebol. Para começar, a bola somente às vezes é jogada em direção ao gol. Na maioria delas, serve de simples propósito para espirrar areia perto de algum oficial parado.

Em segundo lugar, os dribles são fascinantes, e logo me escolhem para ser o *bobo* da noite. De repente todos passam a jogar no andar de cima — recebem a bola no peito e a devolvem sobre minha cabeça. Quando tento encostar nela, me driblam e me empurram, e eu caio.

"Falta!", grito me levantando cheia de areia, olhando para o juiz, mas o juiz simplesmente me ignora, girando as mãos e me mandando continuar. Aos poucos vou descobrindo que aquilo não é jogo, é vale-tudo.

Vale xingamentos leves, pernadas, mão, respingos de areia, bola na cara do goleiro, bola fora,

empurrões e simulações de porrada. Vale zoar com a garota que se meteu a besta, achando que o jogo é uma brincadeira. Vale me derrubar, derrubar o outro, cair sozinho, tentar dar gol de bicicleta. Vale absolutamente qualquer coisa.

A plateia oscila entre franzir o rosto e rir sem parar. O coro de risos só engrossa, e até o cozinheiro abandona a cozinha para nos assistir.

Eu tenho pouca noção de perigo e de ridículo. Em compensação, tenho uma enorme cara de pau e um senso de esportiva ainda maior. Eu gosto da bagunça e, assim que pego o jeito da coisa, entro na brincadeira.

Sargento Tadeu lança a bola com o joelho sobre mim em direção a Marcelo. Quando Marcelo recebe a bola, eu salto sobre ele. Saltaram sobre mim antes e o juiz não disse nada, então sei que saltar sobre as pessoas pode.

Meus braços envolvem sua cintura, e caímos nós três — eu, ele e a bola. Antes que ele possa se recuperar do susto, eu tomo a bola de suas mãos e a lanço de volta para alguém do grupo, deixando Marcelo no centro.

"O bobo agora é outro!", falo correndo de costas em direção ao gol do adversário, esperando que pelo menos a intenção de marcar gol exista na confusão.

"Ninguém acreditaria se disséssemos que mandamos o homem à lua", Cláudia fala atrás de mim. Eu ouço as risadas explodirem, inclusive a de Marcelo. Ele me olha divertido — mais que isso, ele me olha maliciosamente divertido — e pisca.

Eu tenho certeza de que avermelho um pouco mais.

Alguém grita uma besteira para Marcelo, sobre como é ser derrubado por uma garota. Eu paro resfolegante com as mãos na cintura, o suor escorrendo pela face, no aguardo de sua resposta.

"Sou agora, oficialmente, do time dela", ele responde.

Sem ligar para o fato de que veste a camisa do adversário, Marcelo em algum momento se junta a mim para marcar o gol. Ao que parece, gol contra é gol.

Olho para os expectadores, suada. Sem querer meus olhos encontram os de Eric. Ele parece um totem da Ilha de Páscoa, duro e emburrado. Seu mau humor é contagiante.

"Stella! Aqui!"

Marcelo chama a minha atenção de volta. A bola vem, seguida de um paredão de barrigas, pernas e rostos retorcidos. Um deles chuta a bola para mim. Pego a bola com o ombro, e ela cai aos meus pés.

Acontece tudo muito rápido.

Olho para Marcelo — a esse ponto já temos uma conexão no jogo — e apenas faço uma afirmativa com a cabeça. Antes que três homens aterrissem sobre mim, toco a bola sob as pernas cabeludas de alguém. Sou atingida e derrubada. Embaixo de três barrigudos, amassada sob pernas e braços, ouço: "gol!!!!"

Gritos ecoam ao redor. Alguém puxa o coro: "Stella! Stella!"

Acho que aguardam que eu responda, porque eu posso bem ter morrido ali embaixo. Ressurjo sob os três grandalhões como um monstro marinho; há uma camada de areia cobrindo cada centímetro de pele, e o cabelo é um ninho bagunçado. Apesar dos pesares, eu celebro o *meu gol*. *Toma, Sargento que não queria me deixar jogar!*

Ao final do jogo, ascendo de civil desconhecida ao estrelato. Todos me cumprimentam, combinam que da próxima vez haverá revanche. Simples assim, passo a fazer oficialmente parte do time maluco.

Tombo na cadeira de praia, quente e ofegante, vermelha nas bochechas como se tivesse sido estapeada — bem, eu fui. Recebo os parabéns de Cláudia, Marcelo se senta ao meu lado, e Rafael do outro. Por algum tempo conversamos sobre os passes, sobre o Olimpoit, as olimpíadas de Trindade, aproveitando a euforia do pós-jogo. O clima é outro.

Enquanto nos limpamos, ouvimos histórias de times antigos. Canecas de café espalham-se entre os presentes, um bálsamo para a noite fria. Alguém acende a fogueira, que trepida no meio do círculo. Os assuntos se desdobram em outros: contos de marinheiro, quem diria, não são muito diferentes de contos de pescador. OVNI's avistados sobre Trindade, onda *deste* tamanho, angulação do navio tão alta que quase naufragam, tubarões que saltam sobre a praia perseguindo cardumes de sardinhas. As gargalhadas ecoam soltas.

Os olhos de Marcelo ardem, cintilantes, não muito longe de mim. Sua roupa está como a minha, uma bagunça. Ele fica mais bonito assim, atrapalhado, como se toda aquela rigidez de antes o apagasse. Sorrio como resposta ao olhar fixo.

Em algum momento, noto que Eric rodeia o grupo como um leão.

Ele não senta, não participa, não conversa. Anda de um lado para o outro com o rosto crispado, duro sob a luz avermelhada da fogueira. Ele sai das vistas e permanece atrás de nós, mexendo com meus nervos por ser observada sem perceber.

Deixo ao encargo da imaginação o que Eric está pensando. O que está arquitetando. Entre as pernas, sinal de vida. Junto-as sobre a cadeira, procurando alívio, envolvendo-as com meu casaco. Marcelo nota que eu me remexo.

"Quer minha jaqueta?", pergunta se debruçando para me entregá-la. Ele acha que estou com frio. Não tenho tempo de responder que não.

O comandante limpa a garganta e brada com sua voz de trovão: "toque de recolher."

Os homens não acreditam quando ouvem a ordem, principalmente por que a noite está, pela primeira vez na semana, agradável. Todos estão conversando, rindo, contando histórias. Mas, obedientes, um a um eles se levantam, terminando seu café. Recolhem os pertences, levantam acampamento. Nós, civis, acompanhamos a movimentação sem entender nada.

"Amanhã teremos escalada até a mata", Eric explica como se precisasse justificar o fim da noite.

"Quem quiser se unir à expedição, esteja de pé às seis", diz rude. *Como não aceitar um convite feito de modo tão caloroso?*

Eu me viro, incrédula com o fim abrupto da diversão. Eric não está para brincadeiras, ele está putto. Sua testa tem mil linhas, o maxilar está trincado. O olhar que me lança incendeia meus sentidos. As pernas ficam bambas, o calor retorna.

Deixando-nos para trás, some em direção ao seu alojamento.

Caminhada

Stella

Cláudia nota que alguns oficiais sorriem para nós. Homens passam por mim e me cumprimentam; ganho tapinhas nas costas, um ou outro desarruma meu cabelo.

"Stellinha celebridade!", Rafael vibra. "Segura, Ilha de Caras!"

As brincadeiras me relaxam, embora ainda me sinta rija, tensa como uma corda de violão afinado. Desde a olhada de Eric ontem à noite não consigo segurar minha imaginação — e ela anda indecorosa. Eu brinco de dar legendas ao seu olhar de vilão:

"Não brinque comigo, ou vou encher sua bunda de palmadas."

"Se quiser se envolver com o garoto terá que passar por cima de mim."

"Luke, eu sou o seu pai."

Assim que Eric entra no refeitório, cessam as brincadeiras na cabeça. Ele está magnífico com uma regata branca e short, os olhos escondidos atrás dos óculos escuros de aviador. Cláudia estremece ao meu lado, comentando que ele é praticamente Tom Cruise, ano 1986.

Ele passa por nós mas não nos olha. Um desavisado atrás de mim brada um 'falaê, garotinha'. Eric se volta, me olha e vira de volta para a mesa do café. Ele pode me ignorar, mas não pode tampar os ouvidos.

Após pegar seu pão e sua caneca, ele se senta sozinho em uma mesa, de costas para mim. Eu queria saber porque ele evita até mesmo me cumprimentar. Do que adianta me esforçar para chamar a sua atenção se ele me ignora cada vez mais?

"Que droga, ele poderia ser feio" — reclamo baixo —, "careca, narigudo, fedido."

"Tom Cruise é narigudo", Rafael o defende.

"Falem baixo, vocês dois", Cláudia se intromete. "Eu tenho medo do mau humor desse homem. Conseguimos gerenciar o desastre por uma semana, deixa ele quieto."

"Por que será que ele é tao irritado?", Rafael pergunta.

"Sei lá", digo. "Talvez ele tenha medo que eu conte a alguém o que aconteceu."

Cláudia parece pensar. "Bem, eu teria medo de você. Depois do futebol de ontem, ele deve estar questionando sua sanidade."

"Aquilo foi uma brincadeira."

"De gente doida. O cara parecia possuído pela raiva."

"Ele não queria que eu esquecesse o que fizemos? Pois bem, estou agindo da maneira mais natural que consigo."

"O seu natural é estranho".

Eu me viro para olhá-la. "Os outros gostaram da brincadeira. Por que justamente *ele* ficou puto?"

"Não sei. Talvez ache que você está desesperada e que vai tentar perder a virgindade com outro na ilha" — ela pisca —, "com o doutor, por exemplo."

O pensamento dispara em mim uma risada. Eu não tinha cogitado perder a virgindade com Marcelo.

Espanto o pensamento. *Não, peraí*. Penso um pouquinho a respeito. *Não*, volto a espantar o pensamento.

"Eric não tem ideia do que causa em mim ou não pensaria isso", digo achando graça na ideia. "E no mais, se minha vida sexual o preocupasse, eu não estaria aqui assim, virg..."

"Bom dia", uma voz alegre vibra à frente.

Calo imediatamente a boca, prensando os lábios e mirando o ponto azul que se aproxima. O ponto azul, noto sem graça, é uma garrafa de Gatorade que Marcelo segura na mão. A garrafa está na frente de suas partes íntimas, o que dá a impressão de que eu estava checando seu short.

"Quer?", Marcelo me oferece a bebida.

"Não, obrigada."

Minhas orelhas devem estar iguais a cristas de galo.

"Bom dia", Marina deseja a todos quando entra.

Sua feição não é das melhores, ela também se esconde atrás de óculos escuros.

Eric não se vira, não responde, não interrompe a mastigação. Marina anda até o balcão, observando-o com o canto dos olhos. Pega um café, mas não se senta com ele.

Quando todos terminam, Eric parte na frente. Silencioso e sisudo, é seguido pela guarnição inteira. Precisamos correr se quisermos nos juntar à expedição.

Depois de passar pelo alojamento, adentramos uma trilha de terra, pequena e pouco demarcada. O sol sobe vigoroso, sapecando a pele.

Como logo ficamos para trás, a voz do capitão corta o ar, avisando que ele e seu grupo vão na frente, mas nos esperam na primeira parada, sabe-se lá a quantos metros dali. Eles disparam, nós, os despreparados, vamos atrás botando os bofes para fora. Vamos perdendo toda a explicação. Quem fez a trilha, quem subiu primeiro, quando, por quê.

Meu despreparo para subir morros é risível. Eu só não perco em falta de energia para Marina, que segue se arrastando atrás de todos. Ela parece irritada porque não está com sua equipe da Marinha, mas acho que está passando mal.

"Marina, você está bem?", Cláudia pergunta.

"Não... eu não comi nada."

"Gente, mas por quê?", Cláudia abre a mochila para dar a ela seu sanduíche.

Marina recusa com um gesto de mãos. "Estou enjoada desde ontem à noite."

"Será que foi a janta?"

Ela ajeita o óculos sobre o nariz, entorta a boca. "Embora a comida seja sempre uma droga, não foi isso. Eu comi um quilo de chocolate de madrugada."

"Chocolate?", Cláudia se espanta. "Onde achou chocolate aqui?"

"Trouxe comigo,oras."

Eu seguro uma careta. Se está passando mal, por que não ficou em casa?

Decididamente não gosto de Marina. Ela age como se sempre devêssemos parar para ouvi-la, mas sempre que a ouvimos, ela perde a paciência. Contudo, tenho que reconhecer que trazer chocolate foi uma boa ideia. Uma bem melhor do que trazer álcool.

Olho para ela, verde como uma planta, subindo a montanha sob o sol escaldante. Uma sensação fria corre pela minha espinha. Uma sensação estranha, inconsciente, como se parte de mim chegasse a algumas conclusões antes da mente. *Por que Marina insistiria em subir o morro passando mal?*

Olho para Eric, um ponto distante. Há algo estranho entre eles.

Talvez eles sejam amantes, penso autopunitiva. Amantes esporádicos, e sumam ilha afora quando a noite cai.

Algo em mim se inflama, e eu arregalo os olhos. Se isso for verdade, *eu* estou aqui atrapalhando o romance, e só de pensar nisso, *eu* fico verde, mas de inveja. Isso explicaria tanta coisa!

O clima estranho entre mim e Eric, a sensação de que Marina e ele se conhecem, a irritação eterna do comandante. Visível, audível, palpável. Estalo alguns dedos, tentando ouvir a conversa de Marina e Cláudia, mas elas ficam para trás, mesmo com meus passos diminutos.

Marcelo decide se separar do grupo e caminhar ao meu lado. Ele veste o uniforme da ilha — camisa branca e short — e um boné claro. Traz uma mochila nas costas, mas se oferece para levar a minha.

Não aceito, mas ele insiste tanto que cedo a mochila. A partir daí me sinto na obrigação de ir ao seu lado. "Você vai ficar deslumbrada com a floresta", ele diz.

Olho para trás, para o posto que fica cada vez menor. "Falta muito até chegar lá?"

"Bastante."

O sol arrebenta a pele. Eu sinto meus ombros arderem e acho que o top sem manga não foi boa escolha.

"É verdade que até um século e meio atrás havia uma floresta aqui?", pergunto arfando.

"É verdade", Marcelo confirma. "A ilha nem sempre foi estéril. Os portugueses acharam que a madeira que havia aqui era pau-brasil. Cortaram tudo. Isso fez com que as nascentes secassem, e causou a erosão do terreno."

"Alguns biólogos estão tentando trazer a vegetação de volta", Cláudia fala. "A intenção é deixar a vegetação crescer naturalmente, mas isso vai demorar séculos."

Após um tempo, eu e Marcelo — talvez pela idade e estado de saúde — nos distanciamos de

Cláudia e Marina. Rafael, acelerando, tenta chegar ao grupo da frente.

"O comandante tem um compromisso marcado no topo?", eu pergunto aborrecida. "Por que está andando tão rápido?"

"Até que está normal."

"Não há nada de normal nele", digo redirecionando a conversa para onde quero. "Ele é sisudo demais."

"É, ele está mais estranho do que da outra vez."

"Você disse que ele não é casado, certo?", estico os olhos para Marcelo.

"Já foi, não é mais."

Meu coração acelera.

"Como assim, não é mais? Ele *já foi* casado?"

"Não sei de detalhes, ele é muito discreto sobre sua vida particular. Mas você sabe, o pessoal fala."

Olho para frente, para a fila indiana de homens. Essa é a quinta vez de Eric na ilha. Ao todo, são mais de vinte meses distante. É claro que não é mais casado.

"Um divórcio explicaria sua irritação."

"O divórcio não foi recente. Acho que está separado há anos."

Por sorte Marcelo é do tipo falador, e continua: "Parece que a esposa o largou. Lembro que quando me contaram a história senti pena."

"Pena?", pergunto achando o sentimento estranho. Quem teria pena de um homem como aquele?

Uma pedra desponta no meio da trilha. Marcelo sobe amparando as mãos na terra escura, estende a mão do alto para mim.

"Você não se lembra do que aconteceu?", pergunto enquanto ele me puxa para cima. "Você sabe, para ter tido pena dele."

Meu corpo bate desconfortavelmente no dele, e ele enlaça minha cintura. Seu nariz quase encosta na minha pele. Eu conheço aquele olhar que ele me lança, e não gosto dele. Tento me soltar, mas Marcelo me segura firme contra sua camiseta suada.

Meu coração acelera. Ouço à frente de nós a voz exasperada de Eric: "Tenente Machado! Algum problema?"

Eric está parado na trilha, mãos na cintura estreita, olhos cravados em nós. Em nós, não; em Marcelo. Ele me solta. O grupo se vira, o médico avermelha de vergonha. Ele devolve minha mochila e balbucia algo como 'preciso andar com o resto da guarnição'.

A passos largos, me deixa para trás. Eric volta a caminhar como se nada tivesse acontecido, mas eu demoro a reagir.

Não gosto do tom que Eric falou com Marcelo. Marcelo não é um moleque, é um médico, um adulto. Chamar a sua atenção na frente de todos é ridículo. "Onde arrumou um namorado tão mal

humorado?", Cláudia sussurra no meu ouvido ao passar por mim. Eu quase solto 'ele não é meu namorado', mas noto que Marina vem logo atrás.

Não tenho coragem de me aproximar novamente de Marcelo, que sobe com o rabo entre as pernas. Espero que não receba punição por aquilo. Uma simples brincadeira anda rendendo flexões sob o sol por aqui.

No entanto, também não quero mais ser a última. Acelero o passo, diminuindo a vida útil de meus pulmões para alcançar o resto. Se há uma coisa que me revigora, é provocar Eric. E agora eu sei melhor como.

Quando chegamos ao topo, esqueço tudo. Lanço a mochila ao chão, descansando os braços na cintura enquanto miro a paisagem. A floresta das Samambaias ergue-se verde e alta em apenas um lado da montanha. É como se o monte tivesse duas faces, cara e coroa, um seco e pedregoso, outro exuberante e viçoso.

As copas das plantas muito acima de nós crescem onde o vento é mais ameno e o sol menos punitivo. Não são árvores, e sim samambaias, as mesmas que vemos nas varandas da casa de nossas avós. A diferença? Estas alcançam seis metros de comprimento. Uma visão inusitada, estranha, primitiva.

"Como pode uma coisa dessas?", pergunto para Cláudia quando ela chega. As samambaias, que geralmente comprimem-se em xaxins, reinam aqui soberanas. Parecemos mesmo estar em um mundo perdido no tempo e espaço; a sensação é a de que em breve estaremos cercados de Veloceraptors famintos.

Cláudia, que já esteve ali durante a semana, explica por que elas crescem apenas naquele lado da ilha e por que ficaram tão altas. Ao invés de prestar atenção na explicação, sou distraída pela voz de Eric, que vem de dentro da mata. Ninguém nos espera para explorar a floresta, a guarnição simplesmente some entre troncos e galhos.

Marcelo volta a se aproximar agora que estamos todos ali, ouvindo a explicação de Cláudia sobre o estrago que as cabras fizeram na ilha, quando foram deixadas aqui por exploradores nos idos de 1700.

"Elas não digeriam as samambaias", conta. "Todo o resto da vegetação da ilha foi comida por elas."

Eu continuo não prestando atenção à explicação. Eric acaba de se afastar do grupo para se sentar sob uma árvore. Eu não consigo tirá-lo da periferia da visão. É como se cada célula de meu corpo o vigiasse. A gola da sua camisa está suada, seus óculos não me deixam ver para onde olha. Exalo o ar, me abanando.

Aos poucos as pessoas se espalham. Exploram, descansam sob as sombras. Alguém aponta para uma samambaia-árvore, onde um caranguejo se pendura no alto de um galho. Todos riem, só Eric não acha graça. Ele parece tenso, preocupado.

Eu, Cláudia, Rafael e Marcelo nos sentamos também. Marcelo me oferece um pouco de seu

Gatorade, eu aceito. Cláudia continua investigando a folha de uma das samambaias mutantes.

"Você acha que podemos fazer aguardente dessa planta?", ela pergunta para ninguém em especial.

"Menos, Cláudia", respondo. Marcelo cai na risada, mas Cláudia está falando sério, eu conheço aquela cara.

"Sério, somos cientistas. Para que serve tanto estudo se não soubermos fazer cachaça!?"

"Não acha que elas parecem venenosas?", Marcelo pergunta diplomático. "Nem as cabras as quiseram."

Enquanto rimos, noto que Eric se levanta. Com a cara amarrada anda até onde estamos, e o ar some da ilha. Ele vai falar comigo? A cada passo dele sinto que vou desmaiar. Seu rosto está no meu, mas não posso ver o que seus olhos dizem. Faíscam, cintilam, fervem? Arrisco um sorriso cauteloso, mas ele passa direto, ignorando meu sorriso, fingindo que sou invisível.

O cheiro de seu suor circula no ar, videiras ganhando o espaço, rodopiando na frente de meu nariz. Céus, eu poderia afundar meu nariz em seu pescoço e cheirá-lo até amanhã. *Ou lambê-lo*, mas isso seria no mínimo bizarro.

Ele anda até Marina, que está parada com as mãos nos joelhos e cabeça baixa. Pousa as mãos sobre suas costas e a ampara quando ela vacila: "Marina, você está bem?"

Ah, ela ainda está viva. Juro, ela poderia ter caído do penhasco que não teria sentido falta.

"Acho que estou passando mal", ela diz parecendo realmente miserável.

"Começou agora?"

"Não, ontem."

"Foi alguma coisa que você comeu?"

"Acho que sim", ela responde olhando-o tão profundamente que o abismo Vitória-Trindade vira um pires raso. Que ardilosa! Ela escalou a droga da montanha para fazer cena no topo? Preciso admitir que ela tem método.

Observo como várias pessoas a rodeiam agora. Eric olha para nosso grupo, tomando cuidado para não olhar para mim. "Tenente Machado."

"Sim, senhor?", Marcelo responde.

"Acompanhe Marina de volta ao posto. Ela precisa de cuidados médicos."

"Sim, senhor."

Marina sorri languidamente para Eric. Ela pousa a mão no peito largo e o agradece com um miado. Até Cláudia rola os olhos.

O topo da ilha é um fogareiro, mas a irritação aumenta minha temperatura em 200 graus. Não tenho coração para sentir pena. Só sinto raiva.

Marcelo passa o braço mole da mulher ao redor de seu pescoço e a leva devagar trilha abaixo, enquanto Eric passa novamente por mim como se eu não existisse. Tenho vontade de por o pé na sua

frente só para vê-lo tropeçar. Quero ver ele não me notar.

Descemos uma hora depois, Eric na frente, civis e alguns sargentos atrás. Quando chegamos, Marcelo nos conta que Marina precisa ficar no soro o resto do dia, porque vomitou e está desidratada. Observo como Eric ouve o relato e após a janta deixa o refeitório com Marcelo em direção à enfermaria.

Cláudia não me deixa segui-los, mas eu não sossego enquanto não me sento no lado mais escuro da minha varanda e mantenho os olhos fixos no centro médico. Vejo quando Marcelo deixa o local. Eric permanece lá, por exatos vinte e dois minutos.

Vinte-e-dois-minutos.

Em vinte e dois minutos eu escrevo um e-mail longo. Faço arroz, passeio com meu gato no jardim, corrijo três provas. Vinte e dois minutos pode ter sido o tempo que eu e Eric ficamos agarrados no banheiro.

Estou tão nervosa com aquela desconfiança que cresce em mim que não noto o barulho dos caranguejos, a falta de álcool no sangue, o ronco de Cláudia.

Eric sai do centro médico como se tivesse pressa, sem olhar para trás. Vai diretamente para seu alojamento. Eu me encolho, evitando até mesmo respirar, para que ele não note que estou escondida vigiando seus passos.

Nada explica sua permanência no centro médico com ela, a menos que eles tenham algo.

Cuidados



Eric

Marina ainda está no centro médico e aguarda minha visita. Chamo Marcelo para me acompanhar, evitando encontros a sós. Até agora não acredito a que nível cheguei, o de precisar de alguém ao meu lado para inibir seu assédio.

Entro na enfermaria logo atrás do tenente. Marina está pálida, frágil sobre a maca. É estranho vê-la assim, ela nunca é vulnerável.

"Está com vontade de vomitar?", Marcelo pergunta ajustando a quantidade de soro que pinga lentamente na veia dela.

"Mais ou menos."

Eu me sento ao seu lado. "Como você está?"

"Melhor agora", ela responde sorrindo. O tenente nos olha de lado. Endureço de tal maneira que ele finge não ter ouvido nada.

"O que você acha que aconteceu?", pergunto mais preocupado com o médico de costas do que realmente com ela.

"Chocolate. Você sabe como adoro chocolate. Na falta de se..."

Ela pausa, eu a perfuro com o olhar.

"Na falta de outras *coisas*, sobrou apenas chocolate.", ela suspira. "Comi tudo que trouxe para a ilha, e não foi pouco."

Eu a olho com repreensão.

Conversamos um pouco mais sobre assuntos seguros, enquanto Marcelo digita alguma coisa no prontuário. Em determinado momento, Marina aperta de leve minha mão.

"Marcelo, poderia nos deixar a sós?"

Antes que Marcelo ache as palavras, eu solto: "Marina, você precisa descansar. Eu já vou indo."

Faço menção de me levantar, mas ela me segura pelo pulso — gesto que também não passa despercebido. "Preciso tratar de assuntos urgentes com o comandante."

"Claro", Marcelo fala. Ele fecha o lap top e tira o jaleco, pendurando-o em um cabide. Deixa o centro médico sem coragem de nos olhar.

Cogito levantar e sair, mas temo que ela faça uma cena. *Sempre isso, sempre o medo da cena.*

Aliso a testa, sentindo uma pontada de dor. Por que cargas d'água deveria me importar se ela fizesse uma cena? As pessoas saberiam que eu e Marina saíamos juntos em terra, e daí? *Deixe-a gritar. Deixe que os outros saibam. Essa história está se arrastando por tempo demais.* Mas eu sei porque ando querendo esconder o caso com ela.

O porquê tem nome, e ando evitando dizer esse nome.

Assim que Marcelo bate a porta, Marina se senta e desaba em meus braços. Eu me levanto, tentando pará-la: "Marina, o que você está fazendo?"

"Eu estou com saudades", ela sorri lânguida, procurando meus lábios. Sua boca encontra a minha, seus braços me envolvem.

"Marina, não. Mas que droga, isso precisa parar."

Dou um passo para trás, fugindo dos braços que parecem tentáculos. "Nós combinamos que não ficaríamos juntos na ilha", mas enquanto falo, ela força a entrada de sua língua na minha boca.

"Eu menti."

"Marina, porra, não aqui, não assim", espalmo seus ombros vendo a agulha ainda presa em seu braço. Seus dedos puxam meu cabelo da nuca, e as pernas se enroscam em torno da minha cintura.

"Se não me beijar sou capaz de enlouquecer", ela diz falando sério.

Sua boca cola à minha. Eu respondo ao beijo, as mãos duras como pau em seus ombros. Um beijo raso, rápido. Ela sorri ainda colada a mim.

"Posso puxar a calcinha para o lado, se quiser."

Eu praticamente empurro-a sobre a maca. "Você está louca."

"Estou. Por você."

"Não é verdade."

"Eric, eu achei que conseguiria me segurar. Mas não consigo. Eu vejo você assim, todo malhado, eu enlouqueço. Por favor, você precisa me aliviar."

"Do que você está falando?", eu franzo a cara. "Nós combinamos que não nos encontraríamos aqui."

A conversa ponderada escala para algo mais quando ela grita: "ninguém vai saber!"

"Como não? Você acabou de mandar o médico nos deixar a sós!"

"Você está muito estressado, Eric! Deixa ele achar o que quiser, ele nunca terá certeza."

O médico não desgruda da bióloga, eu penso. Dou um passo para trás, olhando-a sem reconhecê-la. Marina sempre foi insistente assim ou eu estava cego?

"Não encosta mais em mim", digo sério.

Ela me olha de lado, desconsiderando minha frase e meu tom: "não me provoca."

"Eu posso adverti-la formalmente por má conduta."

A ameaça sai séria, e nada em mim indica que estou brincando. Ela estreita os olhos.

"Me acusar de má conduta?", ela repete lentamente, levando a mão ao peito. "Por beijar você,

meu namorado em terra?"

Eu travo o maxilar. *Como pude deixar que ela viesse para cá?*

"Eric, vamos fingir que não ouvi essa besteira, está bom?"

Eu ajeito a camiseta, fora de seu alcance. Ela ainda sorri, as pernas cruzadas, as mãos apoiadas na maca, alheia ao fato de que não quero mais nada — absolutamente nada — com ela.

"Você sabia que essa situação seria inevitável aqui na ilha", ela balança as pernas. "Eu aceitei seu papo de que não deveríamos nos relacionar, blá blá blá, mas convenhamos. O que você achou que fosse acontecer? Que conseguiríamos guardar as emoções para quando voltássemos? Francamente."

Ela balança a cabeça sem acreditar na minha ingenuidade.

"Por dias achei que você fosse abrir mão da missão", continua olhando para algum ponto da sala. "E, claro, eu faria o mesmo no final."

"Você queria me persuadir a ficar no Rio?"

Ela se inclina: "você veio porque acha a situação tão excitante quanto eu."

Eu passo a mão pela pele crespa da barba do fim do dia, pensando no que ela está dizendo. Ela esperava que eu desistisse de vir. Ela acha que concordei com sua vinda — que decidi vir — porque acho o que está acontecendo excitante.

"Marina, precisamos conversar."

Ela exala, enfadada. "Você nunca quer conversar. Por que quer agora? Se está interessado em saber como estou, como estarei amanhã, posso garantir que me sinto bem. Poderia arrancar agora mesmo esse soro e me unir ao grupo. Não se preocupe comigo."

"Não é sobre sua saúde que quero falar", digo esfregando as mãos no rosto. *Deve ser uma benção viver em um mundo que orbita apenas ao redor de si mesmo.*

"Sobre o que você quer falar?", ela estica os pés de unhas perfeitas e pintadas de vermelho até minha virilha. Sequer passa pela sua cabeça que eu não a desejo mais.

Ela roça os dedos em minha calça. Seguro seus pés pela sola e, com cuidado, os devolvo um ao lado do outro. "Não quero mais passar por situações assim."

"Assim como?"

"Não me interessa que você mentiu sobre nosso acordo de manter distância. Não me interessa que ache a situação excitante", eu a furo com os olhos. "A partir de hoje, manteremos distância. Retomaremos — ou não — o que tínhamos quando voltarmos para casa."

Seus olhos cor de prata me fitam sem entender. Acho que se surpreende quando percebe que estou dando um ultimato. Ela olha para o teto do centro, para a janela que mostra o céu escuro.

"Eric, Eric..." ela estala a língua. "Quem se importa com o que os outros vão falar? Você vai ficar quatro meses" — ela estreita os olhos —, "quatro longos meses sem comer ninguém?"

"Igual a qualquer outro que está aqui, sim."

"Mas você é o Capitão, meu amor, você pode se dar ao luxo de um pouquinho mais..." Seu tom é

presunçoso, quase pedante.

"Não quero um pouco mais. E você não deveria querer também."

"Ninguém manda em meu corpo. E meu corpo quer você. Aqui. Nessa ilha. No meio daquela floresta, na areia, na praia. Vamos sair qualquer hora dessas para caminhar. Apenas isso. Eu levo você até a estação meteorológica à noite, que tal?"

Ela pisca. Eu a deixo falar. Quando ela termina, eu tento ser o mais calmo e controlado que consigo. A vontade é gritar com ela, sacudi-la, mas aí está a dificuldade da situação.

Assim como Marina não tinha lugar certo em minha vida, ela não tem no mapa de distribuição de poderes da Marinha. Não tem lugar exato na hierarquia, porque alguém muito acima de mim a blinda do tratamento formal.

Se eu a advertir e manchar seu currículo com uma punição, serei punido também. O pior de tudo? Sou tão causador de seus atos quanto ela.

Tenho mais culpa por estar onde estou do que ela. Eu achei — agora sei, erroneamente — que saídas casuais não fariam mal a nenhum de nós. Eu acreditei que ela aceitava meus termos, sem notar que as saídas tornaram-se importantes para um dos lados da relação.

Sim, eu fui inocente. Eu achei que podíamos, se quiséssemos, isolar os sentimentos das coisas.

Meu tom volta a ser calmo: "Marina, a partir de hoje, eu e você não temos mais absolutamente nada um com o outro. Se você não respeita o acordo que fizemos, vou lembrá-la. Concordei em sua vinda apenas porque prometeu se comportar."

"Não", ela me interrompe. "Você concordou com a minha vinda porque não podia fazer nada contra ela."

Seus olhos faíscam. Meus olhos faíscam. Ela sabe que eu sei. Sabe do meu receio sobre ela ser quem é.

"Eu poderia ter pedido sua dispensa alegando motivos pessoais", falo.

"Não poderia, não", ela responde balançando as mechas compridas, e tanto eu como ela pensamos no nome de seu pai. Um telefonema para o seu pai, e ela viria de qualquer forma.

Ela parece subitamente entediada. Como se aquela conversa — para mim definitiva — a aborresse. "Eric, sabe o que eu notei?", suas mãos estão na borda da maca, e seus pés balançam no ar, cruzados.

Aperto os olhos com os dedos fazendo que não. Como quis naquele instante que fosse tudo como das outras vezes que estive aqui. Apenas homens, a terra e o mar. Muito trabalho, piadas sujas, dias sem banho e sem fazer a barba, arrotos no refeitório.

"Acho que aquela menina ruiva não gosta de mim."

Meus dedos param na frente do rosto. Até a respiração pausa.

"Que menina ruiva", eu acho a cara dura de perguntar.

"A bióloga."

Pausa.

"Por que acha isso?"

"Não sei. Desde o início não gosta de mim. Sabe o que eu acho? Que ela tem ciúmes de mim porque o Capitão arrasta uma asa para o meu lado."

Passo a língua pelos lábios. Toda realidade chega à Marina distorcida por seu espelho narcisista.

"Isso não faz sentido", eu digo de modo tão automático que desconfio que me delatei sem querer.

"Não faz. Só faria se *ela* arrastasse uma asa para você."

"Você está delirando", eu corto a conversa. "Hora de chamar o médico de volta à sala."

"Não, espera", ela se sobressalta. "Fica um pouco mais comigo. Por favor."

Ela se deita, recolhe o pés sobre a maca, estende-me a mão. Volta a encenar alguma doença, porque a essas alturas não acredito mais que esteja passando mal. Eu volto a me sentar, refém de suas vontades, sem plano definido para seus joguetes.

Por um tempo apenas conversamos sobre trabalhar amanhã ou não, sobre comida, sobre coisas que não interessam. Deixo o centro médico minutos depois irritado e esgotado, certo de que nada do que falei adiantou. Marina só faz o que quer, sempre fez e jamais deixará de fazer.

Tartaruga 1Stella

"Dra. Stella?"

Cubro os olhos com a mão por causa do sol. Um praça se aproxima, afundando na areia fofa.

"Sim?"

"O comandante está chamando a senhora no centro de comando."

Eu e Rafael nos entreolhamos.

"Tem certeza que sou eu?", pergunto para o jovem.

"Sim, ele quer falar com a senhora."

Meu coração acelera. Eric quer falar comigo?

"Já volto", digo a Rafael me levantando. Rafael se despede com dedos cruzados.

Caminho atrás do menino sentindo a pele tilintar. O que Eric quer comigo? A imagem dele saindo do centro médico na noite passada vem à memória.

Hoje cedo Marina não parecia melhor ou mais feliz do que ontem. Se eles tiveram alguma coisa lá, Eric não mexeu com ela como ainda mexe comigo, ou ela estaria rindo como uma idiota.

Talvez Eric tenha esse efeito apenas sobre mim.

Céus, eu já estou concluindo que aconteceu alguma coisa. Eu sequer sei que tipo de relacionamento eles têm. Talvez sejam amigos. Realmente amigos.

Quando o garoto indica a porta, eu estou suja da manhã passada na praia, suada pela caminhada, descabelada pelo vento. Meu cheiro é de filtro solar, suor e maresia. Tento arrumar o cabelo quando tiro o boné, prendendo-o com os óculos sobre a cabeça. A camiseta, de tão amassada, poderia facilmente ter sido tirada de dentro de um estojo.

O centro de comando é um casebre branco que lembra uma pousadinha à beira mar. Bato na porta e abro, sentindo o sopro frio do ar condicionado. Assim que entro, me deparo com Eric de pé, ao lado de dois homens sentados em frente a computadores enormes.

Seguro a respiração.

Sua pele está levemente rosada sobre o nariz, o que deixa seus olhos ainda mais claros. Há um calor em seus olhos que me faz pensar em sauna, em banhos de ofurô.

"Você me chamou?", eu praticamente sussurro.

Ele me olha superior, como sempre faz quando está entre outros. Voltando a olhar o relatório que tem nas mãos, informa com arrogância sexy: "eles têm um recado para você."

"Eles?", é a primeira das duas surpresas. Achei que fosse ele quem quisesse falar comigo. Mas logo vem a segunda: "Para mim?"

O coração sobe à garganta. Se não estou aqui porque ele resolveu fazer sexo comigo sobre sua mesa, por que motivo estou aqui? Um dos homens gira na cadeira de rodas, tira o fone do ouvido. "A senhora recebeu uma ligação."

Penso em meus pais, perdidos em algum lugar da Amazônia, e meus olhos se arregalam. *Meu Deus, eles morreram.*

Tenho certeza de que empalideço. Também tenho certeza de que virei órfã. Quem ligaria para cá, quem me acharia no fim do mundo? Minhas pernas começam a tremer, e eu me encosto lentamente na porta fechada.

O oficial se apressa em dar o recado antes que eu desabe: "Uma pesquisadora da Universidade de Cape Town na África do Sul acaba de nos contatar. Eles ligaram para a universidade, e seu departamento deu o número do posto."

"Ahn?", solto sentindo súbito alívio. *Ninguém morreu?*

Os olhos de Eric não estão mais no relatório. Tento não olhá-lo, mas quando o alívio varre o corpo, não resisto. Não há mais arrogância ou insensibilidade neles, apenas atenção. Ele parece preocupado com minha reação precipitada de achar que telefonemas equivalem a tragédias.

"A Sra. Qwabe quer saber se você trouxe o material de monitoramento para a ilha. Um que ela entregou para a senhora em alguma ocasião. Ela disse que, se conhece bem você, você o trouxe. Como não sabíamos nada a respeito, apenas nos comprometemos a passar a mensagem."

A cabeça demora a voltar para a sala. Eric embaralha os pensamentos, que esvoaçam ao redor como papel ao vento. Há quanto tempo não o encaro assim, de perto? Não vejo mais sinal do descaso dos últimos dias. Na verdade, ele me olha como se não tivesse comido direito na última semana.

"Er... sim, sim. Está aqui", eu gaguejo a resposta, voltando a olhar para o oficial. "Eu... apresentei há dois anos atrás um trabalho com a Dra. Qwabe sobre fibropapilomatose..."

Eu olho para Eric, incerta se continuo ou não. Ele assente, me incentivando a continuar. É difícil falar na sua presença.

"Ela me mostrou na ocasião uma tartaruga que estava sob seus cuidados, salva de uma rede de pesca. Ela estava sendo provisoriamente mantida nos tanques que a universidade tem na costa. Eu estava lá quando eles colocaram um transmissor em sua carcaça, um pequeno dispositivo retangular com uma antena acoplada" — eu mostro o tamanho do objeto com as mãos — "que nos permitiria coletar informação sobre sua localização. Desde então, Cape Town monitora a tartaruga via satélite e via rádio, e eventualmente me colocam a par de onde ela está."

Os homens balançam a cabeça, como se entendessem. "Esse era o recado que sua colega queria

passar", diz um deles. "Tartaruga 1 está aqui."

Por um instante não entendo.

"Como?", eu me ouço falando, embora não pareça exatamente a minha voz. Massageio a testa, que parece fervilhar de perguntas. *Tartaruga 1 está aqui?*

Ando até uma cadeira e me sento, sentindo as pernas fracas. É muita coisa acontecendo ao mesmo tempo.

O grande plano da universidade era descobrir a cura da fibropapilomatose. A Dra. Qwabe e sua equipe desconfiavam que, devido a involução do fungo presente naquela tartaruga que acharam, ela havia desenvolvido um modo de se autocurar. Como a regressão da doença era apenas uma suposição, e que isso também só aconteceu porque a tartaruga estava em liberdade, decidimos que, após estudá-la, nós a soltaríamos e a monitoraríamos de novo em dois anos.

Dois anos se passaram, e aqui estamos nós. *Eu e a tartaruga!*

"A equipe dela me deu um receptor de curto-alcance para monitorá-la nas praias brasileiras, caso ela aparecesse por lá. Eles suspeitavam que o Brasil era seu local de nidificação."

Eric ameaça um sorriso encorajador.

"O receptor está aqui, comigo", sussurro.

Eu o trouxe, mas para ser sincera esqueci de ligá-lo. Eu sempre o ligava quando visitava a Bahia, embora acreditasse que as chances de me deparar com a tartaruga na imensidão da costa brasileira eram ínfimas.

"Por aqui vocês querem dizer na costa do Brasil, certo?", pergunto para confirmar.

É a voz de Eric que responde: "Trindade."

O outro oficial adiciona: "a pesquisadora disse que tudo indica que T1 conseguiu desenvolver anticorpos para a doença. Ela não conseguia acreditar na coincidência de encontrar você justamente aqui."

Eu olho para Eric, olho para o oficial que me olha com um meio sorriso. "Não é possível", eu balbucio.

Não pode ser coincidência, essas coisas não existem. Encontrar aquela tartaruga, estatisticamente, é impossível. "Quais seriam as chances?", pergunto estreitando os olhos para Eric.

Ele me olha de um modo tão íntimo e cúmplice que eu preciso virar o rosto para outro lado. *Quais eram as chances de reencontrá-lo naquele navio?*

Um calor absurdo toma conta do meu corpo. Eu solto o ar tentando me acalmar, mas as mãos vão parar novamente na cabeça, como se eu estivesse prestes a explodir e pudesse, com o gesto, conter a explosão.

Essa é a melhor coisa que poderia acontecer comigo aqui na ilha. *Ou a segunda melhor*, divago. *Não, pensando bem, é a primeira melhor coisa mesmo.* Eu fecho os olhos, segurando um grito, mas não consigo segurar os pulos. Isso muda tudo!

Sequer penso em tudo que poderei fazer se achá-la. Estudá-la detalhadamente, coletar sangue, observar sua imunidade dois anos depois. E seus ovos!

"Ai, meu Deus, tudo que posso fazer com seus ovos!"

Eu estou tão alegre que me jogo nos braços de Eric. Ele me recebe caloroso como um tronco de madeira. Seus olhos se arregalam, suas mãos não se fecham em volta de mim. Mas estou tão feliz que apenas peço desculpas, corando desavergonhadamente.

Sorrio para os dois oficiais que me olham sem expressão definida, e antes que precise encarar Eric novamente, saio dando pulos porta afora, rumo ao alojamento, à procura do receptor.

Eu sou praticamente a garota mais rápida do mundo, porque atravesso a vila em questão de segundos. Cavouco a mochila até achar o aparelho escuro que por pouco não deixei no Rio. Giro um botão ligando-o, tentando ouvir algum sinal, mas o receptor não emite nada além de estalos secos. A T1 não está por perto, ou ele biparia.

Mas pode aparecer a qualquer instante.

Eu tenho que correr as praias. Toda a costa da ilha, cada centímetro de terra à beira do mar. Tartaruga 1 está aqui e eu preciso encontrá-la.

Saio do alojamento pulando os degraus de dois em dois, trotando em direção à praia para contar a novidade a Rafael.

A partir de hoje teremos que passar as noites na praia. Tenho que estar ali para a desova da tartaruga que pode — eu sei que pode — significar o futuro da espécie. Como vou organizar isso não sei, mas sei quem vai autorizar isso para mim.

"O que vocês acham?", pergunto a Cláudia e Rafael, esparramados nas camas ao redor. "A blusa ultra mega velha do projeto Tamar ou a do departamento de biologia da UFRJ?"

"Fala sério que você não trouxe nada mais apresentável", Rafael me desaprova.

"Acredite, eu daria um dedo de minha mão por uma peça de roupa mais sexy."

"Você não vai vestir esse trapo", ele se revolta.

Marchando ofendido até seu quarto, ele busca uma camiseta sua. A blusa de Rafael com gola e botões é mil vezes mais sexy do que qualquer peça minha. Ela cola às minhas curvas nos lugares certos, dando a impressão de que tenho mais seios e menos cintura.

Ele ajeita a gola, abre um botão. Olhando-me como se fizesse parte do Esquadrão da Moda, declara: "Sexy."

Faço um bico sensual: "sexy?"

"Não sexy", ele censura o bico, e eu volto a morder o canto da unha.

"Você acha que Eric talvez passe vinte e dois minutos conversando comigo a respeito de meus planos de acampar na praia a partir de hoje?", pergunto.

Eu contei a eles sobre a visita de Eric ao centro médico. As opiniões a respeito divergiram. Cláudia, como gosta de Marina, acha que ele estava apenas sendo gentil e fazendo companhia a ela.

Rafael, que gosta de drama, acha que rolou sexo.

"Acho que ele vai gastar apenas um minuto dizendo um sonoro não", Cláudia diz na lata. "Ele nunca deixaria vocês acamparem sozinhos na praia."

"Talvez ele se ofereça para passar as noites frias com você", Rafael me acotovela.

"Vai sonhando", Cláudia diz.

"Ele não pode me impedir", eu cuspo um pedaço de cutícula.

"Pode, e vai", Cláudia determina.

Eu a ouço, mas não aceito o que diz. Ele não pode negar o que não pode ser negado. As tartarugas chegam à praia à noite, o receptor é velho, eu preciso estar perto dela quando ela se aproximar. *Se ela se aproximar.*

Ele não pode dizer não.

Andamos em silêncio até o refeitório, cumprimentando rostos que se tornam a cada dia mais familiares. Eric está sentado do lado de fora, em uma mesa com vários homens ao redor. Eu estalo alguns dedos. Cláudia e Rafael se socializam com outros ao meu lado, eu cravo os olhos em Eric como se eles fossem garras.

Marina se aproxima, short e camiseta, um casaco transparente só para constar que está tapada. Batom, rímel nos olhos. Sério, quem pensaria em trazer rímel para cá?

"Melhorou, Marina?", Cláudia pergunta.

Ela nos dá boa noite, emendando em uma história que pouco me interessa sobre a noite passada no soro, sobre como Marcelo acha que ela perdeu peso vomitando, sobre como ela está se sentindo. Brinca dizendo que se seu pai souber que passou mal manda uma esquadra buscá-la.

Mesmo sem entender sua piadinha, eu poderia esbofeteá-la.

Quanto a Eric, ainda não sei como abordá-lo sem parecer que estou com fome. Não entendo o que está acontecendo comigo. Ele me tira o juízo, parece que sabe onde apertar meus botões. *Acorda, Stella! Foco na tartaruga.*

Ele se vira, seus olhos encontram os meus. Pela primeira vez não me ignora, nem vira o rosto. Não foge. Ele parece pensativo. De certa forma, curioso para saber porque o estou olhando fixamente.

"Vou falar com Eric", digo sem abaixar o tom de voz.

Marina para de falar, Cláudia engasga.

"Falar o quê?", a loira pergunta, curiosa.

Ouçó as tossidas de Cláudia ao longe, enquanto Rafael corre para buscar um copo d'água. Eu me espremo entre as mesas, olhos nele, ele cada vez mais incerto sobre as minhas intenções.

Ele se ajeita na cadeira, desconfortável. Eu venho rápida demais para ser parada. Chego em sua mesa interrompendo a conversa. "Comandante, você tem um minuto?"

As pessoas param de falar. Um senhor baixinho e gordinho, que foi juiz no amistoso, estende a mão para mim. Eu o cumprimento, chacoalhando sua mão como ele chacoalha a minha. Em momento

algun deixo de olhar o rosto bonito do Capitão.

"Claro", ele praticamente sussurra.

"Seja lá o que essa aí pedir, faça", o homem simpático brinca com Eric. "Essa menina é porreta."

Você não tem ideia do que eu pediria, Capitão. Eric arrasta a cadeira e se levanta.

Eu sou uma massa de sensações sem nomes definidos. Calor e ansiedade, temor. Eu não movo, além das pernas, um único músculo. Algo estranho que ainda não sei bem o que é se remexe dentro de mim. Uma excitação desconfortável, um tipo de força aprisionada que não encontra vazão. Eu ando me sentindo assim ultimamente. E a sensação começa quando penso nele, quando começa o próprio dia.

"Quer conversar aqui?", ele aponta para uma mesa vazia.

"Podemos ir para o refeitório?"

Sei que, quando a janta acaba, apenas o cozinheiro e seus ajudantes ficam ali. O local vazio me parece melhor do que estar sob o escrutínio de todos. Não posso prometer que vou olhá-lo o tempo todo com indiferença. Fingir indiferença anda esgotando minhas energias.

Ele concorda e indica que eu devo andar à sua frente.

Caminho sentindo sua presença quente atrás de mim. Próxima, sólida. Entro no refeitório seguida dele. O cozinheiro não nos dá uma segunda olhada.

"Sobre o que quer conversar?"

Sua voz é sempre firme, mas nesse momento sai dura. Áspera, ainda que profissional.

"Sente-se", eu peço de maneira delicada. Ele não discute. Arrasta uma cadeira e se senta, resabiado. Eu faço o mesmo.

Ele veste uma camisa de malha cinza que contrasta com a pele morena de sol. Seu cabelo está úmido, e eu sinto o cheiro de colônia. Limpo a garganta, coloco as duas mãos sobre a mesa, palmas sobre a madeira.

Ele desce os olhos até minhas mãos. Eu digo de uma vez, sem hesitar: "Eric, eu preciso de sua autorização para dormir fora do alojamento, todos os dias, até o fim da minha permanência na ilha."

Tudo que ele faz é erguer as sobrancelhas.

"Na praia das tartarugas" digo. "Todas as noites a partir de hoje."

Eu tenho um tom firme quando se trata de trabalho. Não dou chances a ele de perguntar 'algumas noites', ou 'a noite inteira'. Eu preciso estar todas as noites lá, a noite toda. O porquê ele já sabe.

"Você sabe que não pode."

"Eu não estou pedindo para ficar sozinha. Preciso de uma equipe comigo. Eu e Rafael precisamos estar lá."

Ele não responde de imediato. Não sou boba, ele não está ponderando meu pedido. Ele está tentando achar um jeito de negar sem causar estragos ou danos colaterais. Se eu pirar, posso causar os dois. Eu dei provas nos últimos dias de que sou meio pirada.

"Eu não posso mandar uma equipe para passar a noite lá", diz calmo. "Não posso fazer isso com

meus homens. Eles precisam trabalhar durante o dia."

Acho que ele aguarda minha compreensão.

"Eu preciso achar a tartaruga, e a praia da desova é o local onde ela vai aparecer."

Ele fecha os olhos. "Stella..."

Quando os reabre, está tão decidido como antes. "Podemos organizar equipes à noite, mas não a noite inteira. Você sabe que a maré sobe, que já perdemos gente antes."

"Não vamos chegar perto da água."

"Você não pode garantir que a água não vá chegar até vocês."

Eu fecho os olhos, exigindo de mim mesma paciência: "Você está sendo desnecessariamente difícil."

Eu não sei por que solto aquilo. Acho que é porque ele *está* sendo difícil comigo. Lidar com quem desperta todas as minhas terminações nervosas não é tarefa fácil.

Ele responde pausadamente: "Não estou sendo difícil."

"Eu não me aproximarei da água. Só ficarei na areia."

"Não."

Eu travo os dentes. Quero saltar sobre ele ali mesmo. Sério, eu quero.

Mas também quero forçá-lo a mudar de ideia, quero bater nele por ter virado minha cabeça, por ter entrado debaixo da minha pele. Como tiramos alguém desses lugares?

Sem pensar no que estou fazendo, me inclino alguns centímetros em sua direção. Ele imediatamente se afasta.

"Não faça isso, Eric."

Seus olhos me queimam, firmes, claros, impossíveis de ler.

"Eu já estou fazendo."

Ele faz menção de se levantar, eu me inclino ainda mais sobre a mesa.

"Você não pode fazer isso."

Minha voz sai dura. Ele pode ser razoável, mas acho que não está sendo porque eu o incomodo de alguma maneira que não entendo.

"Posso, e vou fazer. Você não vai dormir na praia."

"Eu e Rafael podemos acampar na parte segura. No morro, que seja."

"Não."

"Por quê?", eu pergunto sem entender.

Ele exala impaciente. "Não sabemos quando ou onde as ondas batem, e no mais há os caranguejos, que já comeram animais antes. Eles parecem inofensivos, mas não são."

"Eric, eu não vou ser comida por caranguejos. Eu não vou ser levada por ondas. E eu não estou apenas pedindo."

Sua sobrelha se ergue. Acabei de deixar tudo mais difícil. *Bom trabalho, Stella.* Ele cruza os

braços musculosos na frente do peito e me olha com curiosidade.

"Ah, não?"

"Eu vou achar um meio de estar naquela praia. Eu apenas quero fazer isso da maneira certa."

Ele estreita os olhos. Eu estou desafiando sua autoridade ou apenas testando sua paciência? Ele tem a autoridade para me prejudicar de inúmeras maneiras. O problema é que não vou desistir.

A T1 é o único exemplar conhecido que desenvolveu anticorpos contra o fungo que está matando as outras tartarugas. Ela é o futuro das *Chelonia*, e estou disposta a largar tudo que vim fazer aqui para procurá-la.

Eu preciso tentar. Eu vou tentar, e ele não vai me impedir.

Ele descruza os braços e se aproxima de modo que, quando fala, eu sinto o cheiro delicioso de sua boca. "Ouça pela última vez", sua voz é ríspida. "Eu não autorizo sua ida."

Meu Deus, como ele é bonito, penso olhando no fundo de sua íris. Meu coração fica todo atrapalhado. Volto a ficar reta na cadeira, as mãos ainda paradas sobre a mesa.

"Você não pode me impedir."

Com olhar crispado, ele me fuzila sem piedade: "Você sequer me ouviu?"

"Mais ou menos, eu me distraí."

Ele repete: "se você me desobedecer, faço uma ocorrência contra você. Responsabilizo Cláudia, que responde por seu departamento e por suas ações na ilha. Eu não sei se você notou, mas eu sou a autoridade e estou proibindo você de ir, e você irá me obedecer."

Eu sinto a raiva vibrar na sua voz, e uma veia pulsa alta em seu pescoço.

Quero xingá-lo, quero arrancar seus olhos bonitos com as unhas. Eu não aceito seu não. Eu não aceito que ele se intrometa no que não é seu para se intrometer. Sinto raiva, principalmente, porque ele me ignorou todos os outros dias. Eu poderia ter sumido todas as noites de meu alojamento e voltado antes de amanhecer, e ele não teria sentido a minha falta.

Mas além de raiva, sinto também vontade de resolver o assunto. Engulo a raiva, modero o tom: "uma equipe até às duas da manhã."

"Ahn?"

"Eu estou pedindo uma equipe todos os dias até às duas da manhã. Eles podem dormir, você pode colocar uma caneleira de monitoramento eletrônico em mim — eu não ligo —, não me aproximarei da água. Só peço isso. Que me deixe tentar. Pelas tartarugas."

Eu não tenho mais raiva quando paro de falar. Eu só tenho medo.

Ele se recosta na cadeira outra vez, o rosto vermelho. "De onde tira essas coisas, caneleiras..."

Ele volta a balançar a cabeça. "Não sei se..."

"Eric."

Por um único segundo eu olho sua boca perfeita, seu rosto bonito, suas mãos que me enlouqueceram, que me levaram ao paraíso e me puxaram de volta. Pisco os olhos, me recomponho.

Tento extinguir o calor que sempre me incendeia em sua presença. "Eric, por favor. Ou você providencia a equipe, ou terá que fazer uma ocorrência contra mim."

Ele não acredita no que ouve.

"Você está me ameaçando?"

"Estou? Não sei. Talvez."

Sua boca entreabre, sem achar palavras. "Você colocaria em risco seu trabalho, seu nome, para achar uma tartaruga?"

"Eu arriscaria a *minha vida* para achar aquela tartaruga."

Por alguns segundos firmamos os olhos nos do outro. Eu estou com raiva, mas a força que me puxa para ele é anormal. Eu sinto a respiração mudar. Tento acalmá-la, mas eu só aparento isso — uma garota tentando acalmar a respiração na frente do homem que rouba seu ar.

Não sei se é a frase, minha determinação ou um tipo de compensação por me ignorar — o fato é que alguma coisa o segura. Eric pensa, porque posso ver como seus lábios se movem enquanto ele morde a parede interna da boca, o mesmo hábito que tenho quando me sinto encurralada. Ele se vira, parece nunca conseguir manter o olhar no meu por muito tempo.

O que é uma pena, porque às vezes acho que me olha como se me quisesse. *Sim ou não?* Eu o encaro.

"Você está blefando."

"Não estou."

O modo como falo isso o convence. Eu não blefo, não com tartarugas.

Ele põe as mãos sobre a mesa, assim como as minhas estão. Dedos abertos, firmes sobre a madeira. Mãos de quem fala a verdade e não esconde nada.

Seus dedos são longos — eu bem sei — com unhas bem formadas. Há uma penugem escura e sedosa sobre a pele, entre as junções. Eu amo sua mão, seus dedos são um objeto erótico para mim.

"Uma equipe até às duas."

Eu sorrio. Eu poderia beijá-lo, se ele me deixasse. Fico tão feliz e aliviada com a resposta que levo meu indicador até seu dedo. Um toque espontâneo, mas que causa em ambos um choque elétrico.

Ele recolhe a mão, olha para o cozinheiro que canta alguma coisa debruçado sobre o tanque. Eu recolho a minha, arrependida.

"Não me toque", ele murmura.

Recolho a mão para o colo, sob a mesa.

"Não tive a intenção de ofender, me desculpe."

Ele prensa os olhos com os indicadores e os polegares. Permanece um tempo assim, olhos fechados e escondidos sob os dedos. Quando volta a me olhar, tem novamente aquele olhar comprido, alquebrado. Como se sentisse dor, e eu o fizesse doer.

"Você não tem ideia do que causa em mim."

Sou eu quem está em choque, agora.

"*Eu* tenho efeito sobre você?"

"Esqueça o que eu disse, Stella", ele pede, se levantando. De costas, termina o recado: "Vou falar com o pessoal da mesa. São todos homens de confiança, experientes em expedições noturnas. Talvez dois ou três deles acompanhem vocês."

Eu estou sem reação demais para dizer qualquer coisa. Sequer consigo agradecer.

Saio do refeitório quando sou novamente dona de minhas pernas. Eric conversa com seus homens e, quando me vê, me chama. Ando até a mesa notando como ele retoma o domínio da voz e conversa como se absolutamente nada tivesse acontecido. Na minha mente lateja uma única frase: *you don't have any idea of what's causing me*.

"Doutora, esses dois sargentos acompanharão você e seu aluno até a praia nas duas primeiras noites. A partir de então, acharemos outros recrutas."

Sua voz não tem vestígios da emoção de segundos atrás. Um dos homens ergue o queixo, petulante. "Mas só se tivermos revanche do jogo passado."

Eu demoro a sorrir, abalada demais por Eric, seus dedos, seu toque, sua frase.

"Preparem-se para outra sova" eu consigo soltar. Alguém rebate 'isso é o que vamos ver' e todos riem, relaxados.

Menos eu e o capitão.

Quando retorno até meu grupo, Marina parece estar sentada sobre um formigueiro. Rodeia, puxa assunto sobre qualquer coisa, finalmente solta: "mas me diz, sobre o que você e o comandante conversaram?"

Seu sorriso quer passar desinteresse, mas não convence. Ignoro-a, avisando Rafael: "conseguimos uma equipe para nos acompanhar à praia de madrugada."

"Isso é ótimo!", Rafael vibra. "O que precisou fazer pra convencer o bofe?"

Assim que diz aquilo, trava a boca. Marina não parece ofendida ou suspeita. Talvez esteja apenas satisfeita por saber do que se tratou a conversa.

De volta ao alojamento, a noite é passada em claro.

Eu só consigo pensar em duas coisas. A primeira delas é que em algum lugar naquela praia deserta uma tartaruga está desovando e eu não estou lá. Rezo para que não seja a minha T1. Peço que ela me espere, que estou arrumando um jeito de encontrá-la.

A segunda coisa é a frase de Eric.

Um mundo de fantasias se monta sobre essa frase. Mas esse mundo se desfaz, porque não entendo sua raiva. Ela é um elemento que não combina com o resto, que destoa de tudo. Se sentisse atração por mim, por que me afastaria? Por que me olharia como se arrependesse amargamente de ter me conhecido?

Entendo que a ilha não é o lugar para nos encontrarmos, mas há algo que me escapa, e eu não consigo saber o que é. E assim, o sol nasce, e eu não consigo dormir.

O dia seguinte passa lento, eu aguardo ansiosa o sol se pôr. Não para conversar fiado com Marcelo na frente de um céu deslumbrantemente alaranjado, mas porque está chegando a hora de acampar na praia.

Após o jantar, rumamos para a praia das Tartarugas. Os homens levam cadeiras, cada um deles uma pequena barraca. Vão conversando entre eles, enquanto eu e Rafael seguimos atrás. A areia está molhada da chuva rápida que caiu de tarde, e o sereno deixa a praia fria. Logo, tudo que visto parece se agarrar úmido à pele.

A toalha que levo mal serve para me agasalhar. Durante todo o caminho, levanto o receptor, tento ouvir algum ruído, imagino ouvir mais do que ouço. Um dos sargentos, Manoel, me diz que um aparelho daquele não deixaria dúvidas quando detectasse o que precisa detectar. Eu ouviria bipes espaçados, que se tornariam mais insistentes à medida que me aproximasse do objeto. Isso me acalma, e abrigo o aparelho no bolso do casaco.

A noite é calma. Apenas duas tartarugas movem-se lentamente em direção à terra. Os homens deitam-se nas barracas, pés para fora, e logo tudo que ouvimos são roncos. Eu e Rafael não conversamos, sempre agimos parecido quando estamos em praia de desova. Proibimos outros de se aproximarem, mandamos apagar as lanternas, fazemos completo silêncio.

Nós nos aproximamos de uma das tartarugas, receptor pendurado na cintura sem fazer ruído. Rafael mede a tartaruga com uma fita, anota com a lanterna miúda presa entre os dentes o tamanho do animal em uma planilha. Registramos horas, números, fatos. Às duas e quinze, a contragosto, acordamos Sargento Manoel e Sargento Bartelli para retornar ao posto. Nos despedimos em frente do nosso alojamento.

A noite está magnífica. O céu é um mundo de sois que não iluminam em quase nada a escuridão, mas que deixam a impressão de que estamos soltos no espaço. O silêncio é ensurdecedor.

"Você já pensou se a tartaruga resolver chegar na praia durante a madrugada?", Rafael pergunta na varanda.

"Não há o que fazer, Rafael. É aceitar até às duas ou nada."

Ele faz que entende. "Nem sei ao certo como você conseguiu uma equipe para nos acompanhar."

Eu sorrio cansada. "Vamos dormir. Um dia longo nos espera."

Entramos no alojamento. Jogo a toalha úmida sobre a pequena escrivaninha, coloco o receptor ao lado. No quarto, a respiração de Cláudia está pausada, comprida; ela dorme profundamente. Espero no meu quarto o barulho do banheiro cessar, a luz debaixo da fresta da porta sumir. Saio do quarto e ando em silêncio no escuro até a beirada da porta de Rafael.

Com o ouvido colado à madeira, ouço sua respiração acalmar.

Ando pela sala escura, pego a toalha que acabei de pendurar, o receptor e meu casaco.

Pé ante pé, saio na noite fechando a porta cuidadosamente atrás de mim.

DesobedienteEric

À distância, do refeitório, observo o grupo deixar o Posto por volta das dez e se dirigir à praia das Tartarugas. Vão dois de meus homens, Rafael e ela.

Ouço os casos contados à mesa, finjo participar das conversas. Os dedos estão unidos na frente da boca, curvando-se e distendendo-se. Os olhos miram fora de foco um ponto qualquer.

Na periferia da visão está Marina.

Não gosto de como ela me olha agora. Distante, pensativa demais. Como se pensasse em todas as maneiras como pode — e vai — bagunçar minha vida. Não deveria ser fácil transformar a vida de um homem em inferno, mas é. Se eu ceder às suas investidas, ela me poupa. Se eu resistir, ela me ferra. As duas opções são ruins.

Às dez e meia alego sono e vou para o alojamento. Caminho ouvindo a música tocada no violão ficar para trás, as mãos enfiadas no casaco. Entro no quarto sem acender a luz, passo por segurança a chave na porta. Arrasto uma cadeira até a janela da pequena saleta, de onde tenho visão clara do calçamento. Iluminado por postes de luz de fraca está o único caminho pelo qual Stella pode chegar em casa.

Ali eu monto vigília.

Às duas e meia eu ouço passos. Ela vem de braços dados com Rafael, encolhida de frio. A névoa marítima anuvia a costa, cobre tudo com um véu de umidade. Ambos carregam uma mochila e conversam baixo para não acordar a pequena população que dorme.

Eu a acompanho com atenção febril.

Penso na conversa que tivemos no início da noite, no refeitório. Como sua presença mexe comigo. Olhar para suas mãos delicadas me fez ter pensamentos tolos, como o de entrelaçar os dedos nos dela. Precisei de todo meu autodomínio para conversar com meus homens e apresentar uma solução. Para fingir que nada estava acontecendo, camuflar meu interesse de forma que Marina não percebesse nada. Marina faria a vida de Stella um inferno.

Stella desaparece no seu alojamento, e eu cruzo os braços, à espera. Cinco minutos. Este é o tempo que ela demora para retornar sozinha. Balanço a cabeça, recriando-a. Tão previsível.

Ela atravessa a calçada pavimentada sem acender a lanterna e some na escuridão rumo ao

refeitório. Visto meu casaco.

Estou puto, sem saber o que fazer com ela. A vontade é deitá-la em meu colo e dar umas palmadas, ou carregá-la sobre os ombros de volta para casa. Mas todas essas opções são combustíveis sexuais, e eu não preciso de mais nada que me incendeie.

Sigo-a pela trilha à distância. Não preciso realmente segui-la, já que sei para onde vai. Ela finalmente acende a lanterna quando o terreno se torna muito acidentado e a travessia fica impossibilitada pela escuridão completa.

Nada se move ao redor, nem mesmo o vento. O mar, naquela noite, está estranhamente calmo. Gotas microscópicas de sereno misturam-se à maresia e melam a pele de sal.

Vejo-a de longe armar a cadeira na praia e colocar o receptor sobre o colo. Ela se abaixa, cata algumas conchas e as enfia no bolso. Eu já vi ela fazer isso antes. Quando se senta, cobre o corpo com o casaco.

Observo-a por tempo suficiente para notar que ela de tempos em tempos traz o receptor até o rosto para checar se ele está vivo.

Mais adiante uma tartaruga está voltando para a água após a desova. O animal é lento, mas forte. Apenas o ruído das nadadeiras forçando o caminho para frente é ouvido ocasionalmente.

Eu aguardo sem saber se me aproximo ou se fico ali, esperando a manhã chegar. O som da tartaruga tanto me conforta quanto conforta Stella. Apoio na pedra que nos separa, vejo-a se aconchegar embaixo do casaco.

Eu nunca fiz nada nem remotamente parecido com o que estou fazendo agora. Eu deveria estar com raiva dela, por sua desobediência e falta de palavra. Eu deveria abordá-la imediatamente, passar uma punição, mandá-la de volta ao posto.

Mas contra a vontade, entendo seu gesto. Ela vive para a espécie, e não consegue facilmente abrir mão da esperança de salvá-la. É impossível se afastar por muito tempo do que se ama. Por isso eu estou aqui, em Trindade. Por isso vim tantas vezes para cá, ainda que às custas da minha vida pessoal.

Stella se aninha na cadeira. A monotonia é um convite ao sono, e ela boceja fechando os olhos. Encosto por um tempo na pedra e a observo.

A cada ano que venho, tenho a impressão de que Trindade é menos rica que da última vez. Estamos destruindo a ilha acreditando que a estamos protegendo? Em que época e em que lugar o homem, com seu dedo podre, não acabou com o que tocou?

Embora saiba que deveria impor minha autoridade e escoltá-la de volta, ando em passos lentos em sua direção, sabendo exatamente que me juntarei à vigília. Impor minha autoridade não ajudaria em nada Trindade, acompanhar Stella sim. E meu compromisso sempre foi com a ilha.

Ela dá um salto ao me ouvir; vira-se assustada com olhos arregalados, mãos firmes no braço da cadeira de praia.

"Eric?"

Eu caminho calado em sua direção, olhos firmes no dela. Ela se levanta.

"Por favor, não faça nada contra Cláudia", ela dispara. "É culpa minha, Cláudia não sabe que estou aqui, na verdade ninguém sabe."

Eu a olho cheio de emoções conflitantes. Sim, há raiva em mim por sua desobediência e uma certa ternura por seu comprometimento. Mas há algo mais. Uma profunda consciência de que é a primeira vez desde que chegamos que estamos a sós. Sem ninguém para me impedir de nada, apenas eu mesmo.

Minhas feições continuam crispadas de raiva — uma camuflagem vantajosa, aperfeiçoada pelo tempo —, mas o resto do corpo não demonstra isso. Eu estou à sua frente, mãos nos bolsos, peito vacilante. Se ela soubesse me ler, veria que eu estou em suas mãos.

Ela molha os lábios aguardando minha explosão. São três horas da manhã, somos os únicos acordados na ilha, eu lhe dei uma ordem e fui desobedecido.

"Você não deveria estar aqui."

Ela massageia o rosto com as mãos.

"Me perdoe, Eric. Eu não consegui dormir noite passada. Eu tive tanto medo que T1 escapasse que não consegui pregar os olhos. Eu nunca mais conseguiria dormir se ela aparecesse na praia e eu não estivesse aqui."

Ela ainda não consegue me encarar. Olha para a tartaruga que finalmente alcança a água depois da desova, olha para a praia. "Por favor, não faça nada contra Cláudia."

Eu não respondo. Não vou mentir, eu gosto do fato de que ela espera de mim uma explosão. É sadista, eu sei, mas prolongo sua angústia.

"Não posso colocar homens para trabalharem de babás a noite inteira, Stella."

Ela afirma freneticamente com a cabeça, ela sabe.

Quando me dá as costas, sentimentos estranhos disparam em mim. Desejo em estado bruto e carência emocional, uma mistura inusitada e pouco bem-vinda. Ela se vira. Seus olhos estão estreitos, avaliativos.

"O que *you* está fazendo aqui?"

Minha presença ali não faz sentido.

"Eu vi você vindo para cá."

"Como? São três da manhã."

"Você fez barulho."

Eu não a convenço.

"Eu não fiz barulho."

Sem contradizê-la, eu me sento sobre a areia.

"Eu sabia que voltaria para cá, ok?", confesso perdendo a cara de lutador de MMA. "Apenas aguardei para vir atrás. Como disse antes, aqui é perigoso e ninguém deveria andar sozinho pela ilha. Você é tão desobediente que tenho vontade de..."

Ela aguarda que eu termine a frase, mas nada que cruza a mente posso falar.

"Não confiou em mim?", ela pergunta me olhando de lado.

"Nem por um segundo."

Ela sorri. "Você sobe cada minuto mais em meu conceito, Capitão."

E dizendo isso, senta-se também. Por um tempo permanecemos calados, olhando as ondas que batem calmas na areia, espalhando ao redor um leque de espuma prateada.

"Achei que fosse me prender em um porão", ela brinca.

"Não temos porão na ilha. Aliás, de onde você tira essas coisas?"

Ela ri, sem fazer ideia. Dobra os joelhos apoiando os cotovelos sobre eles, mãos unidas na frente do corpo. Eu espelho sua posição. Tudo que não se refere a ela, ao aqui e agora desaparece; não penso que amanhã não conseguirei manter os olhos abertos, que teria que me explicar caso alguém nos visse. Eu só quero prolongar esses segundos. Sua presença me faz bem, e eu queria saber por quê.

Um caranguejo passa por nós. Puãs para o alto, como se dissesse 'ei, cuidado'.

"Descobri a pegadinha da ilha", ela comenta. "Os caranguejos."

"Você é a única que não gosta deles."

Ela ri, e dessa vez rio também. Observo seu bolso cheio de conchas.

"Vi que catou conchas antes de se sentar. Posso adivinhar o que vai fazer com elas?"

Ela tira uma concha do bolso, mira em um caranguejo que tenta escavar um ninho e lança a concha nele, espirrando areia ao redor. O caranguejo se afasta.

"É uma boa estratégia", eu digo. "Apenas cuidado para não matá-los. Eles estão sob proteção, eu teria que prender você."

Stella solta uma risada. Observamos o caranguejo retornar aos poucos para o buraco que cavava, olhos nos nossos.

"Eles são teimosos", ela reclama.

"Deveria simpatizar um pouco mais com eles. Você é teimosa também."

"Eu simpatizaria se eles não comessem justamente tartarugas."

Nos olhamos por mais um tempo, alguns segundos a mais do que deveríamos. Que droga, está quente como o inferno sob o casaco.

Stella vira para o outro lado, se abanando. Será que ela nota o quanto me atrai? Talvez ela note minha atração, mas não sinta a mesma coisa. Isso explicaria seu controle.

Em determinado momento ela pergunta: "por que volta tanto para cá, Capitão?"

Seus imensos olhos castanhos estão nos meus, aparentemente recuperada do que a esquentou há pouco.

"Porque aqui é o lugar mais tranquilo do mundo."

O único lugar em muito tempo que me deu paz. Tudo que penso em terra é quando poderei retornar.

"É isso que gosta daqui? Da tranquilidade?"

"É. E da solidão."

Se ela enxerga minha tristeza, não a menciona. O que saberia sobre a minha vida? Nada. Só o que vê, e eu nunca deixo que ninguém veja muito.

Ela sorri timidamente, as mãos relaxadas sobre os joelhos, os cabelos caídos sobre os ombros, joelhos, parte das pernas.

"Você deve ter odiado quando me viu no deque daquele navio", ela ri sem diversão.

Realmente, para quem vem para Trindade para ficar sozinho, esta missão só trouxe frustração. Não conto se odiei ou não. É bem mais complicado do que gostar ou não gostar de vê-la novamente.

"Preciso reconhecer que não esperava te ver no convés."

"Nem eu esperava ver você", ela comenta voltando a olhar para o mar.

"Mas você sabia que a festa onde nos encontramos era uma pré-cabritada, não sabia?"

"Sabia, mas o nome não me disse muita coisa. Eu simplesmente achei que o gosto alimentar das pessoas andava ficando cada vez mais bizarro."

Dessa vez minha risada sai solta. Pelo susto e o brilho divertido nos olhos, imagino que tenha se assustado. É a primeira vez que ela me vê rindo. Nem eu lembro quando foi que ouvi pela última vez minha risada.

"Você entende agora porque fiquei no chips a noite inteira?", ela se explica. "Eu evitei qualquer coisa que não tivesse sido processado em uma fábrica."

"O chips em que espirraram em cima?", pergunto divertido.

Ela dá uma risada também. "Eu deveria ter desconfiado do gosto estranho."

Abaixo a cabeça, ouvindo seu riso enquanto desenho objetos na areia. Seu riso é uma música, uma lembrança distante de épocas felizes.

Stella lembra vagamente Alice.

Eu sinto ela me olhar com o canto dos olhos. Vejo que observa minhas mãos, meus dedos, minha perna. As moléculas do ar engrossam, o calor sob o casaco fica intolerável. Ela não parece imune à minha presença; seus joelhos se unem, e ela se contorce discretamente no assento.

"Eu fiquei preocupado com você quando deixou o banheiro", digo sem encará-la. Os dedos movem a areia, traçando símbolos incoerentes.

"Comigo? Por quê?"

"Você parecia brava."

Pausa.

Eu sei que não deveria abordar a noite; eu mesmo pedi que ela esquecesse o assunto. Mas eu não consigo esquecer, e de certa maneira não quero que ela esqueça também.

"Brava por que você se negou a me desvirginar?", ela segura a risada rolando divertidamente os olhos. "Ou por que me acusou de não ter juízo?"

Eu a olho espantado. Se não por sua sinceridade, pelo seu humor.

"Não, não estou brava com você. Se ainda não notou, eu tenho senso de esportiva. Já você, por outro lado, parece furioso aqui na ilha."

A bola volta para o meu campo.

"Ok, preciso admitir. Eu estou tenso."

"Espero que eu não tenha nada a ver com isso."

"Apenas uma pequena parte", digo não sendo totalmente sincero. *Você é em grande parte responsável por eu não ser mais eu ultimamente.*

"Sinto muito por ter piorado as coisas."

Eu finjo surpresa: "você está me pedindo desculpas?"

"Não pela noite. Por todo o resto."

A frase escapa: "está desculpada por me dar uma noite incrível."

Ela se recosta na cadeira, não sei se satisfeita ou sem graça. Eu apoio as mãos atrás do corpo e estico as pernas.

"Eu estou curioso desde sábado sobre uma coisa", digo tentando trazer o clima leve de volta.

"Sobre o quê?"

"Onde aprendeu a jogar futebol?"

"Gostou de me ver jogar?"

"Foi uma visão e tanto."

"Meus pais me colocaram cedo no futebol."

"Geralmente os pais colocam meninas no balé ou na natação. Algum motivo especial pelo qual escolheram futebol?"

Ela ri tampando a boca com medo de perturbar outra tartaruga que cava não muito longe de nós.

"Alguns pais optariam por balé ou natação, mas não os meus."

Estou curioso. "E por quê?"

"Digamos que meus pais são... diferentes. Futebol talvez tenha sido a coisa mais normal da minha vida."

Eu me viro para ela, subitamente interessado em sua família. Há leveza na maneira como fala deles, e isso é completamente novo para mim. Como se fosse possível rir da família e não apenas tentar esquecê-la.

Ela abraça os joelhos: "tanto meu pai quanto minha mãe são antropólogos, professores universitários. Você conhece o tipo, deve ter visto alguns deles por aí. Meu pai, por exemplo, jamais conseguiu coordenar duas peças de roupa na vida. Listras com bolas, xadrez e estampado. Basta imaginar duas estampas que não combinam, e ele já vestiu. Você não imagina como era apresentá-lo para minhas amigas quando eu era pré-adolescente."

Eu observo como sua boca se move e seus olhos se iluminam. A história a diverte.

Ela olha para algum lugar distante. "E tem a minha mãe... Bem, o que dizer de uma mulher que trazia outra cultura para casa? Ela jamais usou sutiã. Antinatural, ela dizia. Não pintava o cabelo, às vezes não o penteava." Ela olha para mim. "Nenhum dos dois tem verniz social. Para você ter uma ideia, nossas meias eram escolhidas de dentro de um cesto, e aquelas que paravam na sua mão eram as que você usava. Você não faz ideia de meus apelidos na escola."

"Parece prático."

Minha empatia não a convence.

"Ok, você espera que eu seja sincero. Seus pais enfartariam a minha mãe", é o que consigo dizer sem rir.

"Eles enfartariam muita gente."

"Fala mais sobre sua infância", incentivo-a abraçando os joelhos.

"Tem certeza que quer continuar a ouvir sobre isso?"

Balanço a cabeça que sim.

"Essa história em particular costuma horrorizar as massas", ela avisa.

"Você está me deixando curioso."

Ela limpa a garganta.

"Eu não sabia que era menina até os três anos de idade."

Meu rosto vira um merecido ponto de interrogação.

"É, eu sei. Eles achavam que meu gênero poderia atrapalhar na escolha da minha identidade.

Eles queriam que eu fosse livre para escolher o que eu quisesse ser."

Minha reação não a espanta. Não sei se rio, ainda não sei o que achar daquilo.

"Eles deixaram você escolher ser menino ou menina?", pergunto para ver se entendi.

Ela balança a cabeça que sim, lábios pressionados, olhos deliciosamente no aguardo de uma resposta minha. "Por sorte minha escolha calhou com os acessórios de fábrica."

Eu olho involuntariamente para seus acessórios de fábrica.

"E você?", ela cruza as pernas sobre a cadeira e me lança um sorriso aberto, nem remotamente desconfiada que eu estou tendo pensamentos a respeito dos acessórios. "Fala sobre você."

"Minha infância foi o oposto da sua", digo seco. Não há nada alegre para contar sobre a minha família.

"Conta", ela incentiva.

Eu passo a língua sobre os lábios, hesitante. "Não gosto de falar daquele tempo."

"Por que não?"

O conhecido mal estar de falar sobre aquele tempo cresce no estômago.

"Aconteceram algumas coisas."

Por favor não estrague a noite, deixe esse assunto para lá.

Ela pausa, observando minha reação. Com a voz mais doce do mundo tenta mais uma vez: "conta

então apenas o que não dói."

Eu a olho de lado. Ela não parece disposta a abrir mão das minhas histórias.

Ao invés de achar sua insistência ruim, entendo que ela me possibilita escolhas. Eu acho que consigo tirar do todo dolorido algumas memórias seguras. A saída que Stella me dá — escolher que memórias contar — me faz sentir, pela primeira vez durante uma conversa íntima, estranhamente normal.

Eu posso fazer isso. Escolher o que revelar.

Começo pela mais corriqueira das informações, aquela que conto para mulheres como Marina: "meu pai era militar de carreira, casou-se com minha mãe, filha de militares."

Stella apoia o queixo na mão. Seus olhos estão atentos, cheios de um brilho curioso. "Isso acontece com frequência, não? Militares com filhas de militares?"

Com mais frequência do que você imagina, penso sentindo a saliva descer pesada.

"O resultado desse casamento pode dar muito certo ou muito errado", continuo. "No caso de meus pais, deu errado. Eles criaram os dois filhos como recrutas. Havia um sem número de regras para tudo, desde a cama ser feita quando acordar até a benção final, quase uma permissão para se ausentar durante o sono.

Eu a olho. "E, claro, eles não se importaram em decidir por mim minha identidade sexual."

"Que calhou de bater com os acessórios de fábrica", ela brinca. Afirmo, sem qualquer dúvida a respeito disso.

Pela primeira vez, falar da minha família foi fácil. Em um lapso de pensamento, descubro que gosto de Stella. Do sorriso fácil, da liberdade que não entendo.

Talvez se tivesse ouvido ela dizer essas coisas em algum outro lugar, teria achado ela excêntrica, diferente demais. Mas no momento sua leveza desperta em mim um sentimento de nostalgia. Falta do que nunca tive, não sei. Não sei bem como dar nome às coisas.

Eu continuo: "no terceiro ano da faculdade ingressei no corpo de Fuzileiros Navais e me formei em sistemas de armas. Depois trabalhei por alguns anos com operações anfíbias, servi em diversas operações, vim mais do que deveria para Trindade."

Ela pondera se pergunta algo ou não, mas acaba soltando: "ouvi dizer que foi casado."

A pergunta é tão direta que me pego respondendo: "Sim. Por dois anos."

Ela dobra os joelhos. Seu cabelo cai ao lado das coxas, emoldurando-a.

"Ela faz parte das memórias que não gosta de compartilhar?"

"Mais ou menos."

"Vocês ainda se veem?", ela me olha pelo canto dos olhos.

"Não. Nunca mais nos vimos. Ouvi dizer que casou de novo, teve filhos."

Sua unha brinca com um fiapo solto da calça: "e no momento, tem alguém no Rio?"

Seguro a respiração. *Se eu tenho alguém no Rio?*

Eu tenho duas opções. A primeira é responder que não, que sou solteiro, e talvez — apenas

talvez — abrir espaço para suas investidas. O ponto negativo dessa resposta é que Trindade se tornaria o inferno na terra, e eu teria que lidar com duas e não apenas uma mulher aqui.

A segunda é dizer que sim, que tenho alguém não apenas no Rio, mas aqui também. Isso a afastaria de mim, o que facilitaria minha permanência e a resolução do problema Eric/Marina. Embora esteja claro que resposta dar, eu me ouço dando a resposta errada.

"Não."

Stella sorri.

"É difícil acreditar", ela me olha como se avaliasse minhas feições. "Você não é daqueles caras que dizem ser solteiros mas na verdade não são, é?"

Eu olho para os olhos cor de caramelo que aguardam minha negativa. A confirmação da minha mentira. E simples assim, tão fácil quanto foi me sentir atraído por ela, eu ouço minha voz soltar: "Não."

Ela sorri sem perceber que engulo a saliva como se ela fosse corrosiva. Seu olhar se torna avaliativo. Ela deve estar se perguntando por que tenho 32 anos e continuo sozinho. Por que meu casamento não durou, por que não consegui consumir a noite no banheiro.

Assim como a ilha, eu tenho uma pegadinha.

Eu deveria poupar seu tempo e avisá-la que tenho essa característica, a de fazer as mulheres me odiarem depois de algum tempo. Se eu não me engano, eu já disse algo assim antes. Posso vê-la me odiando daqui a algum tempo. É um padrão, não há o que fazer.

Por que então me pego desconfortável em minha pele, ouvindo um sussurro baixo em meu ouvido dizer que posso ser diferente com a pessoa certa?

Ela continua me olhando daquele modo tranquilo. Eu esqueço minhas mentiras, sua suavidade exerce um poder magnífico sobre mim.

"Você mencionou que seus pais criaram os dois filhos como recrutas" — ela toca, sem saber, na mais dolorosa de minhas memórias —, "você tem um irmão?"

Se não estivesse com tanta vontade de continuar ali, eu diria que a conversa acabou. Mas parece uma injustiça decepcioná-la, magoá-la ou machucá-la de qualquer forma. *E será ainda mais se continuar a mentir para ela.* Por algum motivo, fazer morrer aquele sorriso me faz perder a respiração.

Consigo respirar fundo. Escolho boas memórias — memórias felizes, irretocáveis — e descrevo como era ter minha irmã.

"Uma irmã."

"Como ela é?"

Eu pauso.

"Ela é... era a pessoa mais legal que conheci."

Se ela nota o verbo no passado, não diz nada.

"Completamente diferente do resto da família. Divertida, uma artista."

"Divertida mesmo tendo que bater continência para seus pais?"

É uma brincadeira, mas as imagens de minha mãe deitada sobre sua cama chorando inconsolavelmente por meses a fio me fazem apenas assentir. A glote trava.

"Fala mais sobre ela."

Deus, eu não quero. Não quero falar sobre Alice. Alice é uma memória que eu não compartilho com ninguém. Ela é um passado sobre o qual repousa uma imensa pedra. Qualquer tentativa de remover a pedra é exaustiva.

Mas porque a garotinha ruiva faz isso comigo — e porque Alice adoraria Stella —, eu me pego contando a mais secreta de todas as minhas memórias.

"Ela me chamava de ‘eco’ quando era menino."

Eu consigo até sorrir.

"Eco?"

Faço que sim, lembrando como ela adorava prender o cabelo em um nó em cima da cabeça e usar calças de moletom rasgadas.

"Ela devia ter uns 16, 17, e eu 10. Tudo que ela falava eu repetia. Ela contava uma piada, eu recontava vinte vezes. Acho que ela tinha uma coisa dentro dela que ninguém mais na família tinha, e eu queria aquilo também."

"Ela quebrava a rigidez."

"Definitivamente sim."

Eu estou perdido em memórias. Eu sei que sorrio, porque Stella me espelha. Lembro-me do rosto bonito, dos olhos escuros, do modo como dançava com minha mãe quando ela era muito severa. Eu tentava fazer igual, mas eu não tinha a mesma alegria em mim. Em certo momento, precisei aceitar que não era como ela.

"Por que fala dela no passado? Ela virou uma senhora chata que não ri mais das coisas?"

Meu sorriso morre, e balanço a cabeça que não.

Ela também se cala, sem coragem de falar mais nada. Stella sacou. Por longos minutos fazemos silêncio.

A garota ao meu lado deve estar decepcionada com a conversa. Um cara que não consegue falar sobre a família fria, a irmã que não existe mais, sobre relacionamentos fadados desde o início a terminar. Eu sou praticamente um campo minado de assuntos proibidos, cada um deles pronto para explodir sob o mínimo toque.

"Eu sinto muito, Eric."

"Está tudo bem."

Volto a observar a água que se junta ao céu de mesma cor. Tento me lembrar de detalhes do rosto de minha irmã, mas não consigo. Alice é uma história tão pouco contada que sequer parece uma lembrança minha. De tanto evitá-la, estou esquecendo-a. Perceber que não me lembro mais de suas feições dói de um modo estranho.

Stella não arrisca perguntar mais nada. Quando me recomponho, sugiro um novo rumo para as conversas. Um que não me deixe parecendo um idiota que não consegue lidar com seus próprios assuntos.

"Bem, essa é a minha história. Minha escolha profissional é óbvia, mas e você, por que escolheu biologia?"

"Eu cresci entre hippies abraçadores de árvores. Isso responde sua pergunta?"

"Por isso você não come carne?", lembro a nossa primeira conversa no refeitório do navio. Será que ela lembra?

"Nem frango", ela mostra que sim. "Meus pais gastariam uma tarde da vida deles lhe dando uma aula sobre porque frango é carne. E comentariam comigo que você é super desinformado."

Eu rio mais alto.

"Eles são desse tipo, que dão sermão?"

"Sermão? Verdadeiras aulas universitárias!"

"Isso explica sua escolha."

"Eu praticamente estava formada em tudo quanto é coisa aos dez anos. Sabia tanto sobre as tribos da região dos Tapajós como sobre Barbies."

"Eles deixaram você ter uma Barbie? Estou chocado."

"Como um experimento antropológico, claro."

"Claro."

"Mas biologia foi uma escolha minha. Aos onze eu vi um documentário sobre o Greenpeace, com ativistas que se jogavam de bote na frente de um navio baleeiro. Eu puxei minha mãe pela mão até a televisão — sim, tínhamos uma — e mostrei a ela a cena. Disse que queria fazer isso da vida."

Eu não entendo. "O que exatamente queria fazer da vida?"

"Me lançar na frente de baleeiros em um bote, oras."

Eu arregalo os olhos. "Eles tentaram te dissuadir?"

"Dissuadir? Eles ligaram no dia seguinte para o Greenpeace para saber como eu poderia me alistar. A ONG respondeu dizendo que eu poderia fazer isso sozinha quando tivesse dezoito anos."

Eu simplesmente solto uma gargalhada. Eu não consigo imaginar a cara de meu pai se eu tivesse dito algo assim, ou o que ele acharia de Stella se um dia a conhecesse. "Vocês são o que eu costumava ouvir em casa meu pai chamar de baderneiros."

Desta vez ela ri, e rimos por um tempo simplesmente por que rir é bom, e rir na companhia de quem nos atrai é melhor ainda.

A conversa não tem fim. Ela se arrasta até que o céu perde aos poucos o tom marinho e torna-se mais claro. É quase doloroso ter que me despedir dela e da praia para voltar ao alojamento.

Se antes achava que podia ignorá-la, sei que agora não dá mais.

Antes que os primeiros raios de sol tragam a aurora, eu levanto e bato a areia da calça. Stella não se levanta. Apenas me olha com aquelas duas chamas controladas, o lábio inferior preso entre os

dentes. E ela continua a me olhar mesmo quando não há mais o que dizer e minha partida é iminente. *Não me olhe assim.*

"Obrigada por ter vindo, Eric. Eu gostei muito de conversar com você."

Pego ar, os olhos fixos no dela, tudo em meu corpo — do tutano dos ossos ao pelo dos braços — tocados por sua voz.

"Estarei aqui amanhã novamente."

Revelação



Stella

Ao cruzar com Eric no dia seguinte, recebo um sorriso. Estou vestindo uma camiseta do Greenpeace. Pela curva discreta no canto de seus lábios, ele se lembra.

Observo-o sumir para o centro de comando, atarefado. Soltando um suspiro longo e indiscreto, checo o relógio para saber quanto falta até as três da manhã.

Falta um dia inteiro.

Por duas semanas, meus dias transcorrem assim: acordar tarde, trabalhar como um zumbi, checar no relógio as horas contando os minutos para vê-lo. Há treze noites nos encontramos de madrugada sem que uma alma na ilha desconfie. Rafael está sempre cansado demais para notar que eu estou morrendo de sono. Cláudia não nota muita coisa, e Eric passou a se recolher depois da janta, às oito, para dormir até a hora de nos encontrarmos.

Há treze dias mora um frio na barriga que não passa por nada.

As conversas se tornam íntimas, engraçadas. Apenas duas regras não ditas regulam nossos encontros:

- 1) eu não posso perguntar sobre sua família;
- 2) eu não posso avançar a linha imaginária que ele traçou entre nós, sob o risco dele não voltar na noite seguinte.

Se por um acaso chegamos ao assunto proibido, ele se fecha. Eu não encontro mais seus olhos, os silêncios se alongam. Se o clima entre nós fica intoleravelmente quente — se nossas respirações de alteram e ele desconfia que saltarei sobre ele — ele se distancia. Eric tem essa capacidade, a de se fechar em uma concha e manter o mundo bem longe, do lado de fora.

Eu planejo há algumas noite mudar aquilo. Eu sei que ele se segura em minha presença, eu sei que ele me quer. O que o impede deve ser forte, importante, e tenho que respeitar isso. O problema é que todas as manhãs, quando o sol desponta no horizonte, eu acho que vou perder a lucidez.

Eu simplesmente não consigo mais me controlar em sua presença. Penso 100% do tempo nele. Em encostar a boca na sua, em colar meu corpo ao seu.

Eu penso o tempo todo na noite do banheiro.

Acho que teria sido tudo diferente se tivéssemos feito sexo naquela noite. Virou um tipo de ideia

fixa, um martelar surdo que atrapalha respiração, batimentos cardíacos, pensamentos. Eu preciso, pelo bem da minha sanidade, senti-lo novamente, fechar esse ciclo.

Hoje eu pedirei educadamente que ele faça sexo comigo.

Tenho as justificativas todas alinhadas, prontas para sair. Será apenas uma vez. Ele nunca mais precisará se preocupar comigo. Não precisará mais me olhar como um domador de tigres que está à distancia de um chicote da bocarra do animal.

Só uma noite. Só uma.

O dia passa, a noite evolui como esperado. Estudos, conversas no refeitório, preparação para a observação na praia. Eu sinto o costumeiro frio na barriga, sempre na iminência de vê-lo, sempre sentindo o corpo bombeado de adrenalina.

Está previsto um vendaval à noite, e como previsto, o vendaval vem. As árvores do posto chacoalham, as ondas estão assustadoras. Estou com medo de que não dê para ficar na praia, e temo principalmente que o vento e a chuva fina espantem Eric.

De nove às duas da manhã, eu e Rafael fazemos vigília. Trememos encolhidos sob uma pequena barraca da Marinha, esperando que a Tartaruga 1 dê as caras. Está tão frio e chuvoso que quase encerramos a noite mais cedo. Mas eu não quero encerrar a noite; minha noite vai começar daqui a pouco.

Às duas nos despedimos dos sargentos Manoel e Bartelli e voltamos ao alojamento. Eu estou tão excitada e incerta sobre aquela noite que mal disfarço a ansiedade. Eu tremo de frio, estou com o nariz entupido, mas tudo isso são detalhes. Mal espero que Rafael suma no quarto e que suas luzes se apaguem.

Quando acredito que ele está dormindo, corro para a praia com o coração enlouquecido. Eu não ligo para o vento, para a chuva que cai como um borrifio. Meu medo é outro. E se Eric não estiver lá? E se ele dormiu? Eu sempre tenho medo de que um dia o sono o vença e ele não venha.

O caminho é curto, subo de quatro o morro escuro que separa o posto da praia. Da pedra, enxergo o triângulo de areia, rodeado pela completa escuridão dos morros e pedras. O mar se revolta, por todo lado espuma e respingos.

Meu coração perde uma batida.

Perto de onde ondas batem violentas, ele me espera. Tento controlar as mãos ansiosas. O estômago pede por misericórdia, por um minuto de vida sem aquela revoada interna.

Eu aprendi naquelas últimas noites a apreciar pequenas coisas a respeito dele. Eu amo vê-lo falar. Olhar para ele sem medo de que alguém perceba, sem temer seu olhar em retorno. Observar a curva de seus lábios, o franzir da testa, o riso que parecia impossível estampar em seu rosto. Ele é outro homem, e eu quero esse homem.

Seu humor na ilha melhorou, ele agora me cumprimenta quando me encontra. Eu derreto cada vez que o vejo, como por exemplo, agora.

Ando em sua direção em silêncio, sentindo o tênis afundar na areia molhada. Ele ainda não me

viu. Sua roupa clara contrasta com o negrume completo, as curvas impressionantes de seus ombros criam a figura masculina perfeita. Não tenho ideia de como controlar o sorriso rasgado que tenho no rosto.

"Oi", eu falo tão baixo que nem eu mesma me ouço. Ele se vira. Seus olhos são intensos. Seus lábios estão curvados em um sorriso, mesmo sendo quase impossível enxergá-lo na escuridão.

"Oi."

Meu corpo inteiro reage a ele. Aperto o receptor entre os dedos quase partindo-o ao meio. O que seria um problemão, eu não teria nenhum outro subterfúgio para trazê-lo aqui.

Coloco o aparelho no bolso do casaco, escondendo as mãos que tremem. Ele para a uma distância segura. "Como foi seu dia?"

"Longo."

Seus olhos estão novamente acorrentados aos meus. Eles não me largam mais, como não largaram durante a noite passada e todas antes dela. Ele aponta para uma barraca montada ao lado.

"Acho que vai chover."

Eric trouxe uma barraca. Uma barraca pode significar algumas coisas. Eu pego fogo internamente.

"Também acho", digo com a voz esmagada.

Ele dá um passo em minha direção, e acho que vai se inclinar e me beijar. Agora tudo treme — mãos, pernas. Eu sinto o corpo envolvido por uma língua de fogo. Sem desviar os olhos, ele se inclina sobre mim e pega o receptor de meu bolso.

Às vezes ele faz isso para me provocar. Ele me toca. *Você não sabe o que seu toque causa em mim*, eu devolvo em pensamento segurando o peito que ondula. Ele olha o receptor, ouve sua estática.

"E o seu dia, como foi?", eu quero saber.

"Longo." Meu coração esmurra a parede do peito.

Ele avalia o receptor. "Parece estar funcionando bem."

"Obrigada por estar fazendo isso comigo", eu praticamente cochicho.

"Quero estar aqui tanto quanto você."

Ele se senta na areia, braços casualmente ao redor do joelhos. Eu me sento ao seu lado, um pouco mais perto do que das últimas vezes.

Ele não se afasta.

Por horas eu ouço fascinada sobre seu dia, aguentando a chuva sem coragem de chamá-lo para entrar na barraca. Ele também atura o chuveiro repelente. Ambos estamos com medo da barraca.

Sento de frente para ele. Meu casaco está fechado até o queixo, uso capuz e calça impermeável. Há uma neblina na praia que deixa tudo ao redor mágico e difuso. Frio.

Essa noite ele quer saber ainda mais de mim do que já contei. Como anda minha pesquisa na ilha, como é o meu trabalho na universidade. Eu conto como se estivesse descobrindo o fascínio outra vez pelo que faço. É delicioso que ele se interesse por detalhes tão cotidianos; onde almoço, como são os

alunos.

"Você é a pesquisadora mais jovem que já vi aqui", diz em determinado momento. "Não conheço doutores de 25 anos."

"Eu entrei cedo na faculdade."

"Com o quê, 12?", ele tenta fazer graça.

"Quase."

Ele balança a cabeça. "Estatisticamente, você não existe."

Eu estalo a coluna, dolorida pela posição. "Na verdade, existo. Estou escondida em algum ponto fora da curva, mas estou lá."

Pelo olhar persistente de Eric, acho que a frase teve duplo sentido. "Acho que você não está falando só da minha vida acadêmica, está?"

Pelo seu sorriso, não está.

"Por ter acabado de ser expulsa do universo das estatísticas, acho que mereço uma explicação."

Ele demora a falar. Mas quando fala, o faz sem rodeios. "Você tem 25 anos e ainda é virgem. Você, para mim, é a primeira."

Adoraria dizer o mesmo para você: você foi o primeiro. Guardo a gracinha para soltar outra: "você tem uma parcela de culpa nisso."

Ele volta a olhar os pés como sempre faz quando não quer responder alguma coisa. Eu mal seguro a euforia de finalmente tocar no assunto da festa. Nós nunca voltamos àquela noite.

Nunca.

Segundos se passam. "É verdade que você era noiva?"

"Como você sabe disso?"

"Ouvi Rafael contar para o Tenente Marcelo."

Rolo os olhos, imaginando que a essas alturas toda a ilha sabe disso. O que mais devem ter ouvido daquele língua solta?

"Sim, é verdade. Eu *era* noiva."

"O que aconteceu?"

"Nós desmanchamos."

"Há muito tempo?"

"Três meses atrás."

"Três meses? Isso não é muito tempo", ele pausa. "Definitivamente?"

"Para sempre."

Ele faz que entende, volta a desenhar na areia. "Não faz sentido."

"O que não faz sentido?"

"Como uma mulher tão bonita, e que tinha um noivo, ainda seja..."

Ele não fala, mas sei o que pensa. Dou de ombros. "Eu sei. Não faço muito sentido."

"Não quero que se sinta desconfortável. Se não quiser falar sobre coisas que não te fazem bem, bem-vinda ao clube."

Faço um gesto desmerecedor com a mão. Não é por desconforto que não conto minha epopeia; não falo a respeito porque ela é deprimente. "Eric, minha vida sexual é uma anedota. Um capítulo arrastado de um livro entediante. Você quer realmente ouvir sobre isso?"

Eric tenta segurar o riso, acho que por respeito. Talvez inspirada por sua quase risada — ou porque está tão escuro que não vejo direito suas feições — conto tudo a respeito daquela noite.

"Quem quer que esteja escrevendo esse livro" — eu olho para os deuses de humor questionável acima — "não tem ideia do que fazer comigo. Ou talvez me ponham à prova apenas por diversão. Segundo a teoria de Rafael, minha vida sexual foi amaldiçoada."

Ele sorri, divertido. "Você faz sua vida dita desinteressante digna de atenção."

"Ok. Foi você quem pediu", eu digo me ajustando. "Meu noivo queria uma noiva virgem."

Eric estreita as sobrancelhas.

"Eu sei, vai entender. Era coisa da sua igreja, talvez dele mesmo. Nossos momentos íntimos eram sempre 'seguros'. Seguros como... andar de elevador, sabe?"

Ele se vira inteiramente para mim. "Mas e antes dele?"

"É claro que antes dele tive outros namorados, mas eu só beijava, beijava, beijava até a boca ficar torta, não passava disso. Acho que nem eu nem meus ex-namorados nerds sabíamos como passar para o próximo nível, então permanecíamos no térreo."

Ele é todo ouvidos.

"Depois as prioridades mudaram. O mestrado longe de casa consumiu toda minha energia sexual — ela está toda impressa na dissertação, que trata basicamente do sexo entre as tartarugas. Publiquei trabalhos, viajei para apresentá-los. Entendo tudo de sexo, só que de uma espécie que não é a minha."

Seu sorriso agora é constante.

"Para deixar minha vida ainda mais excitante, ingressei no doutorado e conheci Maurício."

Eu checo para ver se Eric não dormiu. Ele não dormiu.

"Nosso romance era morno como eu achava que romances seguros deveriam ser. Ele era o cara mais certinho que existe. Se você abrir o dicionário e procurar o termo certinho encontrará sua foto ao lado. Provavelmente estará do lado de 'engomado' também."

"E você nunca achou que faltava algo?"

Eu olho para cima, tirando alguns fios de cabelo da frente do rosto.

"Quando faltam coisas demais, perdemos a visão do que está exatamente faltando."

Eric me olha rapidamente. Acho que pretende perguntar algo íntimo.

"Vai, manda a pergunta", eu o encorajo.

"Você não sentia..." — ele coça o nariz — "desejo por ele?"

Desejo tipo o que me consumiu até o carão naquela noite na festa? Que me fez gemer e

gritar de prazer? Deus, não. "Hoje eu sei que nunca senti desejo por ele."

Paro, sem saber como continuar. Não estou preparada para dar a resposta caso Eric pergunte ‘comparado a quem?’. Eu posso até responder. Mas como ele lidaria com a revelação de que ele elevou meu conceito de desejo a um novo patamar?

Eu só sei o que é desejo porque conheci Eric. Em retrospecto, o sentimento que eu nutria por Maurício sempre teve aquela temperatura de café quando misturado ao leite frio. Eu nunca senti frio na barriga por sua causa; nunca molhei a calcinha ao ouvir sua voz. Nunca estremeci ao seu toque ou quis me abanar ao vê-lo.

Eric parece alheio ao quanto ele tem a ver com minha última afirmação. "As preliminares eram infundáveis... Beijos de língua fria, seguidos de conversa sobre o futuro. Não é engraçado usar o futuro como escape quando não se tem o que discutir no presente?"

Eric não responde. Eu continuo olhando as ondas. "Nossos programas eram igualmente enfadonhos — uísque na casa de amigos, jantares que serviam apenas para fazer conexões com gente que o catapultaria para o topo."

"E esse cara ambicioso queria uma noiva virgem."

"Eu sei, soou absurdo para mim também no começo. Justamente eu, que nunca me importei com um hímen ali embaixo. Mas em meio à turbulência do doutorado, ao desejo que ele tinha por uma noiva virgem e à compra do apartamento dos sonhos, eu enterrei a sensação de que havia algo errado. Canalizei minha frustração para a tese. Deve ter sido uma energia nuclear, porque minha banca ficou impressionada com o número de dados que coletei. "

"Então havia algo de errado."

"Sim. Havia."

E sempre que algo parece errado, provavelmente é.

Eric presta atenção em cada uma das minhas palavras. Olha fixamente para mim, às vezes para minha boca, outras vezes para meus olhos. Evito pensar demais em como ele está próximo. *Eric, eu faria qualquer coisa para estar com você novamente.*

"Depois veio o trabalho", eu ouço minha voz sair cortada. Está cada vez mais difícil disfarçar o fogo ali embaixo. Ele afirma como se soubesse do que eu falo.

Fazemos uma pausa para que eu me recupere. Ele talvez ache que estou nervosa por causa de Maurício, mas minha mente está povoada de outras coisas, coisas que Maurício coraria se soubesse.

"O que seus pais diziam sobre seu noivado?", ele muda um pouco o assunto. "Pelo que me contou, eles são pouco tradicionais."

"Pouco tradicionais — eu adoro o eufemismo. Bem, meu pai o ignorava por completo como fazia com praticamente todo o resto da humanidade. Já minha mãe nunca gostou dele. E olha que para ela não gostar de alguém, a pessoa precisa se esforçar, tipo, não saber que frango é carne."

Eric balança a cabeça para os lados. "Você não perdoa, não é mesmo? Continua", ele pede.

Eu continuo, rindo: "minha mãe implicava com sua ambição, eu acho. Como não me convenceria a largar ele dizendo que não gostava de sua ambição, ela dizia que ele era flácido, meio mole. Que parecia estar cheio de vermes."

"E você o largaria só porque sua barriga era cheia de vermes? Quanta frivolidade."

Nós dois rimos. Eu volto a mirar alguma coisa na areia.

"Enfim. O noivado acabou, foquei na carreira, adotei um gato. Coisas que solteiras virgens fazem."

"E decidiu que não seria mais uma solteira virgem naquela bendita festa."

"Você faz isso parecer uma tarefa fácil. Você estava lá, você viu. Tem gente que tem medo de virgens."

Seus olhos irradiam diversão. "Vocês são assustadoras", responde com um sorriso.

Derreto completamente. Seu charme é tão grande que tudo ao sul do umbigo lateja.

"Acho que o seu ex-noivo era cego."

Nós nos encaramos demoradamente. Estou mole por saber que aquilo foi um elogio. Seus olhos são de uma profundidade abismal, e tenho certeza de que me dizem algo que não sei o que é.

"Olha para você", ele murmura. "Você é linda, e me lembro de já ter dito isso antes."

O modo como diz aquilo faz minha carne tremer, e simplesmente não consigo mais sustentar o olhar. Olho para frente, sem eixo, uma expectativa crescendo constante dentro do peito. *Por favor, Eric, não diga isso. Eu não vou me segurar.*

Estou pegando fogo, e você é tanto meu incendiário como meu bombeiro. *Só você atea esse fogo em mim, só você pode apagá-lo.*

"Ele... ele era apaixonado por uma mulher casada", eu sussurro tentando controlar a confusão de desejos.

"Casada?"

Balanço a cabeça que sim. "Eu flagrei ele na cama com uma amiga em comum. O marido dela costumava sair com a gente, ele trabalhava com meu ex-noivo."

Eric sorri penalizado. Mais uma vez estou a ponto de liquefazer. Passo a impressão de estar sentindo isso devido à história com Maurício. *Eric, estou me derretendo por você.*

"Não queria te deixar sem jeito."

"Não estou sem jeito por causa disso", digo afastando a gola do casaco para deixar entrar ar.

"Você deve ter sofrido um bocado."

"Quem não sofreria? Eu fui seu álibe."

Ele balança a cabeça: "sim, você era o álibe dele."

Era por isso que Maurício não me desejava. Ele desejava outra. "É uma pena", ele lança uma concha longe.

"O que é uma pena?"

"Que não nos conhecemos sob outras circunstâncias."

Eu grito em silêncio: *não! Não, Eric! Podemos fazer as circunstâncias! Basta me dar um sinal, e você é a Ásia, e eu Genghis Khan.*

"Teria sido diferente?", eu pergunto segurando a respiração, as mãos curvadas em punhos dentro do bolso do casaco. *É agora. É agora ou nunca.*

"O quê?"

"Se tivéssemos... você sabe. Feito sexo naquele banheiro."

Ele se move desconfortavelmente: "Mas nós fizemos."

"Você sabe o que eu quero dizer."

Ele sabe.

"Eu não sei", ele mente. Uma sombra cruza seus olhos, e sei que ele pensa em algo que não compartilha comigo.

"Acho que se tivéssemos chegado ao final, teria sido diferente", afirmo.

"A penetração não mudaria nada, Stella."

"Mas eu teria impressionado você. Eu fiz papel de boba."

Eu não me perdoo por não ter conseguido dar prazer a ele. Teríamos consumado o ato, fechado algo que começamos e que não terminou por minha causa. Eu devo ter falado algo muito idiota, porque ele me olha espantado.

"Por que você acha que não me impressionou?"

Se tivesse sido bom, você não teria resistido todas essas noites. "Eric", pego ar. "Você me procurou na primeira oportunidade para pedir que esquecesse a noite", digo engolindo um litro de saliva antes de confessar: "mas eu não consigo. "

Eric coça o pescoço, visivelmente agoniado.

"Eu não consigo esquecer você."

Pronto. Saiu.

Sua voz sai ríspida: "não fala mais nada, Stella."

Eu tomo um susto. A praia fica mais fria, a chuva ainda mais inconveniente.

"Você não entenderia", ele diz, e seu desespero cresce visível.

"Explica, então."

"Você é uma garota fora de série, você merece algo melhor."

"Do que Maurício, com certeza. Do que você? Não sei."

Eu sei que consigo fazer a proposta. Eu não penso que isso é insano e que estou tentando convencê-lo a *fazer sexo comigo*. Tempos desesperados, medidas desesperadas. Procuro seus olhos, mas eles não voltam mais para mim.

"Eric, eu estou louca por você. Eu só penso nisso, em terminar o que não terminamos naquela noite."

As palavras pioram sua agonia. Eu me ajoelho à sua frente, sentando sobre o calcanhar. Tenho vontade, mas não arrisco colocar as mãos nele. Ele está me assustando com essa esfregação de testa.

"Não há uma viva alma nessa praia", eu falo como aqueles diabinhos que se sentam sobre nosso ombro e sussurram tentações. "Eu sou desimpedida, voce é desimpedido. Somos apenas nós dois aqui. Bem, e aquela tartaruga ali."

Tento trazer humor à proposta escancarada, mas falho miseravelmente. Eric agora passa os dedos pelo cabelo. Os olhos continuam fechados.

"Não faça essa cara de sofrido, não há pelo que sofrer. Eu sei que não entendo o que te segura, mas por uma única noite, eu te peço..."

Eu me aproximo alguns centímetros. Paro de joelhos à sua frente, ponderando se toco ou não sua perna. Ele abre os olhos, segura a respiração ao me ver. Se ele esticar os braços, eu sou sua.

"Faz amor comigo."

Seus olhos lindos estão nos meus. Atordoados, indecisos.

"Eu não estou conseguindo me controlar mais. Essa energia entre nós é uma loucura, ela acenderia um continente. Eu sei que você sente desejo por mim. Eu noto suas calças, praticamente não tiro os olhos dela desde que te vi pela primeira vez."

Eric está para ter um ataque do coração, todos os sintomas estão lá — a cara de dor, a respiração suspensa, a palidez. Ele continua estranhamente calado, como se digerisse minhas palavras sem saber o que fazer com elas, ou como se elas doessem ao entrarem em seu ouvido. Ele não faz ou diz absolutamente nada.

"Só uma noite", eu murmuro frustrada. *Aceita, faz alguma coisa! De preferência sexo comigo.* Uma noite.

Seu rosto franze, e ele balança a cabeça que não. *Droga.* Ao tentar me levantar, suas mãos me impedem.

"É mais complicado do que isso", ele murmura cravando os olhos claros nos meus. Seus olhos são duas luas crescentes. Parte clareada pela luz, parte na escuridão. Acho que ele procura alguma compreensão em mim, ou sensatez. Desculpa, mas não tenho nenhuma nem outra.

"Você acha que uma noite vai extinguir seu fogo, que depois de saciada continuaremos amigos?", ele não parece acreditar nisso. "Por favor, não faz isso comigo. Não faz isso com você."

Seus dedos apertam meus braços.

"Me solta, Eric. Está tudo bem."

Ele tenta novamente, como se estivesse fazendo uma força enorme para falar e não conseguisse. "Eu não sou um cara para você."

"Está tudo bem. Me desculpa."

"Você teve sua cota de sofrimento com aquele babaca."

"O que você está dizendo, que não preciso de outro babaca na minha vida?", eu franzo a cara. O

que esse homem tem contra sexo descompromissado?

"Você não sabe o que está pedindo", diz como se lesse cada palavra que passou pela minha mente.

"Eu estou pedindo a mesma coisa que pedi naquela noite", eu consigo espremer a voz pela garganta.

"Passamos daquele nível, Stella."

Seus olhos correm meu rosto e param na minha boca. "Não somos mais as mesmas pessoas daquela noite."

Eu tento puxar o ar, mas ele não vem. Tudo que chega são suas palavras. Sua voz profunda, minhas reações à sua presença. *O que ele quer dizer com isso?*

"Me larga", eu peço estranhamente magoada. Dolorida pela rejeição, envergonhada.

Antes que eu me levante para procurar o primeiro buraco onde enfiar a cabeça, Eric me puxa. Eu tropeço em meus próprios pés e tombo de joelhos na areia. Seus braços me amparam, e em seguida sua boca cola à minha.

Uma noite só



Stella

A surpresa me paralisa. *Sua boca quente e deliciosa está na minha?*

Meus braços enlaçam seu pescoço, e eu me jogo sobre ele. Sua saliva dissolve o resto da minha sensatez; seus braços espantam dúvidas, seu cheiro me leva embora. É o beijo mais delicioso do mundo, o dele. Sua língua é quente e cheirosa, seu toque possessivo é minha perdição, eu sou apenas um corpo mole e entregue em seus braços.

Eric está me beijando. Eu vou ter a minha noite.

Logo estamos na areia, eu deitada de costas e ele sobre mim, as mãos me prendendo firmes contra seu corpo; uma explora minha cintura enquanto a outra me segura firme pelo pescoço. O mundo se incendia novamente.

Nos arrastamos de algum modo até a barraca. Não tiramos sapatos, dois corpos unidos por braços e pernas, a lona salpicada de areia. Sua mão tateia para trás até achar o zíper da pequena tenda, e então o mundo se fecha em um metro cúbico de ar. Somos só nós na ilha, e ninguém mais.

Quero arrancar o casaco de tanto calor, mas estou amassada pelo peso do seu corpo. Como se lesse meus pensamentos — ou visse meu dedo apontando para o meu próprio casaco—, ele desce o zíper. Boca na minha, grunhindo sons ansiosos, afoitos como eu. Aliviados por finalmente achar um escape para um desejo que só acumulou nos últimos tempos.

"Como pode pensar que eu não quero você, garotinha ruiva?", ele praticamente rosna em meu ouvido, e eu lembro vagamente de um desenho que falava sobre isso, sobre uma garotinha ruiva. Mas o vagalhão que me carrega leva embora o pensamento, deixando apenas sensações que, sozinhas, me inundam e me fazem transbordar de paixão.

Ele tira um de meus braços de dentro da manga comprida, em seguida o outro. Eu tenho um moletom por baixo, mas quero ele fora, já. Eric embola o casaco nas mãos e o joga para o lado. O seu agasalho pousa, logo em seguida, ao lado do meu.

Minhas mãos continuam explorando seu corpo. Está quente como o inferno dentro da tenda, mas Eric está ainda mais quente. Ele é uma fornalha que esquentaria a praia por nós dois.

Ele cruza as mãos na altura da barriga, pega na borda da camisa e a puxa pelo pescoço. Eu faço

o mesmo com meu moletom, movendo sinuosamente o corpo para me livrar da roupa, roçando ombros e braços nele.

Antes de me livrar da peça, sinto seu nariz na minha barriga, beijos sendo espalhados ao redor de meu umbigo, entre os seios, sob a camiseta, no pescoço, até que eu me livro da gola e sua boca encontra a minha.

"Seu cheiro de morango é uma loucura."

Bendito creme de morango.

A luz é praticamente inexistente, mas seus olhos brilham. Eu estremeço ao vê-los; ao perceber o que está acontecendo, ao antecipar o que vai acontecer. O corpo formiga, o coração bate enlouquecido, e um calor delicioso e familiar desce do ventre até o meio das pernas.

O peito dele sobe e desce, seguindo meu ritmo. Ele sorri, olha embevecido para mim, para o meu corpo, para o meu cabelo, sem acreditar que estamos juntos. Eu pouso a mão em seu peito.

Tenho vontade de falar coisas. O quê, não sei. É como se não bastasse a troca de calor, eu quero mais. "Shh", ele faz perto de meu ouvido. Não precisamos falar nada. Ele aproveita a oportunidade para sentir meu cheiro ali, atrás da orelha. Sua língua quente corre pela pele fria, sorrindo quando eu perco a força em seus braços. A vontade de falar passa.

Gemo deliciada quando ele morde de leve meu queixo, me trazendo para perto. Jogo a cabeça para trás, olhos fechados, sentindo sua boca. Eu acho que vou explodir em sensações. Vou explodir de agonia em antecipação. Ele é tão bom quanto eu me lembrava.

Com movimentos ágeis, ele se senta e me põe sentada sobre suas pernas. Estou olhando para ele. Minhas coxas se engancham em sua cintura, nossos peitos se colam. Eu acaricio seus músculos duros, encostando o ouvido na ponta de seus lábios para ouvir o que ele quer me dizer:

"Você acabou com meu autocontrole."

"Vai valer a pena", digo com voz entrecortada, fazendo carinho em seu cabelo, esfregando a face na dele. "Esse vai ser nosso segredo."

Ele exala, me apertando contra ele. Vai valer a pena, ele vale a pena, *ele vale tudo*. Desço a mão pela sua barriga, passo-a pelo umbigo, acho caminho sob o cós de sua calça, querendo compensar a festa. Tento ficar de joelhos sobre ele, tento abrir o botão da sua calça. Para tirá-la, Eric teria que me soltar, me deitar, trabalhar demais no momento. Tudo a seu tempo.

Eric consegue descê-la um pouco, afrouxando a calça. Minha mão some dentro de sua cueca, agarrando o que ele guarda ali. Mordo seu pescoço, e ele geme. Seu gemido é tão sexy.

Seu cheiro, meu Deus, por que eu não consigo esquecer seu cheiro? Eu penso em cama, em nudez, em mãos e bocas, línguas e mordidas. É minha vez de soltar um som exasperado quando o seguro na mão, puro veludo, quente, duro. Eric fica imóvel, à espera. Ele se arrepia por inteiro.

Por algum tempo, eu fico assim, fazendo carinhos, sentindo a quentura e a umidade de sua boca em meu pescoço, sua respiração entrecortada, as duas mãos trabalhando nele enquanto ouço o rugido do

vento lá fora.

Um pensamento cresce lento e intenso em mim, enquanto movo a mão pela extensão do seu pênis. Um pensamento que cozinha em fogo baixo há algum tempo, que ameaça se expor à luz da consciência: eu sinto coisas demais por ele. *Não estraga o momento, Stella.*

"Isso é o que você faz comigo", ele interrompe os gemidos para murmurar no meu ouvido, sua voz quase explodindo de emoção. Eu sorrio, lânguida, recompensada.

"E isso é o que você faz comigo", eu envolvo seus dedos entre os meus. Lentamente introduzo-os entre a pele e a calça, sob a calcinha. Deixo-os lá, eles sabem o que fazer. Eu me ergo para facilitar seu acesso, e seus dedos mergulham em mim. Ele rosna de tesão com o rosto afundado em meu pescoço. *Sinta, Eric. Esta sou eu com você. Você roubou minha razão. Eu não sou mais eu, eu sou apenas uma reação a você.*

Ele retira os dedos da minha calça e se deita, me puxando junto. Largo a massagem erótica e me apoio sobre ele; nossos corpos se encaixam. Seu coração bate junto ao meu. Ele desliza as mãos pela minha coxa, pela minha bunda. Sua boca me engole em um beijo delicioso, cadenciado. Como se sua língua soubesse acariciar a minha em um ritmo próprio.

Fluxo e refluxo, um fluir sem fim de tomar e devolver.

Nossas respirações se aprofundam. Ele está tão louco por mim como eu por ele; tão louco que deixa escapar o animal que mora ali, que quer fazer tudo, agora. Com um só movimento me gira e deita sobre mim. Suas pernas prendem meu quadril, suas mãos seguram meus braços. Eu não conseguiria me soltar, mesmo se tentasse.

"Eu preciso me controlar com você", ele diz angustiado, como se autocontrole doesse. "Eu preciso me controlar."

Seus olhos estão nos meus, assustados e assustadores. Eu estremeço debaixo de seu corpo, sentindo que algo cresce nele — algo grande, descomunal. Algo contra o qual ele luta.

"Por quê?", eu mio. "Não quero que se controle."

Sua resposta é um beijo tão violento que me machuca. Nossos dentes se chocam, eu mordo o canto de sua boca sentindo gosto de ferro. Ele enrosca a mão entre as mechas do meu cabelo e o puxa, cheio de desejo guardado. Ele me empurra para o lado, eu bato as costas no chão, ele está sobre mim. Eu não sei o que se passa por sua cabeça, mas desde que não me largue, não dou a mínima.

Ele me solta, buscando ar: "Você ainda é virgem."

Eu movo o quadril sob seu corpo massivo: "muda isso."

Abro ainda mais as pernas para incentivá-lo: "eu quero você. Eu quero que seja com você."

Ele morde de leve meu queixo. "Então vai ser agora, comigo, já."

Exalo, aliviada. "Achei que você fosse me deixar novamente."

Sua frase soa como ameaça: "isso não vai acontecer agora, Stella."

Eric ataca minha boca mais uma vez, como se quisesse me punir por fazer seu corpo arder. Sua

língua invade a minha, chupa-a para dentro da sua boca, dança com ela; ele morde meus lábios, me devora. Seus dedos largam a lateral do meu rosto e seguem determinados até o decote da minha camiseta fina e a abaixa.

Ele interrompe o beijo para olhar. Seus dedos se movem, livres, entendendo em suas pontas que aquela é a última barreira. Eu estou sem sutiã.

Ele me afasta, apoia-se nos cotovelos enquanto suas mãos puxam meus seios para fora de modo que fiquem para cima, prontos. *Prontos para quê?* Eu estremeço ao pensar nisso, colando o queixo à pele do colo para ver o que ele vai fazer.

Eu vejo sua boca descer. Vejo seus lábios macios beijarem a pele sensível e arrepiada. Vejo Eric entreabrir os lábios e colocar um mamilo na boca. Depois não vejo mais nada.

Eu queimo sob sua língua. Descolo as costas do chão, cravo os dedos em suas costas. Sua língua é feita de pimenta. Ele intensifica o movimento de sugar, se afasta. Durante todo o tempo sua virilha está em atrito com minha calça.

Eu ouço o ar entrar e sair de seu corpo, sinto as batidas estrondosas de seu coração. Eu choramingo seu nome, mas a voz sai fraca. Um calor se espalha pelo ventre. *Acho que vou...*

"Ainda não", ele adivinha que algo cresce em mim. "Eu tenho tanta coisa para fazer com você."

Eu balanço a cabeça, cordata, que sim. Ele arranca sua calça remexendo a barraca de tal jeito que acho que ela vai voar. O barulho que vem de fora é assustador; os elementos rosnam, como se eles mesmos atingissem orgasmos.

Eu poderia ser alvejada por um raio e não notaria. Estou perdida naquele metro quadrado, perdida em sensações grandes demais. *Eu estou perdida.*

Quando ele se livra da calça, tira a minha. Eu jogo o tênis para longe, a calcinha vai parar atrás de mim. Ele me empurra contra a barraca e abre meus joelhos, enfiando o nariz entre minhas coxas.

"Você é tão cheirosa", diz metade sumido entre minhas pernas, e eu torço o cobertor com os dedos sem que ele tenha feito nada. Em seguida ele faz.

Eu sou uma fonte, e ele tem sede.

Estou com a cabeça pressionada no fundo da tenda, olhos fechados, rodopiando em alguma dimensão paralela. *Meu Deus, como isso é bom.* A temperatura ali dentro deve estar em três dígitos e subindo.

Eric quer me enlouquecer, ele quer. Ele está fazendo tudo para isso. E sei que estou ficando louca porque começo a sofrer, desde já, com o fim da noite. Aquela noite é única e não mais suficiente. Antes que ele me dê o que eu quero, eu quero *mais*.

Ele continua a fazer loucuras com a língua lá embaixo. Eu me contorço, acho que não vou aguentar, tento me levantar para dar a ele o mesmo prazer, mas ele só murmura 'calma, calma', e quando solto a voz digo que não aguento mais.

Mas eu aguento. Aquilo tudo é apenas um prelúdio. *Eu quero saber prelúdio do quê.*

Eu nunca quis nada assim na minha vida. Homem nenhum, coisa alguma. Não assim, como eu o quero. Pensar no tamanho dessa vontade me causa um ligeiro mau estar. E enquanto eu rodopio como papel na ventania, seus olhos se aprofundam e aquecem os meus.

Ele está de joelhos, reto; seus músculos duros ondulam perfeitamente sob a respiração. Ele corre as mãos pelo cabelo como se tivesse acabado de chegar a alguma conclusão dolorosa, tivesse tido uma revelação incômoda.

Ele me lança um sorriso indefinido, pálido. Então diz alguma coisa.

"Você é a minha musa", eu acho que ele fala.

Não tenho condições de saber o que está acontecendo ao redor. Eu estou rendida, sem ar, corada. Meu peito sobre e desce, o cabelo molhado colado à lateral do rosto, um seio para fora da camiseta, outro tapado. Se não estivesse tão entregue, perguntaria por que ele não pula de volta sobre mim. Nada o impede. *Venha*.

Ele desce a cueca. Há um brilho em seus olhos que nunca vi antes, olhos de um animal desconhecido na noite da savana. Eric é muito mais do que eu jamais — por pura modéstia — sonhei.

"Eu quero tanto você ," digo agoniada, para que ele entenda que eu menti, eu não quero só uma noite. *Eu não sabia que estava mentindo até agora*.

"Eu quero você também, Stella."

Minha excitação é maior do que eu; ela excede esse espaço, ela foge de meu contorno. Corro os dedos pela minha blusa, querendo que ele me olhe, que pense em mim. Eu quero que ele me ache bonita, sensual. Eu quero que ele me queira.

Muito.

Ele se inclina. Seu peito largo encosta no meu, e ele me dá o mais gentil e delicioso dos beijos — apenas um roçar de lábios, um delicado gesto de carinho. *Eu estou apaixonada por você*, penso sem querer, vendo-o se distanciar.

Ele arranca a cueca sem se distrair novamente. Monta sobre minhas pernas, enquanto tateia o bolso da calça que vestia. Ele tira dali um pacotinho prateado; abre-o entre os dentes e desenrola a camisinha.

Eu estou trêmula mais uma vez. Não sei, no entanto, se é de expectativa ou porque me dei conta de que todo o tesão que sentia se transformou em algo diferente.

Eu me apaixonei por ele.

Ele se deita sobre mim, um braço em cada lado de minha cabeça, me olhando como se só existisse eu para olhar na vida. "Eu vou fazer de tudo para que não doa, meu amor."

Eu balanço a cabeça, eu sei disso. O que vou sentir daqui a pouco subitamente não interessa. Ele me chamou de *meu amor*.

Ele me beija novamente, um beijo molhado e delicioso, e mergulha sem que eu note entre minhas pernas, ajeitando seu membro entre elas. Eu sinto um ímpeto enlouquecido de dizer para ele o que eu

sinto, mas isso é tão mais difícil do que dizer que quero fazer sexo com ele.

É prematuro, é louco — e eu fecho a boca, incapaz de falar. Seus olhos se abrem, testemunhas do meu aguardo ansioso. Ele vai ser o meu primeiro e de súbito mudo o que quero. *Eu quero que seja meu último.*

Ele se apoia em uma mão, segura o membro entre minhas coxas. Entra lentamente em mim, abrindo-me devagarinho.

Sinto a pele se alargar, elástica, quente. Arde, mas é suportável. Eu estou louca por ele, e isso arde muito mais por dentro. Não sou mais sensações apenas, agora sou sentimentos também.

"Eric?", a voz grossa e estranha me acorda do transe. Eu abro os olhos, ele arregala os dele. "Preciso falar com você, Capitão. É urgente."

A voz severa de Sérgio invade a barraca, e eu paraliso. Eric paralisa dentro de mim, abre a boca, sem conseguir achar o que dizer.

Ele sai de dentro de mim e eu me sinto vazia. Ele se levanta, eu me cubro com o que acho. Segurando as laterais da entrada de pano para que Sérgio não veja o que está acontecendo ali, Eric coloca a cabeça para fora da tenda.

"O que aconteceu, Sérgio?"

"Um acidente, Capitão."

Eu ouço a conversa envergonhada, frustrada, confusa.

"Alguém se machucou?", Eric pergunta.

"Marina. Ela teve um acidente."

Marina acidentadaEric

Há uma comoção na frente do centro de comando. O sol só subirá em uma hora, mas parece que a ilha inteira está acordada. Marina está sentada nos degraus, rodeada por três ou quatro homens. Tenente Machado está parado ao seu lado, tentando convencê-la a ir para o centro médico. Ela balança a cabeça que não, empacada no lugar, dizendo em voz alta que está me esperando.

Quando me vê chegando ela se levanta. "Eric!"

Corre em minha direção, um fio de sangue escorrendo de um rasgo na cabeça. Ela segura um pano encharcado de vermelho, e sua blusa está salpicada de pontos escuros.

"O que aconteceu?", eu pergunto segurando-a firmemente à distância de um braço. Avalio o machucado, achando-o grande. Marina está lívida, claramente o rasgo na testa precisa de pontos.

"Eu caí", ela diz aparentemente confusa. "Onde você estava?"

Sua voz tem o tom do desespero. "Eu cheguei aqui e não te vi, então acordei o Sérgio", ela atropela as palavras. Está levemente confusa, a fala enrolada.

"Tenente Machado", eu olho para Marcelo. Ele prontamente se coloca ao nosso lado. "Eu tentei levá-la para o centro, mas ela não quis sair da frente do seu alojamento."

"Marina!", eu a repreendo.

"Eu bati na sua porta, mas você não estava", seus olhos prateados estão agora cheios de água. "Onde você foi?"

Nada vem à cabeça. Nenhuma explicação. Não sei o que responder, eu não me preparei para essa pergunta. "Você teria esperado o Capitão voltar da corrida até que horas, Tenente?", Sérgio ralha com Marina atrás de mim, e eu me calo. A mente ainda está abalada demais pelos últimos minutos com Stella na praia para inventar desculpas.

O esporro continua: "se ele tivesse pegado a trilha do Desejado você teria se esvaído em sangue na porta do centro?"

"Siga o médico até a enfermaria *agora*", eu ordeno sem chances de ser contestado. Meu olhar está duro nela, no machucado com cara de sério.

Ela me olha confusa. "Por que você foi correr tão cedo? Você nunca corre cedo assim."

"Fui dormir cedo", digo pausadamente, como se aquela conversa não tivesse relevância no

momento. Todos estão de prova de que não estou mentindo a respeito disso; há dias estou indo dormir cedo. "Não acho que devo explicações sobre os horários de minha corrida."

Marina me olha magoada devido à resposta ríspida.

"Eu quero ligar pro meu pai", ela murmura olhando ao redor sem focalizar nada em especial.

"Acompanhe o tenente Machado e se acalme. Vou tomar um banho e passo na enfermaria para te ver daqui a pouco."

Nossa conversa é acompanhada por uma dúzia de pares de olhos. "Eu quero falar com meu pai", ela insiste. Marina está claramente confusa, e começo a me preocupar com sua concussão. Troco olhares com Marcelo, ele também parece preocupado.

Assim que ela se afasta escoltada por Marcelo, percebo que não estava respirando. Meu estômago inteiro está contraído. A roupa cola à pele suada, o frio na barriga ainda irradia pelo corpo por ter sido pego no flagra.

Os homens aos poucos se afastam. Alguns voltam ao alojamento, outros decidem ver o sol nascer já que estão acordados. Alguém atravessa o posto indo acordar Genivaldo para preparar o café.

Antes de entrar no quarto, olho para Sérgio. Ele me encara de volta, sem expressão. Faço um gesto de cabeça, sei que entende como um agradecimento. Ele me ignora, é seu modo de dizer *não há de quê*.

Entro no alojamento, tiro a roupa. Eu ainda estou marcado pelos dedos de Stella, pelo seu toque, seus beijos, pela noite que não deveríamos ter tido, mas tivemos. Fecho os olhos sentindo sua boca na minha. *Onde colocar essas lembranças no momento?*

Entro na ducha, tirando o suor que tem seu cheiro. Me ensaboo, tiro a espuma. Não me demoro, o dia começou cedo hoje. Quando termino de colocar a roupa, a porta se abre de supetão. Marina invade o quarto, curativo na cabeça, olhos desvairados, feições chorosas. Marcelo a segue logo atrás.

"Eric, Marcelo não quer que eu durma!", ela reclama como uma criança que procura os pais quando um irmão a contraria. Há algo errado em sua voz. Há algo errado com ela.

Eu a seguro antes que tropece. Sua testa está limpa, um adesivo une duas bandas da pele. Mesmo com o curativo, eu consigo ver que o buraco é fundo e que tudo ao seu redor incha e avermelha.

"Ela se recusou a ficar no centro, Capitão", Marcelo me informa permanecendo na porta. "Disse que..."

Ele pausa. Passa a língua pelos lábios, sem graça. "Que quer dormir aqui. Eu disse que ela não deveria dormir agora, precisamos avaliar o machucado."

Marina me abraça. Não sei onde por as mãos, não sei como repeli-la, assim, tropeçando. Não posso colocá-la na cama, não posso mandá-la embora, então ficamos parados, ela com os braços em volta dos meus, eu duro como uma porta; ambos sujeitos à observação desconfortável do médico.

Eu preciso agir, isso não está certo. "Marina, você precisa ficar no centro médico, não pode ficar aqui."

"Eu quero ficar aqui", ela diz adormecendo em meus braços. Marcelo balança a cabeça que não, não é uma boa ideia ela dormir. Ela precisa ser um pouco mais monitorada.

Eu a chacoalho. Ela abre os olhos, tonta, oscilante. Sento-a na cadeira rente à janela. Ela tomba com a cabeça para trás e fecha os olhos. Marcelo entra no quarto, preocupado. Eu me afasto para que ele a observe.

"Talvez devêssemos dar um banho nela", diz apalpando a pele inchada ao redor do corte. A ideia não me apraz, mas Marina está dormindo, com um rasgo na cabeça, as roupas encharcadas de sangue, falando embolado.

"O que pode ser?", eu pergunto segurando-a para que não tombe, olhando sobre os ombros para o médico. "Pode ter sido uma concussão. Precisamos esperar para ver se sua cabeça vai inchar mais."

"Ela vomitou?", eu pergunto.

"Acho que não", ele responde colocando-se de joelhos à sua frente. Chacoalhando-a com os braços, pergunta: "você vomitou, Marina?"

Ela está de olhos fechados, pálida e mole. Ainda assim balança a cabeça que não.

Eu não gosto do modo como ela responde. Marina é forte, e vê-la assim dispara um pensamento desconcertante. Não temos estrutura na ilha para cuidar de machucados sérios. Quando alguém passa mal ou se machuca seriamente, a ajuda precisa vir por mar, do continente, e pode levar três dias para chegar. Ela poderia morrer sob meus cuidados.

"Vamos dar um banho nela", falo me levantando. Eu a seguro em um braço, Marcelo no outro. Com ajuda de suas próprias pernas a levamos até o chuveiro. Ela se equilibra com dificuldade.

Ligo a ducha fria sobre ela. "Eric!!!", berra. "O que você está fazendo?!"

Marcelo a segura por um ombro, eu molho seu cabelo. Limpo seu rosto coberto de sangue, ele retira o curativo que acabou de fazer. Imagino que tenha sido um sacrifício fazer o curativo nela. Ela se debate, tira nossas mãos de seu rosto. Está furiosa, com frio, irritada.

"Ela vai precisar de uma nova atadura", Marcelo fala.

"E de roupas. Faz um favor, Marcelo. Dá um pulo no alojamento e busca um macacão para ela. Traz também o kit de primeiros socorros. Eu vou terminar esse banho e sentá-la no quarto até que consiga se orientar."

"Sim, senhor."

Marcelo deixa o banheiro e eu a lavo por cima da roupa até que suas unhas estejam limpas de sangue e seu cabelo livre de coágulos. "Eric...", Marina murmura segurando minha mão entre as suas e beijando-a delicadamente.

Eu retiro imediatamente as mãos. "Você precisa acordar", eu falo alto demais. "Você precisa acordar e ir com Marcelo."

As feições dela relaxam. Seus olhos claros perdem o aspecto confuso e despertam.

"Vou ligar hoje para papai. Eu não quero mais ficar aqui."

Eu tiro uma mecha da frente de seu rosto. Ela me olha e faz beicinho.

"Meu pai vai mandar uma esquadra", diz e tenta sorrir. Ela adora falar isso. Eu deixo que fale, isso a manterá acordada.

"Minhas últimas semanas foram horríveis, Eric", ela franze o rosto e começa a chorar no box. Eu não consigo mais mantê-la de pé — ela cai sentada, afundando o rosto entre as pernas. Seus soluços estão altos, descontrolados.

"Eu não quero mais trabalhar sozinha ali como uma condenada, eu mal vejo você! Estou sempre tão cansada das madrugadas mandando informações para que o Japão — o Japão!" — ela volta a me olhar como se Japão fosse uma ofensa particular à sua pessoa — "tenha dados que não interessam a ninguém, só ao Japão! Eu estou de saco cheio de não ver mais você à noite, de não participar de seu dia."

Seu choro aumenta, sua voz está embargada de sentimento. Eu me ajoelho também. Encosto na parede, fecho os olhos, eu mesmo pregado de cansaço, capaz de adormecer sozinho assim.

"Eu não sabia que maio só chovia! Eu nunca vim em pernadas nessa época, eu só conhecia Trindade em dezembro!"

As lágrimas descem, as reclamações não param. Ela reclama da comida, da frente fria, do trabalho, de André. Às vezes ela levanta o rosto, franzido do choro sentido e desanda a chorar mais.

Eu tento achar algo para falar, mas as palavras não vêm. Se ela não estivesse machucada, eu a mandaria para casa, mas não posso ainda, preciso da ajuda de Marcelo para vesti-la e monitorá-la.

Enquanto a ouço, penso em Stella sozinha na praia. Na noite interrompida, nas sensações completamente novas para mim, na química insana que faz com que o mínimo atrito dispare faíscas ao redor. Como eu queria ter continuado lá.

Marina enxuga as lágrimas que escorrem junto com a água do chuveiro. Levanta-se com minha ajuda, apoia-se na parede. Passa os dedos sobre o corte, traz o dedo sem sangue à frente dos olhos.

"Eu tropecei no cimento e caí com a testa na quina", fala desequilibrando-se.

"Você poderia ter se machucado muito mais", digo avaliando sua testa, recriminando-a não sei bem por quê. O corte é profundo e a pele ao redor está levemente inchada, mas parece que é isso, um corte. Eu *torço* para que seja isso.

"Me ajuda a deitar", ela pede começando a tremer de frio.

Eu desligo o chuveiro, e ela se apoia em mim. Enrolo-a na toalha e andamos até o quarto. Olho pela janela, para o dia que começa a clarear. Penso em Stella, em Marcelo que não chega.

Marina ameaça tirar a blusa, mas eu a interrompo. "Marcelo está vindo com sua roupa", digo.

"Você já me viu pelada", ela diz confusa por eu não deixá-la puxar a blusa pelo braço. "Eu quero me deitar debaixo da coberta, estou com frio."

"Não. Você vai esperar Marcelo, e quando ele chegar quem vai trocar você é ele. Ele é o médico, eu não vou trocar você."

"Que papo é esse, Eric? Quem vai me ajudar é você."

Ela se inclina, suas mãos se cravam na minha camiseta. Seu olhar se aperta, curioso: "Eric, você não está com saudades de transar?"

Sua voz sai como se ela estivesse bêbada. Tiro suas mãos de mim, olhando para a porta como se olhar para a porta fizesse Marcelo entrar por ela mais rápido. Não quero que ela se aproxime de mim. "Não estou com saudades de nada, Marina."

"Não é possível. Um homem com seu fogo? Não acredito."

"Para com isso."

"Eu estou com saudades de estar dentro de algum lugar com você."

Como não posso dispensá-la, preciso contê-la. Mas conter Marina não é fácil, e conter Marina machucada e confusa é mais difícil ainda. *Marcelo, onde está você?*

"Eu quero tirar a roupa", ela repete, e eu tento sentá-la na cama. Ela se senta, mas assim que afrouxo os braços ao seu redor, ela tomba de costas. Eu me inclino sobre ela, mãos ao redor de suas bochechas, balançando-a com menos gentileza do que deveria. "Acorda, Marina, não dorme!"

"Quero vomitar", ela diz. Um fio de nervoso cresce na base da coluna. Tombo seguido de vômito? Isso não pode ser bom.

"Quero vomitar", ela repete sorrindo, olhos fechados, pernas oscilando para lá e para cá. "Eric, pega alguma coisa onde eu possa vomitar?"

Eu me levanto vasculhando o cômodo. Não há nada que não seja essencial ali — cadeira, uma pequena escrivaninha, o guarda roupa sem ornamentos. Onde arrumarei uma vasilha? Então me lembro do prato sob o vaso de plantas na varanda.

Enquanto me dirijo à porta, Marina arranca as calças juntamente com a calcinha, joga o tênis molhado e a meia ensopada em um pequeno monte de peças úmidas aos seus pés.

"Marina", eu a censuro, mas ela já está com as mãos na camiseta e a tira juntamente com o top de malha que veste embaixo. *Ótimo, ela está nua em minha cama.*

Eu volto, puxo a droga do lençol até seu pescoço. Ela se aninha no centro, aparentando bem menos confusão do que há pouco. Passo as mãos pela nuca, sem saber o que fazer. O jeito é esperar por Marcelo do lado de fora.

Assim que abro a porta, meu coração desliza para o estômago.

Marcelo está na minha frente. Ao seu lado, olhando-me como se estivesse na frente de um fantasma, está Stella.

Ela tem nas mãos a barraca, o cobertor e minha mochila. Seus imensos olhos castanhos estão cúmplices nos meus, como se perguntassem algo. Como se confiassem que eu responderia o que está acontecendo de modo sincero.

Marcelo fala: "Capitão, Stella estava voltando da praia e perguntei se ela não se importaria em nos ajudar com Marina. O senhor sabe, ela vai querer tirar a roupa molhada e..."

"Tarde demais", eu digo resignado, dando um passo para o lado para que entrem. "Marina

simplesmente se levantou, arrancou a roupa e se deitou na cama. Eu a cobri com um lençol."

Marcelo prensa a boca, entrando no alojamento. Stella parece cautelosa antes de fazer juízo da situação. Eu a observo febrilmente, estudando cada movimento de seu rosto. Não quero que ela pense nada de errado, mas guardo a culpa de quem esconde, de fato, uma coisa. Eu não consegui segurar Marina. *Ela está machucada, por favor, me entenda.*

Stella tem as mãos unidas na frente do corpo. Só de vê-la o calor retorna, assim como retornam as memórias do brilho de seus olhos, de seus arquejos, de seu corpo sob o meu.

Marcelo não percebe que eu a devoro com a visão. Como tenho vontade de enfiar o nariz em seu cabelo e cheirá-lo, sentir meu cheiro nele, mostrar para o mundo que ela é minha.

"Como ela se machucou?", Stella pergunta com voz sumida, olhos na mulher aconchegada entre meus travesseiros e lençóis. Marina parece dormir, mas sei que está acordada e prestando atenção à conversa.

"Ela bateu a cabeça", Marcelo fala desdobrando o macacão que pegou no centro médico. "Obrigado por nos ajudar, Stella", diz profissional.

"Claro."

Ela larga as coisas que me pertencem no chão. Marcelo não desconfia que até há pouco eu estava sobre aquele cobertor com ela. Não desconfia que eu jamais permitiria que ela acampasse sozinha na praia até de manhã, nem que eu estou possesso com aquela situação. Eu me pergunto se em algum momento ele ligará a trilha de pontos e montará a figura do que está acontecendo entre nós. Acho que não.

"Eric?", Marina abre os olhos. Ela se coloca sobre os cotovelos, olhando fixamente para mim. Ao ver Stella e Marcelo ali, ela ergue as sobrancelhas, fingindo surpresa. Ela sempre foi ótima atriz.

"O que a Stella está fazendo aqui?"

"Vim ajudar você a se vestir", Stella responde olhando o rasgo em sua cabeça. Eu estou momentaneamente paralisado, rígido, a mente uma tela em branco. A saliva desce pastosa. *Não fala, não fala nada, não fala nada. Não hoje, não agora.*

Stella dá a volta na cama, aproximando-se. "Está doendo?", ela pergunta.

Marina ignora sua pergunta. "Não preciso de ajuda para me vestir, estou bem."

Stella olha para mim, em seguida para Marcelo. Marina não parece bem, mas a essas alturas sei que ela está melhor do que aparenta. "Se você precisar de ajuda é melhor ter uma mulher ao lado, né?", Stella insiste, aproximando-se um pouco mais. Marina amansa a expressão, olhando-me de lado.

Tudo em volta para.

O vento para de soprar, o ar rescinde, o silêncio é tamanho que posso ouvir as batidas do meu coração. *Não hoje. Não agora.*

"Não precisa se preocupar", ela diz com condescendência e certo desdém. "Eric e eu somos namorados, não há nada que ele já não tenha visto", diz apoiando-se nos braços e sentando na cama. Sua mão segura o lençol para que não deslize.

Minha respiração entala na garganta, o sangue se esvai do rosto. Fecho momentaneamente os olhos, o pulsar violento do coração gera uma batida surda nos ouvidos.

Stella não se move. Sua expressão transforma-se em algo indecifrável, desconsolo e tristeza misturam-se a puro nojo. Seu olhar cai, perdido, sem saber onde parar.

"Vocês podem esperar lá fora", Marina diz com um sorriso constrito para os dois. "Mas, por favor, tenham discrição a respeito de nós. Eu e Eric conseguimos manter até agora as aparências, vocês entendem", Ela rola os olhos. "Coisas da Marinha."

Deitando-se, Marina volta a se concentrar em seu machucado, tateando-o com a ponta dos dedos.

É naquele instante que meu coração para de bater.

Tudo que existe em mim é um buraco no peito, uma gruta, uma sensação oca. Minha mentira está exposta. *Não*, eu respondi quando ela perguntou se eu tinha alguém. *Você não é um desses caras, é?* Eu sou.

Stella move lentamente com a cabeça, olhos em lugares diferentes do quarto, não em mim ou em Marina. Seus olhos estão marejados, e eu me odeio por causa disso.

"Vem, Stella", Marcelo a chama.

Se Marcelo está desconfortável com a situação, não parece. Desde que Marina vomitou semanas atrás e parou no centro médico, Marcelo sabe que existe — existia — algo entre nós.

Eu deixei essa loucura chegar até aqui.

Quero me colocar na frente da porta. Quero sacudi-la para tirar de seu rosto a decepção. Eu preciso achar as palavras e dizer que não estou com Marina, mas eu precisava — e nessa hora queria ser capaz de dar um murro em mim mesmo — informar primeiramente Marina disso.

Por pura covardia eu não a informei. Eu disse para Marina que precisávamos manter distância um do outro na ilha. Deixar que o silêncio resolva as coisas por mim não me parece mais tão prático.

Stella parte ao lado de Marcelo em pequenas passadas, como se seus membros fossem de chumbo ou ela carregasse um peso que não esperava carregar.

"Não vai levar suas coisas?", Marcelo indica a mochila e a barraca ao pé da cama. Stella parece estar em outro lugar, não entende o que ele fala até que vê sua mão apontada para os objetos.

"Isso não é meu", ela responde com um fio de voz. Ao longo do maxilar repuxa um músculo. "Algum cara deve ter deixado essa tralha na praia."

Seus olhos encontram pela última vez os meus — enojados, profundamente decepcionados, traídos.

"Quem teria deixado isso na praia?", Marcelo pergunta para ela, andando em direção à saída. "Um desses caras que não dão valor às coisas", ela responde.

E batendo a porta com raiva, Stella sai da minha vida.

RaivaStella

Segundo Einstein, duas coisas são infinitas: o universo e a estupidez humana. Quanto ao universo, Einstein tinha suas dúvidas. Quanto à estupidez humana, sou a prova de que ela não tem fim.

Tudo que sinto é raiva. Crua, em seu estado mais puro.

A simplicidade do sentimento é gritante. O universo parece que resolveu descomplicar o sentimento por mim; é como se eu tivesse sido tomada por um tom único de vermelho, sem floreios ou gradações, sem nuances. Eu sinto raiva de mim, dele. Intensa, profunda.

Ele não tentou falar comigo naquele dia. Se ele tivesse vindo, eu teria surtado. Acho que, pelas minhas feições, ele sabia disso. Eu estava enlouquecida. Revoltada, descontrolada. Ele aguardou chegar a noite, quando sabia que estaria sozinha na praia.

Ouvi Eric me chamar tantas vezes naquela madrugada que quase me comovi com seu desespero. Mas era tanta confusão de sentimentos na cabeça que continuei escondida atrás da pedra, receptor agarrado ao corpo como um salva-vidas, rosto franzido em um choro furioso enquanto seu chamado sumia entre o barulho das ondas.

Por que não ouvi minha intuição? Por que ele mentiu dizendo que não tinha ninguém? *Essa era sua pegadinha.*

Os espasmos que me sacudiam eram metade raiva, metade frio. Por não ter onde me esconder, entrei na água e aguardei atrás de uma pedra até que ele se fosse. Eu podia ter sido carregada por uma onda mais alta, podia ter ficado presa entre os corais, mas se há uma coisa que não existe durante acessos de raiva são momentos de razão. Eu só enxergava a cor vermelha na frente. Só sentia aquela dor horrível no meio do peito, como se meu coração tivesse passado por um moedor.

Por que ele não foi sincero? Por que foi naquela maldita festa sozinho? Por que ficou comigo se vinha para Trindade no dia seguinte com a namorada, por que não disse a verdade, por que fez isso comigo?

A resposta é brutalmente simples.

Ele não tinha interesse em romper com Marina, nem deixar de fazer sexo comigo. Por que complicar as coisas se pode ter o relacionamento com a garota certa e o sexo descompromissado com a boba aqui?

Os soluços ficam maiores. Eu caí na cilada outra vez.

Depois daquela noite, nossos movimentos se transformaram em uma dança: um para lá, outro para cá. Se ele vem, eu me movo. Se eu chego, ele se recolhe.

Quando descobri sobre Eric e Marina, contei tudo a Cláudia e Rafael. Para isso precisei voltar a história duas semanas no tempo, para as catorze noites de conversas sem fim, a paixão que nasceu madrugada adentro. Eles ficaram estupefatos. Rafael não acreditou que eu o enganei por duas semanas, fugindo para a praia sem levantar suspeitas; Cláudia não acreditou que eu quase fiz sexo na ilha.

Pelos olhares que eles trocaram, estavam apostando em cima da minha virgindade.

As madrugadas agora são passadas na companhia de Rafael. Curiosamente, depois de duas noites, um sargento aparece de madrugada e nos informa, em poucas palavras, que nos acompanhará no segundo turno. Ninguém comenta ou contesta a decisão. Minha raiva aumenta, expande. *Covarde, covarde, covarde.*

E assim os dias passam — os *dias* passam; a raiva não.

Eu me deparo com Eric em uma dessas idas e vindas à praia. Está uma tarde quente como a morada dos demônios. O sol esturrica qualquer coisa viva, o azul do céu é elétrico e o mar apresenta mil tons de azul. É tarde demais quando percebo que ele vem em minha direção. Geralmente consigo me esquivar de encontros, mas nesse momento não sou rápida o suficiente.

Somos eu e ele no meio do caminho entre o refeitório e o alojamento. Ele deve ter passado o dia consertando alguma máquina, porque está suado, sujo de graxa e com uma caixa de ferramentas na mão. Ao me ver, ele para. Eu tento continuar, mas sua figura maciça me paralisa.

Ele está lindo. Uma imagem saída de um calendário, o que me faz questionar em que planeta eu estava por não ter visto os sinais. Eric é um clichê exposto a céu aberto, um chavão. Mais lugar-comum do que ele, impossível — físico de Adônis, fogo depravado, ‘um amor em cada porto’.

O que eu precisava mais para entender? Que desenhassem para mim que ele não poderia prestar?

Não sei como isso é possível, mas minha raiva triplica. Sinto ainda mais calor, sem ideia de como pode ser tão quente no planeta Terra.

Preciso de toda a concentração para não agredi-lo ali por arruinar minhas últimas semanas. Por mentir e me desnortear de tal modo que já não sei mais o que é direita e esquerda, em cima ou embaixo.

Seus olhos procuram os meus. Eu disparo apavorada, ouvindo atrás de mim: "Stella..."

Céus, aqueles olhos verdes pedintes e atormentados. De certa forma surpresos por eu não ter pulado a mureta e feito a tropeços o caminho para casa. As lembranças de seu peito sobre o meu e sua boca colada à minha me incendeiam, o calor sobe pelo pescoço rumo à face de tal modo que quero chorar.

Pense em Marina nua sobre sua cama, tão parecida com aquela cena há quatro meses atrás, uma voz sussurra em minha cabeça.

Pronto. A raiva volta ao lugar. Marcho determinada para o alojamento, ignorando-o. Eric está muito enganado se acha que sua compleição grandiosa e presença monumental vão me abalar.

Quatro dias após o incidente, o dia amanhece horrível. No céu, nuvens imensas e pesadas aproximam-se aos poucos. A iluminação é estranha, prateada. A praia inteira, sempre tão viva em cores, tem hoje variações de uma só cor — centenas de tons de cinza, da areia do mar ao topo das montanhas.

Depois de almoçarmos um sanduíche — estou evitando o refeitório — Rafael, Cláudia e eu nos deitamos na areia em frente ao alojamento. O vento, sempre tão intenso, sumiu. O mundo parece estar prendendo o ar.

Cláudia tomba sobre a esteira, dormindo imediatamente. Eu sento na cadeira de praia com um livro que trouxe, fingindo concentração na leitura. Rafael se deita sobre uma toalha, ouvindo músicas no Ipod.

A voz de Eric ecoando não muito distante me faz estremecer. Quando vou parar de reagir à sua voz?

De longe vejo-o deixando o centro de comando. Retorno ao livro, as palavras embaralham-se na frente dos olhos. Minha cabeça volta à festa infeliz quando um mundo de sensações novas se abriu. Às noites na praia. Repasso cada uma das situações ao seu lado, minuto após minuto, hora após hora, dia após dia. No fim, a conclusão é sempre a mesma.

Eric quer ter o que pode e ele pode ter todas. *Burra, burra!*

Eu marino lentamente em um caldo temperado de raiva, desejos frustrados, indignação. A fórmula perfeita para uma bomba.

"Como você está?", Cláudia pergunta com voz sonolenta quando ouve que eu bato com o livro na cabeça.

"Furiosa."

"É isso aí", ela aprova minha resposta com a voz arrastada de quem está quase adormecendo novamente. "Continue assim, raiva é um dos estágios do luto."

"Não estou de luto."

"De certa forma, está. Você o perdeu."

Eu sou muito versada em academicês para discutir com Cláudia. Na academia, tudo é relativo e metafórico. Se eu perdi Eric, estou de luto. Tenho vontade de perguntar se perder a virgindade me deixará enlutada também, mas guardo a gracinha.

Sei que, *de certa forma*, Cláudia tem razão. Perder alguém pode ou não trazer luto, mas no meu caso traz e eu sinto os efeitos de um de seus estágios.

Ah... eu conheço o luto e seus estágios. Passei por todos eles recentemente, sou a melhor pessoa para me aconselhar no momento. Primeiro eu sentirei raiva. Enlouquecedora, destruidora, colocadora de muros abaixo. Mas ela apenas acoberta a verdadeira emoção — a dor.

Passarei por negação, raiva, tristeza e finalmente aceitação. Terei que trilhar por cada um deles

até chegar à conclusão óbvia do que meu inconsciente já grita com megafone dentro de mim: *sua burra!*

Eu vou questionar todos os homens do mundo a partir de agora. A lembrança desses dias vai latejar, e não haverá, além do tempo e quem sabe bastante álcool, analgésico eficiente que amenize essa dor.

Em seguida a mente tentará colocar a culpa do que aconteceu em mim. O que fiz de errado? Que sinais eu perdi? Sou eu o problema? É nesse estágio que aprendo com meus erros. Eu não tenho culpa da mentira dos outros.

Por fim virá a aceitação, e Eric sumirá das memórias. Virará uma história engraçada na mesa de um bar. Sim, eu deveria ter visto os sinais. Sim, eu forcei a situação, eu procurei uma rolha para tampar outro buraco.

Minha terapeuta, caso eu tivesse uma, diria que eu não quis ver. Mandaria eu extirpá-lo da minha vida, seguir em frente. Mesmo assim ela rolaria os olhos e pensaria: *que garota burra.*

É isso que vou fazer. Extirpar Eric.

Eu tirei Maurício da minha vida rasgando fotos, indo a cartório resolver problemas sobre o apartamento comprado em conjunto, deixando na portaria de sua mãe seus livros e os apetrechos de banheiro que ele tinha no meu apartamento. Eric não foi sequer um namoro — Eric vai passar.

Uma parte de mim se anima, acha um caminho viável. Uma outra parte, no entanto, cochicha em meu ouvido que não há nada de concreto entre nós que eu possa destruir. Onde Eric está se não faz parte de memórias de longo prazo, de documentos ou coisas?

Sob sua pele, correndo em suas veias, espalhando-se por sinapses?

Nesse caso ele não é um homem, é uma doença. Tombo o livro desanimadoramente sobre a coxa. *Eric vai doer.*

"Eu estou com raiva", repito para Cláudia com os olhos fixos nas ondas igualmente bravas que arrebatam nas pedras. Algumas carcaças enferrujadas ao redor são uma prova de sua ira.

"A raiva consola", Cláudia diz grogue. "Ela é uma máscara, claro. Eficiente, protetora. Existe um alívio nela."

A pergunta que Cláudia *não* faz é: o que sua raiva está escondendo? Sei que ela perguntaria isso se não tivesse voltado a dormir.

A aproximação de nuvens bélicas é de um esplendor tão único que várias pessoas as observam em diferentes pontos da praia. É como se os deuses estivesse se decidindo se acabam com a ilha ou não.

Sargentos Manoel e Bartelli, fiéis acompanhantes das noites na praia, conversam entre amigos adiante. Outros homens, todos jogadores dos amistosos, também apontam para o horizonte, impressionados com as cores escuras.

"Posso me sentar com você?"

A voz masculina atrás de mim me faz sorrir.

"Claro."

Marcelo tomba ao meu lado na areia. Suas pernas nota 9 estão à mostra; seu peito liso está lustroso, como se besuntado de óleo. Ele deve estar vindo de uma corrida.

"Senti sua falta", eu digo sincera. "Há dias não conversamos."

Seu sorriso se estende de um lado ao outro do rosto.

Quando nos conhecemos no navio, sua pele era branca e seu cabelo castanho claro. Ele está agora bronzeado e seu cabelo é uma penugem dourada. Está também mais magro, um efeito conhecido de Trindade.

O que ando fazendo com Marcelo é errado.

Desde que descobri sobre Eric e Marina, tenho aumentado os encontros com ele. Eu me sento à noite ao seu lado, querendo que Eric sinta ciúmes caso olhe para mim. Quero que ache que a fila andou, que ao sair de Trindade, deixarei meu telefone nas mãos de Marcelo com um pedido para que me ligue.

Marcelo vai terminar o que você não terminou, seu idiota safado. E quando penso nisso, me espanto. De onde tirei tanta frieza?

Eu não sinto atração por Marcelo. Não sinto nada do que Eric me causa. Marcelo é bonito, apenas isso. Simpático, legal, gosta de Fleetwood Mac. Mas eu sinto uma vontade insana de chamar a atenção de Eric. *Irrito, logo existo, lembra?* Esse é meu plano *brilhante*.

"Muito trabalho", ele explica porque está sumido. "Metade da ilha se resfriou na última frente fria, não havia quem conseguisse ficar de pé. Acabei fazendo jornadas duplas no centro médico e em todas as outras partes."

Ele olha para mim. "E você? Como anda a procura pela tartaruga?"

Exalo um suspiro longo e profundo. "Lenta. Como as tartarugas."

Eu estou todos os dias e noites na praia, rezando e ansiando para que ela venha. Para que ela traga propósito à minha estada e diminua com sua presença milagrosa a dor que me transformou nas últimas três semanas em um limão azedo.

"Ainda temos duas semanas para encontrá-la", ele tenta me animar. "Você vai achá-la."

"Sim, eu vou", digo fingindo ter a mesma esperança.

A verdade? Eu não tenho. A cada nova tartaruga que aporta na praia, eu noto com mais frequência os sinais da doença. Até alguns anos atrás isso não acontecia; as tartarugas que nidificavam em Trindade eram saudáveis.

Coleto saliva e lágrimas, algas que servem de alimento, amostras de sangue na esperança de entender as causas do mal, mas me sinto impotente por não poder fazer nada por aquelas que já apresentam os sintomas. Embora o tumor que aparece em suas couraças na forma de gomos seja benigno, ele eventualmente atrapalhará sua locomoção e alimentação.

Aquelas tartarugas morrerão. Elas, que estão listadas como extintas e lutam faz tempo contra a pesca predatória, a coleta de ovos e todos os outros perigos naturais. Sua luta agora também é contra um efeito da poluição que despejamos no mar. *Bom trabalho, humanos.*

"Mudando de assunto, você gosta de pingue-pongue?"

Levanto a cabeça, surpresa pela troca do tema: "Ahn?"

"Hoje começaremos a separar os grupos para o campeonato aqui da ilha. Você joga?"

"Pingue-pongue? Não."

"Achei então algo que você não joga."

"Você joga?"

"Você está brincando? Eu sou praticamente um chinês no esporte."

Solto uma risada. Rafael acorda, espreguiçando-se. Aproxima-se cambaleante, cuspidando a areia que acumulou na língua depois de dormir de boca aberta. "Eu ouvi vocês conversando sobre tênis de mesa?"

O cabelo de Rafael está completamente levantado para um lado. Quando ele se move e o cabelo não abaixa, Marcelo e eu caímos na gargalhada.

"Estão rindo de meu cabelo de novo?"

Mais gargalhadas.

"Sim, vai ter um campeonato de pingue-pongue", Marcelo responde.

"Podemos jogar também?", ele pergunta.

"Claro."

Rafael me acotovela. "Você já me viu jogar, Stella. Lá em casa, lembra? Ganhei do vovô."

Lembro da partida frenética entre Rafael e seu avô franzino: "Claro que me lembro! Rafa, você arrebenta!"

"Eu sei."

"Vamos apostar tudo em você", eu me ajeito na cadeira, animada.

"Será que podemos apostar nosso Bourbon?", Rafael pergunta cheio de esperança. "É a maneira de ter nosso álcool de volta."

Olhando para Marcelo, explica: "o comandante confiscou nossa bebida."

"E você acha que ele trouxe para a ilha? O que foi confiscado ficou no navio, tenho quase certeza."

Fazemos um muxoxo.

"E no mais acho que apostas são proibidas."

Rafael cai de costas na areia, dramático. Acho que se ouvir mais uma vez a palavra proibido, ele surta.

Ouvimos um barulho de passos mais adiante. Esticamos o rosto, e eu me deparo com a visão do céu.

Eric.

Correndo ao lado de um amigo, ele aproxima-se rápido demais para o meu coração não se atrapalhar nas batidas. Alto, musculoso, longilíneo. Está vestindo uma regata ridiculamente apertada, que

faz seus músculos saltarem para fora. Seu peito de nadador parece uma parede.

Meu sangue esquenta cada centímetro de pele.

Eric vem como uma carranca de um barco do Amazonas. Feições sulcadas, maxilar travado. Parece estar odiando cada passada, cada molécula de ar que entra pelo nariz. Ele nos olha com o rabo de olho.

Minha vontade é mostrar o dedo do meio.

Com a educação usual, Eric nos ignora. Marcelo parece acostumado com suas grosserias, nem liga. Minha cabeça parece uma amante abandonada, lançando janela afora, aos gritos e com sotaque italiano, tudo que um dia lhe pertenceu. Aqui estão, jogados ao ar livre, lembranças de carícias, toques eróticos, mãos e bocas, línguas e dedos, membros e fluidos.

O pensamento vem com tal intensidade e com tanta força que preciso fechar os olhos e pressioná-los com os dedos, fazendo silêncio por alguns segundos até que a respiração desça pelos canais travados. Eu me odeio nesse momento.

Alheio ao meu silêncio, Marcelo aponta para a areia, na direção de algo mais adiante. "Stella, olha."

Meu coração para. Não sei por quê, acho a princípio que Marcelo está apontando para Eric, que passa por nós. Só depois vejo que Marcelo está apontando para algo na areia. Eric olha para Marcelo. Vê o que Marcelo aponta, volta a olhar para frente.

Acompanho Eric passar em sua corrida aparentemente miserável, levantando-me para ver o que Marcelo mostra. *Como posso reagir assim àquele homem depois de ter mentido para mim?*

Cachorro.

Marcelo está abaixado, mãos nos joelhos olhando para algo no chão. Ao chegar perto, vejo uma estrela do mar. "Uma estrela", ele diz sorrindo.

Eu me abaixo para pegá-la. Ela ainda está viva, e seguro-a cuidadosamente na palma da mão. Sua textura esponjosa pinica e umedece a palma.

"É a primeira vez que vejo estrelas aqui", falo observando a espécime cor de pedra. O animal é frio e granuloso, cinco tentáculos imóveis e apáticos entrelaçando-se a meus dedos.

"Seu nome significa estrela do mar, não é?", Marcelo pergunta aproximando um centímetro a mais do que o socialmente confortável. Seus olhos reluzem, bonitos e saudáveis, um verdadeiro menino do Rio.

Rafael, atrás de mim, suspira de modo romântico. "Sim", respondo olhando irritada para Rafael.

"Stella Maris", Marcelo diz olhando para o animal.

"Como você sabe que meu nome é Stella Maris? Maris não é bem o nome do meio que saio anunciando por aí."

"Digamos que ter acesso ao registros médicos dos membros da equipe é um privilégio."

"Deve ter sido um privilégio saber que *Stella Maris* teve uma unha encravada há três anos

atrás", Rafael ri.

Eu arrasto o pé na areia, como um touro bravo. Atrás de mim Rafael é atingido por uma chuva de grãos. Marcelo ri, e eu coloco a estrela em sua mão.

"Sabia que elas são carnívoras?", pergunto vendo como ele mexe a mão ao me ouvir.

"Sério?"

"Sério."

"Elas são lindas", ele fala me lançando um olhar nada inocente.

Coço a testa, sem saber como reagir. *O menino do Rio está dando em cima de mim.*

"Sim, elas são. Agora coloca de volta no mar, elas são mais bonitas vivas."

Ele ameaça jogá-la, mas eu seguro seu braço, indicando que ele deve colocá-la cuidadosamente na água. Andamos até a arrebentação das ondas, e ele a põe na areia quando o mar recua.

"Seu nome combina com você. De onde seus pais tiraram a ideia?", Marcelo pergunta voltando a onde estávamos.

Se eu não estivesse tão incomodada com Rafael — ele vai me zoar para sempre por causa disso — eu teria sido mais cuidadosa em responder: "Eles são muito ligados à natureza."

"Hippies", Rafael solta a palavra como se fosse um espirro.

"Naturalistas", eu o corrijo, embora saiba que hippies é uma boa palavra.

Rafael passa por mim olhando-me com diversão velada e, quando se afasta, abre os braços acima da cabeça. Acho que vai fazer um grande coração no ar, mas ele impulsiona o corpo e o gira com as mãos no chão, pernas para cima até cair sobre os pés mais adiante.

"Tão infantil", balanço a cabeça. "Fazendo estrelas na praia... quantos anos você tem, quatro?"

Ele pisca, sorrindo maliciosamente. Desconfio que Marcelo saiba que Rafael está me zoando por causa dele, mas como bom esportista que é, entra na brincadeira.

Marcelo se afasta. Imitando o gesto de Rafael, ergue os braços e dá impulso. Seu corpo gira em um ângulo perfeito, sua barriga sarada causa uma visão e tanto.

Pena que cai sentado, estatelando-se na areia. Rafael bate palmas, eu também bato, segurando a gargalhada. Cláudia acorda com o barulho. Aproximando-se abraçada a uma colcha que se arrasta na areia, pergunta: "o que vocês estão fazendo?"

"Zoando Stella", Rafael responde como se isso fosse óbvio.

"Horríveis, nenhum dos dois sabe fazer estrelas", ela desdenha.

"Dá licença", eu peço, e Marcelo e Rafael se afastam.

Ergo os braços, levanto uma perna, dou um impulso para frente. Desacostumada a dar estrelas — há pelo menos 15 anos não dou uma —, estatelo-me na areia também.

Ouç o baque das costas contra o solo. Solto uma risada mesmo sentindo a base das costas doer. Rafael e Marcelo colocam a cara na frente de meu rosto para ver se estou bem. Quando confirmam, riem também.

Os próximos minutos são passados assim, treinando estrelas. Cláudia se junta a nós e, embora tenha problemas em pelo menos três lugares da coluna, faz estrelas melhor do que nós.

"Stella, você tem muito o que aprender. Vem aqui", Marcelo me chama. *Vem*, ele me incentiva com os olhos. Eu vou.

Dou impulso. As mãos espalmam a areia, e quando penso que vou cair, sinto suas mãos nas minhas pernas. Estou de cabeça para baixo, cabelo na areia, pernas para o alto — Marcelo as segura no ar.

"Você está caindo sempre para o mesmo lado. Precisa trazer o corpo um pouco para frente."

Seu 'para frente' é em sua própria direção.

"Está bom", eu respondo constrangida por sentir as batatas das pernas em seu peito. Olho para frente. Na linha da visão, a areia. Sobre a areia, pernas.

Eric está voltando da corrida. De cabeça para baixo, consigo ver sua careta. Ele me olha com as sobrancelhas unidas e boca prensada. Não sei por que me olha com raiva, *eu* deveria ter raiva dele.

E tenho.

Perco o equilíbrio e só não bato com tudo no chão porque Marcelo me ampara. "Calma, não vou deixar você cair", ele diz notando que está sendo observado.

Eric se afasta correndo, a graça da brincadeira morre. Imagino que Marcelo deva estar se recriminando por não manter suas mãos para si próprio, por estar espalmando pernas de biólogas por aí. O que Marcelo não sabe é que Eric não vai falar nada. Ele não *pode* falar nada.

O motivo? Eu sou um vulcão à beira da erupção.

Uma palavra que ele der a respeito de relacionamentos na ilha e eu explodo com fúria titânica, como finalmente explode a chuva que o céu anuncia há horas.

ExplosãoStella

Eu não sabia que cozinhava em fogo alto. Uma panela de pressão largada tempo demais sobre o fogo, pressão procurando meios de escapar, incontrolável e perigosa. A explosão, eu não podia prever, tinha dia e hora.

Por duas semanas ignoro o olhar torturado de Eric. Mudo de caminho quando ele se aproxima, trato-o com desprezo quando ele me dá a chance.

Finjo não notar a distância que cresce entre ele e Marina. Eu ainda estou muito dolorida ali onde as costelas se encontram, irritada com a rapidez com que me deixei envolver emocionalmente.

Um mês e meio depois de que o conheci, eu estou mais destruída do que antes; mais carente, mais descrente de que coisas boas possam acontecer entre duas pessoas. Todos os esforços para levá-lo para a cama serviram apenas para me ferir, um tiro que saiu pela culatra e me acertou em cheio.

Eu decido aparecer no refeitório aquela noite, enjoada de comer sanduíche no quarto. Alguém me informa que haverá amistoso, sou escalada sem que eu tenha vontade de jogar.

Não quero procurá-lo com os olhos, mas não consigo evitar. Ele não aparece e alguém comenta que há semanas Eric não dá as caras para o jantar.

"Sério? Nem notei.", eu minto.

"E aí, vamos jogar?", Marcelo pergunta ao meu lado. Desde que chegamos, ele e os outros da mesa conversam sobre assuntos que não sei quais são. Os ouvidos parecem sedados, as vozes entram abafadas por eles. Exalo o ar, balançando com a cabeça que sim.

Marcelo pega duas camisas do mesmo time — uma P para mim, uma M para ele — e a veste sobre a blusa que está usando. Eu faço o mesmo, desistindo de comer o resto da comida.

Rafael avisa que não quer jogar, que tem medo dos caranguejos no campo. Eu sigo Marcelo pelo campo, lançando o chinelo no canto e prendendo o cabelo. Os homens fazem piadinhas sobre como eu comi demais — era dia de churrasco, *ha ha* — e que me derrubar vai ser fácil.

Marcelo devolve que ele agora é do meu time e que se quiserem me pegar terão que passar por ele — o que rende várias promessas de passarem sobre nós dois como rolos compressores. Enquanto os homens fazem piadas, Marina arrisca um ‘dá-lhe, Marcelo’.

Eric não aparece, nem para o jogo. *Como esnobá-lo se ele não aparece?*

Jogar fica muito menos interessante.

Às sete a plateia se organiza ao redor, o jogo começa. Ninguém está disposto a perder. Alguém chuta para o outro, a perseguição à bola se inicia, e logo começamos a ver — e ocasionalmente, receber — pontapés, empurrões, areia nos olhos. Enfim, um amistoso.

O jogo evolui sem gols, hoje todos parecem interessados apenas em descontar nos colegas a frustração de estar longe da família e da vida no continente. Estamos nos aproximando do final, e o placar está zero a zero.

Eu e Marcelo estamos de um lado do campo. Nossa posição é a mesma: mãos nos joelhos, olhos fixos nos lançamentos calculando os próximos passos. O goleiro do time adversário tenta nos tirar a concentração gritando ‘lá vem um onda camelo’, ‘olha o siri subindo na sua perna’. Só preciosidades.

Quando a bola vem, vem alguém com ela — sempre vem alguém com ela.

"Stella, é sua!", Marcelo grita sem me olhar, mas na verdade a bola é dele. Ele a mata no peito, lançando-a para mim. A bola chega ao meu lado, eu a paro com o pé. Olho ao redor por uma fração de segundo tentando ver quem vem. Sargento Bartelli — que é obeso, mas rápido — se avoluma no horizonte.

Marcelo leva as mãos ao cabelo, olhos arregalados. Eu ergo a bola com as mãos. Bartelli vem como um alucinado, boca aberta soltando um som gutural, dedos voando em minha direção.

Quando ele salta sobre mim, minha vida passa na frente como um flash. Do nascimento ao quase sexo na barraca, tudo que fiz ou deixei de fazer, todo erro e acerto está ali. Fecho os olhos, travo os dentes e entorto o rosto à espera do impacto.

Ágil como um gato, Marcelo salta sobre mim. Bartelli cai de barriga na areia para um lado, eu e Marcelo para o outro. A galera vai ao delírio.

Eu ainda estou com a bola, a boca está cheia de areia. Marcelo grita um 'segura a bola', me ergue sobre seus ombros e eu caio como um saco de batatas em suas costas. Assim, pendurada com as pernas balançando no ar, ele corre em direção ao gol.

O goleiro não sabe o que segurar: Marcelo? Minha bunda? A bola escondida nas minhas mãos atrás de Marcelo??

Entramos eu, Marcelo, bola e goleiro. A propósito, o goleiro agarra minha bunda.

É gol.

A galera vibra, festeja. Marcelo me tira de seus ombros, embora não me solte. Eu escorrego um pouco de seu abraço, mas minha posição fica ainda mais constrangedora. Seus olhos castanhos estão luminosos, quentes, chamativos. Eu continuo colada ao seu corpo, os peitos praticamente na sua cara, a bola na mão

Ele olha para a minha boca e eu me remexo, em pânico, pedindo para descer. Talvez no calor dos acontecimentos e por causa dos uivos da plateia, ele me solta rápido demais, eu me desequilibro e

caio com tudo no chão.

Assim começa o drama da noite.

Ao cair, eu machuco meu ossinho da alegria. Eu nunca tinha machucado o cóccix antes. Dói pra burro.

Pense em uma adaga afiada cravando lá dentro. Grito desesperada, rolo na areia, entorto a cara de aflição pela dor lancinante e afiada. Eu me contorço enquanto Marcelo tenta me acalmar. Ele parece tão culpado por ter causado meu acidente que eu quase interrompo meus gritos para acalmá-lo.

A multidão nos rodeia, perguntando onde machucou. Eu respondo com mil palavrões, alguns bem cabeludos, e os mais sensíveis se afastam.

"Eu estou aqui", Marcelo diz me lembrando que é médico. "Eu estou aqui."

Cláudia e Rafael se jogam ao meu lado, olhos maiores do que a lua, sem saber onde por as mãos. A impressão, pelos meus gemidos, é de que quebrei todos os ossos do corpo.

"Meu Deus, precisamos te levantar", Cláudia diz.

Mas como? Toda vez que tento me esticar ou mesmo me mover, eu sinto uma cravada de algo exatamente *ali*.

De repente as pessoas abrem espaço na roda, afastam-se, e o todo poderoso da ilha aparece. Rafael morde os lábios, aterrorizado, como se *ele* estivesse para levar um esporro. Aquilo me enche de fúria. Eric é no momento um *bully* durante o recreio. Eu não preciso de esforço algum para me incendiar, e dessa vez de raiva.

É a primeira vez em dias que o vejo.

Não há elegância ou charme algum em estar emporcalhada sobre a areia, torcendo o rosto de dor toda vez que tento me sentar. Eu odeio que ele esteja ali. Odeio ainda mais do que estar ali, machucada.

"O que está acontecendo aqui?"

Marina vem logo atrás dele, tentando acalmá-lo: "nada, apenas um amistoso", ela desmerece a *minha* dor.

Quando Eric vê que sou eu caída ali no meio, ele paralisa.

Talvez, em outra circunstância ou com outra pessoa, ele teria se ajoelhado ao meu lado e investigado meu estado. Mas ele não arrisca se aproximar. Ele permanece de pé, a dois metros de segurança, como se eu tivesse uma doença contagiosa.

Alguém responde: "foi um acidente, Capitão. Stella caiu."

"Caiu como?", ele pergunta com os olhos em mim, me observando por tempo demais, mais do que eu permito que me olhe. Você sabe, dado o quanto eu o odeio no momento.

Cláudia me ajuda a levantar, e eu tenho enorme dificuldade em pisar no chão. Lanças, adagas, espadas, qualquer coisa fina e pontiaguda que crave a carne ou pince um nervo.

"Estávamos jogando", Marcelo responde sem olhar para Eric. O médico parece observar como eu me movo e o que desperta a minha dor — pisar no chão a maior delas. "Mas quando eu a coloquei no

chão, ela se desequilibrou."

Eu olho para Eric como se ele tivesse cravado todas aquelas pontas em mim. Passo mancando por ele, escorada em Cláudia e Rafael.

Eric é o retrato da raiva, ou seja, ele está como sempre. Seus olhos mostram aborrecimento. *Ah, que saco, essa menina atrapalhada acabou com a paz no eremitério de minha cabana.*

Vá se foder, eu penso.

Ando amparada e trôpega até o centro médico, seguida por alguns oficiais que acabaram virando amigos. Ouço Eric perguntar ao redor como exatamente o acidente aconteceu, por que Marcelo estava me segurando, como pode isso ser possível e outras perguntas em um tom acusativo que não me agrada.

Eu dou o braço a Marcelo antes de entrar no centro. "Você não teve culpa nenhuma. Não deixa ele te culpar."

"Ele não está procurando culpados, Stella."

Minha voz sai aguda: "você é inocente ou o quê? Não sentiu o tom do comandante? Não dou três minutos para ele vir até aqui."

"O jogo sempre machucou gente", Marcelo me acalma. "Você vai ficar bem."

Eu não me preocupo exatamente comigo. Eu me preocupo com Marcelo, mas ainda mais com Eric, que parece um fio perigosamente esticado entre dois postes, prestes a se romper e chicotear quem estiver por perto.

Detesto que eu ainda esteja tão ligada às suas reações.

Rafael está devorando uma unha, o outro braço cruzado na frente do corpo. "Eu tenho medo dele", diz cuspiendo um pedaço de carne do dedo. "Deixa de ser ridículo", Cláudia resmunga.

Marcelo não parece nem remotamente preocupado com Eric. Ele me ajeita sobre a maca como se eu fosse um vaso precioso que ele quebrou e precisa consertar.

"Onde machucou?", Cláudia pergunta, me ajudando a me manter na pequena cama. Olho sem jeito para Marcelo, depois para ela.

Eu me envergo sobre seu ouvido e digo exatamente — e da maneira mais curta — onde está doendo. Marcelo não precisa ouvir onde me machuquei, ele sabe. "Stella, você terá que se deitar", diz em tom profissional.

"Rafa, me ajuda a subir as pernas", peço tentando alçá-las. Rafael se apressa, erguendo-as rápido demais e arrancando de mim um grito de dor.

"Cuidado, Rafael!", grito me deitando de barriga para cima.

"De barriga para baixo", Marcelo diz lavando as mãos e se preparando para pegar as luvas de látex.

Olho para Cláudia e Rafael. "Como assim, de costas?"

Eles se entreolham, segurando as risadas.

"A gente conta para ela ou deixa que ela descubra sozinha?", Rafael pergunta.

Arregalo os olhos. *Eu serei apalpada lá?*

As gargalhadas explodem na sala. Quando vejo a cara de desespero de Marcelo se preparando para me apalpar, já estou derrubando lágrimas de tanto rir.

É claro que ele me examina sob risadas, eu mesma não consigo parar de rir quando ele toca o local dolorido e eu dou um pulo de dor. São tantas as gargalhadas que vêm do centro que as pessoas se juntam na janela.

Quando vários minutos depois é constatado o que eu imaginava — eu machuquei o fiofó — deixo o centro mancando, sob efeito de um remédio delicioso diretamente injetado na veia, que tanto corta a dor como dá barato.

"Morra de inveja", eu digo lenta para Cláudia sentindo o sangue correr mais quente, amolecer os músculos, formigar levemente a pele. "Isso é melhor que Bourbon."

"Sério, eu vou arrombar essa enfermaria esta noite", ela diz sem humor, praticamente me carregando.

Eu piso em nuvens. Nem dor eu sinto mais, tamanha a minha alegria.

Olho para trás mandando beijos estalados para Marcelo, que balança a cabeça para mim, acho que me recriminando, mas não dá para ter certeza porque ele está sorrindo.

Inspiro profundamente ao pisar do lado de fora, grogue, leve, achando as estrelas mais brilhantes e a noite mais agradável. Tenho uma tipoia debaixo de cada braço, o que, segundo Marcelo, me ajudará a pisar no chão sem sentir que coisas me perfuram no meio.

Eu quase soltei uma besteira quando ele disse isso.

Cláudia para de andar, e eu sou forçada a focalizar os olhos e enxergar quem se coloca na minha frente. Alguém grande e bonito, musculoso, bronzeado.

"Aff, Eric", resmungo.

A maioria das pessoas já se dispersou, estamos apenas nós e ele.

As luzes fracas dos caminhos deixam seu rosto na penumbra, mas iluminam de maneira conveniente seus olhos de gato. O filho da mãe deve trazer um espelho no bolso para saber onde e sob qual luz fica mais bonito e então posicionar-se sempre nos ângulos mais corretos, nas horas mais erradas.

Eric parece genuinamente preocupado. Uma preocupação que vem da pequena linha na testa, uma entre as muitas de seu rosto. No mais, ele continua com o semblante de quem acha o mundo um saco.

Eu estou tão farta de sua raiva. Tão farta da *minha* raiva.

Odeio saber que sou praticamente Madame Min coberta de areia e sob efeito de opiáceos em contraste com sua figura ridiculamente bonita. Deve ser horrível ser uma das três pessoas da galáxia que são perfeitas, penso aborrecida.

Minha euforia diminui, e eu me irrita com isso também.

"Como você está", ele pergunta baixo.

Tenho vontade de mandar ele quebrar aquele lugar para saber — aproveitando que agora sei

como quebrar aquele lugar dói.

"Com dor."

"Eu imagino."

Sua mentira — sua omissão da verdade — doeu muito mais do que a rachadura no meu ‘rabo’ ancestral. Sim, Marcelo desconfia que apenas *rachei* o pequeno osso inútil, nosso resquício de rabo. *Que alívio.*

"Quer conversar?", ele praticamente exala a frase, de tão baixa.

Passo direto sem respondê-lo, como se tivesse sido ele o responsável por meus machucados. De certa maneira, ele é.

Que droga, por que sempre me arrepio quando ouço sua voz? O que ela faz vibrar em mim que outras nunca fizeram?

Sigo mancando ao lado de Rafael e Cláudia até o alojamento. Fecho os olhos ao ouvir atrás de mim Eric chamar Marcelo para conversar. Tenho vontade de dar meia volta e bater nele com as tipoias, mandá-lo vomitar seu mau humor em algum outro lugar, mas apenas continuo meu caminho.

Marcelo não é criança, eu posso dar a versão de meus fatos amanhã e estão todos de prova de que não aconteceu nada demais. Eu só me desequilibrei e caí. Bati a poeira, me levantei, estou boa novamente.

O que dizer do que você fez comigo, Eric? Eu também me levantarei e sacudirei a poeira um dia?

Marcelo pede a Eric um segundo. Corre apressado pela passarela deixando o comandante para trás e para na minha frente. "Stella, isso é para você."

"O que é isso?"

"Um remédio para daqui a seis horas. Quando a dor voltar, tome um comprimido. Coma algo junto com o medicamento, ele pode dar dor de estômago."

Seus olhos estão doces nos meus.

Ele pouco se importa com a presença de Eric na porta de seu consultório esperando para ferrá-lo. Ele não pensou em mim apenas agora, ele está preocupado comigo daqui a seis horas também.

Eu me inclino e beijo seu rosto tão perto de sua boca que Marcelo dá um salto para trás.

"Você é um amor", digo passando a mão pelo seu rosto e descendo até seu peito, acompanhando seus olhos esbugalharem-se e fazendo questão de que Eric veja que eu, a machucada na história, não guardo qualquer ressentimento da brincadeira.

Cláudia e Rafael quase têm um ataque do coração.

"Por que não passa lá no alojamento daqui a pouco?", eu sugiro alto. "Não poderei ir à praia hoje e duvido que consiga dormir tendo acostumado o corpo a ficar acordado. Podemos ficar perturbando o sono de Cláudia."

Cláudia olha nervosa para Eric, que parece um touro na frente de um pano vermelho. Mas

Marcelo está de costas para Eric e, sem notar que será alvejado em breve, aceita o convite.

"Combinado", Marcelo sorri.

Bem, a noite poderia ter acabado pior, eu penso voltando a mancar para o alojamento. Que bom que deu tudo certo.

Quando Marcelo parte, Rafael e Cláudia começam: "você está louca? Para de fazer isso ou você vai arrumar confusão para o menino!"

"Fazer isso o quê?"

"Ciúmes!"

"Eric está de mãos atadas", eu digo me sentindo superior. *Meu Deus, preciso do nome desse remédio.*

"Stellinha, Eric parecia o Kraken. Ele vai matar um hoje."

"Bem feito."

"Isso não é engraçado e nem motivo de piada", Cláudia diz olhando seriamente para Rafael.

"Estou em condições de fazer piadas? Estou?", Rafael aponta para si, obviamente abalado pela raiva de Eric.

"Eric não pode falar nada. Se ele fizer qualquer coisa contra Marcelo, eu ameaço contar o que ele fez comigo."

Cláudia e Rafael se olham. Algo neles me diz que não confiam em mim — abilolada pelo medicamento — ou no autocontrole de Eric. Eu mesma preciso reconhecer, Eric parecia estar chegando ao seu limite.

Entramos no dormitório. Jogo as tipoias em um canto, olhando para o meu estado. Eu preciso de um banho. Também preciso de um salão, de uma manicure, de uma depiladora. Cláudia me pergunta se quero ajuda, eu respondo que não. Tiro a roupa no banheiro claudicando sobre uma perna, entro no box apoiando as mãos nas paredes.

Assim que ligo o chuveiro, ouço batidas na porta.

"Stella?", Cláudia me chama.

"Estou debaixo do chuveiro, Cláudia. Estou bem."

"Marcello está aqui", ela anuncia, tensa.

"Ok. Diz para ele que daqui a pouco estou pronta. Vê se tem um refrigerante na geladeira", eu digo passando sabão pelo corpo cheio de areia.

Não sei por que ele está aqui no alojamento, mas torço que esteja trazendo mais remédio. Ligo novamente a água, sentindo-a fria como sempre. A água leva o sal e a areia, molha o cabelo, desce cortante pela parte machucada.

Ao fechar os olhos, é nele que penso.

No safado, no cachorro, no homem que não sai da minha cabeça nem sob efeito de morfina. *O que você queria conseguir ao final, Eric? Me deixar de quatro, me ter por uma noite em segredo*

enquanto namorava a outra? Por que não me usou antes, então? Na festa, sob as minhas condições?

Eu teria ficado de quatro, penso confusa, a cabeça cheia de remédio.

Estou de olhos fechados sentindo o sabão escorregar pelo corpo quando sinto uma pontada no topo da cabeça. Levo a mão até o cabelo e toco algo duro. Acho a princípio que é um pedaço de plástico que entrou entre os fios na praia, toco novamente.

Sou beliscada por uma pua e grito, com toda a força que há nessa vida, que tem um caranguejo sobre minha cabeça. "Tem um caranguejo em miiiiim!!!"

Consigo ouvir meu eco reverberar pela ilha.

Eu não sou capaz de pular por causa da dor, mas meus berros se amplificam quando patas finas e cabeludas escorregam do cabelo e descem pelas costas, pontilhando a pele em sua rota de fuga, me fazendo surtar de asco.

Lanço o corpo contra a parede me batendo para me livrar daquilo. "Sai de mim! Sai de mim" — grito histérica sentindo as lágrimas saltarem — "agora!"

Grito 'Cláudia' a plenos pulmões, chamo Rafael, qualquer um que me socorra porque estou sendo atacada por um caranguejo que caiu do teto.

"Eu estou sendo atacada!!", berro alucinadamente enquanto me debato sem saber onde o caranguejo está, o dedo latejando do beliscão, meus fundilhos lançando dores horríveis pelo corpo enquanto sou tomada por asco, nojo, nervoso.

Eu sou uma confusão de braços, pernas e cabelos ensaboados quando a porta estatela na parede e Rafael entra correndo, horrorizado porque eu estou pelada como vim ao mundo, e o caranguejo ainda está agarrado na ponta de meu cabelo.

Ele sai correndo dali gritando, mãos na frente da boca.

Eu continuo berrando como uma louca, batendo as mãos no bicho para que me solte, sem me importar que aquele bicho tem alguma importância no ciclo da vida, que está em extinção, que quem matar caranguejos vai preso. Que se dane se eles forem aniquilados dali!!

"Sai de mim! Sai de mim!", minha voz sai fina e aguda, estico os braços nervosamente pelas costas, tentando achá-lo, tentando puxar a mecha de cabelo onde o bicho está pendurado. Cláudia irrompe no banheiro gritando 'cadê a toalha, cadê a toalha', mas em vez de me ajudar, sai à procura de roupa para me cobrir.

Eu tenho vontade de matá-la porque não me interessa toalha ou roupa alguma, eu quero que alguém tire o bicho de mim!

"Eu estou sendo atacada!", grito novamente, dessa vez a voz saindo grossa, dores estranhas me apunhalando, o cabelo pesando de um lado, minha mão no alto da cabeça tentando achar freneticamente a mecha onde ele está, ainda com o bicho às vezes batendo nas costas molhadas.

Finalmente, alguém.

Marcelo invade o banheiro e põe as duas mãos em meus braços, me vira de supetão, e sinto um

puxão de cabelo. Em seguida o bicho está na sua mão. Ele segura a criatura entre o polegar e o dedo do meio, longe do corpo para não ser beliscado, enquanto abre a janela e lança o bicho para fora.

De repente sou eu e ele. Ele vestido e eu pelada. O rosto vermelho de tanto gritar, seus olhos esbugalhados sem conseguir segurar a olhadela curiosa, eu tampando as partes de baixo sem mãos suficiente para tapar as partes de cima.

Para minha completa surpresa e assombro, Eric também irrompe no banheiro.

Eu não conseguiria explicar suas feições. Seu olhar corre de Marcelo para mim, de mim para meu corpo. Seus olhos param nos meus, e o que eu vejo ali não me agrada.

"O que você está fazendo aqui?", grito em sua direção, furiosa, o calor subindo e tomando braços e pernas enquanto pingo ao redor tremendo de frio, abalada como nunca estive na vida.

Eric está confuso. "Você... Você gritou que estava sendo atacada e eu..."

Pelo modo como franze a testa e olha para Marcelo, sei que imaginou tudo errado. Imaginou o pior.

Eu o odeio tanto, tanto que avanço sobre ele, socando seu peito. Eric toma o susto de sua vida, mas não me toca, não me para, não me segura, apenas afasta os braços, como se eu fosse radioativa.

Seus olhos estão nos meus, no meio daquela loucura eu o vejo horivelmente consciente de meus sentimentos por ele, e odeio que ele cause tudo aquilo em mim. "Vai embora daqui, Eric!!!", grito histérica, enlouquecida. "Vai embora, vai embora, me deixa em paz, some daqui!"

Meus gritos ecoam pelo alojamento, assustando todos.

Cláudia e Rafael tentam me segurar, mas toda a raiva que cozinhou em mim explode na mais estranha das situações, entre o banheiro e o corredor, na frente de testemunhas, um ódio misturado a um coração dilacerado cujo resultado é pior do que nitroglicerina.

Eric me deixa socá-lo enquanto dá passos para trás em direção à saída. Eu bato nele com tanta força que minhas mãos doem. Sinto seu peito duro aguentar meus socos, sinto seu cheiro e me descontrolo ainda mais. Seus olhos não abandonam os meus, martirizados e silenciosos.

Eu não quero saber que estou sem roupa, encharcada, o rosto cheio de lágrimas. Que estou sendo observada por olhos doloridos em silêncio, caídos como se não pudessem mostrar nada além de um 'sinto muito' calado. E porque não diz nada ele me dilacera ainda mais.

Por que fez aquilo comigo, Eric? Eu ainda estava colando meus cacos.

Existe coragem na raiva. Proteção. Ele me deixa bater em seu peito até que minhas forças se esvaem, e eu não tenho mais fôlego para gritar. Tudo nele entende que estou frágil e machucada, um tipo de machucado que não tem a ver com o acidente, com o evento do caranguejo, uma ferida que só ele conhece porque foi ele quem a causou.

"Eu odeio você", murmuro soluçando, vendo-o dar o último passo para trás.

Eric some em silêncio ao mesmo tempo que uma toalha me cobre.

O calor toma conta da face, do rosto, queima as orelhas. Eu me arrependo que tenha conhecido

Eric naquela festa, eu me arrependo que tenha deixado ele se aproximar de mansinho, um pouco de cada vez até que me tinha por inteiro. Porque quando descobri sobre meus sentimentos, ele deixou cair sua máscara, e eu estava presa na armadilha outra vez.

Eu só me acalmo quando Cláudia me abraça.

Ela acaricia meu cabelo, fazendo shhh, shhh enquanto choro copiosamente afundada em seu ombro. Só ela sabe o tamanho da dor por trás daquela explosão.

Por alguns segundos ficamos assim, abraçadas, e eu choro como há tempos não chorava. Uma sensação desagradável de *dejà-vu* me invade, como se eu estivesse vivendo tudo novamente. Foi exatamente naquele ombro que chorei há não muito tempo atrás, quando descobri que pessoas que parecem verdadeiras e sinceras — e na maioria do tempo são — também podem nos machucar.

Eu desfaleço em seus braços quando tento dar um passo e não consigo por causa da dor, que cobra seu preço com atraso.

"Marcelo, me ajuda a carregá-la", ela pede, decidida e tocada.

Marcelo me envolve sob os joelhos e pelas costas e me ergue, me carrega no colo até a cama dizendo que vai ficar tudo bem, que jogou o caranguejo pela janela, que o machucado vai passar, sem saber como abordar o que aquele ataque de fúria realmente foi.

Ele sabe o que move tanta raiva assim. Qualquer um sabe.

PazEric

Em meados de maio, o vento passa a soprar mais forte, tornando-se intragável. O sol dá lugar a céus de chumbo, e o mar ameaça um levante, revoltando-se e remexendo-se em ondas irritadas. Trindade tornou-se um espelho de meu interior.

Há uma semana não ouço de Stella.

Ela e a equipe sumiram há horas rumo à Praia das Tartarugas. Eu posso não ouvir falar dela, mas ainda não perdi a mania de seguir seus passos. Eu sempre sei onde ela está, orbito silenciosamente à sua volta, como um satélite solitário que pouco agrega ou acrescenta.

É domingo e estou mais uma vez sozinho. Muitos disputam espaço na lan house para conversar com seus familiares e amigos, outros descansam na praia sem sol. Decido escalar a trilha mais desafiadora de Trindade sem contar a ninguém, já que não quero companhia. Vou sozinho para pensar.

Sigo depois do almoço em direção ao Pico do Desejado.

O sol está fraco, mas não há sinal de chuva. O caminho para o teto da ilha, 600 metros acima, é feito de trilhas apagadas e marcadas com cal. Passo por barreiras e escarpas, por rasgos na terra e por zonas de erosão. Vou devagar e cauteloso. Eu não deveria vir desacompanhado, mas ignoro minhas próprias ordens. Para alguém que cometeu tantos erros, esse me parece ser pequeno.

A paisagem vai se abrindo à medida que subo. Já vejo no horizonte todas as praias, a do Paredão, a do Príncipe, a Ponta Norte, a Praia das Tartarugas. Longe, muitos quilômetros a leste, está o arquipélago de Martim Vaz.

A trilha serpenteia por bases de morros, íngreme. Os pés seguem firmes um após o outro; os músculos ardem, esticam, repuxam. O suor encharca a camisa, e em determinado momento eu a tiro e a amarro sobre a cabeça.

Quem me visse hoje, em paz, não me reconheceria.

Depois da noite em que Stella explodiu, eu passei por dias ruins. Eu me senti pequeno, sozinho, cruel. Lembrei de épocas ruins antes dessa.

Épocas que causaram mais estragos, machucaram mais pessoas, deixaram cicatrizes. Épocas em que esnobei amor como se tivesse sido muito amado na vida. *Eu, esnobando o sentimento*. Balanço a cabeça sozinho pela ironia daquilo.

Pensei também em como sempre reagi em tempos de tempestade: eu simplesmente me escondi e esperei a tormenta seguir seu curso.

Esse foi o modo como me protegi da tragédia que não pude evitar. Escondendo-me nos piores momentos com o intuito de sobreviver; segmentando sentimentos, abafando a voz por acreditar que silêncio é sinônimo de paz.

Eu jurei nunca mais sentir de novo aquela sensação de desamparo. De solidão opressiva. Meus sentimentos são meus, e eu os protejo. Eu me blindo da dor vivendo atrás de um escudo.

O problema é que encontrei alguém que mexeu com esse pensamento.

Pensei em procurar Stella inúmeras vezes e dizer que sim, eu a enganei. Que menti para ela quando disse que não tinha ninguém porque eu a queria. Que aceitei, por conveniência, levar aqueles encontros à noite adiante por causa dela. Que segui adiante com Marina porque não sei conversar e assim enganei não só uma, mas duas pessoas.

Mas eu não a procurei.

Por quê? Porque entendi que eu não preciso corrigir apenas essa situação, eu preciso mudar a causa dos problemas. E a causa dos problemas sou eu.

Eventualmente reencontro um eixo. Volto a girar em segurança em torno da rotina, dos pequenos atritos entre os homens, presos por tempo demais aos outros, por coisas pequenas e importantes. Uma horta, uma máquina, uma trilha. Sigo as tarefas do dia, faço meu trabalho. Finalmente me reconecto com a ilha, tão isolada e escura quanto o lugar onde estou.

Nesse meio tempo eu me redimi de alguns erros. Fiz algumas coisas certas, como, por exemplo, terminar com Marina.

Foi horrível, moralmente, me encarar no espelho depois que Stella soube sobre nós, mas assim que ela partiu eu ajudei Marina a se vestir e avisei que estava tudo acabado. Ao querer saber meus porquês, disse que não a amava. Que não me via amando-a, nunca. Ela ameaçou chamar seu pai, eu disse que se a ilha a fazia infeliz ela deveria telefonar para ele. Todos aqui telefonam para seus entes queridos no final do dia.

Como eu previa, Marina não ligou para seu pai.

Também não aceitou o fim do relacionamento.

Ela finge não se lembrar até hoje dessa conversa, mas suas investidas diminuíram. Com ou sem concussão, ela se lembra. Ela está em negação, não quer saber de levar um fora — talvez ache que nos próximos dois meses me terá de volta —, mas a verdade é que definitivamente acabou.

Esse círculo está fechado. Faltam alguns outros.

Olho para a direita, sem segurar o sorriso. A vastidão do oceano é de roubar as palavras. Por todo lado, azul. Em tantos gradientes que seria impossível nomear todos os tons.

Ao lado vejo um pequeno vestígio de mata, algumas samambaias gigantes, um ou outro caranguejo diferente dos amarelos da praia. Não falta muito para chegar ao topo.

Escalo os últimos metros sentindo que estou quase lá. Não no topo, mas no final de minhas conclusões. A sensação boa de sucesso me toma, há tanto tempo eu não sinto algo me encher de sentimentos bons.

Trindade está ainda mais linda do que me lembrava. Ainda mais rebelde, mais violenta. Por tudo isso eu me apaixonei por ela, e ela me deu algumas coisas em retorno. Força quando precisava, solidão para tomar as decisões certas.

Quando chego ao pico alguns minutos depois, sento sobre a pedra mais alta, um pequeno platô cercado por plantas exóticas. Ali eu reflito. Sobre tudo, sobre todos, sobre a garota que colocou meu mundo de cabeça para baixo.

Lembro dela assim, dias atrás na praia, de cabeça para baixo. Fazendo o quê, não tenho ideia.

Ela já me ignorava, guardando toda aquela raiva que explodiu no alojamento. Não senti ciúmes do médico sabichão, não olhei demais. Mas eu sabia que a queria por perto. Que precisava melhorar, porque não via fim no horizonte para o que sentia por ela.

Lembro dela nua me batendo com toda aquela raiva na voz, a mágoa no rosto. Deus, como quis abraçá-la, tapá-la, sussurrar em seu ouvido que ficaria tudo bem, que eu estava ali para ela. Mas quem na verdade estava era outro. Outra pessoa a tapou, outra pessoa a consolou.

E depois da explosão, o silêncio completo. A perda de pressão causa isso, paz.

É hora de parar de me esconder das tempestades. É hora de enfrentar meu maior medo, o de abrir o coração e deixar outros entrarem.

Eu sei que é a hora.

Levo a garrafa de água à boca, pensando no passado. No começo de tudo, nos motivos que me deixaram tão cauteloso e calejado.

Tento pensar na família que tive. Imperfeita, mas presente. Penso na minha irmã, na pessoa que desapareceu da noite para o dia, que nos afundou com sua ausência em uma tristeza sem fim.

Tento falar seu nome, mas não consigo.

Pela primeira vez em anos eu me permito pensar nela. Eu senti que ela escaparia do calabouço onde a preendi quando vi Stella na festa, quando ela me lembrou do quadro. Foi então que as comportas foram abertas, e veio tudo de uma vez.

Alice, a garota feliz. Um tanto dramática, um pouco desligada.

Solto sozinho uma fungada divertida, lembrando de suas caretas quando nossa mãe colocava as verduras na mesa. Em como enlouquecia meu pai com sua falta de regras, ela era a única que trazia os poucos sorrisos da casa.

Meu pai costumava sentar na janela às nove da noite para vigiar a rua esperando que ela chegasse. Ele só respirava quando ela pisava em casa. Alice era a única que o beijava, que bagunçava seu cabelo quando ele era chato demais.

Olho para algum lugar no oceano enquanto lembro como ela matava minha mãe do coração com

sua veia artística, seu interesse por música, suas ideias mirabolantes de viver de arte. Balanço a cabeça, suprimindo um sorriso. "Do que essa menina viveria hoje?", pergunto satisfeito por não haver ninguém ali para me ouvir.

O sorriso morre rápido. *Seria bom saber essa resposta.*

Rodeado de tanta beleza, dói pensar na minha irmã falecida, em um mundo colorido e exuberante que ela nunca poderá ver.

Volto a pensar na vida em casa, apenas tolerável e mesmo assim só por causa dela. Sem ela, éramos só silêncio e obediência.

E então Alice entrou na faculdade. Fez amigos, melhorou os traços de pintura. Porque gostava de mim e me enchia de atenção, pintava tudo que eu queria. Penso nas dezenas de quadros seus; todos embalados, enfiados em algum lugar escuro, porque ninguém tem coragem de vê-los. Não existe mais ninguém para vê-los.

Mais do que amiga e irmã, ela foi alguém que me entendeu. Entendeu minha fascinação por uma certa criatura ruiva, dona de todos os mistérios, e a eternizou em uma pintura. Beijando-me, disse: *Um dia você achará a sua. E quando a achar, não a deixe escapar.*

Eu me perguntei por muito tempo o que eu acharia. A minha turma? Anos depois entendi que ela queria dizer *musa*. Um dia você achará a sua musa.

Eu achei, Alice, mas as coisas nem sempre acontecem do jeito certo, né?

Como para você naquela maldita noite em que não voltou na hora marcada. Eu tinha 11 ou 12 anos e me lembro de que, quando você chegou, minha mãe soltou um grito. Depois disso tudo se embola na memória. Lembro de policiais na sala, gritos nervosos, Alice trancada no quarto cheia de hematomas.

E então veio o dia em que você me deu um beijo na testa, mentiu que estava bem —poucas palavras, como meus pais gostavam — e pediu para que eu me lembrasse de você. Em seguida trancou-se no quarto e se foi. Meus pais te descobriram no dia seguinte, uma caixa vazia de remédios do lado. A partir dali, minha vida foi vivida em silêncio.

Fecho os olhos.

Esta é a parte que odeio, a que descobri depois, há não muitos anos atrás, quando achei a história da depressão seguida de suicídio incompleta. Esfrego as mãos pelo rosto.

Por anos o segredo corroeu o que mal se equilibrava ao redor. O câncer levou meu pai, o coração minha mãe. Ninguém nunca mais mencionou a noite em que a polícia foi chamada, ou explicou as manchas que cobriam seu corpo e a faziam chorar por horas no banheiro. Tocar no assunto era tabu. Tudo em silêncio e dentro da família, como fazem as famílias decentes.

Então eu quis saber. Procurei a polícia, achei o delegado que cuidou na época do caso. O delegado não poupou detalhes.

Uma festa, um grupo de amigos, bebida. Essa foi a receita que levou Alice, somada a uma crueldade que nem nos meus dias mais cinzentos consigo entender.

Seus amigos acharam que seria divertido embebedá-la. Que seria divertido estuprá-la e sodomizá-la enquanto estava inconsciente.

Um após o outro, sete ao todo, gente que conhecíamos de nome, que sabíamos onde morava. Nenhum deles interrompeu aquilo.

Seus *amigos*, eu repito em pensamento sem a velha e conhecida raiva. Um ódio que deixei para trás há algum tempo, quando percebi que aquele sentimento me fazia ruir ano após ano sem que a trouxesse de volta.

Ninguém tentou protegê-la. Ninguém denunciou os garotos, ninguém foi acusado do crime. Alice, no entanto, foi culpada por estar bêbada, por estar de saia, por estar sozinha. A injustiça foi demais, e ela decidiu partir.

E então, eu — um homem que não é exemplo de como tratar mulheres — me deparo com Stella.

Eu senti raiva dela quando me contou que era inexperiente. Perdi a cabeça, disse que lhe faltava juízo. Ela não tem ideia quão catártica foi a frase, como eu segurei por anos a raiva de Alice por não ter tido malícia, por ter sido idiota em confiar naqueles caras, por ter ido sozinha e não em grupo a uma festa.

Leva um tempo até que a raiva passe e você entenda que ela era uma garota que confiava nos amigos, e que a sujeira não foi, de maneira alguma, culpa dela.

Olho para os dedos, sem vê-los realmente.

Stella nunca vai entender por que precisava de sua permissão verbal para avançar. Por que perguntei se bebeu e a chamei de desajuizada.

Ela me quebrou aquela noite.

Subo na pedra, fechando os olhos e inalando o ar puro.

Depois que revivo os piores momentos da minha vida, a paz vem. Alguns procuram Deus para doar seus lamentos; eu venho para cá. Há algo de mágico quando entregamos nossa dor para alguém maior do que nós. Eu me sinto como se tivesse despejado as preocupações nesse solo e a ilha me garantisse que vai dar um jeito naquilo.

Há algo nessa velha senhora de três milhões de anos, em seus cabelos eriçados, pele ressecada e alma indomável que coloca as coisas em perspectiva. Finalmente sinto que cheguei a Trindade, a ilha que virou para mim um tipo de mãe. É por causa dela que eu volto.

Quando abro os olhos e vejo o céu, encontro vários arco-íris encobrindo o posto. Não chove no topo, mas a Pirajá desaba lá embaixo.

Trindade está ali, viva e responsiva, me dizendo que aceita minhas fraquezas e espera de mim um comportamento melhor dessa vez. Eu prometo a ela que agirei diferente. Aviso, no entanto, que voltarei menos para cá.

Aguardo a noite cair.

O que a ilha mostra me cura, mas o que ela esconde me corrige.

A escuridão é tão profunda que, às vezes, ao olhar para cima, tenho a impressão de estar solto no espaço. Em um vazio completo de matéria, apenas silêncio e escuridão.

Uma ilha dentro de outra ilha

Retorno pela trilha cautelosamente, satisfeito por ter estado mais uma vez ali.

Eu não quero mais me sentir sozinho.

Eu não preciso mais.

Chegou a hora de mudar.

MúsicaStella

Os dias minguaram como a lua no céu. Amanhã Trindade será passado. *Trindade e Eric* serão passado.

Por que sofro assim ao pensar nisso?

À medida que a volta se torna iminente, os ânimos mudam. Os homens que embarcarão ficam eufóricos, otimistas. Os que ficarão se transformam em reclamações. Mutismo de um lado, ânimos excitados de outro.

Algo em mim também se altera, como se a cada grão de areia da ampulheta que descesse revelasse verdades que eu não conhecia. Eu descobri muitas coisas nos últimos dias.

Uma delas, a mais dolorida, é que Tartaruga 1 foi uma utopia. Encontrá-la era um sonho, uma esperança de cura nunca confirmada. Era apenas suspeita de duas biólogas que queriam muito que suas teorias provassem ser verdade.

Aquele pavio aceso de esperança chegava ao fim: a tartaruga não vai vir. Ela pode ter passado por Trindade a caminho da costa do Brasil, pode ter morrido, pode estar do outro lado do Atlântico. O receptor não vai bipar.

A segunda descoberta, não menos dolorida, é que continuo apaixonada por Eric. Ok, eu ouço o tema de *Love Story* tocar ao fundo. O que eu sinto não é mais o tesão incomensurável que me fazia quicar de excitação toda vez que o via, é algo mais. É aquele sentimento do tipo constrangedor, que faz as pessoas balançarem a cabeça em recriminação. Esse sentimento chacota de minhas antigas experiências me irrita, mas é verdadeiro e forte, como nada que já senti.

O triste de tudo? Não fui retribuída. Não posso dizer que Eric me evita, porque para me evitar ele precisaria estar presente, e ele não está. Ele me cumprimenta com educação quando precisa passar por mim, mas quando dá, muda de direção. Senta-se de costas, sempre está onde eu não estou. Não está bravo nem triste; apenas distante, envolvido com a ilha. Ele parece ter finalmente se reconectado a ela.

Segundo Marina contou uma noite, ele está mais parecido com quem era. Um lobo solitário, perfeitamente à vontade no ambiente inóspito.

Eu gosto da metáfora.

Eu também pensei em lobo quando o conheci. Um lobo mau, doido para me comer. Hoje eu sei que ele está mais para a ideia do animal extraviado que não entende o mundo do que para o predador oportunista que o considere.

Eu deveria sentir vergonha nesse minuto, mas não sei para onde foi a raiva que sentia dele. Ando procurando seu conforto, sua energia revigorante, mas não a acho em lugar nenhum. Meus pensamentos, inclusive, rebelaram-se contra mim. Eu estou tentando achar explicações para suas mentiras! Penso, por exemplo, o que pode ter acontecido na vida de Eric para ele se tornar tão solitário. Quem isola os sentimentos das relações, senão os mais machucados?

Quem o machucou, o quanto, por quê? *E por que diabos isso me deixa ainda mais atraída por ele?*

A terceira coisa que eu descobri sobre mim foi que Eric me acordou.

Acordou um mundo de sentimentos que morava morno dentro de mim. Ele me fez entender que eu estava protegida e segura em um relacionamento que jamais me levou, enquanto durou, a extremo nenhum. A solução para não sofrer? Optar pela vida de antes.

Por isso decido que se for preciso sofrer, vou sofrer. Eu não quero mais a monotonia, eu quero aquela atração que não consigo mais medir com os parâmetros do passado. Eric foi a terapia que eu precisava para meu estupor.

Hoje sei que quero o temporal, a intempérie. Quero me sentir viva como se estivesse andando sobre gelo fino ou brasas quentes. O olhar de Eric me deu contorno e me preencheu de calor — eu quero sentir aquele turbilhão outra vez.

Bem, chega de pensar.

Arrumo tudo que é meu dentro da pequena mala. A mala está pesada, estranha. Deixo o quarto minimamente arrumado e ando solitária até a Praia dos Portugueses. Um leque de cores exuberantes acha caminho por nuvens pesadas. A praia está banhada em dourado, a superfície da água brilha como se alguém a tivesse salpicado com alguma substância mágica.

Marcelo acena à distância, carregando material de um lugar para o outro. Desde o dia do ataque do caranguejo ele me evita. De alguma maneira, ele entendeu que meu coração tinha dono.

Aguardo o sol se por, despedindo-me dos crepúsculos maravilhosos da ilha.



Para a última noite, escolho uma camiseta verde com o logotipo de uma estatal que apoia por puro remorso o meio ambiente. Completo o *look* com a calça legging e o tênis que cogito lançar no lixo depois dessa noite. *Um charme*, eu penso prendendo o cabelo em um rabo.

Sigo Cláudia e Rafael de cara amarrada e braços cruzados.

Ao chegarmos no refeitório vejo latinhas de cerveja sobre a mesa. Enquanto estreito as sobancelhas estranhando a bebida, Cláudia avança sobre elas como se competíssemos pela última

garrafa de água no deserto. Até Rafael fica constrangido.

Sérgio se aproxima, um sorriso inédito nos lábios. "O comandante pediu para devolver."

Em suas mãos, nossas garrafas de Bourbon. Rafael as abraça como se fossem seus amantes distantes. "Me dá isso aqui", Cláudia puxa uma garrafa dele. Enquanto discutem, olho para a porta do refeitório, lá está Eric. Ele para de nos olhar e entra. Pela maneira como se desconcerta, eu o incomodo.

Sentamos ao lado de uma fogueira pequena, alguns homens se arriscam no violão. Um televisor se equilibra sobre uma mesa de plástico e anima a galera da novela, pouco interessada no luau. Jogo mais um copo de Bourbon para dentro, que entra arranhando a garganta, seco e forte.

Sessenta noites depois, volto a me embriagar.

"Jonas precisa saber disso", Cláudia diz beijando o copo de requeijão com seu líquido cor de âmbar. "Eu não sou alcoólatra, e Trindade me provou isso."

"Ao menos isso, né, Cláudia. Porque todas as suas outras hipóteses não foram confirmadas", Rafael implica. A discussão sobre pesquisas recomeça, como se isso não fosse a única coisa que falamos nos últimos dias.

Quando o refeitório fecha, as cadeiras são puxadas para o canto. As mesas afastadas, a de pingue-pongue é colocada no meio.

Todos os homens da ilha estão ali. São quarenta pessoas disputando espaço ao redor da mesa na qual grupos alternam competindo entre si. Marcelo e Rafael estão listados, compenetrados nos jogos e nas jogadas dos oponentes.

Pelo jeito, o tênis de mesa é ainda mais popular do que o futebol, porque até o pessoal da novela que nunca socializa o prestigia. Eu e Cláudia ficamos no canto, observando tudo sem grande excitação. Não que o jogo seja chato, mas eu tenho 1,65 metros e Cláudia 1,60. Não conseguimos sequer ver a bola quando ela vem ou volta alta.

Rafael, como previsto, está dando um show. Os comentários ao redor são vários, desde 'o que esse menino faz mesmo da vida' até 'as aulas de balé deram a ele uma enorme flexibilidade'. A vibração é contagiante. Os grupos vão se movendo à medida que os competidores vão ganhando dos outros.

Marina está parada em um canto, ombro com ombro em Eric, dois muros altos que acompanham tudo de seu camarote natural.

Eu não preciso ver aquilo. "Cláudia, cansei. Preciso de ar."

Ela mal nota que eu a deixo para trás. O rosto quente recebe a lufada de ar com cheiro de praia, e ando em direção às mesas vazias sonhando com um cigarro.

Arrasto uma cadeira com o pé, sento enfiando as mãos nos bolsos e o cabelo dentro do casaco. Não há ninguém ao redor, só eu.

Eu sozinha na companhia de pensamentos inundados de ciúme.

Ouçõ gritos, aplausos. André, da equipe da meteorologia, chega ao quintal com um violão na mão. "O campeonato ainda está rolando?"

Faço que sim.

"Posso me sentar aqui também?"

"Por favor", eu empurro a cadeira de plástico ao lado para ele.

Ele se senta, pousa o violão no colo. Olhando o instrumento como se eles se entendessem em um nível que eu não entendo, começa a dedilhá-lo. No início toques sem melodia, depois pedaços de canções que eu reconheço.

"Gosta de música?"

Eu me ajeito na cadeira. Estou tão emotiva com a partida que quase digo que odeio para que ele não toque nada, mas me vejo respondendo: "Adoro."

"Algum pedido?"

Olho para cima, renunciando a tristeza. Há uma certa melancolia ao redor. No quintal vazio, nos gritos de torcida abafados a distância, na presença de Eric ao lado de Marina.

E tem essa coisa com a ilha que eu não sei explicar. Como se ela por fim entrasse em você, como o vento sob uma fresta. Eu não sei como será dormir sem aquele som que corre milhares de milhas sobre o oceano sem fazer barulho e então encontra essa placa de terra e canta.

"Alguma coisa que não seja triste", eu imploro.

Ele começa a dedilhar e eu tenho vontade de cobri-lo de tapas. Eu pedi algo *não triste!*

*Mande notícias do mundo de lá, diz quem fica
Me dê um abraço, venha me apertar, tô chegando
Coisa que gosto é poder partir sem ter planos
Melhor ainda é poder voltar quando quero*

Eu tampo os olhos para esconder a exasperação. *Qual é o problema desse cara, ele não tem coração?*

...

*O trem que chega
É o mesmo trem da partida
A hora do encontro
É também despedida
A plataforma dessa estação
É a vida...*

Limpo uma lágrima, respirando fundo. "Toca algo mais feliz, André, pelo amor de Deus."

Ele ri, como se soubesse bem começar o show. "Me dá uma ideia."

"Não tenho mais ideias. Você embaralhou minha cabeça."

Ele finge pensar. Seus olhos passam sobre meus ombros e se iluminam: "Dá uma ideia, Capitão."

Meu coração dá um salto triplo. Eu agarro na lateral das cadeiras e me viro, observando Eric se aproximar. Ele anda cautelosamente, como se avaliasse o chão que pisa. "Posso me sentar com vocês?", pergunta com voz de veludo.

"Claro", André responde sem piscar.

Eu não respondo, estou sem reação. Eric está aqui. Há quanto tempo eu não o vejo tão perto? Semanas. Prendo as mãos entre as pernas, miro algo no chão. Eu não quero que ele veja que ainda tremo com sua presença.

"Sugestões?", André pergunta erguendo as sobrancelhas.

Eric também não olha para mim, noto pelo canto do olho. Ele está silencioso, concentrado. Senta, cruza as pernas de modo relaxado. Seu pé balança, cadenciado.

"Alguma sugestão, Stella?", Eric pergunta.

Pisco desnorteada ao ouvir meu nome.

Os braços amolecem, esquentam. Uma música. Um recado agora que estou indo embora.

Olho para ele, encontro seus olhos profundos nos meus. Eles despertam a mesma ansiedade que provocaram da primeira vez, há quase dois meses atrás.

Em retrospecto, tenho certeza de que caí de amores por ele na festa. Como quem cai de um abismo, arrastado pela gravidade. Sem nomes, história, noção de perigo ou cuidado. Quem não se apaixonaria por uma força da natureza?

Mesmo com tanta coisa se revolvendo dentro de mim, balanço a cabeça que não. Não quero sugerir música alguma porque não quero chorar.

"Eu tenho uma sugestão", ele diz a André.

Eric tem uma sugestão? André também não parece acreditar.

"É uma do Djavan, mas não tenho ideia de como se chama", diz.

"Fala sobre o quê?", André pergunta com os dedos sobre as cordas esticadas.

"Amor."

Eric não olha para mim. Seus olhos estão envidraçados na fogueira que crepita mansa, ausentes como se habitassem outro planeta.

André paralisa. Estranha talvez a palavra vindo do homem solitário, ou talvez pondere que raios de música ele quer. Praticamente tudo no mundo da música diz respeito ao amor.

"Sobre quando o amor chega, e como é difícil admitir o que sentimos."

André franze os olhos, pensativo. *Vamos lá, André.* Dói ver as palavras saírem tão incertas da boca de Eric.

"Acho que fala sobre a lua também", ele adiciona voltando a olhar para as mãos, compenetrado. É tudo que vai revelar.

Finalmente André tem um momento de iluminação. Começa a dedilhar alguma coisa, e Eric

apenas faz que sim com a cabeça. A voz límpida e tranquila corta a noite:

*O amor é um grande laço, um passo pra uma armadilha
Um lobo correndo em círculos pra alimentar a matilha
Comparo sua chegada com a fuga de uma ilha:
Tanto engorda quanto mata feito desgosto de filha*

Se Eric se emociona como eu, ele é um ator. Dono de suas emoções, completamente no domínio de seu corpo e sua mente. Eu? Eu estou pronta para cair de testa no chão, rastejar até suas pernas e agarrar seus pés.

*O amor é como um raio galopando em desafio
Abre fendas cobre vales, revolta as águas dos rios
Quem tentar seguir seu rastro se perderá no caminho
Na pureza de um limão ou na solidão do espinho*

Eric olha para mim.

Sim, seus olhos estão firmes nos meus, correndo meu rosto como se... Como se eu fosse feita de palavras, e ele lesse uma carta triste de amor.

*O amor e a agonia cerraram fogo no espaço
Brigando horas a fio, o cio vence o cansaço
E o coração de quem ama fica faltando um pedaço
Que nem a lua minguando, que nem o meu nos seus braços*

"Stella ", ele diz com voz sufocada, disparando minha primeira lágrima.

Eu a limpo rapidamente como se ela fosse o evento mais revelador do mundo, como se uma multidão me assistisse. Para minha surpresa, aquele homem que eu achava feito de concreto também está com os olhos marejados, e eles se movem da minha boca aos meus olhos, avaliando o *meu* grau de dor.

"Me desculpa", ele murmura sem soltar a voz.

Eu estou para fazer que sim quando Marina irrompe no pequeno círculo, gritando em todas as variações de agudos que precisamos ver uma coisa.

BipStella

A voz de Marina quebra o feitiço.

Eu me recomponho, enxugando o rosto. Eric olha para o outro lado.

Alguns homens ajustam a TV para melhorar a imagem enquanto Marina aumenta o volume. A voz do apresentador do noticiário está mais alta que a de André ao violão. "Eric, vem aqui!", ela insiste, e ele se levanta.

Eu o sigo com o canto do olho, descascando uma lasca solta na cadeira como se essa fosse minha tarefa e eu precisasse fazê-la bem feita. Eric anda sem vontade até a TV.

A voz do apresentador é rouca e austera: "o governo divulgou hoje os indicados para os ministérios do Meio Ambiente e Defesa. Para ministro do Meio Ambiente foi indicada a senhora Wanderleia Muniz, ex-diretora da..."

"Ela é muito boa", alguém comenta.

Marina grita: "shhh."

"...para ocupar a vaga de Ministro da Marinha, o nome escolhido foi Almirante Odair Itaboraguy..."

Ouvimos uma salva de palmas e assovios ao redor. Alguém brinca: "está com tudo, hein, Marina!"

Marina sorri como se tivesse sido seu nome o mencionado.

Eu não acredito quando vejo seus braços enlaçarem Eric pelo pescoço. Ele enrijece com as mãos dela ao seu redor. No início ela o olha surpresa e feliz, mas em seguida o olhar se torna profundo e desafiador. Um olhar que, se tivesse legenda, diria: "se está em dúvida quanto ao nosso relacionamento, repense."

Eric murmura 'parabéns' sorrindo minimamente de volta. Ela o beija no rosto, um gesto provocativo e revelador, e agora todos assoviam e gritam coisas como 'está feito, hein, Capitão'.

Eu fecho as mãos em punhos.

Se alguém dissesse que o vulcão sobre o qual pisamos estava entrando em erupção, eu acreditaria. Porque é lava o que invade minhas veias, expelindo vapor por todo lado, me avermelhando

inteira.

A vibração de Marina pela nomeação de seu pai para um cargo tão alto significa, entre tantas outras coisas, garantir o coração de Eric.

Um coração que estava o tempo todo à venda e eu não vi.

Levanto furiosa, toda a raiva de semanas atrás retornando completa, uma ferida que parecia cicatrizada volta a abrir. Eu me recuso a ver aquilo. Marcho a passos largos para longe dali, sem me importar com o fato de que André deixa de cantar para observar minha partida com olhos arregalados.

De onde tirei que a música que ele pediu era para mim? Que ele pediu desculpas, e que desculpas equivalem a 'eu amo você'? De onde tiro esses sonhos românticos se a vida só me mostra o contrário?

As lágrimas saltam desordenadas, escorrendo quentes pelas bochechas.

Foi isso que Maurício fez nos três anos em que estivemos juntos. Relacionou-se com a garota certinha que poderia apresentar à família enquanto entregava seu coração — e outras partes de sua anatomia — à idiota que aceitava ser a outra.

Quantas vezes Maurício disse que me amava *depois* que foi pego no flagra?

Quantas vezes pediu perdão?

Quantas vezes disse que o sexo com a outra não foi nada, que o que ele realmente queria era uma vida estável ao meu lado?

No fim, quando eu decidi que não o queria mais, ele assumiu a outra. Isso é errado de tantas maneiras diferentes, é tão distinto do que eu gostaria para mim.

Eu fui um passatempo para Eric. Uma garota fácil em uma festa, um encontro ardente durante uma madrugada. Como pude achar que poderia competir com Marina, um elfo loiro e alto, filha do homem mais importante de sua corporação? A mulher que ficará na ilha ao seu lado pelos próximos meses, que o ajudará a galgar postos de carreira. Quem em sã consciência terminaria com ela?

Eu avanço pelo caminho até sumir na escuridão, as lágrimas embaçando as vistas, a sinusite entupindo o nariz, a dor se transformando em latência física. Eu sinto tanto ódio por não ter previsto aquilo. Logo eu, que já vivi aquilo.

Subo as escadas do alojamento irritada com os caranguejos que, mesmo com a nova barreira, cruzam a varanda tentando achar um jeito de entrar. Não quero mais ficar nessa ilha, não quero nunca mais ver Eric. Prefiro sentar no escuro de cara para a parede do que ver a alegria de Marina. Eu quero ir para casa. Para mim acabou, é hora de partir.

Entro no quarto escuro e bato a porta com violência. Desço por ela arranhando as costas, soluçando, tombando no chão. Eu choro por tudo que não chorei nos últimos meses. Por ter sido feita de idiota, por não ter aprendido nada com meus erros.

Eu sou uma piada. Uma idiota que emendou a infância na vida adulta, perdida hoje em algum limbo desenvolvimental sem se encaixar em lugar algum. Uma tola que conheceu um estranho em uma

festa, cedendo sua virgindade ao primeiro que se dispusesse tomar.

Enxugo o nariz no casaco. Fungo, olho para o quarto que deixarei cedo pela manhã. Eu quero chorar mais, porque a dor não alivia. Ela continua ali, no peito, toda vez que puxo o ar e ele não vem.

A luz chega fraca da janela, e a geladeira chia na cozinha. Olho para a sala, onde estão nossas malas e mochilas fechadas, no aguardo do embarque. Ao lado dela está meu computador que não coube na mala. Eu mal vejo os objetos, mas me pergunto onde deixei minha nécessaire com o desentupidor de nariz.

Ao olhar mais uma vez para a mochila e o computador, noto uma luz vermelha que pisca, cadenciada. A luz chama minha atenção.

Ando no escuro até a mochila. Não é meu computador que pisca daquele jeito. A luz vem de algo sob o laptop.

Como tudo nessa vida pisca hoje em dia, ignoro a luz e remexo na mochila atrás do remédio. Acho a nécessaire e miro o jato do descongestionante no nariz.

A luz pisca novamente.

"Que raio é isso?", murmuro irritada.

Levanto o laptop. Sob ele acho o receptor que esqueci de desligar. Estou com a mão sob o botão quando ouço um pequeno *bip*.

Minhas sobrancelhas se apertam. Geralmente ele emite um chiado sem graça, apenas interferência. Eu o trago lentamente ao ouvido sem conseguir ligar o som ao significado.

Tombo sentada na cama sentindo as pernas vacilarem ao ouvir o *bip bip bip*. Uma batida débil e sem intensidade, um coração fraco mostrando sua fragilidade a outro.

Os dedos passam céticos sobre o receptor, os olhos novamente se enchem de lágrimas.

Não faça isso comigo, T1.

Não seja uma esperança, não agora. Deixe-me deitar na cama e chorar. Deixe-me acreditar por um minuto que a vida é cruel, o amor não presta e eu tenho razão por achar isso. Vai me fazer bem. Não posso te ajudar agora.

Mas a resposta é um som breve, baixo e agudo.

Olho ao redor, o receptor grudado do lado da cabeça como um velho telefone. O navio chega amanhã.

Eu vou embora amanhã!

Levanto da cama sem pensar demais. Disparo em corrida alucinada pelo caminho cimentado sem bater a porta. Preciso alcançar o refeitório e avisar que estou indo para a praia e que se alguém tentar me proibir terá que ser mais rápido do que eu. A Tartaruga 1 está aqui!

O coração é um estouro de boiada.

Assim que dou dez passos em direção ao alojamento, o bipe cessa. Eu estaco no lugar e trago o receptor até o ouvido. Silêncio.

Foi sonho? Um delírio da mente histérica, fruto da cabeça atormentada?

Dou alguns passos para trás e o que ouço me paralisa. O bipe retorna.

Volto até o alojamento, olhando o aparelho estranho. Ultrapasso-o para o lado oposto, para o lado onde quase nunca vou. Estou quase no alojamento dos oficiais, na fronteira do posto, quando o bipe aumenta de volume.

O que está acontecendo?

Olho para a parte escura da ilha, para onde fui uma só vez. Por que a tartaruga está indo para este lado?

Por um tempo cogito voltar ao refeitório, gritar Cláudia de longe, mas antes que conclua o pensamento o bipe some. Simplesmente desaparece.

Eu corro mais alguns metros em direção à fronteira do posto. O bipe retorna. Mas que droga, a tartaruga está indo para o outro lado da ilha!

Desato a correr no escuro pelo calçamento que continua em uma trilha demarcada. Quando ela acaba eu corro pelas pedras, o vento sopra frio, eu ouço um ruído de rochas se esfarelando sob a sola.

"Para onde você está indo, T1?", murmuro prestando atenção aos pés.

O negrume é completo. A escuridão fora dos limites clareados do posto parece um outro mundo, um portal para outra galáxia.

Sem fôlego e sem visão, passo a apalpar o caminho com os pés antes de pisar à frente, agarrada ao receptor. A trilha desapareceu. Arrisco um passo. Parece firme, arrisco outro.

Ao lado direito eu vejo o mar e o discreto caminho prateado da lua. Sei que em algum lugar à frente existe um barranco que vai dar em pedras pontiagudas. Mantenho o passo firme e lento sobre o que acho ser o caminho.

Passo a passo, ouvindo os pés farfalharem sobre grama seca, tento achar equilíbrio. Não enxergo onde piso, é como se eu estivesse andando vendada. O corpo se desequilibra por não haver horizonte que o nivele.

Lentamente a visão se acostuma ao espaço. A vastidão é desconcertante, vazia de vida e de segurança. Vejo, com a pouca claridade da lua, um caminho que desce até a Praia dos Cabritos. Já estive ali antes, vi a trilha de longe. Ela é íngreme, sem pedras ou buracos.

Agora que reconheço a trilha arrisco andar mais rápido, porque o bipe fica cada vez mais baixo. A trilha desce. Sento em determinado momento no chão e vou machucando a bunda no caminho rugoso. Estico o receptor sobre a cabeça antes de me embrenhar no matagal, notando que o bipe continua fraco. Olho para cima, para o barranco que desci até a metade, e preciso tomar uma decisão.

Tartaruga 1 pode não estar aqui, pode estar indo para o norte. Se eu descer e não encontrá-la na praia, terei que subir tudo de novo e não sei se consigo nessa escuridão.

Pensa, Stella.

Pela razão, eu deveria checar essa enseada antes de partir para a próxima, mas algo dentro de

minim me empurra para o norte. Exalo o ar, seguindo a intuição.
retomo o caminho.

Escalo de volta tudo que desci,

Seguindo adiante, a trilha praticamente some.

Ando agora confiando nos instintos, os braços esticados para frente, os olhos fixos no caminho e nas gramas dobradas por pés que passaram ali antes. Meus pés tateiam o chão, temerosos de que encontrem seu fim no fundo de um precipício.

Subo, o que é bom porque lembro que o acesso à próxima praia é feito por cima.

A maré sobe gradualmente. Ondas arrebatam em algum lugar lá embaixo, seu som é tão evocativo quanto assustador. Eu me pergunto como vou me aproximar da T1 sem material de coleta, sem lanterna, sem outra pessoa que me ajude a segurá-la.

Eu agi por impulso. Eu deveria ter voltado, mas tudo no padrão do sinal indica que ela está de passagem e indo embora. *Meu Deus, eu só me separei uma hora desse receptor!* Não é possível que ela tenha desovado na Praia das Tartarugas e partido em tão pouco tempo.

Eu não sei o que aconteceu, mas sei que preciso achá-la. Preciso achar um jeito de contê-la, de voltar, de chamar Rafael e pegar meu material. Não posso arriscar voltar agora e descobrir que a tartaruga se foi, eu jamais me perdoaria.

Sou invadida por esperança. Só isso explicaria por que estou tão cheia de excitação e coragem. Meu couro cabeludo pinica, os pelos do braço se arrepiam sob o casaco. Valeu a pena, ela está aqui.

Chego à próxima praia.

Lembro das palavras de Eric de que não poderíamos jamais atravessá-la, que a trilha é sempre feita por cima, pelo alto do morro. *Por quê?* Tento me lembrar. Então enxergo a praia apesar da escuridão e vejo a faixa estreita de areia. De um lado, pedras afiladas, do outro um mar falsamente tranquilo.

Aquela é a praia com maior incidência de ondas vindas de alto mar. Verdadeiros vagalhões que lançam navios à areia e arrastam gente para a água. Homens morreram ali. Sinais indicam por toda a parte que a praia é proibida para banho e caminhadas.

Olho a enseada.

Ao longo de sua curvatura vejo a língua de areia. Aparentemente, cruzá-la daria muito menos trabalho do que escalar um morro renteando encostas, mas é só observar a praia para ver que há algo de errado.

Talvez seja sua curvatura, ou sua descida natural; o fato é que, enquanto observo sua tranquilidade, uma onda cresce não muito longe da arrebatção inchando o mar, como se algo grande se movesse sob um tapete. Em seguida a onda explode potente no meio da praia, levantando água e espuma.

A força da onda remexe a areia e carrega tudo no caminho, atingindo em cheio a vegetação que cresce entre as rochas.

Não há a menor chance de atravessar aquela faixa de areia.

Levo as mãos à boca. Eu não sou louca, não sou, não posso atravessar aquela praia, mas o som do receptor sugere o contrário. *Atravessa*, ele bipa.

Não tenho tempo de descobrir onde está a trilha no alto do morro, eu preciso ser rápida, correr sem pensar em parar. E se uma onda me arrastar eu preciso voltar. Não posso pensar demais, a maré continua a subir.

Observo com o coração aos saltos as ondas se acalmarem. O mar rescinde, a água é absorvida pela areia e volta a se aquietar. Então uma nova corcunda brota do oceano e explode mais uma vez na areia em um véu de espuma branca.

Levo as mãos à cabeça. As chances de sobreviver caso a onda me leve são ínfimas. A areia reaparece, o mar retorna à falsa monotonia.

Não há padrão no comportamento das ondas. Não há uma estimativa de quando arrebentará a próxima. O mar não se importa com matemática ou cálculos. Ele é selvagem e tem vontades próprias.

"T1, o que você está fazendo aqui?", murmuro sozinha.

As águas acalmam, sussurrando que está tudo bem. *Vem*. Ondas minúsculas lambem a costa.

O bipe desaparece. Dou um passo à frente, resoluta.

Sem pensar eu acelero em uma corrida enlouquecida pela areia molhada, os pés afundando até o tornozelo como se eu corresse por cimento fresco, os olhos ora no mar, ora na faixa estreita, o fim da praia tão longe quanto o outro lado do mundo.

Travo os dentes, forçando os pés a levantarem da areia e continuarem, o sangue bombeia o corpo, enchendo-o de adrenalina. *Não, não, não!* Eu grito enquanto percorro freneticamente a pouca distância, gastando mais tempo do que acreditei, vendo o mar desistir da tranquilidade e avisar, em um inchaço que cresce, cresce e cresce, que está com fome e é hora de jantar.

A onda é visível, não mais que alguns metros de distância, um calombo recebendo bombeadas de sangue, escura e assustadora.

Eu não sei se rezo ou choro ao forçar o corpo que não consegue acelerar mais, os olhos se estreitam pelo esforço, o coração decide que não consegue mais me ajudar e as pernas movem-se para frente sem pausar. A onda está prestes a estourar sobre mim.

Ela abre a boca e eu uso as últimas forças para ejetar o corpo para o lado, para as pedras robustas que se assemelham a garras apontadas para cima. A onda arrebenta a poucos metros de mim, o estrondo explode nos ouvidos, com sua força brutal varrendo o solo, esticando-se para atingir as pedras.

Eu abraço uma pedra sentindo a água primeiro respingar sobre o corpo quente para depois me atingir com toda violência. A pedra machuca meu rosto e eu grito sentindo tudo doer. Água invade minha boca, o nariz, tampa a cabeça. O mar levanta minhas pernas, me puxando como se tivesse braços. Eu sou sugada para o mar como se ele fosse um buraco negro, um vórtice, um escoadouro que leva tudo para o fundo, de onde nunca mais nada retorna.

E então suas garras me largam, e eu sou deixada na areia como uma alga sem vida. Mas há vida

em mim, eu me levanto pesada da areia que entrou no cabelo, no nariz, nos olhos, dentro do casaco — apalpo o casaco, o receptor está ali — e disparo em direção ao final da praia antes que eu seja levada de vez.

Atinjo o final da enseada e caio de quatro sobre a vegetação sem entender se o que me chacoalha é o choro desesperado, o alívio ou a adrenalina. Talvez os três. Eu desabo de costas em segurança, esfregando os olhos para me livrar da areia, das lágrimas e do sal. Quando levanto é a vez de limpar as sobrancelhas, a boca.

Cuspo areia, apalpo novamente o bolso. Tiro o receptor dali observando que ainda pisca. Um bipe, não mais do que um pio de um passarinho, me mostra que T1 está à frente, em algum lugar.

Eu acelero trilha afora, as meias cheias de areia, a roupa pesada sem acreditar que sobrevivi. Tampoco a boca contendo soluços altos.

T1 também não está na próxima praia, uma enseada bem menos perigosa, protegida por pedras. Retorno à trilha, desgastada do esforço e assustada.

Estou sozinha nessa imensidão escura. Ninguém sabe onde estou, e eu não sei onde está a tartaruga. Olho ao redor. Eu não vou conseguir mais voltar. Ao longe, a praia que quase me levou some lentamente sob as águas da maré.

As mãos descem do cabelo massageando o rosto, friccionando a areia na pele, tapando a boca para segurar o palavrão.

O bipe acelera.

"Não é possível!", olho sem entender o aparelho.

Pela primeira vez me pergunto se aquela droga está funcionando. *E se ele quebrou?* Mas aquilo não faz sentido, e minha intuição diz que eu devo seguir aquele sinal nem que seja a última coisa que faça na vida.

Ando sem fôlego pela trilha marcada até o fim, onde uma placa desbotada da Marinha indica que a trilha acaba.

À frente, não mais do que dois, três passos, a ilha acaba. Aquele recife acaba em uma praia, cujas areias não enxergo. Caranguejos circulam para lá e para cá com suas puãs em guarda. *Vejo você daqui a pouco*, dizem famintos.

As mãos caem sem vida ao lado do corpo.

Acabou.

Mas não acabou para o velho aparelho. O sinal está mais forte do que antes, indicando, quer eu queira ou não, que T1 está lá embaixo. A vontade que tenho é lançar aquele troço no mar.

Tudo que ouço é o barulho violento de ondas.

Olho ao redor. Deve haver uma trilha de descida. Deve haver uma, e se não tiver, deve haver um modo de descer assim mesmo.

Eu bordejo cuidadosamente as pedras. E como imaginei, há um caminho discreto que leva à

praia.

Tento me lembrar do mapa da ilha, lembrar como é essa praia. As memórias não vêm, mas aos poucos ela vai revelando seus mistérios aos olhos. Pedras, muitas pedras, que surgem como estalagmites do solo, dentes podres emergindo das águas. Não há areia, apenas pedregulhos, pedras ásperas, frutos de pouca erosão.

Desço arrastando a bunda pelo solo, dolorida pelo machucado de dias atrás. As mãos se esfolam nas pedras, eu tremo de frio e excitação. Eu estou quase lá.

Assim que piso nas pedras, eu a vejo.

Inesperadamente começo a chorar. Um choro nervoso que não me paralisa, mas que me move adiante. Mesmo aos prantos eu vejo a minha tartaruga, grande, um metro e meio de pura força boiando no estreito pedaço de água que burla um paredão de pedra. Ondas a balançam, batendo mansas na praia.

A tartaruga que virou para mim um símbolo de esperança.

Fico subitamente com raiva por estar sozinha. Não tenho como contê-la sem ajuda, não entendo o que ela está fazendo ali, não sei como isolá-la até que me achem e eu possa pegar meu material. Ainda são dez da noite, ninguém está me procurando ou sentirá minha falta até que seja tarde demais.

Eu paraliso, de súbito.

Estreito os olhos, sentindo um frio invernal correr pela espinha. Tirando os espinhos cravados nos dedos, ando em sua direção. Há algo *muito* errado na cena.

"Não!"

O grito rebenta dentro de mim como uma explosão. Me livro freneticamente do casaco molhado e lanço o receptor por cima dele. Entro na água remando com as mãos para ganhar velocidade, os olhos fixos no casco ouvindo 'não, não, não!' sem notar que sou eu quem grito. O que meus olhos mostram eu não quero aceitar, a imagem se recusa a entrar na cabeça.

Minha tartaruga número um, meu espécime tão precioso boia, ao sabor das águas, de barriga para cima.

"Não!!!!!!", eu grito tentando puxá-la para o solo.

Posso fazer massagem em seu peito, acreditando delirantemente que consigo incliná-la de modo a expulsar a água de seu pulmão.

Por que ela não se mexe? Por que ela está assim? Por que está sendo carregada pela maré? Não sei se grito ou penso, mas me ouço conturbada, furiosa, desesperada.

"Não, não!!!"

Eu estou na água até a cintura, o braço esticado a centímetros da sua nadadeira, as lágrimas atrapalhando as vistas. "Não faça isso comigo!"

"Reage, agora, reage!", grito com raiva, o pés apalpando o fundo para não pisar nas pedras, as mãos ora remando, ora tentando alcançá-la. Os dedos do meio quase encostam nela, quase, ao fundo o som do receptor mentindo que ela está viva.

Eu consigo encostar em sua nadadeira calosa e sentir seu couro, mas uma onda a leva para longe. Eu nado até ela de novo e finalmente seguro sua nadadeira. Puxo-a para mim, mas ela não vem.

Eu a vejo agora, eu a vejo de trás, mas eu não consigo enxergar seus olhos, ver algum brilho, vê-los abertos, eu não consigo! Eu soluço e coloco os pés no fundo para dar impulso em direção a areia, a maré desequilibra meu corpo, e é nessa hora que meus pés não encontram nada.

Uma onda passa por cima da minha cabeça.

"Não, não", eu agora murmuro sentindo o verdadeiro desespero crescer em mim. O calor da adrenalina lança o corpo em um tipo de modo de sobrevivência, e largo a tartaruga para remar de volta para a areia, a única coisa que importa no momento é achar um fundo para os pés.

Eu não enxergo mais onde a praia está. A praia sumiu sob uma onda. Engasgo quando a onda bate novamente sobre mim.

Eu ouço meu nome, um grito estranho, um velho conhecido.

O mar está chamando.

T1 escorrega de minhas mãos. Eu a vejo se afastar como um barquinho de papel, tão parecido com os que eu soltava quando criança nos rios escuros da Amazônia. Flashes da minha infância retornam, os cascos de tartarugas dos rios pendurados em varais um ao lado do outro, centenas deles, enquanto os restaurantes de beira de estrada serviam seus ovos e carne.

Ainda ouço a voz de meus pais — tão à vontade na mata e tão acanhados na cidade —dizerem que isso não era certo, que alguém tinha que parar aquela loucura. *Elas estão desaparecendo*, eu ouço como um eco distante. Eu sei que choro sob a água salgada, choro por que jurei que faria alguma coisa, mas tudo que eu fiz nunca foi suficiente. Eu não consigo naquele instante fazer mais nada.

O corpo discorda. Eu me debato, as pernas pedalam na água, mas a corrente é mais forte e me carrega.

Mergulho tentando encostar os pés no fundo e dar impulso para frente, mas não acho o fundo. Tudo que vejo é uma grande imensidão escura e bolhas, muitas bolhas de ar. Eu estou sendo levada.

Sinto o sal descer ardendo pela garganta e escapar pelo nariz. O desespero arde. As forças aos poucos se esvaem, e eu ouço meu nome mais alto, mais nítido.

Estou indo.

Eu não tenho mais forças, a tartaruga está indo embora.

Eu estou indo com ela.

Contra o que lutamos



Eric

Em um minuto ela está ali, alma conectada à minha, palavras sendo trocadas em silêncio, música falando por nós. No próximo, ela sumiu.

Stella deve ter ficado com raiva da notícia sobre a indicação do pai de Marina. Embora conheça seus porquês, não gosto de como ela me vê. Sei que se sente insegura, que acha que eu ficaria com Marina por causa de seu pai. Stella está errada, e pretendo informá-la disso esta noite.

Hoje ela saberá que eu a evitei porque precisava acertar as contas comigo mesmo, porque eu era um homem com medo de uma garota. Ela virou meu mundo de ponta cabeça, e enquanto eu não o arrumasse, não poderia convidá-la a reparti-lo comigo.

Mas o meu isolamento acabou.

Olho no relógio, em seguida ao redor. "Eric, está tudo bem?", Marina pergunta vendo que observo o quintal. "Hum-hum."

Se ela saiu porque está com raiva, precisa de um tempo para se acalmar, ou não ouvirá o que tenho a dizer. *Ela deve ter ido ao banheiro.* Talvez para o alojamento, ou à Praia das Tartarugas. Onde eu iria se quisesse pensar?

Cogito esperá-la. Se ela não voltar daqui a alguns minutos, vou atrás dela.

Os gritos do campeonato continuam. Marina pensa em se sentar ao meu lado, mas eu não olho em sua direção. Continuo estalando dedos e olhando ao redor.

Vejo Cláudia adiante procurando alguém.

Alguna coisa se remexe dentro de mim, um sinal, um aviso — não sei. O fio que me conecta constantemente a Stella repuxa. É a mesma sensação que tenho quando entro no ambiente e sinto sua presença, que me faz olhar para ela quando ela está me olhando.

Cláudia pergunta para Rafael se ele viu Stella. Rafael diz que não. Ando até eles: "Cláudia, onde ela está?"

"Também estou procurando", ela responde. Marina nos observa de longe, sem entender.

"Com certeza ela ficou brava", Rafael comenta, hesitante. Olhando primeiro para Cláudia e depois para mim, adiciona: "Será que ela achou que a indicação do pai de Marina faria vocês se reaproximarem?"

"Qual o problema da sua amiga?", bufo disparando em direção ao centro de comando. Isso é absurdo, quase ofensivo.

"Ciúmes", Cláudia responde minha pergunta. Quando a olho ela está com os braços na cintura, censurando-me como há anos ninguém me censurava — talvez desde que minha mãe era viva. *Ciúmes*.

"Quer que eu desenhe o que ela sente por você, Capitão?", Cláudia pergunta.

Eu inflo o peito, tomado por uma alegria que não sinto há tempos. "Não precisa, eu já entendi."

Volto a correr, disposto a alcançá-la e dizer-lhe algumas verdades. *Todas as verdades*.

Entro no centro de comando. Por algum motivo, um conselho dado há anos por guarnições anteriores vem à cabeça. *Sempre que partir sozinho, leve uma faca de marinheiro, fósforos e uma lanterna*. Enfio alguns objetos pessoais, um isqueiro e a lanterna no bolso. Abro a gaveta procurando a faca.

Sérgio entra no centro atrás de mim. "Vai a algum lugar?"

"Vou. Se alguém perguntar, diz que fui dormir mais cedo."

"Ninguém vai perguntar."

Sérgio continua silencioso. Embora sejamos amigos há anos, ele ainda se sente desconfortável em me dar conselhos devido à hierarquia. Ele limpa a garganta.

"Fala, Sérgio. O que quer me dizer?"

"Conversa com ela, Capitão."

Eu não respondo. Se ele tivesse me dito isso algum tempo atrás, eu não o ouviria. Mas agora eu ouço.

Olho para as paredes onde fotos de antigas pernadas mostram homens sorrindo, vibrando com as pequenas conquistas na ilha. Nenhuma delas mostra o peso do isolamento, os pensamentos sombrios, a tristeza que toda aquele silêncio traz no final. No entanto, a mudança está ali. Nos olhares mais maduros, na pele queimada de sol, na postura confiante e serena. Não voltamos para casa os mesmos. Todos mudamos aqui.

Coloco o casaco que está pendurado no cabide, enfio a faca no bolso.

"Eric."

Eu me viro e ele repete: "fala qualquer coisa, mas *fala*."

Sérgio me conhece, ele acompanhou de perto meus relacionamentos. Ele sabe por que todos naufragaram. "É difícil, mas vou tentar."

Eu entrego a ele a chave da porta, checo os bolsos para conferir se está tudo ali. Seja lá para onde ela foi, quero ficar com ela longe, não quero voltar. Não até amanhã.

"Contra quem está lutando, Capitão?", ele pergunta nem tão sério que exija uma resposta, nem tão leve para estar brincando.

Coço a testa, limpo a garganta: "o que você diria a ela, Sérgio?"

Ele me olha como se eu fosse um idiota completo e ele precisasse ter paciência para me aturar.

"Como assim?"

Eu o olho puto. *Porra, eu estou pedindo ajuda. Me ajuda sem parecer que estou pedindo.*

"Começa pelas desculpas", ele dá de ombros, pensando em alguma coisa mais brilhante do que isso.

"Eu poderia ter pensado em desculpas sozinho."

"Fala o que sente, eu acho. O que estiver sentindo no momento."

Balanço a cabeça. Tenho intenção de falar sobre essas coisas. Bato a porta e corro até a Praia das Tartarugas.

Marina me chama, um ou outro homem me pergunta onde vou. Digo que preciso ver uma coisa e disparo pela trilha. Chego lá em tempo recorde. Mas ela não está.

Volto pela trilha com o coração pulsando. Ela deve ter ido para o alojamento, claro. Cruzo novamente o refeitório, e alguns homens se alarmam com a minha pressa. "Comandante, o que aconteceu?", alguém pergunta, mas Sérgio se envolve, dizendo que eu estou ocupado com assuntos que não são da conta de ninguém.

Alcanço seu alojamento em segundos.

O coração desliza para o estômago quando vejo a porta escancarada, a sala escura. A sensação de que há algo errado aumenta. *Há algo errado ali.*

Espanto os caranguejos que circulam pelo cômodo, sentindo a adrenalina aquecer o corpo. Acendo a luz.

A mochila de Stella está remexida. O computador está largado em um ângulo estranho no chão, como se tivesse sido jogado ali às pressas. Não há sinal do receptor. Saio do alojamento olhando ao redor. Onde essa menina se enfiou?

Retorno ao refeitório seguindo meu instinto. Coloco todos a par do que está acontecendo: Stella sumiu. Ninguém questiona como, por quê, quando. O grupo se mobiliza, uma parte por uma trilha, outros perguntam ao redor quando foi a última vez que ela foi vista.

Eu e um dois homens andamos até o limite da trilha, ao lado de nosso alojamento. Um dos tenentes, um dos mais experientes, afirma que alguém passou recentemente ali, deixando passos sobre o caminho seco.

"O que ela está fazendo desse lado da ilha?", me pergunto. O tenente não sabe. À essas alturas todos chamam seu nome, outros voltam à Praia das Tartarugas. Cláudia confirma que o receptor não está no quarto, tudo indica que ela seguiu um sinal. Mas para onde?

Decido, já em modo militar, que devemos nos separar. Um grupo fica no posto, outro se dirige à Praia das Tartarugas, outro à Praia dos Cabritos. Cada um leva um rádio comunicador.

Eu e dois homens seguimos para o fim do posto. Marina nos segue, parando ao nosso lado. Ela se despede de nós ali.

"Cuidado, Eric", ela pede abraçando meu corpo. Seus olhos estão caídos, duas piscinas azuis

claras. Ela parece magoada. Marina não é boba. A essas alturas ela sabe o que me move, o motivo de minha agonia.

Eu agradeço a preocupação, mas a cabeça não está mais ali, ou nela. A verdade é que desde que conheci Stella, ela nunca mais esteve.

Eu e dois tenentes adentramos a trilha escura apontando a luz das lanternas e em minutos chegamos até a primeira praia. Ambos concordam que Stella não está ali, não ao menos viva. Chamamos seu nome, ouvindo abaixo apenas ondas bravas lutando contra a costa.

Seguimos adiante, achando sinais de que ela passou por ali. O caminho está remexido, há marcas de pés arrastando-se no chão, como se ela não estivesse enxergando nada.

Eu poderia castigá-la, tamanha a minha raiva no momento. Eu duvido que conseguirei falar para ela meus sentimentos quando a encontrar. Eu quero bater em sua bunda por ter saído sozinha noite afora atrás de uma tartaruga imaginária.

Assim que chegamos à praia seguinte, congelamos no lugar. Não é possível que ela tenha cruzado por ali, ali é o fim da linha. "Não dá, Capitão. Olha as ondas", um deles aponta.

Uma enorme onda bate na praia e arrasta-se caudalosa até as pedras.

"Se ela tentou atravessar, foi levada."

Eu entro em pânico. Arrasto as mãos pelo cabelo, me perguntando como ela pode ser tão inconsequente. Como pode fazer isso comigo. *Stella, por favor, não.*

"Rádio?", pergunto a eles. Eles mostram o aparelho nas mãos, sem entender. Eu indico o meu. "Vocês vão por cima, eu por baixo."

"Capitão, o que está pensando em fazer?", um deles pergunta jogando a luz da lanterna sobre meu rosto. Eu fecho os olhos, fugindo do feixe de luz. "Vou achá-la."

"Mas ela pode ter ido por cima!", o outro aponta para o morro que sobe dezenas de metros e culmina após minutos de caminhada íngreme do outro lado.

"Eu conheço Stella. Se ela veio com pressa para achar a tartaruga, ela se arriscou por aqui."

"Mas a maré está subindo. Se você atravessar não vai conseguir voltar."

Eu coloco as mãos no ombro de meu colega. "Então voltarei aos meus tempos de treinamento, certo?", finjo coragem, mas tudo que sinto é medo de nunca mais vê-la de novo. "Eu sei que consigo atravessar a praia em uma carreira. Vocês vão por cima e vejam se acham sinais de que ela foi por lá."

Os dois me observam sentar, tirar o tênis, amarrá-lo um ao outro e pendurá-lo sobre os ombros.

"Cuidado, comandante", um ainda diz, mas eu apenas tomo fôlego. Observo quando a próxima onda explode na areia e retorna.

Sem pensar, disparo em uma corrida saltando pedras que elevam-se aqui e ali. Meus braços estão rentes ao corpo, mãos em punhos. O vento frio corta a face. Travo os dentes e lanço o corpo à frente vendo o mar à direita inchar.

Por favor, não.

O outro lado da praia se aproxima. *Mais um pouco, mais um pouco.* Eu inclino o corpo, lutando contra a areia mole que afunda sob os pés. Respiro com dificuldade, o ar frio ardendo no pulmão, arfando enquanto vejo metro após metro a outra ponta se aproximar. Atrás de mim a onda arrebenta, mas não me alcança.

Salto na areia seca sem entender direito como consegui. Eu tive sorte. Muita sorte.

Stella pode ter tido sorte também.

Após me jogar de joelhos no chão para acalmar a respiração, aceno com a lanterna para o alto indicando que cheguei. Eles acenam de volta, o facho das lanternas sobe gradualmente morro acima enquanto eu recoloco o tênis e continuo a busca.

Só de pensar em perdê-la meu peito se comprime. Lembro da frase de Sérgio, *contra o que estou lutando?*

Contra algo grande e poderoso, sem sombra de dúvidas. Imperceptível a princípio, agora totalmente fora de controle. Eu não posso perder aquela garota. Eu não quero perdê-la.

Continuo a seguir seu rastro — o que acho ser seu rastro — vendo apenas o que o facho de luz mostra. Chamo às vezes seu nome, sem resposta. O rádio chama.

"Eric", eu respondo.

A interferência aumenta, em seguida ouço a voz de um dos dois homens na trilha sobre o barranco. "Capitão, ela não veio por aqui."

"Como sabe disso, tenente?"

"A última chuva deve ter causado um deslizamento. Não há mais trilha."

Eu fecho os olhos, querendo matar Stella. Ela pode nem estar aqui. Deve estar a essas alturas retornando ao posto depois de um passeio, e eu estou preso aqui até amanhã por causa da maré.

"Retornem à base, eu volto de manhã", digo.

"Ok, Capitão. Cuidado e boa noite."

Eu abaixo o corpo, apoiando a mão nas pernas. Stella, o que você me fez fazer?

Está frio, ventando, o lugar é inóspito. Eu não tenho mais como voltar, e amanhã você embarcará e sumirá da minha vida. Que droga!

Exalo o ar, volto a ficar reto. Mais à frente está o fim da trilha, o precipício que despenca muitos metros abaixo, que termina em pedras pontiagudas.

Porra!

Dou meia volta, pensando em algum lugar onde passar a noite. Lembro da gruta, muitos metros acima. É para lá que eu vou. Estou a metros de lá quando ouço um grito vindo de longe.

Um grito feminino, desesperado. Um 'não' repetido muitas vezes, entrecortado por barulho de vento e ondas.

Arregalo os olhos, o coração retoma o galope. Volto para o precipício lançando o facho de luz em direção à praia, mas o que vejo não precisa da luz curta da lanterna. *É Stella.*

Meu coração para.

Stella está na água, sendo levada junto a uma tartaruga cada vez mais para o fundo.

O que faz o mundo girar



Stella

Esse é o pior sentimento que já senti, o de que está tudo acabado. O oceano venceu, ele sempre vence. Uma onda passa por cima de mim, suas garras me puxam.

Garras? Não são garras — dedos. Mãos, braços.

Sou puxada violentamente para a superfície, braços envolvem protetoramente meu pescoço. Eu ofego, desorientada, enquanto pernas fortes e longas me guincham de volta à terra. Eu tusso expelindo água pela garganta ardida. As pernas debatem-se tentando achar apoio.

Alguém está me rebocando para a areia. Mas quem?

Os pés encontram chão, e eu me ergo. Os mesmos braços que me puxam me viram, e encontro olhos verdes e claros. Olhos aflitos, assustados. Olhando para mim como se tivessem me perdido e não me encontrado.

Então os olhos transmutam-se em algo terno; aquecem, sorriem.

Meu comandante perfeito, meu amor inalcançável. Eu suspiro, sem saber se morri. Ele tira meu cabelo da frente do rosto e tateia meus ombros, passa a mão pela curva da minha cabeça, me embala em seus braços em um abraço apertado.

Eu estou confusa com sua presença, com a saída do mar. *Como pode ele ter me encontrado?*

"Eric", eu murmuro sem acreditar, travando meus braços à sua volta com medo atroz de que ele me solte, que me largue e eu seja levada de novo. "Não me solta."

Eu não tremo, eu convulsiono. A adrenalina faz meu corpo chacoalhar.

"Shhh, shh", ele acaricia minhas costas e eu sinto seu corpo tremer junto ao meu. Ele também treme, por isso não diz nada, só faz shh, shhh enquanto me aninha em seu peito, me acalenta e se acalma também.

Eu não sei de onde sai aquela força, mas nada no mundo me faria soltar dele. Eu afundo o nariz em sua camisa molhada, cheiro seu cheiro misturado à água do mar, e irrompo em soluços altos. Eu quase morri. Hoje eu quase morri.

"Você me achou", eu digo fraca contra sua camisa. Eu devo estar machucando Eric, por que cravo as unhas nele. "Calma, Stella. Calma."

Eu o solto após algum tempo, olhos marejados. A emoção atropela o controle, explodindo de uma vez só: "T1 está morta, Eric! A tartaruga está morta...", soluço, fechando os olhos de dor ao ouvir o receptor ainda bipar.

"Eu sei, meu amor, eu sei", ele diz me abraçando novamente. Ele vê o imenso casco sendo levado, eu sei que ele olha para ela agora.

Eu choro um choro contido e dolorido, a carne tremendo como se eu não tivesse ossos. Mesmo com o rebuliço interno, suas últimas palavras latejam na cabeça: *meu amor*.

Eric me puxa para longe da água. De mãos dadas comigo se abaixa perto de onde joguei meu casaco e pega seu próprio aparelho. O rádio tremula em suas mãos fortes.

"Base", ele chama com voz prestes a falhar. Fecha os olhos, solta o ar em um sopro modulado. Após um chiado, ouvimos a resposta de Sérgio: "Comandante, onde você está?"

"Achei Stella", ele pausa para se recompor. Abre os olhos, continua com voz contida: "Por favor, avise aos outros. Estamos em algum lugar perto da Ponta Norte. A maré subiu, não dá para voltar. Voltaremos quando a maré baixar."

Silêncio.

"Sérgio?", Eric insiste.

A voz de Sérgio ressurge: "entendido, Capitão."

Antes que Eric desligue o rádio, Sérgio fala em um tom amigo, que em nada se parece com o modo de se expressar robótico de sempre: "conversa com ela, Eric."

Meu coração, já suficientemente atordoado, perde mais uma batida. Eric desliga o rádio, joga-o com a mão livre sobre seu casaco.

Por um instante olha para o chão, para meu receptor que bipa cada vez mais fraco à medida que T1 é carregada para longe. Sua mão aperta a minha.

Quando se volta para mim, o mundo para.

Quem me olha não é mais o lobo faminto que quis me devorar na primeira vez, o animal bravio e arredio dos últimos meses, o desesperado de segundos atrás. O Eric que me olha tem paixão nos olhos. Paixão como eu aprendi a reconhecer olhando para mim mesma no espelho ao pensar nele.

Ele se aproxima. Suas mãos acham caminho por entre meu cabelo molhado e seguram minha nuca, suspendendo meu queixo até que meus olhos estejam na linha dos seus.

Sem dizer nada, me beija.

Retorno seu beijo com paixão, como sonhei beijá-lo cada uma das últimas noites. Abraço-o sentindo-o frio, enlaço seu pescoço e quase o sufoco.

Ele responde com desespero e alívio. Ele tinha imaginado o pior. Ele ri enquanto me abraça, eu suspiro dentro de sua boca, perdida e encontrada. Em algum momento acreditamos que é real, que o outro está ali, ou aceitamos que a morte aconteceu e que ali é o paraíso.

Eu estou com tanta saudades. Eu torço sua camisa molhada entre os punhos, tão desesperada por

ele que preferiria morrer a não senti-lo novamente. Ele me ergue, corpo comprimido ao seu, mãos descendo pelas minhas costas. Me ajeito ao beijo envolvendo sua língua com a minha, triste mas agradecida.

Uma parte de mim foi levada pelas águas, mas eu sobrevivi. Sobrevivi para reencontrar outro pedaço de mim, um que considerava perdido.

Em algum instante não sorrio mais, nem ele. O beijo não traz mais alívio, traz agonia. Ele morde meus lábios, morde meu queixo, lambe minha pele salgada, geme chamando meu nome.

"Eu estou aqui", eu o acalmo, e ele ri de seu desespero.

"Sim, você está, garotinha ruiva."

Seguro seu rosto entre as mãos, olhando para os olhos mais belos do mundo. Não me importa que tudo aponte para um futuro distante ou futuro algum; hoje, após ter visto a morte de perto, eu não me importo com mais nada. Com o fato dele ter mentido, escondido o relacionamento com Marina, me ignorado. Eu não achei que viveria para sentir essas emoções. Eu as quero com toda a vida que ainda sobra em mim. Eu sou puro amor por aquele homem e quero que ele saiba disso.

Envolvo sua cintura com as pernas e ele me carrega para longe dali como se eu não pesasse nada. Eu vou entregue, apaixonada, sua. "Vamos sair daqui", ele fala sem me colocar no chão, como se eu fosse frágil demais para andar.

"Eu consigo andar", digo, mas Eric demora a me soltar. Quando solta me cobre com seu casaco, retirando a faca do bolso e colocando em sua cintura.

Escalamos a pedra, tremendo de frio. "O único lugar para onde podemos ir até amanhecer é a gruta", ele diz.

Eu estou com frio demais para concordar ou discordar. Estou ficando mais fraca a cada segundo, o calor escapando rápido demais do corpo.

Eric me guia montanha acima, iluminando o caminho. "Só mais um pouco", ele vai me encorajando, apertando meus dedos. Eu apenas faço que sim, sem coragem de dizer que não consigo mais, porque sei que ele vai querer me carregar e aí perderemos ambos as forças.

Eu olho para ele, para as mãos que me erguem morro acima, e lembro como o amo. Tiro forças de lugares estranhos para continuar subindo. Olho para seus ombros que seguem na frente, para as pernas musculosas que acham apoio e carregam dois pesos.

Mesmo desconfiando que as pernas cederão em breve, eu estou feliz. Eric me achou. Como, não sei. Mas ele está aqui, comigo. Acho que recomeço a chorar, porque algo esquentas as bochechas, correndo morno pelo rosto.

Limpo o rosto, imaginando por agora apenas o melhor. Só quero sentir seus braços em volta do meu corpo de novo, eu preciso. Senão morrerei de frio, ou de amor.

Finalmente chegamos.

Segundo me contaram certa noite, a gruta de aproximadamente 6 metros de diâmetro e muitos

metros de profundidade serve como um tipo de capela. Tudo começou nos idos da década de 20, quando Trindade foi um presídio político. Desesperados devido ao isolamento da prisão-ilha, os detentos passaram a usar a gruta como local de orações. Até hoje militares e civis vêm aqui reverenciar o lugar, firmando a tradição de deixar algo para trás. Um objeto pessoal, só seu, em seu interior. As possibilidades são vastas, pode ser qualquer coisa. E de fato, há de tudo ali. Máquinas, lentes, óculos, roupas, quadros, colares, peças de roupa, utensílios diversos. Acredita-se que quem deixa uma peça, retorna.

Embora sinta uma faísca de curiosidade em olhar ao redor, uso essa faísca para me aquecer. Eu não vejo nada, eu só abraço o corpo com as mãos, tentando me segurar no lugar. Eu já não paro de tremer, o estado virou uma constante.

Eric apalpa o bolso do casaco enquanto procura coisas ao redor. Não conseguimos ver quase nada, apenas o que está perto da entrada. Ele tira do bolso do casaco um isqueiro e o acende enquanto entra na gruta à procura de coisas para queimar.

Acha um cavalete velho parado no canto, e com força descomunal quebra-o em alguns pedaços sobre a coxa e organiza a madeira no chão. Rasga camisetas velhas, corta com uma faca uma tela com imagem de uma paisagem, um estojo que esfarela em um canto, peças de uma manta velha. Acomoda tudo debaixo da madeira e acende.

A camiseta ressequida pelo tempo pega fogo. Logo temos uma pequena fogueira que ilumina o breu completo.

Ele faz o fogo crescer. Sob as chamas eu observo seu rosto bonito, que ganha tons de dourado. Seus olhos ardem, cheios de labaredas e vida. Eu não teria conseguido ajudá-lo se ele estivesse em perigo, e só de pensar em perder aquele homem meu coração sangra.

Ele sobe os olhos e encontra os meus.

Estou de pé, observando-o. Ainda não senti o calor da fogueira, mas algo em mim se aquece quando ele me olha.

Ele se levanta. Vem até onde estou, dizendo com a voz mais rouca e mansa que já ouvi, tão perto de meu ouvido que sinto o sopro sair de sua boca: "eu preciso esquentar você."

Balanço a cabeça que sim. *Você é o que me esquenta, Eric.*

"Você está com hipotermia. Seus lábios estão escuros, e você não para de tremer. Eu vou tirar sua roupa, e vou secar você. Então eu vou tirar a minha, e você vai se deitar sobre mim por um tempo, está bem?"

Ele procura meu olhar. Faço força para mostrar, obedientemente, que concordo com o plano.

Suas mãos calmamente procuram o zíper do casaco e o abaixa, fazendo ruído. Uma descarga elétrica poderosa irradia da minha coluna para todas as extremidades do corpo. Se eu não estivesse a ponto de colapsar eu faria o mesmo com ele, eu tiraria sua roupa também. Mas os meus dedos perderam a sensibilidade.

Eu suprimo um gemido quando suas mãos puxam o tecido pelos meus ombros, e o casaco vai para o chão. Seus olhos deixam meu rosto e se voltam para o meu corpo. Ele segura na borda da minha camiseta molhada e a ergue. Ela sobe agarrando em mim como uma segunda pele, úmida e fina, e suspiro de alívio quando descola de mim e cai no chão.

Fico de sutiã, sentindo-o tão próximo que me aqueço com seu calor.

"Você precisa se esquentar", ele se justifica. Eu aperto os olhos para ele, indicando que eu sei disso, que preciso disso, que *quero* isso. Não acho forças para dizer aquilo, mas ele me entende.

Ele suspende sua blusa. Ela sobe, molhada, por cima dos músculos delineados da barriga, do peito, por cima da cabeça. Eu olho para tudo aquilo sob a luz das chamas e acho que balanço a cabeça que não. Não pode ser verdade.

"O que foi?"

"Continua", eu imploro.

Ele enfia os indicadores sob o elástico da minha calça e a abaixa, primeiro pelo quadril até rolar sem dificuldade pelas pernas. Ele está ajoelhado na minha frente, eu parada como uma estátua, apenas de calcinha e sutiã, os olhos fixos no que ele está fazendo.

Ele tira sua calça também. Não consigo tirar os olhos de sua cueca, que parece prestes a furar. "Ver você assim é demais para mim", ele se explica.

"Eu morrendo?", brinco ouvindo a voz sair tremida.

Ele sorri, a respiração está alterada. Ele exala uma paixão contida, silenciosa. Controlada.

Eu sou puro descontrole. Tremo, bamba, sentindo tudo em mim frio. Bem, não tudo. Ali, entre as coxas, arde outra fogueira.

Ele estende seu casaco seco no chão e segurando meus dedos, me puxa. Meu corpo inteiro cola ao seu, minha face se aninha contra seu pescoço e nossas pernas se entrelaçam. Eu desfaleço contra seus músculos. Sinto cada uma de suas elevações contra minha pele, tão quente e másculo, tão perfumado. Eu estou intoxicada por ele.

Por um tempo ele me aperta, nossos corpos trocando energia, calor. Eu respiro contra seu peito, aquecendo lentamente. O tremor decresce, se espaça, finalmente desaparece.

"Está melhor?"

De quê, mesmo? Faço que sim.

Seus dedos traçam desenhos nas minhas costas enquanto ele respira perto de minha testa. Eu posso sentir seu ardor, sua vontade de estar ali. Isso é tão bom, tão indulgente.

"Eric", eu o chamo baixo.

"O quê?"

"Como você me achou na praia?"

Eu apoio o queixo em seu peito, olhando para o meu milagre. Mais um minuto e eu teria sido levada pela corrente. *Um minuto.*

Ele mexe em meu cabelo, brinca com uma mecha. "Desde que coloquei os olhos em você, nunca mais perdi um passo seu."

Eu volto a abraçá-lo, subitamente com medo de sair de perto dele.

Eventualmente a vida retorna ao corpo, e eu sinto o calor entre as pernas enviar sinais de que quer algo mais. Movo delicadamente meu quadril contra ele, e ele responde me abraçando mais forte.

Ergo o rosto olhando-o sob os cílios. Ele está me salvando de hipotermia, mas isso pode virar outra coisa. E eu quero a outra coisa mais do que ser salva de hipotermia.

Ele esboça um sorriso. Sua virilha roça na minha, eu passo a língua quente pelo seu peito. Seu olhar se afia, e eu lhe dou uma pequena mordida.

Descendo as mãos até a curva da minha bunda, ele pergunta, rouco: "você sabe o que vai acontecer, não sabe?"

A vida retorna de vez. Vida, em seu estado mais puro.

"Você vai fazer amor comigo."

Ele sorri feliz, sua face metade dourada pela luz do fogo, metade escura como o resto do mundo. Seus dedos brincam em minhas costas. Ele está tentando desamarrar meu sutiã.

Mas então ele para.

"Eu vou fazer tudo com você, mas não agora", diz insinuando que quer se levantar.

"Não agora?", pergunto quase em desespero. *Não agora?* Na minha cabeça essas palavras não existem, não formam sentido.

Ele se senta, me colocando à sua frente: "eu preciso falar com você antes."

Isso não pode ser bom. Eric nunca conversa.

Estou na sua frente, pernas abertas sobre as dele, olhos nos seus. Suas mãos acariciam meus cabelo, correm pelo meu rosto.

"Tem certeza que quer conversar?"

"Tenho. Eu preciso. Eu devo desculpas a você."

Aguardo que ele diga algo mais, mas ele só fala isso. Por Marina? Por ter mentido dizendo que era solteiro? Por ter me ignorado? Não interessa. Há tanta verdade em suas desculpas que eu apenas balanço a cabeça e murmuro: "você salvou minha vida. Está desculpado."

Ele molha os lábios com a língua, acho que tem mais a dizer. "Eu sou ruim com palavras."

"Eu sei. Você deveria vir com manual de instruções."

Ele me dá um meio sorriso. Suas mãos voltam para meu braço, acariciando-os: "eu queria conseguir dizer o que sinto por você."

"Você sente algo por mim?", pergunto roçando o nariz em sua pele, em sua orelha, espalhando beijos delicados em seu pescoço. Suas palavras entram como música no ouvido.

"Desde que te vi naquela festa."

Levanto o rosto para mirá-lo. Seus olhos estão em paz. Sua boca tem uma cor rosa forte, efeitos

do castigo do sol. Estamos todos a essas alturas castigados pelo sol. Eu tenho certeza que o olho como uma tola. Completamente rendida.

Seus dedos se entrelaçam aos meus. "Eu preciso te dizer tudo hoje, porque amanhã você vai embora."

Seu olhar se energiza, e ele toma coragem: "me perdoa se sair desarticulado. Eu nunca disse nada como isso antes. Mas eu não quero que você vá embora sem saber o que foi para mim desde o segundo em que eu te vi."

Eric, você não precisa dizer mais nada. Se você decidir parar por aí, já come a mocinha no final.

Ele fecha os olhos: "eu amo seu cheiro de morango."

Eu rio, olhando-o com ternura. E com essa frase simples ele começa a derramar sobre mim coisas inimagináveis: "e eu amo seu cabelo. Sério, muito. Eu amo as pintas que você tem pelo corpo, que me lembram um rastro de estrelas."

Se ele estivesse de olhos abertos veria que os meus se arregalam.

"Amo seu humor, suas brincadeiras, seu jeito meio... nerd? Amo o fato de que você olha a cada oito segundos para minha virilha. Que joga futebol e dá estrelas na praia."

Meus olhos franzem.

"Amo tanta coisa sua que eu só poderia amar você no final."

Ele abre os olhos, e eu estou tomada de assombro. Onde está o homem misterioso e de olhos malvados que mal me cumprimentou dois terços de nossa permanência na ilha? Como ele conseguiu compartimentalizar seus sentimentos?

Espera, ele disse que me ama?

Eric me olha febril. "Foi gradativo, eu fui me apaixonando por você na frente de meus próprios olhos. Mais ou menos como você foi sendo carregada pela correnteza — aos poucos, até que perdeu o chão e não conseguiu mais voltar. Eu...eu tinha muito medo de não sentir o chão. De me deixar levar. Só eu sei quanto lutei contra essa corrente, fugi a vida inteira dela. E então, quando eu percebi, era tarde demais. Eu fui levado, e só uma pessoa no mundo poderia me salvar."

Eu abro a boca, mas pela primeira vez na vida não acho palavras.

Sua voz rouca ecoa nas paredes ásperas, retorna como se fizesse parte de coisas antigas, passadas: "eu andei lendo um bocado à noite", ele continua. "Muita coisa boa, na verdade. Por exemplo, Guimarães Rosa. Você conhece Guimarães Rosa?"

Eu não respondo, ele continua.

"Em algum lugar ele escreveu que *todo abismo é navegável a barquinhos de papel*. E quando li aquilo, eu senti, antes de entender racionalmente, que aquela frase dizia respeito a mim e a você."

Ele sorri.

"De nada adiantaria lutar contra uma tormenta dessas. Eu poderia ter uma armada, e ela afundaria

inteira. Só há um jeito de atravessar algo assim. Entregando-se sem medo, como se a tormenta fosse bem vinda ou você não ligasse para os estragos que ela pode causar."

Eu pego ar, sem notar que não respirei nos últimos segundos.

"Eu me deixei levar e agora estou aqui. Tão feliz como eu nunca estive, sentindo uma paz que tinha desistido de encontrar. "

Ele enxuga uma lágrima que desce solitária pelo meu rosto e me avalia para saber se entendi a mensagem ou não. Eu não consigo responder. Não àquela declaração.

"Fala alguma coisa, por favor."

Mas eu estou sem palavras. Eu pensei que ele fosse dizer algo mais simples. Eu mal consigo pensar no que suas palavras significam. O coração lateja surdo no ouvido, o peito sobe e desce. Como posso retribuir a declaração mais linda que já ouvi?

Eric aguarda uma resposta.

"Por favor, diz alguma coisa", ele insiste.

Mas eu só consigo me adiantar até esta noite. Pensar no amanhã, depois que o navio partir. Estranhamente não penso em coisas ruins como 'como vou deixar esse homem para trás' ou 'como vou recomeçar a vida em terra sem ele'.

Eu penso nas milhares de coisas boas que viverei ao seu lado.

Decido que é isso, então. Que Eric agora faz parte de um futuro que eu não havia considerado.

"Seu silêncio está me deixando nervoso", ele diz.

Eu envolvo seu rosto com as mãos: "você vai fazer amor comigo ou eu vou ter que apelar pra violência física?"

A expressão de Eric fica confusa, então ele solta uma risada. Uma risada divertida, acompanhada de braços rápidos demais para serem parados, por uma boca ávida que esperou tempo demais.

Finalmente meu lobo está ali. E está com fome, e eu tenho o que ele quer.

Colo a boca à sua, derrubando-o de costas, rindo como uma boba ao encaixar as pernas ao redor daquele V bendito que há dois meses não me deixa dormir.

Ele tenta soltar meu sutiã e, quando consegue, lança-o longe. Nossas bocas dançam alucinadas. Arranco minha calcinha, ele arranca sua cueca, e somos uma confusão de braços, pernas, barrigas, mãos, língua oscilando entre boca e pescoço, peito e braço, seio e umbigo.

Ele cola minhas costas no chão, e suas mãos seguram firmes meus pulsos. Eu sorrio eletrificada debaixo dele, nua, alerta, louca de vontade de senti-lo inteiro em mim. *Eu amo você, Eric.*

Ele desce um pouco a posição, joelhos no casaco, e olha para meus seios.

Ele me solta e passa um dedo delicadamente pela pele sensível, vendo o mamilo franzir ao seu toque. Ele esboça um sorriso e avança contra minha boca mais uma vez. Uma dança de línguas, um beijo de leve, uma mordida no queixo, um gemido baixo.

Sua boca desce até meus seios e ele esfrega os lábios nos bicos inchados uma, duas vezes. Faz o

mesmo com o nariz, o queixo, a lateral do rosto. Fecho os olhos, respirando profundamente, tentando guardar na memória essas sensações. Eu quero me lembrar dele. De cada polegada de seu corpo, cada gesto mínimo seu.

Eu latejo ali embaixo, remexo o quadril indicando que preciso dele. Logo, de vez, antes que apareça alguém, suba o sol ou caia um maldito meteoro na ilha.

Cochicho seu nome para incentivá-lo, e ele beija minha barriga, meu colo, meu pescoço. Acho que tenta me acalmar.

"Promete que vai me esperar, Stella. Eu quero ficar com você", ele sussurra com os olhos firmes nos meus.

Eu amoleço sob a pressão de seu corpo. Eu sinto que vou explodir de desejo por esse homem, que vou ser arremessada aos céus, e nada — talvez nem essa noite — me traga de volta à órbita da terra.

"Eu quero ficar com você também", respondo. "Eu sou sua."

Eric paralisa.

Só então me dou conta de que ele se declarou para mim e me deixou sem palavras, ele não sabe que sinto o mesmo por ele. Ergo o corpo sob os cotovelos, meu rosto a um centímetro do seu, tão perto que não sei se o beijo primeiro ou se continuo: "eu amo você."

Eric me olha por alguns instantes, um caldeirão de coisas se remexem em seus olhos.

"Sem qualquer pudor, receio ou medo de dar errado", eu continuo. "Você é a melhor coisa que eu já experimentei na vida. Amar sem ser assim" — suspiro em sua boca e espero que saiba que falo dessa química insana que temos um pelo outro — "não vale a pena."

Algo em sua expressão muda.

Seus olhos aguçam. Viram duas lâminas afiadas.

Suas mãos buscam algo na calça. Uma carteira, dentro dela uma pequena embalagem metalizada. Minha respiração dispara. Ele a abre e coloca o preservativo. Chegando bem perto de meu ouvido, diz: "eu agora entendo por que as pessoas dão nome de mulheres às tempestades."

Mordendo de leve meus lábios, se encaixa entre minhas coxas.

Eu cravo os olhos nele, aguardando suas palavras como meu corpo aguarda o seu.

"Você é minha tormenta", ele diz finalmente mergulhando em mim.

Eu fecho os olhos e me arqueio, sentindo cada centímetro de pele que ele percorre. A luz crepita vermelha nas paredes ásperas; vermelha como o sangue fervente que flui por mim. Eu dilato, expando, envolvo-o. Eric geme pela compressão ao seu redor. Inicia um vai e vem manso e vagaroso, tranquilo. Ele sabe que eu sentirei dor. Ele não quer que eu sinta dor.

Cada vez que ele sai de mim eu me apavoro, acho que não vai continuar. Ele está atento às minhas reações e desliza de volta sabendo o que me traz calma. Eu amoleço ao vê-lo tão consciente de mim, do meu prazer. Hoje não questiono mais se sou capaz de dar prazer a ele; eu sei que dou. Suas investidas ficam mais confiantes, profundas. Eu estremeço a cada nova sensação, a ardência leve se confundindo

com prazer, como a língua quando chupa uma bala de menta, mas de um modo tão, tão mais erótico.

Eu levanto as costas do chão toda vez que ele volta, mãos firmes em seus braços como quem está prestes a sentir a vertigem da queda. Seus músculos se esticam, contraem-se. Eu me rendo, me entrego e desabo.

Ora sorrio, ora franzo a testa devido à queimação. Ele me observa com concentração preocupada, mas eu não digo nada. Eu quero que ele continue, eu preciso dele. Meu Deus, eu preciso dele. Eu abro os olhos e vejo-o olhando para mim.

"O quanto está doendo?", ele pergunta atento às minhas reações.

"Nada. Nada em mim dói", eu sussurro.

Ele mergulha novamente em mim, me ejetando para longe dali, me trazendo deliciosamente de volta.

"Eu quis tanto você, assim, desse jeito", eu murmuro já fora de mim. O corpo formiga pelo prazer indescritível, eu exalo de satisfação por sentir aquilo ali, com ele, do jeito que está sendo.

Ele encontra uma barreira, abre os olhos.

Eu não sinto nada, a ardência não é diferente da anterior.

Ele abre a boca para falar meu nome, mas eu não deixo. "Não para, meu amor", eu imploro erguendo o corpo e colando a boca em seu pescoço, lambendo seu suor, mordiscando seu queixo, passando a língua pela elevação em sua garganta.

Ele estremece sentindo a quentura de minha boca e o toque dos seios contra sua pele. Ele me ouve chamando-o de meu amor. Ele continua com um meio sorriso.

"Você é como eu sonhava", ele sussurra, mas eu não noto o significado de suas palavras porque perco lentamente a razão, me rendendo enquanto ele trabalha em mim, sentindo as faíscas daquele atrito divino, completamente perdida no modo como a carne treme sob tanta intensidade.

A queimação e a ardência desaparecem. Eu me acostumei a ele. Agora é só um corpo que desliza dentro do outro, que estala de desejo. Eric fecha os olhos, morde os lábios, compenetrado, o rosto pelo qual me apaixonei endurece, ganha traços malvados.

Eu quero mais. Que ele me preencha mais, que tome mais de mim, quase um desejo absurdo, querer mais quando tanto se tem. Eric me dá tudo de si, e eu me doo com tudo que tenho. Eu acho que isso nunca vai passar, essa sensação de que mesmo tão perto, não se está nunca perto o suficiente.

E então eu vejo o precipício.

Eu gemo fora de mim, uma constelação de estrelas piscantes se aglomerando sob a pele, a ânsia se alastrando pelas veias, a efebescência sublime, o corpo inteiro suplicando por vazão.

E então ela vem.

Em forma de onda, de arrebatamento, de queda livre. Eric crava os dentes em meu ombro enquanto eu convulsiono e estremeço, sufocando de prazer. Ele também rosna e cai, respirando por um tempo contra minha pele. Sai lentamente de dentro de mim e se joga para o lado, me esvaziando,

deixando para trás uma estranha sensação de ausência.

Eu suspiro de olhos fechados.

Por um tempo fico assim, ofegando no mesmo ritmo que ele, sentindo tudo lá dentro vivo.

Latejando, pulsando, se contraindo.

Ele me puxa para perto, colando o corpo suado ao meu. Eu me acomodo em seus braços. Olho para o teto misterioso, para as paredes manchadas de sombras. A fogueira crepita calma, levantando um discreto cheiro de madeira queimada no ar.

Eu presto atenção a tudo, a cada imagem, textura, cheiro e sabor. Eu quero memórias, eu sempre as quis.

Olho para Eric. Ele está de perfil, olhos fechados. Meu Deus, eu agora entendo muito mais do mundo. *Eu entendo muito mais de mim.*

Isso é sexo.

É isso que faz o mundo girar.

AmorEric

Assim que eu tombo para o lado e me recupero da melhor experiência que já tive, penso no futuro. Eu quero essa menina, eu vou tê-la, ela é minha. Eu me rendo, completa e irrevogavelmente, àquilo que sempre me aterrorizou.

O peito aperta ao pensar que quase a perdi.

Eu nunca corri tão rápido, ou me lancei com tamanha certeza contra um mar revolto. Quando finalmente a abracei, lutando para suprimir algo ardido atrás dos olhos, entendi o tamanho daquele sentimento.

Por isso encostei os lábios nos seus com fome, tão necessitado de seu beijo quanto de ar. Só sua língua conseguiria acalmar a implosão que colapsou muros e destruiu barreiras.

Que afundou armadas inteiras.

Ela suspira, e eu esqueço a praia. Volto para ela, para a gruta. Ela se vira lânguida e saciada para mim; afasta o cabelo do rosto, ajeitando-o daquela maneira absolutamente sexy de mostrar a nuca alva.

"Foi melhor do que eu imaginei."

Eu sorrio, satisfeito por deixá-la assim, corada e feliz. Observo cada curva do seu rosto. O desenho dos olhos, a curvatura da boca, o formato do nariz.

"Foi da maneira certa", digo tão baixo que nem eu me ouço.

Abandono seu rosto, descendo os olhos pela curva delicada do queixo, pelos seios à mostra, a barriga lisa, o triângulo escondido sob uma das pernas levemente dobradas. Algo repuxa em mim, me esquenta. Uma chama.

Quantas vezes me perguntei como seria estar assim com ela. Eu agora sei.

Minha expressão muda.

Ela pode estar saciada, mas eu não.

"Você está me olhando com aquela cara de novo", ela diz segurando um sorriso entre o susto e a excitação.

"Cara de quem quer te devorar?"

Ela balança levemente a cabeça que sim, torcendo o quadril para acalmar a própria paixão.

"Eu quero me lembrar de você", digo levando o dedo até seu umbigo, subindo-o devagarinho. "De tudo seu. Eu ainda não provei tudo."

Por onde passo, sua pele responde. O cabelo se eriça, ela se contorce.

"Eu estava pensando exatamente nisso", ela confessa. "Eu não quero esquecer essa noite."

"Ela ainda não acabou."

Contorno com o dedo sua cintura, seu quadril. Ela tem curvas delicadas e perfeitas, que lhe dão os contornos de uma ampolheta suave. Eu me surpreendo puxando-a para mim, beijando-a de um jeito molhado e sensual, cheio de língua, de gemidos agoniados, de mordiscadas leves. Eu estou me segurando, eu quero na verdade outra coisa.

Eu enlouqueço só de pensar em *como* eu a quero. Ela não faz ideia do tamanho do meu fogo.

Afasto suas pernas com as mãos. Enfio os dedos dentro dela, puxo-a para mim. Ela solta um arquejo agoniado, chega mais perto enquanto a beijo. É desesperadoramente bom beijá-la.

Meu dedo a procura novamente. Ela está pronta. Contorno o desenho de sua intimidade enterrando dedos dentro dela. Mais uma vez nos movemos em um vai e vem cadenciado.

Ela tenta suspender o beijo para gemer, mas eu chupo sua língua determinadamente, os olhos bem abertos, atentos. Ela se contorce, estremece, tenta se aliviar da pressão, mas eu quero ela assim, agoniada, pronta para enlouquecer novamente.

Ela para de responder ao beijo. Eu tiro a mão lá de baixo e seguro seu rosto na frente do meu, seu cheiro em meus dedos me enlouquecendo.

"Não para de me beijar", demando.

Ela faz que sim, e eu retorno. Uma de suas mãos escorrega pela minha barriga e envolve meu membro. Acaricia-o, segura-o com força. É minha vez de parar de beijá-la.

"Não para de me beijar você também", ela ordena.

Eu sorrio contra sua boca, e nos entregamos ao beijo novamente.

Eventualmente eu largo sua boca, trago os dedos de volta, me distancio a contragosto de suas mãos. Deito-a de barriga para cima, seu corpo um sonho tornado realidade, descendo em uma trilha de beijos até seu umbigo. Beijo cada centímetro de pele. Marco cada pinta no caminho. A cada vez que encontro seus olhos, vejo meu próprio desejo refletido neles. Nós estamos juntos no mesmo sentimento.

Ela segura firme em minha cintura. No início não entendo o que quer, mas ela persiste. Desliza meu corpo sobre o dela, até que eu não veja mais o que ela faz lá embaixo. Estou apoiado sobre os braços, ela deitada debaixo de mim. Abro a boca e solto um grunhido quando sinto algo úmido e quente envolver a pele sensível, palmas macias me acariciando, o movimento ritmado e suave de sucção. Fecho os olhos e me entrego. Longe provisoriamente do mundo real, perdido em sensações.

Ela interrompe quando os gemidos delatam que eu estou por um fio.

Eu deslizo de volta sobre ela, encontro seus olhos. Quase mudo de ideia, quase me convenço de que quero outro tipo de sexo no momento, lento e tranquilo. Por quê? Porque ela é linda e faz isso

comigo.

Mas o desejo é maior do que eu.

Eu a seguro firme contra mim. Inicio, com outra intensidade, tudo outra vez. Eu a invado. Tomo posse de seu corpo, beijo-a, mordo-a, deixo-a dolorida. Ela se contorce como uma gatinha.

Marco-a como se ela fosse uma terra nova e eu seu senhor, para que ela não me esqueça porque não consegue. "Quer mais?", eu pergunto rente ao ouvido, e ela responde me beijando de leve.

"Mais", é tudo que diz.

E mais é o que dou.

Nas próximas horas eu a sugo, mordo, chupo, deslizo entre suas pernas, beijo-a como se fosse a última coisa que faria na vida. Queimo sob sua boca, gozo, estremeço, desabo. Repetimos tudo quantas vezes conseguimos levantar para nos dar prazer de novo.

Seu último grito sai estrangulado quando os primeiros raios de sol despontam no horizonte. Ela tomba exausta ao meu lado, e eu não tenho forças sequer para apará-la. Ficamos os dois jogados ali, parte do corpo sobre o casaco, parte no chão, vendo a caverna se iluminar e acender com a luz do sol. Suas paredes não nos escondem mais, agora parecem nos olhar.

Imagino por um instante o que pensariam certas coisas se fossem vivas. O que guardariam de nós em suas memórias? A gruta se lembraria de um homem e uma mulher em chamas, ardendo sobre seu chão, devorando-se como se sentissem fome do outro?

As paredes não se esqueceriam da sequência infundável de espasmos, dos tremores que sacudiram dois corpos abalados até a alma.

E os ecos que guardariam para ouvir mais tarde, estes seriam gemidos e frases tão velhas quanto o mundo. Eu amo você. Eu quero você. Fica comigo.

Quando percebo Stella está me olhando. Seus olhos cor de âmbar estão nos meus, belos e serenos, prontos para irem embora.

"Eu amo você, Capitão."

Trago sua mão até a frente da boca e beijo-a sem tirar os olhos dos seus. Estamos suados, sem roupa, sedentos e estranhamente em paz.

Então é isso, eu penso.

Isso é amor.

VoltaStella

"Pronta?", Eric me pergunta.

Estamos na gruta, de frente para o outro. O sol clareia a paisagem colorida, deslumbrante vista aqui de cima.

Minha roupa cola úmida no corpo, assim como a dele. Entre as cinzas da fogueira sobe um fio discreto de fumaça. Com exceção de meu rosto — corado, feliz — nada indica que fizemos sexo por seis horas seguidas. Só de pensar em quantas vezes eu gozei, suprimo um sorriso.

"Você precisa controlar esse sorriso", ele diz passando as costas da mão em meu rosto.

"Não consigo", olho involuntariamente para a sua braguilha.

Ele me beija na testa, ajeita uma mecha do cabelo atrás da orelha. "Componha-se. Para todos os efeitos, tivemos uma noite miserável a céu aberto."

Me coloco reta. "Foi uma noite miserável", repito ficando séria por cinco segundos. Logo estou sorrindo novamente.

"Quer deixar alguma coisa na gruta?", ele pergunta fechando o casaco e observando ao redor para ver se não esquecemos nada. "Diz a tradição que quem deixa algo aqui, volta."

Eu olho ao redor.

Com a claridade enxergo a enorme quantidade de objetos pessoais dos que passaram pela ilha. Fotos, roupas, quadros.

Penso na noite, suspirando profundamente.

"Eu já deixei."

Lançando-lhe um olhar de enorme satisfação, deixo a gruta para trás.

"O que você deixou?", Eric pergunta me seguindo, mas eu já estou descendo o morro, soltando uma gargalhada. *Deixei aqui o que queria deixar.*

No meio da trilha, encontramos uma expedição que sobe à nossa procura. Todos nos cumprimentam, felizes por nos encontrarem bem, espantando-se com nosso estado.

"Você se machucou, Stella?", um de meus companheiros de amistoso pergunta.

Eu tateio o corpo, apenas alguns lugares ainda doem, mas sobre eles eu não falo nada. Balanço a

cabeça que não, sabendo que devo estar um espantalho. Ajeito o cabelo, olho para Eric.

"Stella está desidratada e sim, machucada. Ela quase foi levada pela correnteza ontem."

Lembro de sua declaração, sorrindo para mim mesma. *Ainda bem que levamos a vida em barquinhos de papel.*

No posto Eric volta a impersonar o comandante, profissional e distante. Cláudia e Rafael me recebem com abraços e muitas perguntas. Cláudia está preocupada, Rafael em prantos. Eu os acalmo contando a história de como segui o sinal e achei T1 morta, boiando no oceano.

Foi duro relembrar a cena, lembrar que por um triz não perdi a vida.

Penso na tartaruga, sozinha no mar, sem ninguém para ajudá-la. Eu me sinto estranhamente culpada, como se não tivesse feito o suficiente para salvá-la. Se eu tivesse percorrido as praias de barco, se eu tivesse sabido antes onde ela estava eu poderia tê-la achado? Eu me convenço eventualmente de que sinto um tipo de culpa por ter sobrevivido e ela não.

Justo ela, tão especial para sua espécie.

Logo vemos um ponto se aproximar no mar. Um navio, que cresce gradualmente, traz suprimentos e uma nova leva de homens. Os preparativos da partida transcorrem durante todo o dia. A nova turma de marujos e pesquisadores desembarca, e nós os vemos à distância tomar o alojamento que foi nossa casa. A cena de algum modo me entristece.

Marcelo me procura para se despedir.

"Boa sorte e boa viagem", ele me deseja sem me olhar como sempre olhou. Não há mais o interesse de antes, apenas o desejo sincero de que tudo transcorra bem a partir daqui.

"O mesmo para você", desejo de coração.

Não me despeço de Marina, ela não aparece. Também não tenho tempo de me despedir de Eric a sós. Antes de embarcarmos no helicóptero, ele aperta nossa mão, demorando um segundo a mais para soltar a minha.

Seus olhos verdes estão mais vivos, mais profundos.

"Boa viagem", ele diz sério, voltando com as mãos para trás do corpo. Sua voz levanta borboletas em meu estômago.

Eu o olho maliciosamente, a mente em rebuliço, girando entre os dedos o pedaço de papel que ele depositou na palma da minha mão durante o cumprimento.

"Boa sorte para você, Capitão."

Ele pisca.

Assim que me distancio, abro o bilhete. É um pedaço de papel arrancado de um caderno, nada de especial.

De um lado, uma data.

Sessenta dias a partir de hoje — a data de nosso próximo encontro.

Eu exalo o ar, sentindo a glote travar.

Do outro lado, o número de seu telefone.

Logo estamos mais uma vez no Almirante Saboia. As mesmas paredes cinzas, o mesmo convés. À distância vejo os contornos da ilha pela última vez, um topo abrupto de montanha pintado da cor de tijolo, ocre amarelado e marrom-ferrugem em contraste com o céu. Ali, em algum lugar, Eric.

Olho para a água escura que bate no casco e tiro o colar que trago há anos no pescoço. Na palma das mãos vejo a pequena tartaruga dourada reluzir sob a luz do fim de tarde. Eu teria o mesmo destino de T1 se Eric não tivesse chegado na hora.

Se *eu* tivesse chegado antes, poderia ter salvado a tartaruga?

Eu não sei. Eu só sei que parece injusto esquecê-la. Ela se foi e eu não posso fazer nada, apenas desejar que haja um propósito na sua partida.

Desejando a T1 um bom descanso, lanço a pequena tartaruga dourada ao mar. O cordão brilha descendo até que finalmente desaparece sob as ondas.

"Já sabemos de tudo", diz Rafael se aproximando ao lado de Cláudia enquanto eu olho a ilha ficar menor no horizonte. "De tudo o quê?", eu me finjo de sonsa, espantando os pensamentos tristes.

"Que você deu igual xuxu na serra para o comandante."

"Você nunca poderá provar nem que sim, nem que não", eu provoco.

"Eu sei que deu, não precisa fazer suspense."

"Hum. Quão certo você está disso?", questiono frazindo os olhos.

"Tão certo quanto sair para tomar caldo e voltar com o céu da boca queimado" — ele rola os olhos — "ou assistir o trailler de Star Wars e ficar todo arrepiado."

Eu começo a rir, Cláudia também. Rafael exala o ar de maneira dramática. "Cláudia, 50 reais. Pode passar."

Eu fecho a cara: "vocês apostaram 50 reais na minha virgindade?"

"Há anos apostamos nisso", Cláudia responde. Ela olha para Rafael: "devo, não nego. Mas pago no Rio, porque estou sem trocado."

"50 reais?", eu volto a olhar para o mar, ofendida pelo valor baixo.

"Quando apostamos aqui não reajustamos os valores. 50 reais já valeram mais."

Cláudia me estende uma sacola cheia de flores feitas de origami, mas elas estão tão mal feitas que me pergunto com que pressa ela as fez.

"E que diabos é isso?"

"Um quilo de guardanapo do refeitório", ela responde.

"Para fazer o quê?"

Rafael olha para o mar: "para usar no funeral simbólico, oras!"

"Que funeral?", eu pergunto desconfiada. Pela alegria de Rafael, não é para o funeral da tartaruga.

"O da sua virgindade!", ele explode em alegria. "A defunta ficou para trás, agora só falta lançar

flores!"

Eu tapo a boca para não rir, mas Cláudia já gargalha segurando no alambrado enquanto Rafael joga as flores de guardanapo no mar deixando uma trilha atrás do navio.

"Tchau, inocência!", ele grita acenando, sem um pingo de preocupação com quão bobo parece.

"Vai com Deus!", eu seguro no ferro gritando a plenos pulmões.

"Que venham mais noites como essa!", Cláudia abre os braços.

E as flores desaparecerem entre as ondas, seguidas de Trindade, que se torna mais e mais um ponto no horizonte até sumir de vez.

F I M

EPÍLOGO

Stella

Termino de esfregar o vaso. Dou descarga, tampo a privada, ajeito o tapete na frente da pia. Limpo a testa com o braço, evitando encostar a luva cheia de produtos químicos no rosto. A casa está quase arrumada; mais um banheiro e a faxina estará completa.

Penso em Eric, e uma ansiedade louca cresce em mim. Segundo o site da marinha, o navio atracará no Rio às nove da manhã, se não houver imprevistos no mar.

Ele vai chegar, e aí?

Será que precisará ficar no 1º Distrito preparando relatórios ou será logo liberado para casa? E depois, quanto tempo demorará até me contatar? Eu não dei meu telefone, nem meu endereço. Como ele vai me achar?

Penso na data escrita no pequeno pedaço de papel, em seu telefone. Ainda não decidi a que horas ligo para ele. Estou considerando ligar às nove e um.

Exalo o ar, olhando ao redor do apartamento. Está tudo arrumado. Cama feita, lençóis trocados, banheiros limpos. Penso nas calcinhas novas que comprei, traumatizada por tê-lo deixado me ver com as calças que levei para a ilha.

Xingo a faxineira, Clara, até a décima geração por ter me deixado na mão justamente hoje. *Não consigo lidar com sua bagunça, Stellinha*, ela me disse antes de cortar os laços comigo. Droga de mulher obsessiva compulsiva que não aguenta ver meu cesto de meias. Olho para baixo e vejo o short de moletom rasgado e um top velho, de malha. No pé direito uma meia de bolinhas coloridas, no esquerdo, uma xadrez. *Qual o problema em não combinar meias?* Eu não entendo.

Penso nisso — meias — quando a campainha toca. *Clara. Eu sabia que ela reapareceria.*

Abro a porta e dou um salto no lugar. Levo as luvas amarelas até o coração, que começa a socar o peito. Não é Clara. Na minha frente, vindo diretamente do Olimpo, está o homem mais bonito, mais sexy e forte do universo.

Eric sorri e diz: "oi".

Meu cérebro vira mingau. "Você chegou um dia mais cedo!", eu o acuso sentindo as batidas surdas do coração contra a parede do peito.

"O navio nunca navegou tão rápido. "

Encosto no batente da porta, me recuperando do efeitos de ter o cérebro transformado em pasta: "Ah é? E por que a pressa?"

"Assuntos para resolver em terra", ele diz com cara safada, largando a mala que traz no chão.

Ele veio direto do porto para cá.

Olho, agora recuperada, para seu macacão cinza, seus olhos safados e sua pele morena. O peito se enche, cheio de saudades. Quero desmaiar, mortificada, quando penso em tudo que ele poderia ver se tivesse chegado amanhã, depois do cabeleireiro e da manicure.

"Se você tivesse chegado amanhã eu seria outra pessoa," informo sem o mínimo de constrangimento ou culpa. "O castigo por ter vindo tão rápido é me ver assim," abro os braços. "Já ouviu aquela máxima de que o apressado come cru?"

Ele me olha de cima em baixo: "Mas come assim mesmo?"

Eu deveria ficar encabulada. Eu deveria ter, no mínimo, vergonha de mim. Estou com minha pior roupa, fedendo a Pinho Sol.

Mas Eric é Eric, e eu sou eu.

"Claro que come", respondo saltando sobre ele.

Eu rio como uma boba, e ele ri como...*como Brad Pitt*, ou outra constelação de atributos masculinos perfeitos, esses milagres genéticos que formam 0,01% da população.

Ele me prende à sua cintura e me invade com a língua. Seus dedos soltam meu cabelo e sua voz rouca grunhe contra minha boca: “estava com saudades”. Diz ainda entre beijos que só pensou em mim naquelas noites compridas. Que está morrendo de vontade de me devorar novamente.

“Devorar, é?” Eu digo animada.

“Cada pedaço, cada centímetro seu.”

Eu sorrio acalorada, dando tchau para a vizinha que nos olha do corredor, boquiaberta e com a cabeça cheia de rolinhos.

Eric bate a porta e a abre, entrando comigo agarrada a ele como um polvo.

Não dá tempo de tirar sensualmente a roupa como planejei. Não dá tempo de disfarçar a calçola rasgada, aquela que a gente só usa nos dias de faxina. O perfume é o de desinfetante, mesmo.

Eric não liga. Ele vai abaixando meu short enquanto ainda estou em seu colo, e faço verdadeiros malabarismos para que minha calcinha caia bem longe de suas vistas.

Eric entra comigo colada a seu corpo apartamento adentro. Abre a porta do banheiro, enganando-se. Sua língua entra na minha boca outra vez. Tenta uma nova porta, mas dá de cara com o closet. “Cadê esse quarto?” grunhe dentro da minha boca.

“Por que vocês, homens, tem tanto problema em perguntar o caminho?”, interrompo o beijo para mostrar a ele como chegar à minha cama. Mas ao olhá-lo, perco o ar. Seus olhos são duas piscinas tranquilas cravadas nos meus, sua boca está rosada da fricção do beijo.

Se ele me perguntasse onde fica meu quarto eu não saberia dizer.

Finalmente, o quarto. Ele me tomba na cama; estou vestindo a camiseta velha e só. Ele fica parado por alguns segundos na beirada, o peito subindo e descendo sem saber o que falar. Ele me olha como se ainda precisasse decidir o que fazer.

Pela minha cabeça só passam coisas indecentes. Tenho certeza que só passam coisas indecentes pela sua cabeça também.

“Eu guardei o casaco,” ele diz. Eu me arrepio só de ouvir sua voz.

“Que casaco?”

“O que eu estava vestindo no dia da gruta. Ele ainda tem o seu cheiro.”

“O nosso,” eu o corrijo.

Seus olhos brilham. Ele encosta os joelhos na colcha, abrindo com eles minhas pernas. Ele desce os olhos para ver o que eu escondo ali.

Tudo dentro de mim pulsa. Meu peito mal contém o coração, que ribomba como se quisesse sair dali para assistir àquilo. Eu também iria querer assistir, se fosse ele.

Ele desabotoa lentamente os botões do macacão, descendo-o até a cintura. A malha fina da camiseta branca que veste por baixo cola-se aos músculos da maneira como quero estar colada a ele, em

breve.

Durante todo o tempo ele me olha, e do jeito com que me olha eu nunca fui olhada antes.

Eric

Meu coração bate acelerado. Tento controlar as mãos para desabotoar o macacão, mas vê-la assim, aberta e rosada sobre a cama — sorrindo como se *eu* fosse um prêmio — é demais para mim.

“Eu vou atacar você,” aviso de maneira desarticulada. Isso é tudo que consigo dizer; tenho o dever moral e ético de alertá-la. Eu mal estou me segurando nesse instante, e tenho medo de que a ataque rápido demais.

Ela abre os braços, como se não oferecesse resistência ou dispusesse de armas para me impedir. Ela não tem ideia de que, sozinha, é uma arma. O que ela poderia aniquilar está imobilizado na sua frente.

Eu sou mais uma vez o menino de 12 anos descobrindo o mundo.

Um homem com medo de uma garota.

Tiro toda a roupa, eu gosto de ver a expressão com que me olha. Como imaginava, Stella faz a mesma cara que fez na gruta: abre a boca e pisca divertidamente os olhos, como se eu fosse (ou tivesse) algo que precisa ser celebrado.

Ela cruza as mãos na frente da barriga lisa e agarra a beirada da camiseta, erguendo-a até que ela saia. Em seguida leva as mãos às costas e solta o sutiã, lançando-o longe.

Meu pau endurece ainda mais ao ver seus seios, dois morangos à espera da minha boca. Eu mal vejo a hora de prová-los.

Solto seus joelhos, seguro-a sob as axilas e lanço-a ao centro da cama. Deito sobre ela colando o corpo ao seu, sentindo seu cheiro misturado ao de algum produto de limpeza que não me interessa saber qual é. Minhas mãos delineiam todas as curvas de seu corpo: pescoço, ombros, seios, costelas, bunda. Mordo seus lábios, sem conseguir me faltar dela. Em momento algum deixo de olhá-la. Não consigo.

Eu cruzei o Atlântico a velocidades nunca antes alcançadas para sentir o que estou sentindo agora. Valeu a pena, e ela disse que valeria.

“Que bom que te achei,” sussurro, olhos nos dela.

“Estou apaixonada por você, Eric.”

Sorrio, vendo-a sorrir também. *Como é linda a minha garotinha ruiva, meu sonho de menino.* Uma parte de mim amolece—embora o que *amoleça*, por sorte, não é a parte que pretendo usar nos próximos minutos. O que abrande dentro de mim já é seu desde o dia em que a conheci.

Não respondo de imediato—tenho um medo infantil de que a frase saia engasgada. Eu apenas beijo a lateral do seu rosto. Beijo sua testa e respiro seu cheiro. Afundo o nariz em seu pescoço e sinto suas mãos acariciarem meu cabelo enquanto meu membro procura o meio de suas pernas.

“E eu, por você”, digo sentindo os olhos arderem.

E com isso, aquela cama pega fogo.